

A large, stylized spiral graphic in shades of grey and black is positioned on the left side of the top half of the cover. The background of this section is a gradient from orange at the top to dark purple at the bottom, with silhouettes of mountains.

JAMES REDFIELD

# O SEGREDO DE SHAMBHALA

EM BUSCA DA DÉCIMA PRIMEIRA VISÃO



FONTANAR

Série que vendeu  
25 milhões de livros  
em todo o mundo

JAMES REDFIELD

O SEGREDO  
DE  
SHAMBHALA

EM BUSCA DA DÉCIMA PRIMEIRA VISÃO

*Tradução*  
Eliana Sabino



© 1999 by James Redfield

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Objetiva Ltda. Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Título original  
*The Secret of Shambhala*

Capa  
Raul Fernandes

Imagem de capa  
Photodisc

Revisão  
Ana Kronemberger  
Zaira Mahmud  
Catharina Epprecht

Conversão para e-book  
Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R249s

Redfield, James

O segredo de Shambhala [recurso eletrônico] : em busca da décima primeira visão /  
James Redfield ; tradução de Eliana Sabino. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.

recurso digital

Tradução de: *The secret of Shambhala*

Formato: ePub

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

154p. ISBN 978-85-390-0213-9

(recurso eletrônico)

1. Vida espiritual - Ficção. 2. Tibet (China) - Ficção 3. Ficção americana. 4. Livros  
eletrônicos. I. Sabino, Eliana. II. Título.

10-5725.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

*Para Megan e Kelly,  
cuja geração precisa evoluir conscientemente.*

## Agradecimentos

---

Na evolução da consciência espiritual existem muitos heróis. É indispensável um agradecimento especial a Larry Dossey, por sua pioneira popularização da pesquisa científica acerca da prece e da intenção; e também a Marilyn Schlitz, que continua a impulsionar o desenvolvimento de novos estudos sobre a intencionalidade humana no Institute of Noetic Sciences (Instituto de Ciências Noéticas).<sup>[1]</sup> No que se refere à nutrição, é preciso agradecer a Theodore A. Baroody e Robert Young pelo seu trabalho sobre teores ácidos/alcalinos.

Devo ainda um agradecimento pessoal a Albert Gaulden, John Winthrop Austin, John Diamond e Claire Zion, que continuam a dar contribuições especiais a esta obra; e acima de tudo a minha gratidão a Salle Merrill Redfield, cuja intuição a respeito do poder da fé serve como uma constante lembrança do mistério.

## Nota do Autor

---

Quando escrevi *A Profecia Celestina* e *A Décima Visão*, estava firmemente convencido de que a civilização humana evolui através de uma série de visões da vida e da espiritualidade, visões essas que podem ser descritas e documentadas. Tudo que ocorreu desde então serviu apenas para reforçar esta minha convicção.

Estamos tomando inteira consciência de um processo espiritual mais elevado agindo por trás da vida cotidiana, e ao fazê-lo estamos abandonando a visão materialista do mundo que reduz a vida à sobrevivência, contribui com uma ninharia para a religião praticada apenas aos domingos e lança mão de “brinquedos” e distrações, para nos afastar do verdadeiro sentimento de admiração e respeito pelo fato de estarmos vivos.

Em lugar dessas coisas, o que almejamos é uma vida cheia de coincidências misteriosas e intuições súbitas, que apontam um caminho especial para nós nesta existência, uma determinada busca de informação — como se algum destino tencionado estivesse forçando para emergir. Viver esse tipo de vida é como viver uma história de detetive que investiga a nós mesmos; as pistas prontamente nos levam adiante, de uma visão para outra.

Descobrimos que à nossa espera está uma autêntica experiência do divino em nosso interior, e, se conseguirmos encontrar essa conexão, nossa vida será imbuída de ainda mais clareza e intuições. Começamos a ter visões do nosso destino, de alguma missão que podemos cumprir, contanto que possamos ultrapassar os hábitos que nos distraem, tratar o próximo com certa ética e permanecer fiéis ao nosso coração.

Com a *Décima Visão*, aliás, essa perspectiva se expande ainda mais, passando a incluir todo o âmbito da história e da cultura. Em certo nível, todos nós sabemos que viemos de outro lugar celestial

para esta dimensão terrena a fim de participar de uma meta maior: poucos, geração a geração, criar neste planeta uma civilização inteiramente espiritual.

No entanto, mal nos inteiramos dessa animadora visão e eis que uma nova visão, a Décima Primeira, está chegando: nossos pensamentos e nossas atitudes são importantes para fazermos nossos sonhos se tornarem realidade. Aliás, acredito que estamos prestes a compreender, finalmente, o modo como nossas intenções mentais, nossas preces e até mesmo nossas opiniões e idéias preconcebidas influenciam não apenas o nosso próprio sucesso na vida, como também o sucesso de outras pessoas.

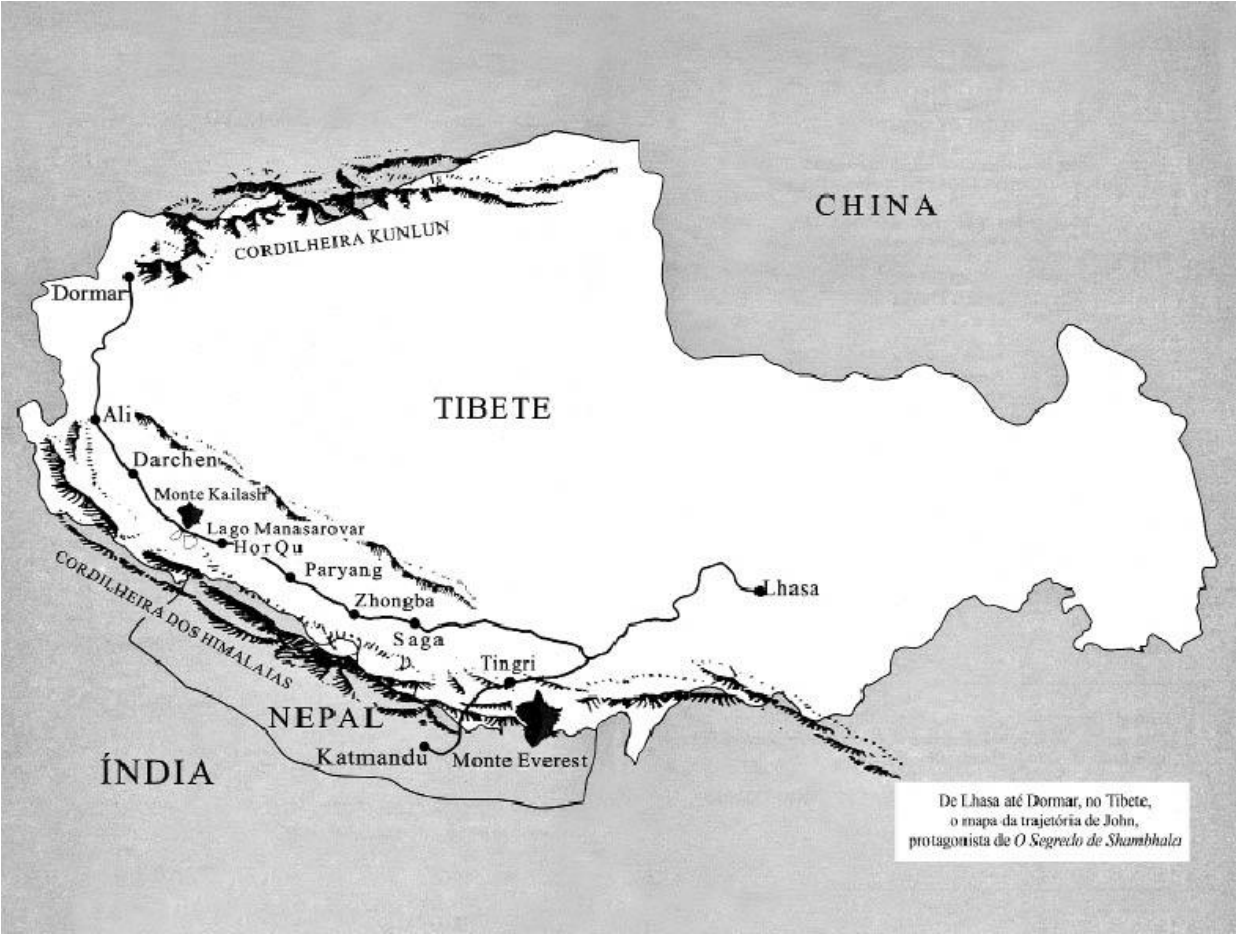
Baseado em minha experiência, e naquilo que está acontecendo à nossa volta, ofereço este livro como uma ilustração desse próximo passo na tomada de consciência. Acredito que esta visão já está emergindo por aí, em milhares de debates espirituais, altas horas da noite, escondida logo abaixo do ódio e do medo que ainda marcam a nossa era. Como antes, a nossa única responsabilidade é vivermos segundo aquilo que sabemos, e então nos abirmos... e disseminarmos a nova visão.

James Redfield  
Verão de 1999

[1] Noética é o estudo das leis gerais do pensamento. (N. da T.)

Então o rei Nabucodonosor ficou atônito  
E levantou-se às pressas e falou...  
Porventura não jogamos três homens amarrados  
no meio do fogo?  
Eis que vejo quatro homens soltos, caminhando  
no meio do fogo,  
e estão ilesos, e a forma  
do quarto é como o filho de Deus...  
Abençoado seja o Deus de Shadrach, Meshach e Abednego,  
que enviou seu anjo e salvou seus servos  
que nele confiaram.

— Livro de Daniel



## Os Campos de Intenção

O telefone tocou e fiquei simplesmente olhando para ele. A última coisa de que precisava agora era outra interrupção. Tentei afastá-lo do pensamento, olhando pela janela para as árvores e as flores silvestres, na esperança de perder-me na abundância das cores outonais no bosque em volta da minha casa.

Ele tornou a tocar, e na minha mente passou uma imagem vaga, porém perturbadora, de uma pessoa precisando falar comigo. Depressa estendi o braço e atendi.

— Alô?

— É Bill — disse uma voz familiar.

Bill era um agrônomo que andara me ajudando com o jardim. Ele morava uns 100 metros abaixo, na mesma ladeira.

— Escute, Bill, posso ligar para você mais tarde? — perguntei.  
— Tenho um prazo a cumprir.

— Você não conheceu minha filha Natalie, não é verdade?

— Como assim?

Bill não respondeu.

— Bill? — insisti.

— Escute, minha filha quer falar com você — ele respondeu finalmente. — Acho que pode ser importante. Não sei como, mas parece que ela conhece o seu trabalho. Diz que tem informações sobre um lugar que iria lhe interessar. Uma localidade no norte do Tibete. Ela diz que as pessoas lá têm informações importantes.

— Quantos anos ela tem? — perguntei.

Do outro lado da linha, Bill deu uma risadinha.

— Só 14, mas ultimamente anda dizendo coisas muito interessantes. Disse que adoraria falar com você esta tarde, antes do treino de futebol. É possível?

Estive inclinado a dizer que não, mas a imagem que eu tivera antes expandiu-se e começou a adquirir clareza em minha mente. Parecia ser da menina e minha, conversando em algum lugar perto da fonte que fica logo acima da casa dela.

— É, está bem — concordei. — Que tal às duas?

— Perfeito — disse Bill.

Caminhando para lá, avistei a casa nova do outro lado do vale, na face norte do desfiladeiro. Com esta são quase quarenta, pensei. E todas nos dois últimos anos. Eu sabia que a notícia da beleza daquele vale em forma de cuia havia se espalhado, mas no fundo não tinha a preocupação de que o vale ficasse cheio demais ou de que a deslumbrante paisagem natural fosse estragada. Perto de um parque nacional, estávamos a 15 quilômetros da cidade mais próxima — longe demais para a maioria das pessoas. E a família proprietária das terras, que agora estava vendendo locais escolhidos na periferia do vale, parecia determinada a proteger a tranqüilidade do lugar: as casas tinham que ser baixas e escondidas entre os pinheiros e os liquidâmbares que definiam o horizonte.

O que me preocupava mais era a preferência pelo isolamento demonstrada pelos meus vizinhos. Pelo que eu sabia, eram na maioria personalidades interessantes, vindo de carreiras em várias profissões, que tinham criado um esquema profissional que lhes permitia manter um horário de trabalho flexível ou viajar segundo sua própria conveniência dando consultoria — uma liberdade necessária para quem quisesse viver assim tão longe de tudo.

O traço comum entre todos nós parecia ser um idealismo persistente e a necessidade de expandir nossas respectivas profissões infundindo-lhes uma visão espiritual, tudo na melhor tradição da Décima Visão. No entanto, quase todos no vale mantinham-se reservados, contentes em dedicar-se a seus assuntos particulares sem dar muita atenção à comunidade ou à necessidade de construirmos nossa visão comum. Isso acontecia especialmente entre aqueles de diferentes religiões — por um motivo qualquer, o vale atrai pessoas de diversas crenças, entre elas o budismo, o judaísmo, os cristianismos católico e protestante,

e o islamismo. Embora não houvesse qualquer tipo de hostilidade entre os grupos religiosos, tampouco havia qualquer afinidade.

A falta de espírito comunitário me preocupava, porque havia indícios de que alguns de nossos filhos estavam mostrando os mesmos problemas vistos na cidade: tempo demais sozinhos, videogames demais, demasiada preocupação com o prestígio na escola. Eu começava a achar que na vida dessas crianças não havia família e comunidade suficientes para colocar esses problemas de auto-afirmação dentro de uma perspectiva adequada.

À frente o caminho se estreitava, e tive que passar entre duas rochas que ficavam à beira de um precipício de mais de 50 metros. Depois desse ponto, comecei a ouvir o ruído da Phillips' Spring, uma fonte batizada pelos caçadores de peles que ali acampavam no final do século XVII. A água descia vários degraus de pedra para cair numa piscina de cerca de 3 metros de diâmetro, escavada à mão. As sucessivas gerações fizeram acréscimos como macieiras perto da mina e pedras cimentadas para reforçar e aprofundar a piscina. Caminhei até a beira e peguei um pouco de água com a mão em concha, afastando um pedaço de pau enquanto me inclinava para a frente. O pedaço de pau continuou seu movimento, subindo a face rochosa e desaparecendo num buraco.

— Peçonhenta! — exclamei em voz alta ao ver a cobra venenosa, enquanto dava um passo atrás e sentia o suor porejar em minha testa.

Ainda existem perigos para quem mora no mato, embora talvez não sejam os mesmos que o velho Phillips enfrentou há séculos, quando numa curva do caminho podia-se dar de cara com um grande puma protegendo os filhotes ou, pior ainda, um bando de javalis com presas de 10 centímetros que podiam rasgar a perna da pessoa se ela não subisse numa árvore com suficiente rapidez. Se o dia fosse muito ruim, era possível até mesmo deparar com um índio cherokee zangado ou um seminole farto de encontrar mais um branco morando no seu local de caça favorito... e que carregava a convicção de que uma boa dentada no coração do intruso iria cortar para sempre o fluxo de europeus que chegavam. Não, as pessoas daquela geração — tanto os índios quanto os europeus —

enfrentavam perigos diretos que punham à prova sua coragem e engenhosidade.

A nossa geração parece estar lidando com outros problemas, mais ligados à nossa atitude diante da vida, e à batalha constante entre o otimismo e o desespero. Hoje em dia, a voz da destruição está em toda parte, mostrando-nos evidências factuais de que o estilo de vida ocidental moderno não tem condições de ser mantido, que o ar está esquentando, que o arsenal dos terroristas está crescendo, as florestas morrendo e a tecnologia desenfreada disparando para um tipo de mundo virtual que enlouquece nossos filhos — e ameaça nos levar cada vez mais para a alienação e um surrealismo sem propósito.

Desmentindo esse ponto de vista, naturalmente, existem os otimistas, que afirmam que a história sempre foi cheia de arautos do caos, que todos os nossos problemas podem ser resolvidos através da mesma tecnologia que produziu esses perigos e que o mundo humano mal começou a atingir seu potencial.

Parei e contemplei o vale. Sabia que a Visão Celestina jaz em algum lugar entre os dois extremos. Ela abrange a crença no crescimento sustentável e na tecnologia humana, mas apenas se essa tecnologia for buscada num movimento intuitivo em direção ao sagrado, e um otimismo baseado numa visão espiritual de até onde o mundo pode ir.

Uma coisa é certa: se aqueles que acreditam no poder da visão pretendem mudar alguma coisa, terão de começar agora, que estamos passando pelo mistério do novo milênio. Isso ainda me aturdiava. Como foi que tivemos a sorte de estar vivos num momento em que não apenas o século muda, mas também o milênio? Por que nós? Por que esta geração? Eu tinha a sensação de que respostas maiores ainda estavam por vir.

Percorri a fonte com o olhar, meio esperando que Natalie estivesse por lá. Eu tinha certeza de que esse era o vislumbre que eu tivera: ela ali, na fonte, só que parecia que eu estava olhando para ela através de uma espécie de janela. Era tudo muito confuso.

Quando cheguei à casa dela, o lugar parecia deserto. Subi para o terraço do chalé marrom-escuro e bati à porta com força.

Nenhuma resposta. Então, quando olhei de relance para o lado esquerdo da casa, alguma coisa atraiu a minha atenção. Dali eu via uma trilha de cascalho que passava ao lado da enorme horta de Bill e ia até uma pequena campina bem no topo do desfiladeiro. A luz teria mudado?

Olhei para o céu, tentando entender o que tinha acontecido. Eu vira uma mudança de luz na campina, como se o sol estivesse até então escondido atrás de uma nuvem e de repente assomasse, iluminando aquele trecho. Mas não havia nuvens. Segui até a campina e encontrei a mocinha sentada na grama. Ela era alta e morena, usava um uniforme de futebol azul, e quando me aproximei ela teve um sobressalto.

— Não quis assustar você — falei.

Ela afastou o olhar por um momento, com um jeito tímido de adolescente; agachei-me para ficar da altura dela e me apresentei.

Ela então olhou para mim, com um olhar muito mais maduro do que eu poderia esperar.

— Aqui não estamos vivendo as Visões — disse.

Fiquei atônito.

— Como assim?

Ela me encarou com seriedade.

— Quer dizer, ainda não entendemos tudo completamente. Ainda existem coisas que precisamos saber.

— Bom, não é tão fácil...

Não terminei a frase. Não conseguia acreditar que estava sendo questionado por uma menina de 14 anos. Por um instante um assomo de raiva me dominou. Mas então Natalie sorriu — não um sorriso inteiro, mas apenas uma expressão nos cantos da boca que a tornava muito simpática. Relaxei e sentei-me no chão.

— Acredito que as Visões sejam reais. Mas não são fáceis. Leva tempo — falei.

Ela não desistiu.

— Mas existem pessoas que já estão vivendo as Visões.

Encarei-a por um instante, antes de perguntar:

— Onde?

— Na Ásia Central. Nas montanhas Kunlun. Já vi no mapa. — Ela parecia entusiasmada. — O senhor tem que ir lá. É importante. Alguma coisa está mudando. O senhor tem que ir lá agora. Tem que ver aquilo.

Enquanto ela dizia essas coisas, a expressão em seu rosto era madura, autoritária, como a de uma pessoa com 40 anos. Pestanejei, sem acreditar no que via.

— O senhor tem que ir lá — ela repetiu.

— Natalie, não estou entendendo muito bem o que você quer dizer. Que tipo de lugar é esse?

Ela desviou os olhos.

— Você disse que viu no mapa. Pode me mostrar?

Ela ignorou a pergunta. Parecia distraída.

— Que... que horas são? — perguntou, falando devagar e gaguejando.

— Duas e quinze.

— Tenho que ir.

— Espere, Natalie, esse lugar que você mencionou. Eu...

— Tenho que ir para o treino — ela insistiu. — Vou chegar atrasada.

Ela agora caminhava depressa, e eu me esforçava para alcançá-la.

— Aquele lugar na Ásia, você consegue se lembrar exatamente onde é?

Quando ela se voltou e me olhou de relance por cima do ombro, vi apenas a expressão de uma menina de 14 anos preocupada com o treino de futebol.

De volta à minha casa, encontrei-me totalmente dispersivo. Que queria dizer tudo aquilo? Deixei-me ficar de olhos fixos na escrivanhinha, incapaz de me concentrar. Mais tarde fiz uma longa caminhada e nadei no riacho, e finalmente decidi ligar para Bill na manhã seguinte e chegar ao fundo daquele mistério. Fui dormir cedo.

Por volta das 3 horas da manhã alguma coisa me acordou. O quarto estava escuro. A única luz filtrava-se pela base da veneziana

da janela. Escutei com atenção, mas nada ouvi além dos sons noturnos costumeiros: um coro intermitente de grilos, o coaxar ocasional dos sapos no riacho e a distância os latidos abafados de um cão.

Pensei em me levantar e trancar as portas da casa, algo que raramente fazia. Mas desisti da idéia, contentando-me em tentar adormecer outra vez. E teria adormecido logo, não fosse pelo fato de que, na minha última olhada pelo quarto, já quase dormindo, percebi uma coisa diferente na janela: lá fora estava mais claro do que antes.

Sentei-me e tornei a olhar. Definitivamente, havia mais luz entrando pelas bordas da veneziana. Vesti a calça, fui até a janela e afastei as lâminas para olhar. Tudo parecia normal. De onde teria vindo aquela luz?

De repente ouvi batidas leves atrás de mim. Havia alguém na casa.

— Quem está aí? — perguntei, sem pensar.

Nenhuma resposta.

Saí do quarto para o corredor que levava à sala, pensando em ir até o armário e pegar minha espingarda de matar cobras. Mas me lembrei que a chave do armário estava no quarto, na gaveta da cômoda perto da cama. Mesmo assim preferi ir em frente, pisando com cuidado.

Sem qualquer aviso, uma mão tocou em meu ombro.

— Psiu, é Wil.

Reconheci a voz e assenti. Quando estendi a mão para o interruptor na parede, ele me impediu; depois atravessou o aposento e olhou pela janela. Ao vê-lo mover-se, percebi que alguma coisa nele estava diferente. Ele estava menos gracioso do que da última vez que o vira, e o rosto parecia completamente normal, não levemente luminoso como antes.

— Que é que você está procurando? — perguntei. — Que foi que aconteceu? Você quase me matou de susto.

Ele veio em minha direção.

— Precisava falar com você. Tudo mudou. Estou de volta onde eu estava antes.

— Que quer dizer?

Ele sorriu.

— Acho que tudo isso era mesmo para acontecer, mas não consigo mais entrar em outras dimensões mentalmente, como conseguia antes. Ainda consigo elevar a minha energia até certo ponto, mas agora estou ancorado aqui neste mundo. — Ele afastou o olhar por um instante. — É quase como se o que fizemos, compreender a Décima Visão, fosse só uma amostra, um indício, um vislumbre do futuro, como a experiência de quem quase morre, e agora acabou. Seja o que for que faremos agora, terá que ser aqui mesmo, nesta Terra.

— De qualquer maneira, eu nunca conseguiria fazer aquilo de novo — comentei.

Wil olhou-me nos olhos.

— Sabe, recebemos muita informação sobre a evolução humana, sobre prestar atenção, sobre sermos guiados no caminho pela intuição e pelas coincidências. Recebemos o mandato de termos uma nova visão, todos nós. Só que não estamos fazendo isso acontecer no nível que está ao nosso alcance. Ainda está faltando alguma coisa no nosso conhecimento.

Ele calou-se por um minuto, depois prosseguiu:

— Ainda não sei muito bem por que, mas temos que ir à Ásia... a algum lugar perto do Tibete. Alguma coisa está acontecendo lá. Alguma coisa que temos que saber.

Levei um susto: a menina Natalie tinha dito a mesma coisa.

Wil voltou à janela e perscrutou a escuridão.

— Que é que você tanto olha por esta janela? — perguntei. — E por que entrou escondido aqui em casa? Por que não chamou? Que é que está acontecendo?

— Nada, provavelmente — ele respondeu. — Hoje cedo achei que estavam me seguindo. Mas não deu para ter certeza.

Voltou para perto de mim.

— Não posso explicar tudo agora. Nem sei direito o que está acontecendo. Mas existe um lugar na Ásia que temos que achar. Pode me encontrar no Hotel Himalaia, em Katmandu, no dia 16?

— Ei, espere um minuto! Wil, tenho muitas coisas a fazer aqui. Estou comprometido com...

Wil olhou para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto no rosto de outra pessoa — uma mistura de aventura e total firmeza.

— Tudo bem — respondeu. — Se você não estiver lá no dia 16, paciência. Mas se for, não deixe de permanecer totalmente alerta. Alguma coisa vai acontecer.

Ele falava sério ao me dar a oportunidade de escolha, mas estava sorrindo largamente. Desviei o olhar, sem achar graça. Eu não estava querendo viajar.

Na manhã seguinte resolvi que não ia contar a ninguém o meu destino; só para Charlene. O único problema era que ela estava em missão fora do país e seria impossível um contato direto. Tudo que eu podia fazer era mandar-lhe um e-mail.

Fui até o computador e mandei a mensagem, perguntando-me, como sempre fazia, qual seria o grau de segurança da internet. Os hackers conseguem penetrar nos computadores mais seguros do governo e de grandes corporações; quão difícil seria interceptar mensagens de e-mail... principalmente levando-se em conta que a internet foi montada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos para ligar-se aos seus pesquisadores de confiança nas grandes universidades? A internet é toda monitorada? Descartei esse pensamento, concluindo que estava sendo tolo. A minha mensagem era uma entre dezenas de milhões. Quem iria se interessar?

Ainda pelo computador tomei as providências para chegar no dia 16 a Katmandu, no Nepal, e ficar no Hotel Himalaia. Teria de viajar dali a dois dias; mal daria tempo de fazer os preparativos.

Sacudi a cabeça. Em parte eu estava fascinado com a idéia de ir ao Tibete. Sabia que a sua geografia era uma das mais bonitas e misteriosas do mundo. Mas era também um país sob o controle repressor do governo chinês, e sabia que podia ser um lugar perigoso. Meu plano era prosseguir com aquela aventura enquanto me sentisse seguro. Não tinha qualquer intenção de perder o pé e

me deixar ser arrastado para alguma coisa que eu não conseguiria controlar.

Wil tinha ido embora da minha casa com a mesma rapidez com que tinha chegado, sem me dizer mais coisa alguma, e eu tinha a cabeça cheia de perguntas. Que era que ele sabia sobre aquele lugar perto do Tibete? E por que uma adolescente me mandava ir para lá? Will estava sendo muito cauteloso — por quê? Eu não daria um passo além de Katmandu até descobrir.

Quando chegou o dia, tentei ficar bastante alerta durante os longos vôos para Frankfurt, Nova Delhi e então Katmandu, mas nada digno de nota ocorreu. No Himalaia registrei-me com o meu nome verdadeiro e levei minhas coisas para o quarto, depois saí pelo hotel e terminei no restaurante do térreo. Sentado ali, esperava ver Wil entrar a cada minuto, mas nada aconteceu. Depois de uma hora ocorreu-me a idéia de ir até o bar da piscina; perguntei a um funcionário e ele me disse que era do lado de fora. Estava um pouco frio, mas o sol brilhava e eu sabia que o ar fresco ajudaria a minha adaptação à altitude.

Saí e encontrei a piscina entre as duas alas em L que formavam o prédio. Havia mais pessoas lá do que eu tinha imaginado, embora poucas conversassem. Ao me sentar a uma das mesas, notei que as pessoas à minha volta — na maioria asiáticos, alguns europeus — pareciam exaustas ou com muitas saudades de casa. Encaravam-se com expressão contrafeita e falavam rispidamente com os funcionários ao pedir uma bebida ou um jornal, evitando a todo custo que os olhares se encontrassem.

Gradualmente fui ficando deprimido também. Ali estava eu, enfiado em mais um hotel do outro lado do mundo, sem um rosto amigo por perto. Respirei fundo e novamente me lembrei das instruções de Wil para ficar alerta; ele tinha dito para eu prestar atenção nas mudanças sutis e nos episódios de sincronicidade, essas coincidências misteriosas que de um segundo para outro aparecem e empurram a vida da gente para uma direção inteiramente nova.

Eu sabia que perceber esse fluxo misterioso mantém-se como a principal experiência da verdadeira espiritualidade, uma evidência

direta de que alguma coisa mais profunda está agindo nos bastidores do drama humano. O problema sempre foi a natureza esporádica dessa percepção; ela aparece por algum tempo para nos atrair e então, com a mesma rapidez, desaparece.

Enquanto eu olhava em volta, meus olhos caíram sobre um homem alto, de cabelos negros, que saía do hotel e vinha direto em minha direção. Usava calça esportiva bege e um belo suéter branco, e levava um jornal dobrado debaixo do braço. Ele veio pelo caminho, passou entre as mesas e sentou-se a uma delas logo à minha direita. Quando pegou o jornal, olhou em volta e assentiu com a cabeça para mim, com um sorriso radiante. Depois chamou um garçom e pediu água. Tinha aparência de oriental, mas falava um inglês fluente, sem o menor traço de sotaque.

Quando sua água chegou, ele assinou a comanda e pôs-se a ler. Havia naquele homem alguma coisa que atraía diretamente, mas eu não conseguia determinar o que era. Ele simplesmente irradiava uma energia agradável, e periodicamente parava de ler e olhava em volta com um sorriso largo.

Em dado momento, seu olhar encontrou o de um dos cavalheiros mal-humorados diretamente à minha frente. Imaginei que o homem sisudo fosse logo desviar os olhos, mas em vez disso ele retribuiu o sorriso do homem moreno e os dois iniciaram uma conversa casual numa língua que soava como nepalês. Em certo ponto os dois riram. Atraídas pela conversa, muitas outras pessoas nas mesas vizinhas acharam graça, e uma delas disse algo que provocou mais risadas.

Eu observava a cena com interesse. Pensava: alguma coisa está acontecendo aqui. O estado de espírito à minha volta estava mudando.

— Meu Deus! — balbuciou o homem moreno, olhando na minha direção. — Já viu isto?

Olhei em volta. Todos pareciam ter voltado à leitura, e ele estava apontando para alguma coisa no jornal e movendo sua cadeira para chegar mais perto de mim.

— Saiu mais um estudo sobre a prece — disse. — É fascinante.

— Que foi que descobriram? — eu quis saber.

— Estavam estudando o efeito da prece em favor de pessoas com problemas médicos, e constataram que os pacientes para quem foram feitas orações regularmente tiveram menos complicações e curaram-se mais depressa, mesmo os que não sabiam que se orava por eles. É uma prova irrefutável de que a força da prece é real. Mas descobriram outra coisa: descobriram que a prece mais eficaz de todas não é a estruturada em forma de pedido, mas em forma de afirmação.

— Não entendi isso muito bem — confessei.

Ele me encarava com olhos de um azul cristalino.

— Montaram o estudo para testar dois tipos de preces. A primeira resumia-se a pedir a Deus, ou ao divino, para intervir, ajudar uma pessoa doente. A outra era simplesmente afirmar, com fé, que Deus vai ajudar a pessoa. Está percebendo a diferença?

— Não tenho certeza.

— Uma prece que pede a Deus para intervir está partindo do princípio de que Deus *pode* intervir, mas apenas se resolver atender a nosso pedido; ela parte do princípio de que o nosso único papel é pedir. A outra forma de prece parte do princípio de que Deus está pronto e disposto, mas dispôs as leis da existência humana de maneira que para o pedido ser atendido depende até certo ponto da firmeza da nossa crença de que isso vai acontecer. De modo que a nossa prece tem que ser uma afirmação que exprima essa fé. No estudo, ficou provado que esse tipo de prece é o mais eficaz.

Assenti. Estava começando a entender.

O homem desviou os olhos, como se estivesse pensando. Depois continuou:

— Todas as orações importantes na Bíblia não são pedidos, mas afirmações. Veja o Pai-Nosso, ele diz: “Seja feita a Vossa vontade assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas”; ela não diz: por favor, será que pode nos dar comida; muito menos: por favor, será que podemos ser perdoados; ela simplesmente afirma que essas coisas estão prontas para acontecer e nós, ao acreditarmos fielmente que elas acontecerão, fazemos com que aconteçam.

Ele tornou a silenciar por um instante, como se esperasse uma pergunta, ainda sorrindo. Acabei dando uma risadinha. O bom humor dele era contagiante. E prosseguiu:

— Alguns cientistas estão teorizando que essas descobertas significam também outra coisa, algo que tem uma importância profunda para todas as pessoas. Eles afirmam que se as nossas expectativas, a nossa fé no que vai acontecer são o que faz a prece funcionar, então cada um de nós, sabendo disso ou não, é uma força irradiante de energia-da-prece o tempo todo neste mundo. Entende a verdade disto?

Sem esperar minha resposta, ele continuou:

— Se a prece é uma afirmação baseada em nossas expectativas, em nossa fé, então todas as nossas expectativas têm efeito de prece. Na verdade, o tempo todo estamos rezando por algum tipo de futuro para nós e para os outros, só que não estamos inteiramente cômnicos disso.

Ele me olhou como se acabasse de soltar uma bomba.

— Pode imaginar? — seguiu. — A ciência está agora confirmando as assertivas da maioria dos místicos esotéricos de todas as religiões. Todos eles dizem que temos uma influência mental e espiritual naquilo que nos acontece na vida. Lembra-se, nas Escrituras, do que é dito sobre a fé do tamanho de um grão de mostarda que consegue mover montanhas? E se essa capacidade for o segredo do verdadeiro sucesso na vida, da criação da verdadeira comunidade? — Seus olhos brilharam como se ele soubesse mais do que estava dizendo. — Todos nós temos que descobrir como isso funciona. Já está na hora.

Eu lhe retribuía o sorriso, intrigado pelo que ele estava dizendo, ainda espantado com a transformação no humor das pessoas em volta da piscina, quando instintivamente relanceei o olhar para a esquerda, como fazemos ao sentir alguém nos olhando por trás. Vi um dos garçons a me encarar da porta de entrada. Quando nossos olhares se encontraram ele desviou depressa o dele e pôs-se a caminhar de volta por uma calçada que levava a um elevador.

— Com licença, senhor — disse uma voz atrás de mim.

Quando olhei em volta, vi que se tratava de outro garçom.

— Posso lhe servir uma bebida? — ele quis saber.

— Não... obrigado — respondi. — Vou esperar um pouco.

Quando tornei a olhar para o homem na calçada, ele tinha desaparecido. Por um instante examinei o local, procurando por ele. Quando finalmente olhei para a minha direita, onde antes o homem moreno se sentara, ele também já não estava.

Levantei-me e perguntei ao homem sentado à mesa em frente à minha se ele tinha visto a direção que o homem com o jornal tinha tomado. Ele sacudiu a cabeça e desviou os olhos com expressão mal-humorada.

Passei o resto da tarde no quarto. Os acontecimentos na piscina tinham sido intrigantes. Quem era o homem que me falou sobre a prece? Haveria alguma sincronicidade naquela informação? E por que o garçom estava me encarando? E onde estava Wil?

À tardinha, depois de uma longa soneca, aventurei-me a sair outra vez, decidido a descer a rua por alguns quarteirões até um restaurante ao ar livre que eu ouvira um dos hóspedes mencionar.

— Pertinho. Perfeitamente seguro — informou-me o encarregado da portaria, um senhor de óculos, quando lhe perguntei como chegar lá. — Não tem problema.

Saí do hotel para o crepúsculo, sempre procurando Wil. A rua estava apinhada de gente, e abri caminho aos empurrões. Quando cheguei ao restaurante, deram-me uma mesinha de canto ao lado da cerca de ferro que separava o restaurante da rua. Jantei sem pressa e li um jornal inglês, demorando-me mais de uma hora à mesa.

Em certo momento comecei a me sentir desconfortável. Mais uma vez sentia que estava sendo observado, só que não conseguia avistar alguém olhando para mim. Olhei em volta, mas ninguém parecia estar prestando a menor atenção em mim. Fiquei de pé e olhei por cima da cerca, para as pessoas na rua. Nada. Fazendo um esforço para afastar aquela sensação, paguei a conta e caminhei de volta para o hotel.

Quando cheguei perto da entrada, avistei um homem na extremidade de uma fileira de arbustos uns 5 metros à minha

esquerda. Nossos olhos se encontraram e ele deu um passo em minha direção. Desviei o olhar e recomecei a andar quando me dei conta de que se tratava do garçom que eu pegara olhando para mim na piscina, mas agora ele usava jeans e tênis, e uma camisa lisa azul. Parecia ter uns 30 anos, e um olhar muito sério. Passei apressado por ele.

— Com licença, senhor — ele chamou.

Continuei andando.

— Por favor, preciso falar com o senhor — ele insistiu.

Avancei mais alguns metros para ficar à vista do porteiro do hotel, e então perguntei:

— Que é?

Ele se aproximou, fazendo uma meia mesura.

— Acho que é a pessoa que estou aqui para encontrar. Conhece o sr. Wilson James?

— Wil? Conheço, sim. Onde é que ele está?

— Ele não pôde vir. Pediu para eu vir no lugar dele.

Ele me estendeu a mão, que apertei com relutância, dizendo-lhe o meu nome.

— Sou Yin Doloe — ele respondeu.

— É empregado aqui do hotel? — eu quis saber.

— Não, lamento muito. Um amigo meu trabalha aqui. Pedi emprestado o uniforme dele para poder dar uma olhada. Queria saber se o senhor estava aqui.

Observei-o com atenção. Meu instinto me dizia que ele estava falando a verdade. Mas por que tanto segredo? Por que ele simplesmente não me procurou na piscina para perguntar quem eu era?

— Por que Wil se atrasou? — perguntei.

— Não sei muito bem. Ele me pediu para vir e levá-lo até Lhasa. Acho que o plano dele é nos encontrar lá.

Olhei para outro lado. As coisas estavam começando a parecer sinistras. Tornei a estudá-lo, depois falei:

— Não tenho certeza se quero fazer isso. Por que Wil não me procurou ele próprio?

— Tenho certeza de que existe uma razão importante — Yin respondeu, dando um passo na minha direção. — Wil insistiu muito para que eu o levasse até ele. Ele precisa do senhor.

Os olhos de Yin imploravam.

— Podemos partir amanhã? — perguntou.

— Vamos fazer o seguinte: por que você não entra comigo, tomamos uma xícara de café e conversamos sobre a situação?

Ele olhou em volta como se tivesse medo de alguma coisa.

— Por favor, vou voltar amanhã às oito. Wil já arranjou o seu voo e o visto.

Sorriu e afastou-se antes que eu pudesse protestar.

Às 7h55 saí do hotel levando apenas uma valise; o hotel concordara em guardar o resto da bagagem. Meu plano era estar de volta antes do final da semana — a não ser, naturalmente, que alguma coisa estranha acontecesse depois que eu partisse. Nesse caso eu voltaria imediatamente.

Bem na hora marcada Yin chegou num Toyota velho e partimos para o aeroporto. No caminho ele se mostrou cordial, mas continuou a alegar ignorância quanto ao que estava acontecendo com Wil. Pensei em contar a ele o que Natalie dissera sobre o lugar misterioso na Ásia Central e o que Wil me contara naquela noite em meu quarto, só para ver a reação de Yin. Mas resolvi não fazer isso. Melhor era vigiá-lo atentamente, e ver como as coisas correriam no aeroporto.

No balcão da companhia aérea verifiquei que realmente havia uma passagem comprada em meu nome para Lhasa. Olhei em volta e tentei sentir a situação. Tudo parecia normal. Yin estava sorrindo, obviamente de bom humor. Infelizmente quem não estava de bom humor era a atendente. Ela falava inglês muito mal, e era muito exigente. Quando pediu meu passaporte, fiquei ainda mais irritado, e falei com ela em tom brusco. Em dado momento ela parou e me olhou com raiva, como se fosse se recusar a me entregar as passagens.

Yin aproximou-se rapidamente e pôs-se a falar com ela em voz calma, em nepalês. Depois de alguns minutos os modos da

atendente começaram a mudar. Ela não tornou a olhar para mim, mas conversou simpaticamente com Yin, chegando a rir de alguma coisa que ele disse. Minutos depois tínhamos nossas passagens e cartões de embarque, e estávamos sentados a uma mesinha numa cafeteria perto do nosso portão. Por toda parte havia o cheiro forte de fumaça de cigarro.

— Você tem muita raiva — Yin comentou. — E não usa bem a sua energia.

Fiquei atônito.

— De que é que você está falando? — quis saber.

Ele me encarou com expressão bondosa.

— Você não fez coisa alguma para ajudar a mulher no balcão a melhorar de humor.

De imediato entendi aonde ele queria chegar. No Peru, a Oitava Visão tinha descrito um método de alegrar uma pessoa enfocando o rosto dela de determinada maneira.

— Conhece as Visões? — perguntei. Yin assentiu, ainda olhando para mim.

— Conheço, mas há mais coisas — declarou.

— Não é tão fácil assim lembrar-se de mandar energia — falei em tom defensivo.

Yin então respondeu com seriedade:

— Mas tem que entender que já estava influenciando a mulher com a sua energia, sabendo ou não. O importante é como você coloca o seu... campo de... de... — Yin esforçava-se para encontrar a palavra em inglês. — Campo de intenção — disse finalmente. — O campo-da-prece.

Encarei-o intensamente. Yin parecia estar descrevendo a prece do mesmo modo que o homem moreno o fizera na véspera.

— De que, exatamente, você está falando? — perguntei.

— Já estive numa sala cheia de gente onde a energia e o estado de espírito estão baixos, e então alguém entra e imediatamente aumenta a energia de todos, só por ter entrado? A energia dessa pessoa viaja na frente e toca todo mundo.

— É, sei o que quer dizer.

O olhar dele me trespassou.

— Se quer encontrar Shambhala, terá que aprender a fazer isso conscientemente.

— Shambhala? De que é que está falando?

Yin empalideceu e assumiu uma expressão de constrangimento. Sacudiu a cabeça, aparentemente sentindo ter exagerado e dito algo que não devia.

— Não tem importância — disse baixinho. — Não é da minha conta. Wil deve explicar isto.

A fila para a entrada no avião estava se formando, e Yin virou-se e foi em direção a ela. Eu estava buscando em meu cérebro, tentando identificar a palavra “Shambhala”. Finalmente me lembrei: Shambhala era a comunidade mítica das lendas budistas tibetanas, na qual foram baseadas as histórias sobre Shangri-La.

Encarei Yin e perguntei:

— Esse lugar é um mito... certo?

Yin limitou-se a entregar seu cartão de embarque e descer o corredor.

Durante o vôo para Lhasa, Yin e eu nos sentamos separadamente, o que me deu algum tempo para refletir. Tudo o que eu sabia era que Shambhala tinha grande importância para os budistas tibetanos, cujas antigas escrituras descreviam-na como uma cidade sagrada de diamantes e ouro, cheia de iniciados e lamas — e escondida em algum lugar nas vastas regiões inabitáveis do norte do Tibete ou da China. Mais recentemente, porém, a maioria dos budistas mencionava Shambhala apenas em termos simbólicos, representando um estado de espírito, não um local real.

Estendi a mão e peguei um folheto sobre o Tibete no bolso do encosto da poltrona à minha frente, esperando atualizar meus conhecimentos da geografia local. O Tibete, que fica entre a China ao norte e o Nepal ao sul, é basicamente um grande planalto com poucas áreas a menos de 2 mil metros. Na sua fronteira sul ficam os imensos Himalaias, inclusive o monte Everest, e na fronteira norte, no início do território chinês, fica a grande montanha Kunlun. No meio existem desfiladeiros profundos, rios selvagens e centenas de quilômetros quadrados de tundra rochosa. Pelo mapa, o Tibete

oriental parecia ser mais fértil e povoado, ao passo que o norte e o oeste pareciam desertos e montanhosos, com poucas estradas, todas de terra.

Aparentemente só havia duas rotas principais para o Tibete ocidental — a estrada do norte, usada principalmente por caminhões, e a estrada do sul, que passa ao pé dos Himalaias e é usada por peregrinos de toda a região para chegarem aos locais sagrados: o Everest, o lago Manasarovar e o monte Kailash — e, mais além, as misteriosas Kunlun.

Ergui os olhos do folheto. Voando a mais de 10 mil metros de altitude, comecei a sentir uma nítida mudança de temperatura e energia do lado de fora. Lá embaixo erguiam-se os Himalaias em torres rochosas congeladas, emolduradas por um céu claro e azul. Praticamente sobrevoamos o pico do monte Everest ao entrarmos no espaço aéreo tibetano — a terra das neves, o teto do mundo. É uma nação de buscadores, viajantes interiores e, ao olhar para baixo, para os vales verdes e as planícies rochosas cercadas de montanhas, não consegui deixar de me impressionar com o seu mistério. Lamentava que aquele lugar fosse agora administrado por um governo totalitário. E me perguntei: que é que estou fazendo aqui?

Voltei-me para olhar para Yin, sentado quatro filas atrás de mim. O comportamento misterioso dele me perturbava. Mais uma vez decidi ser muito cauteloso. Não sairia de Lhasa sem uma explicação completa.

Quando chegamos ao aeroporto, Yin fez-se de surdo a todas as minhas perguntas sobre Shambhala, repetindo que logo encontraríamos Wil e então eu saberia de tudo. Pegamos um táxi e seguimos para um hotel pequeno perto do centro da cidade, onde meu amigo estaria esperando.

Percebi que Yin tinha os olhos fixos em mim.

— Que foi? — perguntei.

— Estava só vendo se você está se adaptando à altitude — ele explicou. — Lhasa fica 4 mil metros acima do nível do mar. Você tem que tomar cuidado por algum tempo.

Assenti, contente com a preocupação dele, mas no passado sempre me adaptara bem às alturas. Estava prestes a mencionar isso a Yin quando avistei a distância um prédio enorme, parecendo uma fortaleza.

— É o Palácio Potala — ele informou. — Quis que você o visse. Era a residência de inverno do Dalai Lama antes de ele ser exilado. Agora simboliza a luta do povo tibetano contra a ocupação chinesa.

Ele se virou para o outro lado e ficou em silêncio até o carro parar — não em frente ao hotel, mas uns 30 metros depois.

— Wil já deve estar aqui — disse Yin, abrindo a porta. — Espere no táxi. Vou verificar.

Em vez de sair do táxi, porém, ele se imobilizou e fixou os olhos na entrada do hotel. Fiz o mesmo. A rua estava cheia de apressados pedestres tibetanos e uns poucos turistas, mas tudo parecia normal. Então meu olhar caiu sobre um chinês de baixa estatura perto da esquina do prédio. Ele segurava um jornal, mas seus olhos vigiavam atentamente a área.

Yin olhou na direção dos carros estacionados rente à calçada do outro lado da rua, em frente ao homem. Seus olhos fixaram-se num velho sedã com vários homens de terno dentro.

Yin disse algo ao motorista do táxi, que olhou nervosamente para nós pelo retrovisor e pôs o carro em marcha na direção da esquina. Yin inclinou-se para não ser visto pelos homens no carro.

— Que é que está acontecendo? — perguntei.

Yin ignorou-me e disse ao motorista para virar à esquerda e adentrar mais o centro da cidade. Agarrei seu braço.

— Yin, diga o que está acontecendo. Quem eram aqueles homens?

— Não sei. Mas Wil não estaria lá. Só existe um lugar aonde acho que ele iria. Preste atenção para ver se estamos sendo seguidos.

Olhei para trás enquanto Yin dava novas instruções ao motorista. Havia muitos carros atrás de nós, mas todos acabaram tomando outro caminho. Não havia sinal do sedã marrom.

— Está vendo alguém lá atrás? — Yin perguntou, virando para ver por si próprio.

— Acho que não — respondi.

Eu estava prestes a interrogá-lo novamente sobre o que estava acontecendo quando percebi que suas mãos tremiam. Dei uma boa olhada no rosto dele; estava pálido e coberto de suor. Percebi que ele estava aterrorizado. Isso provocou em mim um arrepio de medo que me percorreu o corpo inteiro.

Antes que eu pudesse falar, Yin indicou ao motorista um estacionamento e empurrou-me para fora do carro com minha sacola, levando-me por uma rua lateral e em seguida por um beco estreito. Depois de caminharmos cerca de 30 metros, paramos e esperamos vários minutos, encostados no muro de um prédio, olhos grudados na entrada da rua que acabávamos de deixar. Nenhum de nós disse uma única palavra.

Mais ou menos convencido de que não tínhamos sido seguidos, Yin desceu o beco até o prédio seguinte e bateu várias vezes. Não houve resposta, mas a fechadura da porta abriu-se misteriosamente por dentro.

— Espere aqui — disse Yin, abrindo a porta. — Volto já.

Ele entrou silenciosamente no prédio e fechou a porta. Quando ouvi o trinco fechar, fui dominado por uma onda de pânico. E agora? Yin estava assustado; teria me abandonado ali fora? Olhei para a entrada do beco na rua movimentada. Tinha acontecido exatamente o que eu mais temia. Alguém devia estar caçando Yin, e talvez Wil também. Eu não tinha idéia de onde estava me metendo.

Na hora pensei que talvez fosse melhor se Yin sumisse mesmo. Assim eu poderia correr de volta à rua e me esconder na multidão até conseguir chegar ao aeroporto. Que mais poderia fazer além de voltar para casa? Eu estaria livre de qualquer responsabilidade de procurar Wil ou fazer qualquer outra coisa naquela desastrada aventura.

De repente a porta abriu-se, para Yin esgueirar-se para fora, e foi logo trancada.

— Wil deixou um recado. Vamos — disse ele.

Caminhamos pelo beco e nos escondemos entre duas grandes latas de lixo. Yin abriu um envelope e tirou um bilhete. Fiquei

observando enquanto ele lia. Seu rosto pareceu empalidecer ainda mais. Quando terminou, estendeu o bilhete para mim.

— Que é que diz aí? — perguntei, agarrando o papel. Reconheci a letra de Wil:

*Yin, estou certo de que estão nos permitindo entrar em Shambhala. Mas preciso ir na frente. É de suma importância que você traga o nosso amigo americano até onde conseguir. Sabe que os dakinis vão guiá-lo.*

*Wil*

Olhei para Yin, que me olhou de relance por um momento e depois desviou os olhos.

— Que é que significa “nos permitindo entrar em Shambhala”? É em sentido figurado, não é? Ele não acredita que esse lugar exista, não é?

Yin tinha os olhos fixos no chão.

— É claro que Wil acha que é um lugar real — sussurrou.

— E você?

Ele olhou para longe, parecia suportar o peso do mundo sobre os ombros.

— Sim... Sim... — admitiu. — Só que para a maioria das pessoas é impossível até mesmo conceber esse lugar, quanto mais chegar lá. Certamente você e eu não podemos... — Sua voz silenciou aos poucos.

— Yin, você tem que me contar o que está acontecendo. Que é que Wil está fazendo? Quem são aqueles homens que vimos na frente do hotel?

Yin encarou-me por um momento, depois disse:

— Acho que são do serviço secreto chinês.

— O quê?

— Não sei o que estão fazendo aqui. Aparentemente foram alertados por toda a atividade e conversa sobre Shambhala. Muitos lamas daqui sabem que alguma coisa está mudando nesse lugar sagrado. Tem havido muita discussão.

— Mudando como? Conte-me.

Yin suspirou.

— Queria deixar que Wil explicasse... mas acho que devo tentar. Você precisa entender o que é Shambhala. As pessoas lá são seres humanos vivos, nascidos nesse lugar sagrado, mas estão num estágio evolutivo mais avançado. Eles ajudam a manter energia e visão no mundo inteiro.

Olhei para longe, pensando na Décima Visão.

— São alguma espécie de guias espirituais?

— Não do jeito que você imagina — ele respondeu. — Não são como antepassados ou outros espíritos do além que possam nos ajudar; são seres humanos que vivem aqui na Terra. As pessoas em Shambhala têm uma civilização extraordinária e vivem num nível de desenvolvimento mais elevado. Eles são o modelo daquilo que o resto do mundo um dia atingirá.

— Onde fica esse lugar?

— Não sei.

— Conhece alguém que já esteve lá?

— Não. Quando era menino, estudei com um grande lama, que um dia declarou que estava indo para Shambhala e, depois de muitos dias de comemoração, partiu.

— Ele conseguiu chegar lá?

— Ninguém sabe. Ele desapareceu e nunca mais foi visto no Tibete.

— Então ninguém sabe se esse lugar existe ou não.

Yin ficou em silêncio por um instante.

— Nós temos as lendas... — disse.

— Nós quem?

Ele me encarou. Eu percebia que ele estava preso a algum tipo de código de silêncio.

— Isto não posso contar. Só o chefe da nossa seita, o Lama Rigden, poderia decidir falar com você.

— Quais são as lendas?

— Só posso lhe dizer o seguinte: as lendas são relatos daqueles que no passado tentaram chegar a Shambhala. Elas têm centenas de anos.

Yin ia dizer mais alguma coisa quando um ruído na direção da rua chamou nossa atenção. Ficamos atentos, mas não vimos coisa alguma.

— Espere aqui — Yin pediu.

Mais uma vez ele bateu à porta e desapareceu no interior do prédio. Com a mesma rapidez emergiu e foi até um jipe velho e enferrujado, com uma capota de lona rasgada. Abriu a porta e me chamou com um gesto.

— Vamos, temos que correr — disse.

## O Chamado de Shambhala

Enquanto Yin dirigia para fora de Lhasa, fiquei em silêncio, olhando para as montanhas e me perguntando o que Wil queria dizer com aquele bilhete. Por que ele tinha decidido ir sozinho? E quem eram os dakinis? Eu ia perguntar a Yin quando um caminhão militar chinês atravessou diante de nós na esquina.

Aquilo me causou um sobressalto, e senti uma onda de nervosismo começar a inundar meu corpo. Afinal, o que era que eu estava fazendo? Tínhamos acabado de ver agentes do serviço secreto vigiando o hotel onde deveríamos encontrar Wil. Deviam estar procurando por nós.

— Espere um minuto, Yin — pedi. — Quero ir para um aeroporto. Tudo isto está parecendo perigoso demais para mim.

Yin encarou-me com ar alarmado.

— E quanto ao Wil? — perguntou. — Você leu o bilhete. Ele precisa de você.

— Ora, ele está acostumado com este tipo de coisa. Tenho certeza de que ele não vai querer que eu me exponha ao perigo desta maneira.

— Mas você já está em perigo. Precisamos sair de Lhasa.

— Para onde está me levando? — eu quis saber.

— Para o monastério do Lama Rigden, perto de Shigatse. Vamos chegar lá bem tarde.

— Há um telefone lá?

— Há, sim — Yin respondeu. — Acho que sim. Se é que está funcionando.

Assenti e Yin voltou a concentrar-se na estrada.

Pensei: ótimo. Não seria ruim ir para longe dali antes de tomar as providências para voltar para casa.

Durante horas viajamos aos solavancos pela estrada mal pavimentada, passando por caminhões e carros velhos. O cenário era uma mistura de feios núcleos industriais e lindas paisagens. Bem depois que escureceu, Yin entrou no quintal de uma casinha feita de blocos de cimento. Um cão enorme e peludo, amarrado ao lado de uma oficina mecânica, latiu para nós furiosamente.

— Esta é a casa do Lama Rigden? — perguntei.

— Claro que não — Yin respondeu. — Mas conheço as pessoas que moram aqui. Podemos conseguir comida e gasolina, mais tarde vamos precisar. Volto logo.

Fiquei observando Yin subir os degraus de tábuas e bater à porta. Uma senhora tibetana abriu e imediatamente puxou Yin e o envolveu num abraço apertado. Yin apontou para mim, sorriu e disse algo que não consegui compreender. Fez um aceno me chamando, e eu saí do carro e entrei na casa.

No momento seguinte ouvimos o ruído fraco de um carro freando lá fora. Yin atravessou correndo o aposento e abriu a cortina para espiar. Postei-me logo atrás dele. Na escuridão eu distinguia um carro preto e sem marcas, parado na rua a uns 30 metros.

— Quem é? — perguntei.

— Não sei. Vá lá fora depressa e pegue as nossas coisas — Yin respondeu.

Olhei para ele interrogativamente.

— Tudo bem, vá buscar as coisas, mas depressa.

Saí pela porta e fui até o jipe, tentando não olhar para o carro a distância. Enfiei a mão pela janela aberta e peguei minha mala e a de Yin, depois voltei caminhando apressadamente para dentro da casa. Yin ainda estava espiando pela janela.

— Eles estão vindo — disse de repente.

Um clarão dos faróis iluminou a janela quando o carro virou-se e veio em disparada na direção da casa. Arrancando sua valise da minha mão, Yin guiou-me para a porta dos fundos e dali para a escuridão da noite.

— Temos que ir por aqui — gritou para mim, guiando-me por um caminho que subia para o sopé rochoso de um monte. Olhei de relance para trás e vi, com horror, agentes em trajes civis saindo do

carro e cercando a casa. Outro carro, que sequer tínhamos visto, surgiu na lateral da casa, e vários homens saltaram e começaram a subir a encosta à nossa direita. Eu sabia que, se continuássemos na mesma direção, eles logo nos interceptariam.

— Yin, espere um minuto — pedi, num sussurro alto. — Eles estão nos ultrapassando.

Ele estacou e trouxe o rosto para bem perto do meu.

— Para a esquerda. Vamos rodeá-los.

Quando ele disse isso, avistei outros agentes correndo naquela direção. Se seguíssemos a rota proposta por Yin, eles certamente nos veriam.

Olhei para a minha frente, onde ficava a parte mais acidentada da encosta. Alguma coisa chamou-me a atenção: um trecho da trilha era perceptivelmente mais claro.

— Não, temos que subir direto — falei instintivamente, partindo naquela direção.

Por um instante Yin não saiu do lugar; então seguiu-me às pressas. Subimos pelas pedras, com os agentes aproximando-se pela esquerda.

No alto de uma elevação um agente parecia estar bem em cima de nós, e nos encolhemos entre dois grandes rochedos. A área à nossa volta era ainda perceptivelmente mais clara. O homem estava a menos de 10 metros de nós e movia-se numa direção em que logo nos veria claramente. Então, quando se aproximou da borda do trecho mais claro, poucos segundos antes de poder nos avistar, ele parou abruptamente, recomeçou a andar e tornou a parar, como se de repente tivesse mudado de idéia. Sem mais um passo à frente ele se virou e desceu correndo a encosta do monte.

Depois de alguns minutos perguntei a Yin num cochicho se ele achava que o agente tinha nos visto.

— Acho que não — disse ele. — Vamos.

Subimos o morro por mais uns dez minutos antes de pararmos junto a um precipício rochoso, para olharmos para a casa lá embaixo. Chegaram mais carros de aparência oficial. Um deles era um carro de polícia, mais antigo, com uma luz vermelha piscando.

Aquela cena encheu-me de terror. Agora não havia dúvida: aquelas pessoas estavam nos procurando.

Yin também olhava ansiosamente para a casa, e suas mãos estavam tremendo novamente.

— Que é que vão fazer com a sua amiga? — perguntei, com horror do que ele poderia responder.

Yin olhou-me com fúria e lágrimas nos olhos, e em seguida recomeçou a subir o morro na minha frente.

Caminhamos durante várias horas, enxergando o caminho à luz da lua crescente periodicamente obscurecida pelas nuvens. Eu queria perguntar sobre as lendas que Yin tinha mencionado, mas ele permaneceu zangado e triste. No topo do monte ele parou e anunciou que precisávamos descansar. Enquanto eu me sentava numa pedra, ele caminhou alguns passos e parou de costas para mim.

Sem se voltar, perguntou:

— Por que você tinha tanta certeza de que devíamos subir reto aquela encosta?

Respirei fundo.

— Vi alguma coisa — gaguejei. — O lugar estava mais claro, sei lá. Parecia ser o caminho certo para nós.

Ele se virou, veio para perto e sentou-se no chão à minha frente.

— Já tinha visto alguma coisa assim antes?

Tentei afastar a minha ansiedade. Meu coração estava disparado e eu mal conseguia falar.

— Já, sim. Muitas vezes, recentemente.

Ele afastou o olhar e ficou em silêncio.

— Yin, sabe o que está acontecendo?

— As lendas diriam que estamos sendo ajudados.

— Ajudados por quem?

Ele tornou a olhar para longe.

— Yin, conte-me o que sabe sobre isto tudo.

Ele não respondeu.

— São os dakinis que Wil mencionou no bilhete?

Nenhuma resposta.

Senti uma onda de irritação.

— Yin, conte o que sabe!

Ele se levantou depressa e olhou-me com raiva.

— Algumas coisas somos proibidos de mencionar. Não compreende? Simplesmente pronunciar frivolamente o nome desses seres pode deixar um homem mudo ou cego durante muitos anos. Eles são os guardiões de Shambhala.

Ele foi até uma pedra chata, estendeu nela o casaco e deitou-se.

Eu também me sentia exausto, incapaz de pensar.

— Precisamos dormir — Yin declarou. — Por favor, amanhã você vai saber mais.

Fiquei a observá-lo por um momento, depois deitei-me na pedra onde estava sentado e caí num sono profundo.

Fui despertado por um fecho de luz que se erguia entre dois picos nevados a distância. Olhando em volta, constatei que Yin não estava. Levantei-me de um salto e procurei ali por perto. Meu corpo todo doía. Yin não estava à vista.

Droga, pensei. Não tinha como saber onde ele estava. Uma forte onda de ansiedade me dominou. Esperei 30 minutos, perscrutando os pedregosos montes marrons com pequenos vales de capim verde, mas ele não voltou. Então tornei a me levantar e pela primeira vez percebi que a uns 100 metros encosta abaixo havia uma estrada de terra. Peguei minha mala e desci por entre as pedras até chegar à estrada, e então segui para o norte. Pelo que eu imaginava, aquela era a direção de volta a Lhasa.

Não tinha andado sequer 1 quilômetro quando percebi que atrás de mim, a menos de 100 passos, havia quatro ou cinco pessoas seguindo na mesma direção que eu. Imediatamente saí da estrada e me enfiei entre os rochedos, para ficar escondido e ao mesmo tempo poder observar sua passagem. Quando chegaram perto verifiquei que se tratava de uma família: um homem de idade, um casal de cerca de 30 anos e dois garotos. Carregavam grandes

sacos, e o homem mais novo puxava um carrinho cheio de objetos de uso. Pareciam refugiados.

Pensei em abordá-los e pelo menos descobrir a direção certa, mas desisti. Temia que mais tarde me denunciassem, de modo que os deixei ir. Esperei mais 20 minutos e segui na mesma direção. Durante uns 3 quilômetros a estrada serpenteava por entre pequenos montes e platôs rochosos, até que a distância, no topo de um dos montes, avistei um monastério. Saí da estrada e subi pelas pedras até ficar uns 200 metros abaixo dele. Era um prédio de tijolos cor de areia, com o telhado plano pintado de marrom, e tinha duas alas, uma de cada lado do prédio principal.

Não vi movimento algum, e a princípio julguei que o lugar estava deserto. Mas então a porta da frente abriu-se e dela saiu um monge usando uma túnica de um vermelho brilhante, que se pôs a trabalhar num jardim perto de uma árvore solitária à direita do prédio.

Ele parecia não representar perigo, mas resolvi não me arriscar; voltei para a estrada de terra, atravessei-a e fiz um grande círculo em volta da lateral esquerda do monastério até deixá-lo bem para trás. Então segui novamente pela estrada, com muita cautela, parando apenas para tirar o casaco; o sol agora era forte e surpreendentemente quente.

Depois de cerca de 1 quilômetro, quando eu estava quase no alto de uma pequena ladeira na estrada, ouvi alguma coisa. Corri para trás das rochas e fiquei escutando. A princípio achei que se tratava de um pássaro, mas depois fui percebendo aos poucos que era alguém falando, a alguma distância dali. Quem seria?

Com muito cuidado segui por entre as rochas até uma posição mais alta, e então espiei para um pequeno vale lá embaixo. Meu coração gelou: abaixo de mim havia uma encruzilhada de duas estradas de terra, e nela estavam estacionados três jipes militares. Havia ali talvez uma dúzia de soldados, fumando e conversando. Recuei, mantendo-me abaixado, e refiz o caminho de volta até encontrar um lugar para me esconder entre dois rochedos.

Dali ouvi mais alguma coisa a distância, além do bloqueio na estrada. A princípio era um ronco baixo, depois tornou-se um som

mais forte, que reconheci: um helicóptero.

Em pânico, corri por entre as pedras o mais rapidamente que pude, afastando-me da estrada. Atravessei um riacho e escorreguei, encharcando as calças até os joelhos. Levantei-me num salto e recomecei a correr, quando escorreguei numa das pedras e deslizei morro abaixo, rasgando as calças e abrindo um corte na perna. Pus-me de pé com esforço e recomecei a correr, procurando um lugar melhor para me esconder.

Enquanto o helicóptero se aproximava, venci outra ladeira pequena e estava olhando para trás quando alguém me agarrou e me puxou para baixo, para dentro de uma vala. Era Yin. Ficamos inteiramente imóveis enquanto o grande helicóptero voava diretamente acima de nós.

— É um Z-9 — disse Yin. Sua expressão era de pânico, mas eu podia ver que ele estava também furioso. — Por que abandonou o lugar onde estávamos acampados? — perguntou, quase gritando.

— Você tinha ido embora! — respondi no mesmo tom.

— Demorei menos de uma hora. Você devia ter esperado.

O medo e a raiva explodiram em mim.

— Eu devia? Por que não me disse que ia sair?

Eu ainda ia dizer mais coisas, porém escutei o helicóptero voltando.

— Que é que vamos fazer? — perguntei a Yin. — Não podemos ficar aqui.

— Vamos voltar para o monastério. Era onde eu estava.

Assenti, depois ergui-me e procurei o helicóptero. Felizmente ele estava fazendo um desvio para o norte. Ao mesmo tempo outra coisa atraiu meu olhar; era o monge que eu vira antes, descendo pela vala em nossa direção.

Ele chegou até nós e disse algo a Yin em tibetano, depois olhou para mim.

— Venha, por favor — disse em inglês, agarrando-me e puxando-me na direção do monastério.

Quando lá chegamos, primeiro atravessamos um portão para um pátio lateral e passamos por muitos tibetanos com valises e vários pertences. Alguns pareciam muito pobres. Depois chegamos

ao prédio principal do monastério, e o monge abriu as grandes portas de madeira; atravessamos uma sala de entrada, onde mais tibetanos estavam reunidos. Quando passamos por eles, reconheci um grupo: era a família que passara mais cedo na estrada. Olharam para mim com simpatia.

Yin viu que eu olhava para eles e me fez perguntas, e expliquei onde os tinha visto antes.

— Eles estavam lá para guiar você até aqui — Yin explicou. — Mas você estava apavorado demais para seguir a sincronicidade.

Ele me lançou um olhar severo e depois continuou a seguir o monge até um pequeno escritório com estantes de livros e escrivaninhas, e vários moinhos-de-orações típicos do lamaísmo.<sup>[1]</sup> Então nos sentamos em volta de uma mesa de madeira profusamente enfeitada com entalhes, onde o monge e Yin tiveram uma longa conversa em tibetano.

— Deixe-me ver sua perna — disse em inglês outro monge, atrás de mim. Trazia uma cestinha cheia de ataduras e vários frascos.

A fisionomia de Yin iluminou-se.

— Vocês se conhecem? — perguntei.

— Por favor — disse o monge, estendendo a mão enquanto fazia uma leve mesura. — Sou Jampa.

Yin inclinou-se na minha direção.

— Jampa está com o Lama Rigden há mais de dez anos.

— Quem é o Lama Rigden?

Jampa e Yin entreolharam-se como se não soubessem o quanto deviam me revelar. Finalmente Yin disse:

— Já lhe falei das lendas. O Lama Rigden compreende as lendas melhor do que qualquer outra pessoa. É um dos maiores especialistas em Shambhala.

— Conte-me exatamente o que aconteceu — Jampa pediu, enquanto colocava uma espécie de pomada no ferimento da minha perna.

Olhei para Yin, que fez sinal para que eu obedecesse.

— Tenho que relatar ao Lama o que aconteceu com você — Jampa explicou.

Contei-lhe tudo o que tinha ocorrido depois da minha chegada a Lhasa. Quando terminei, Jampa olhou para mim.

— E antes de você ter vindo ao Tibete, que foi que aconteceu?

Falei sobre a filha do meu vizinho e sobre Wil. Jampa e Yin trocaram um olhar.

— E que é que você pensa sobre isso tudo? — Jampa quis saber.

— O que penso principalmente é que estou em águas profundas, aqui. Estou planejando ir para o aeroporto.

— Não foi isso que eu quis dizer — interpôs Jampa. — Hoje de manhã, quando você viu que Yin tinha partido, qual foi a sua atitude, o seu estado de espírito?

— Fiquei assustado. Sabia que os chineses me pegariam em minutos. Tentei imaginar como poderia voltar para Lhasa.

Jampa virou-se e olhou para Yin com a testa franzida.

— Ele não sabe sobre os campos-da-prece?

Yin sacudiu a cabeça e desviou o olhar.

— Falamos sobre o assunto, mas não entendo que importância tem isso. Que é que você sabe sobre esses helicópteros? Eles estão atrás de nós?

Jampa limitou-se a sorrir e dizer que eu não me preocupasse, que ali estaria em segurança. Fomos interrompidos por vários outros monges trazendo sopa, pão e chá. Enquanto comíamos, minha mente pareceu clarear e comecei a avaliar a situação. Queria saber tudo sobre o que estava acontecendo. E naquele mesmo instante.

Olhei para Jampa com determinação, e ele me devolveu um olhar de profundo carinho.

— Sei que você tem muitas perguntas — disse. — Vou lhe contar tudo que posso. Somos uma seita especial aqui no Tibete. Não é uma seita típica. Durante muitos séculos mantivemos a crença de que Shambhala é um lugar real. Temos também o conhecimento das lendas, uma sabedoria oral tão antiga quanto a Kalachakra, que é devotada à integração de toda as verdades religiosas. Muitos dos nossos lamas estão em contato com Shambhala através dos sonhos. Há poucos meses o seu amigo Wil começou a aparecer nos sonhos do Lama Rigden com Shambhala;

pouco depois disso Wil foi guiado para este monastério. O Lama Rigden concordou em recebê-lo e ficou sabendo que Wil também estava sonhando com Shambhala.

— Que foi que Wil contou a ele? — perguntei. — Para onde ele foi?

Jampa sacudiu a cabeça.

— Infelizmente você vai ter que esperar e ver se o Lama Rigden lhe dá ele próprio esta informação.

Olhei para Yin, que tentou sorrir.

— E os chineses? — perguntei a Jampa. — Como é que eles estão metidos nisto?

Jampa deu de ombros.

— Não sabemos — confessou. — Talvez saibam alguma coisa do que está acontecendo.

Assenti.

— Mais uma coisa — Jampa continuou. — Aparentemente, em todos os sonhos aparece outra pessoa. Um americano.

Jampa fez uma pausa e curvou de leve a cabeça.

— Wil não tinha certeza, mas achava que era você.

Depois de tomar banho e trocar de roupa no quarto que Jampa me destinara, saí para o pátio dos fundos. Vários monges trabalhavam numa horta, como se não estivessem preocupados com os chineses. Estendi o olhar para as montanhas e observei o céu. Não havia helicópteros em parte alguma.

— Gostaria de se sentar naquele banco ali? — disse uma voz atrás de mim.

Voltei-me e vi Yin saindo para o pátio.

Assenti e subimos vários terraços cheios de plantas ornamentais e legumes, até chegarmos a um banco voltado para um ornamentado oratório budista. Uma grande cadeia de montanhas emoldurava o horizonte atrás de nós, mas na direção do sul tínhamos uma vista panorâmica de quilômetros. Muitas pessoas caminhavam ou puxavam carroças pelas estradas.

— Onde está o Lama? — perguntei.

— Não sei. Ele ainda não concordou em receber você — disse Yin.

— Por que não?

Yin sacudiu a cabeça.

— Não sei — confessou.

— Acha que ele sabe onde Wil está?

Yin tornou a sacudir a cabeça.

— Acha que os chineses ainda estão procurando por nós? — insistiu.

Yin limitou-se a dar de ombros, o olhar perdido na distância.

— Lamento que a minha energia esteja tão ruim — disse. — Por favor, não deixe que ela o influencie. É que a minha raiva me domina. Desde 1954 os chineses têm tentado sistematicamente destruir a civilização tibetana. Veja aquelas pessoas lá embaixo. Muitas são fazendeiros expulsos pelas iniciativas econômicas que os chineses nos impuseram. Outras são nômades que passam fome porque essas ordens interromperam seu modo de vida.

Com os punhos cerrados, ele continuou:

— Os chineses estão fazendo a mesma coisa que Stalin fez na Manchúria, importando milhares de forasteiros, no nosso caso trazendo chineses para o Tibete para mudar o equilíbrio cultural e impor um modo de vida chinês. Eles exigem que as nossas escolas ensinem apenas a língua chinesa.

— Essas pessoas do lado de fora dos portões do monastério, por que elas vêm para cá?

— O Lama Rigden e os monges trabalham para ajudar os pobres, que são os que mais sofrem com a destruição da nossa civilização. É por isso que os chineses não mexem com ele: ele ajuda a resolver os problemas sem incitar a população contra eles.

Yin disse isso de um jeito que refletia um certo ressentimento contra o Lama, e imediatamente pediu desculpas.

— Eu não quis insinuar que o Lama esteja cooperando demais. É que isto que os chineses estão fazendo é um crime. — Ele tornou a cerrar os punhos e esmurrou os joelhos. — No princípio muita gente achou que o governo chinês ia respeitar o modo de vida tibetano, que poderíamos existir dentro da nação chinesa sem

perdermos tudo. Mas o governo está decidido a nos destruir. Isto agora está claro, e temos que começar a tornar as coisas mais difíceis para eles.

— Quer dizer, lutar contra eles? — perguntei. — Yin, sabe que vocês não têm condições de vencer.

— Eu sei, eu sei. É que fico furioso quando penso no que eles estão fazendo. Algum dia os guerreiros de Shambhala vão aparecer e derrotar esses monstros do mal.

— Como assim?

— É uma profecia do meu povo. — Ele olhou para mim e sacudiu a cabeça. — Sei que tenho que aprender a controlar minha raiva. Ela destrói o meu campo-da-prece.

De repente, ficou de pé e acrescentou:

— Vou perguntar a Jampa se ele falou com o Lama. Por favor me dê licença.

Com uma pequena mesura ele se afastou.

Durante algum tempo contemplei a paisagem tibetana, tentando compreender inteiramente o dano que a ocupação chinesa tinha causado. A certo ponto pensei até ter escutado outro helicóptero, mas o ruído era distante demais para eu ter certeza. Sabia que a raiva de Yin era justificada, e durante vários minutos refleti sobre a realidade da situação política no Tibete. A idéia de procurar um telefone voltou-me à mente, e fiquei imaginando se seria muito difícil dar um telefonema internacional.

Estava prestes a levantar-me e voltar para dentro quando percebi que estava me sentindo cansado, de modo que respirei fundo algumas vezes e tentei enfocar a atenção na beleza à minha volta. As montanhas coroadas de neve e os tons verdes e marrons da paisagem eram sóbrios e belos, e o céu era de um azul profundo, com apenas algumas poucas nuvens ao longo do horizonte ocidental.

Enquanto olhava para longe, percebi que os dois monges que trabalhavam num terraço bem abaixo de mim estavam olhando atentamente em minha direção. Olhei de relance para trás, para ver se havia alguma coisa por ali, mas nada vi de incomum. Então sorri na direção deles.

Depois de alguns minutos um deles subiu os degraus de pedra, trazendo uma cesta cheia de ferramentas. Quando me alcançou, fez um gesto em cumprimento e começou a limpar um canteiro de flores a uns 5 metros de mim. Minutos depois chegou outro monge, que também se pôs a cavar. Ocasionalmente olhavam para mim com olhares interrogativos e mesuras respeitosas.

Respirei fundo mais algumas vezes e tornei a me concentrar na paisagem distante, pensando no que Yin dissera a respeito do seu campo-da-prece. Ele tinha medo de que sua raiva contra os chineses destruísse a sua energia; que significado tinha isso?

De repente comecei a sentir mais conscientemente o calor do sol e seus raios, trazendo-me uma certa paz que eu não sentia desde que chegara àquele lugar. Tornei a inspirar profundamente, de olhos fechados, e percebi outra coisa: um cheiro extraordinariamente doce, como um buquê de flores. Meu primeiro pensamento foi que os monges tinham cortado algumas flores dos canteiros onde trabalhavam e as colocado perto de mim.

Abri os olhos e espiei, mas não havia flores por perto. Tentei sentir alguma brisa que pudesse ter trazido o perfume, mas nada se movia. Percebi que os monges tinham largado as ferramentas e me encaravam intensamente, boquiabertos e de olhos arregalados, como se vissem alguma coisa estranha. Mais uma vez olhei para trás, tentando decifrar o que estava acontecendo. Quando perceberam que tinham me perturbado, rapidamente recolheram as ferramentas e as cestas e desceram quase correndo o caminho para o monastério. Por um momento acompanhei-os com o olhar, observando as túnicas vermelhas balançando-se quando eles se voltavam para ver se eu os estava observando.

Assim que desci e entrei no monastério percebi que alguma coisa tinha acontecido. Os monges andavam apressados de um lado para outro e cochichavam uns com os outros.

Desci um corredor e entrei na minha cela, planejando pedir a Jampa para usar o telefone. Meu estado de espírito estava melhor, mas novamente eu questionava o meu próprio senso de autopreservação. Estava me enfronhando cada vez mais no que

acontecera ali, em vez de tentar sair do país. Quem sabia o que os chineses poderiam fazer se eu fosse apanhado? Será que sabiam o meu nome? Talvez fosse tarde demais até para partir de avião.

Estava para me levantar e procurar Jampa quando ele entrou de supetão.

— O Lama concordou em receber você — anunciou. — É uma grande honra. Não se preocupe, ele fala um inglês perfeito.

Assenti, sentindo-me um pouco nervoso. Jampa ficou parado à porta com ar de expectativa.

— Devo acompanhar você. Agora — disse.

Levantei-me e segui Jampa através de um aposento muito grande e de teto alto, e entramos numa sala menor, do outro lado. Cinco ou seis monges segurando moinhos-de-orações e lenços brancos observavam, interessados, enquanto íamos até a frente e nos sentávamos. Yin acenou de um canto.

— Esta é a sala de cumprimentos — Jampa explicou.

O interior do aposento era de madeira pintada de azul-claro. Murais e mandalas feitos à mão adornavam as paredes. Esperamos alguns minutos, e então o Lama entrou. Era mais alto que a maioria dos outros monges, mas usava uma túnica vermelha exatamente igual às que eles usavam. Depois de olhar atentamente para cada pessoa na sala, ele chamou Jampa. As testas dos dois se tocaram e ele sussurrou algo ao seu ouvido.

Jampa imediatamente voltou-se e fez um gesto para que todos os outros monges o seguissem para fora do aposento. Yin também preparou-se para sair, mas antes olhou para mim e assentiu de leve, num gesto que tomei como apoio à conversa iminente. Muitos monges me entregaram os lenços, balançando a cabeça excitadamente.

Quando a sala se esvaziou, o Lama indicou que eu me aproximasse e me sentasse numa minúscula cadeira de encosto reto, à sua direita. Fiz uma leve mesura quando me aproximei e me sentei.

— Obrigado por me receber — falei.

Ele assentiu e sorriu, contemplando-me por longo tempo.

— Posso lhe perguntar sobre o meu amigo Wilson James? — perguntei finalmente. — Sabe onde ele está?

— Qual é a sua compreensão de Shambhala? — o Lama redargüiu.

— Bom, sempre achei que era um lugar imaginário, uma fantasia. Sabe, como Shangri-La.

Ele moveu a cabeça de lado e respondeu em tom tranqüilo:

— É um lugar real, na Terra, que existe como parte da comunidade humana.

— Por que nunca ninguém descobriu onde fica? E por que tantos budistas importantes falam de Shambhala como um modo de vida, uma mentalidade?

— Porque Shambhala representa mesmo um modo de ser e de viver. Pode-se dizer isto sem errar. Mas é também um lugar real, com pessoas reais, que atingiram esse modo de viver em comunidade umas com as outras.

— O senhor já esteve lá?

— Não, não, ainda não fui chamado.

— Então como pode ter tanta certeza?

— Porque muitas vezes sonhei com Shambhala, como muitos outros membros da nossa seita. Comparamos os nossos sonhos, e eles são tão semelhantes que sabemos que deve ser um lugar real. E temos o conhecimento sagrado, as lendas que explicam o nosso relacionamento com essa comunidade sagrada.

— Que relacionamento é esse?

— Devemos preservar o conhecimento enquanto esperamos o momento em que Shambhala vai se revelar para todas as pessoas.

— Yin me disse que algumas pessoas acreditam que os guerreiros de Shambhala um dia virão derrotar os chineses.

— A raiva de Yin é um grande perigo para ele.

— Então ele está errado?

— Ele está falando do ponto de vista humano, que entende a derrota em termos de guerra e de luta física. Ainda não se sabe exatamente como esta profecia se realizará. Primeiro temos que entender Shambhala. Mas sabemos que será um tipo diferente de batalha.

Achei misteriosa essa última declaração, mas o jeito dele era tão bondoso que senti respeito em vez de confusão. O Lama Rigden continuou:

— Acreditamos que está chegando o momento em que Shambhala será conhecida no mundo.

— Lama, como sabe disto?

— Pelos nossos sonhos. Seu amigo Wil esteve aqui, como sem dúvida você já sabe. cremos que isto foi um grande sinal, pois tínhamos sonhado com ele. Ele sentiu o perfume e ouviu o grito.

Fiquei estupefato.

— Que tipo de perfume?

Ele sorriu.

— O que você mesmo sentiu hoje.

Agora tudo fazia sentido: a reação dos monges e o Lama decidir me receber.

— Você também está sendo chamado — ele acrescentou. — O envio do perfume é uma coisa rara. Vi isso acontecer apenas duas vezes; uma vez quando eu estava com o meu mestre e novamente quando o seu amigo Wil estava aqui. Agora aconteceu de novo, com você. Eu não sabia se o receberia ou não; é muito perigoso falar dessas coisas trivialmente. Você ouviu também o grito?

— Não. Não entendo o que é isso.

— É também um chamado de Shambhala. Fique prestando atenção num som especial. Quando o ouvir, saberá o que é.

— Lama, não sei se quero ir a algum lugar. Parece muito perigoso para mim. Talvez os chineses saibam quem sou. Acho que quero voltar para os Estados Unidos o mais depressa possível. Pode me informar onde posso encontrar Wil? Ele está em algum lugar perto daqui?

O Lama balançou a cabeça, com expressão de tristeza.

— Não. Ele se comprometeu a seguir adiante.

Fiquei em silêncio, e por um longo momento o Lama limitou-se a olhar para mim.

— Há outra coisa que você precisa saber — disse então. — Nos sonhos ficou muito claro que sem você Wil não conseguirá

sobreviver a essa tentativa. Para que ele consiga, você terá que estar lá também.

Uma onda de medo me percorreu, e afastei o olhar. Não era isso que eu queria ouvir. O Lama continuou:

— As lendas dizem que em Shambhala cada geração tem um certo destino que é conhecido e comentado publicamente. O mesmo acontece nas civilizações humanas fora de Shambhala. Às vezes podem-se adquirir grande força e clareza apenas contemplando a coragem e a perseverança da geração que veio antes de nós.

Fiquei a me perguntar aonde ele estava querendo chegar com isso.

— Seu pai é vivo? — ele perguntou então.

— Ele morreu há uns anos.

— Ele serviu na grande guerra da década de 1940?

— Serviu, sim.

— Ele esteve em batalha?

— Sim, durante a maior parte da guerra.

— E ele lhe contou a situação mais assustadora que viveu?

Essa pergunta remeteu-me às conversas com meu pai durante a minha juventude. Pensei por um momento.

— Provavelmente foi o desembarque na Normandia em 1944, na praia de Omaha.

— Ah, sim — disse o Lama. — Vi seus filmes americanos sobre esse desembarque. Você os viu?

— Vi, sim — respondi. — Eles me emocionaram muito.

— Eles falavam do medo e da coragem dos soldados — ele continuou.

— Sim.

— Acha que você poderia ter feito essas coisas?

— Não sei. Não entendo como eles fizeram.

— Talvez para eles fosse mais fácil porque era toda uma geração que estava sendo chamada. Em algum nível eles todos sentiam isso: aqueles que lutavam, aqueles que fabricavam as armas, aqueles que forneciam a comida. Eles salvaram o mundo do seu maior perigo naquela época.

Ele esperou, como se aguardasse que eu fizesse uma pergunta, mas limitei-me a olhar para ele.

— O chamado à sua geração é diferente. Você também precisa salvar o mundo, mas deve fazer isso de um modo diferente. Deve entender que dentro de você existe um grande poder, que pode ser cultivado e ampliado, uma energia mental que sempre foi chamada de prece.

— Já me disseram isso — falei. — Mas acho que ainda não sei usá-la.

A isso ele sorriu e levantou-se, olhando para mim com um brilho de humor nos olhos.

— Sim, eu sei. Mas aprenderá. Você aprenderá.

Deitei-me no catre em minha cela e pensei no que o Lama me dissera. Ele terminara a conversa abruptamente, ignorando as perguntas que me restavam.

— Agora vá descansar — dissera, tocando um sino alto que chamou vários monges. — Amanhã tornaremos a conversar.

Mais tarde, tanto Jampa quanto Yin me fizeram contar tudo que o Lama dissera. Mas a verdade era que o Lama me deixara com mais perguntas do que respostas. Eu ainda não sabia aonde Wil tinha ido ou o que significava realmente o chamado de Shambhala. Tudo ali parecia fantasioso e perigoso.

Yin e Jampa tinham se recusado a discutir qualquer dessas questões. Tínhamos passado o resto do dia comendo e admirando a paisagem, antes de irmos cedo para a cama. Agora eu me encontrava incapaz de dormir, os olhos pregados no teto, os pensamentos girando dentro da cabeça.

Por várias vezes revivi na mente toda a minha experiência no Tibete, e finalmente caí num sono agitado. Sonhei que corria através das multidões em Lhasa, procurando abrigo num dos monastérios; os monges olharam para mim e fecharam a porta. Os soldados me perseguiram. Corri sem esperanças por ruelas e becos escuros até que, no final de uma rua, olhei para a direita e vi uma área iluminada, semelhante às que eu tinha visto antes. Enquanto me aproximava, a luz gradualmente desaparecia, mas à minha

frente havia um portão. Os soldados estavam virando a esquina atrás de mim; passei disparado pelo portão e encontrei-me numa paisagem gelada...

Despertei com um sobressalto. Onde estava? Aos poucos reconheci o aposento. Levantei-me e fui até a janela. A aurora estava raiando na direção do leste; tentei afastar o sonho e voltar a dormir — uma idéia que se mostrou totalmente infrutífera. Eu estava inteiramente desperto.

Vestindo uma calça e um casaco, desci e saí para o pátio junto à horta; sentei-me num enfeitado banco de metal. Enquanto olhava na direção do sol nascente, ouvi alguma coisa atrás de mim. Virei-me e avistei a figura de um homem vindo do monastério em minha direção. Era o Lama Rigden.

Levantei-me e fiz uma mesura profunda.

— Acordou cedo — disse ele. — Espero que tenha dormido bem.

— Dormi, sim — respondi, observando-o.

Ele foi até o lagunho e espalhou um punhado de grãos para os peixes. A água agitou-se enquanto eles consumiam o alimento.

— Quais foram os seus sonhos? — ele perguntou sem olhar para mim.

Contei sobre a perseguição e a área iluminada. Ele me olhou com espanto.

— Já teve essa experiência acordado? — quis saber.

— Diversas vezes nesta viagem. Lama, que é que está acontecendo?

Ele sorriu e sentou-se num banco oposto ao meu.

— Você está sendo ajudado pelos dakinis.

— Não compreendo. Quem são os dakinis? Wil deixou um bilhete para Yin que mencionava os dakinis, mas eu nunca tinha ouvido falar neles.

— Eles são do mundo espiritual. Geralmente aparecem como mulheres, mas podem tomar a forma que desejarem. No Ocidente são conhecidos como anjos, mas são mais misteriosos do que pensa a maioria das pessoas. Acho que só são realmente

conhecidos pelas pessoas de Shambhala. As lendas dizem que eles se movem com a luz de Shambhala.

Ele parou de falar e olhou para mim intensamente.

— Já decidiu se vai atender a esse chamado?

— Não saberia como fazer isso — respondi.

— As lendas o guiarão. Elas dizem que o momento de Shambhala ser conhecida será identificado porque muitas pessoas começarão a entender como vivem as pessoas em Shambhala, entender a verdade por trás da energia-da-prece. A prece não é uma força que age apenas quando decidimos parar e rezar em determinada situação; a prece funciona nesses momentos, é claro, mas também está funcionando em outras ocasiões.

— Está falando de um campo-da-prece constante?

— Sim. Tudo que é expectativa nossa, boa ou ruim, consciente ou inconsciente, estamos ajudando a realizar. A nossa prece é uma energia ou um poder que emana de nós em todas as direções. Na maioria das pessoas, que pensam de maneira comum, essa força é muito fraca e contraditória. Mas em outras, que parecem conseguir muitas coisas na vida, e que são muito criativas e bem-sucedidas, esse campo de energia é forte, embora seja em geral inconsciente. A maioria das pessoas nesse grupo tem um campo forte, porque cresceu num ambiente onde aprendeu a esperar o sucesso e mais ou menos tê-lo como certo. Eles tiveram modelos fortes a imitar. Mas as lendas dizem que breve todas as pessoas aprenderão sobre esse poder e entenderão que a nossa capacidade de usar essa energia pode ser fortalecida e ampliada.

Ele fez uma pausa, depois prosseguiu:

— Eu lhe contei tudo isto para explicar como atender ao chamado de Shambhala. Para encontrar esse lugar sagrado, você precisará ampliar sistematicamente a sua energia até emanar suficiente energia criativa para ir até lá. O procedimento para isso é determinado nas lendas e envolve três passos importantes. Existe também um quarto passo, mas ele só é conhecido totalmente por aqueles que vivem em Shambhala. Por isso é tão difícil encontrá-la. Mesmo se a pessoa conseguir ampliar sua energia através dos três

primeiros passos, é preciso ter ajuda para encontrar realmente o caminho. Os dakinis precisam abrir o portal.

— O senhor disse que os dakinis são seres espirituais. Está querendo dizer que são espíritos que estão além da morte e atuam como nossos guias?

— Não. Os dakinis são outros seres que agem para despertar e proteger os humanos. Eles não são e nunca foram humanos.

— E são o mesmo que anjos?

O Lama sorriu.

— Eles são o que são: uma realidade. Cada religião tem um nome diferente para eles, assim como cada religião tem um modo diferente de descrever Deus e o modo como os seres humanos devem viver. Mas em todas as religiões a experiência de Deus, a energia do amor, é exatamente a mesma. Cada religião tem sua própria história desse relacionamento e seu próprio modo de falar sobre isso, mas existe apenas uma fonte divina. O mesmo se dá com os anjos.

— Então o senhor não é estritamente budista?

— A nossa seita e as lendas que conservamos têm suas raízes no budismo, mas nós defendemos a síntese de todas as religiões. Acreditamos que cada uma tem a sua verdade, que deve ser incorporada a todas as outras. É possível fazer isso sem perder a independência ou a verdade básica do modo tradicional de cada uma. Eu me consideraria cristão, por exemplo, ou judeu ou muçulmano. Acreditamos que as pessoas em Shambhala também trabalham para a integração de todas as verdades religiosas. Elas trabalham para isto com o mesmo espírito com que o Dalai Lama revela as iniciações do Kalachakra a todos que tenham um coração sincero.

Limitei-me a olhar para ele, tentando absorver tudo aquilo.

— Não tente entender tudo agora — o Lama aconselhou. — Saiba apenas que a integração de todas as verdades religiosas é importante para que a força da energia-da-prece aumente o suficiente para vencer os perigos criados por aqueles que temem. Lembre-se também que os dakinis são reais.

— O que é que faz com que eles ajam para nos ajudar?

O Lama respirou fundo, pensando profundamente. A pergunta parecia ser para ele um motivo de frustração.

— Durante toda a minha vida esforcei-me para entender esta questão — disse finalmente. — Mas tenho que admitir que não sei. Acho que é o grande segredo de Shambhala e não será compreendido até Shambhala ser compreendida.

— Mas o senhor acha que os dakinis estão me ajudando? — insisti.

— Sim — disse ele com convicção. — E ao seu amigo Wil.

— E quanto a Yin? Qual é o papel dele nisto tudo?

— Yin conheceu o seu amigo Wil neste monastério. Yin também sonhou com você, mas num contexto diferente do meu sonho e do dos outros lamas. Yin foi educado na Inglaterra e conhece muito bem o jeito ocidental. Ele deverá ser seu guia, embora esteja muito relutante, como você sem dúvida já constatou. Isto acontece apenas porque ele não quer decepcionar ninguém. Ele será o seu guia e o levará até onde puder ir.

O Lama silenciou e ficou a me olhar com expectativa.

— E o governo chinês? — perguntei. — Que é que eles estão fazendo? Por que estão tão interessados no que está acontecendo?

O Lama baixou os olhos.

— Não sei. Parece que eles sentem que alguma coisa está acontecendo com Shambhala. Eles sempre tentaram reprimir a espiritualidade tibetana, mas agora parece que descobriram a nossa seita. Você tem que ter muito cuidado. Eles nos temem muito.

Afastei o olhar por um instante, ainda pensando nos chineses.

— Já decidiu? — o Lama perguntou.

— Quer dizer, se vou?

— Sim — disse ele, sorrindo compassivamente.

— Não sei. Não sei se tenho coragem de arriscar perder tudo.

O Lama ficou olhando para mim, depois assentiu.

— Você disse algumas coisas sobre o desafio da minha geração — prossegui. — Ainda não consegui entender isso.

— A Segunda Guerra Mundial, assim como a Guerra Fria, foi o desafio que a geração passada teve que enfrentar — começou o Lama. — Os grandes avanços da tecnologia colocaram armas

colossais nas mãos das nações. Em seu fervor nacionalista, as forças do totalitarismo estavam tentando conquistar os países democráticos. Essa ameaça teria se concretizado se os cidadãos comuns não tivessem lutado e morrido em defesa da liberdade, assegurando o sucesso da democracia no mundo.

“Mas a sua missão é diferente da dos seus pais”, ele prosseguiu. “A missão da sua geração é diferente, por sua própria natureza, daquela da geração da Segunda Guerra Mundial. Eles tiveram que lutar, com violência e armas, contra uma determinada tirania; você deve lutar contra a própria idéia de guerra e inimigos. Mas isso exige o mesmo heroísmo. Está entendendo? Não havia como seus pais serem capazes de fazer o que fizeram, mas eles perseveraram. Você deve fazer o mesmo. As forças do totalitarismo não desapareceram; apenas deixaram de se expressar através de nações que querem ser um império. As forças da tirania agora são internacionais, e muito mais sutis, aproveitando-se da nossa dependência da tecnologia e do crédito, e do nosso desejo de conforto. Por medo, elas procuram centralizar todo o progresso tecnológico nas mãos de uns poucos, para que sua posição econômica possa ficar segura, e a futura evolução do mundo possa ser controlada.”

E finalizou:

— Opor-se a essa força é impossível. A democracia precisa ser protegida agora, com o próximo passo na evolução da liberdade. Devemos usar o poder da nossa visão e as expectativas que fluem de nós como uma prece constante. Esse poder é mais forte do que as pessoas pensam hoje em dia, e devemos dominá-lo e começar a usá-lo antes que seja tarde demais. Há sinais de que alguma coisa está mudando em Shambhala. Ela está se abrindo, se modificando.

O Lama me encarava com férrea determinação.

— Você precisa atender ao chamado de Shambhala. É a única maneira de honrar o que os seus antepassados fizeram antes de você.

Esse comentário encheu-me de ansiedade.

— Que é que faço primeiro? — perguntei.

— Complete a ampliação da sua energia — o Lama respondeu.  
— Isto não será fácil para você, por causa do seu medo e de sua raiva. Mas, se persistir, o portal irá se apresentar a você.

— O portal?

— Sim. Nossas lendas dizem que existem vários portais para Shambhala; um nos Himalaias orientais na Índia, um no nordeste na fronteira da China e um bem ao norte, na Rússia. Os sinais irão guiar você ao portal correto. Quando tudo parecer perdido, procure os dakinis.

Enquanto o Lama falava, Yin saiu do monastério com nossa bagagem.

— Está bem — falei, sentindo-me cada vez mais aterrorizado.  
— Vou tentar.

Mesmo enquanto falava eu não conseguia acreditar que aquelas palavras estavam saindo da minha boca.

— Não se preocupe — exortou o Lama Rigden. — Yin vai ajudar você. Lembre-se apenas que antes de conseguir encontrar Shambhala será preciso ampliar o nível da energia que emana de você e flui para o mundo. Não terá sucesso se não fizer isso. Precisa dominar a força das suas expectativas.

Olhei para Yin e ele deu um meio sorriso.

— Está na hora — declarou.

## Cultivando a Energia

Sáímos pelo portão e avistei, estacionado na estrada, um jipe marrom, de capota rígida, fabricado talvez dez anos antes. Quando nos aproximamos, percebi que ele estava cheio de baús, caixas de comida desidratada, sacos de dormir e agasalhos mais pesados. Vários galões de gasolina estavam amarrados na parte traseira.

— De onde veio tudo isto? — eu quis saber.

Ele piscou para mim.

— Há muito tempo estamos nos preparando para esta viagem.

Do monastério do Lama Rigden, Yin tomou o rumo do norte por alguns quilômetros e então saímos da larga estrada de terra para um caminho mais estreito — pouco mais que uma trilha de pedestres. Por ali continuamos durante vários quilômetros em total silêncio.

A verdade era que eu não sabia o que dizer. Tinha concordado em partir naquela viagem somente por causa das palavras do Lama e por causa do que Wil fizera por mim no passado, mas agora a angústia provocada por aquela decisão estava começando a me assaltar. Tentei afastar o medo e recompor mentalmente tudo que o Lama Rigden me dissera. O que ele queria dizer quando falou em dominar a força das minhas expectativas?

Olhei para Yin; ele tinha os olhos fixos na estrada.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

— Este é um atalho para a Rodovia da Amizade — ele informou sem tirar os olhos da estrada. — Devemos ir para o sudoeste até Tingri, perto do monte Everest. Isso vai levar quase o dia inteiro. Estaremos subindo também.

— Esta região é segura?

Ele me olhou de relance.

— Vamos tomar muito cuidado. Vamos procurar o sr. Hanh.

— Quem é ele?

— É a pessoa que mais sabe sobre a Primeira Extensão da energia-da-prece que você precisa aprender. É tailandês, e muito educado.

Sacudi a cabeça e afastei o olhar.

— Não sei se entendi direito essas extensões. De que se tratam?

— Você sabe que tem um campo de energia, correto? Um campo-da-prece fluindo de você o tempo todo.

— Certo.

— E sabe que esse campo tem um efeito no mundo, naquilo que acontece? Sabe que ele pode ser pequeno e fraco ou extenso e forte.

— É, acho que sim.

— Bem, existem meios precisos para estender e ampliar o seu campo para que você possa se tornar mais criativo e poderoso. As lendas dizem que um dia todos os seres humanos saberão fazer isso. Mas você precisa aprender agora, se pretende chegar a Shambhala e encontrar Wil.

— Você já consegue fazer essas extensões? — perguntei.

Yin franziu a testa.

— Eu não disse isso.

Limitei-me a olhar para ele. Ótimo; como é que eu ia aprender, se nem Yin sabia como?

Durante horas rodamos sem falar, comendo castanhas e legumes enquanto viajávamos, parando apenas uma vez, numa parada de caminhões, para abastecer. Passamos por Tingri bem depois de escurecer.

— Temos que ter muita cautela aqui — Yin advertiu. — Estamos perto do monastério Rongphu e do campo da base do Everest, e haverá soldados chineses observando os turistas e os montanhistas. Mas poderemos ver também paisagens incríveis da face norte do Everest.

Yin deu várias voltas até chegar a uma área de construções de madeira. Atrás delas havia uma casa simples, de tijolos de barro.

O quintal em volta do lar de Hanh era impecável, com canteiros esmeradamente plantados e jardins de pedras. Quando chegamos perto da casa, um homenzarrão usando uma túnica colorida, bordada à mão, saiu para o alpendre. Parecia ter mais de 60 anos, mas movia-se como uma pessoa bem mais jovem. Tinha a cabeça inteiramente raspada.

Yin acenou para o homem, que se esforçava para distinguir quem éramos. Quando reconheceu Yin, deu um amplo sorriso e veio em nossa direção enquanto saíamos do jipe.

Os dois homens conversaram por um momento em tibetano, e então Yin apontou para mim e disse:

— Este é o meu amigo americano.

Falei meu nome, e Hanh fez uma mesura curta e apertou minha mão.

— Bem-vindo. Por favor, entre — convidou.

Enquanto Hanh voltava para casa, Yin enfiou o braço dentro do jipe e pegou suas coisas.

— Traga a sua valise — instruiu.

A casa por dentro era modesta, mas repleta de pinturas e tapetes tibetanos coloridos. Fomos para uma pequena sala, de onde eu via a maioria dos outros cômodos. À esquerda havia uma pequena cozinha e um quarto de dormir, e à direita havia outro aposento que tinha a aparência de uma sala de algum tipo de terapia: no centro da sala havia uma mesa de massagem ou de exames, e contra uma parede havia armários e uma pia pequena.

Yin disse algo a Hanh em tibetano, e ouvi-o repetir meu nome. Hanh inclinou-se para a frente, subitamente alerta. Olhou de relance para mim e suspirou.

— Você tem muito medo — disse, olhando-me atentamente.

— Não me diga! — respondi.

Hanh deu uma risadinha diante do meu sarcasmo.

— Temos que fazer alguma coisa sobre isso, se você pretende completar sua viagem.

Andou em volta de mim, examinando o meu corpo.

— Aqueles que estão em Shambhala vivem de modo diferente da maioria dos outros seres humanos. Sempre viveram assim. Aliás,

ao longo dos milênios, sempre existiu uma grande distância entre os níveis de energia da maioria das pessoas e os daquelas em Shambhala; no entanto, em época recente, à medida que todos os seres humanos vão evoluindo e expandindo a sua consciência, essa distância tem diminuído. Mas ainda é imensa.

Enquanto Hanh falava, olhei de relance para Yin. Ele parecia tão nervoso quanto eu. Hanh também percebeu isso.

— Yin tem tanto medo quanto você — comentou. — Mas ele sabe que esse medo pode ser dominado. Acho que você ainda não se deu conta disto. Tem que começar a agir e pensar como fazem os de Shambhala. Primeiro precisa cultivar, depois estabilizar a sua energia.

Hanh calou-se e se concentrou em tornar a examinar o meu corpo. Depois sorriu.

— Você teve muitas experiências. Devia ser mais forte — afirmou.

— Talvez eu não compreenda suficientemente a energia — repliquei.

— Ah, não, você compreende. — Hanh deu um sorriso largo. — Simplesmente não quer mudar seu modo de viver. Quer ficar entusiasmado com idéias e então viver inconscientemente, mais ou menos como sempre fez.

Aquela conversa não estava tomando o rumo que eu desejava, e meu medo estava sendo substituído por uma leve irritação.

Hanh continuou andando em volta de mim mais algumas vezes, sempre olhando atentamente para o meu corpo, de alto a baixo.

— Que é que está olhando? — perguntei.

— Quando estou avaliando o nível de energia de uma pessoa, primeiro olho a postura — disse ele em tom casual. — A sua não é muito ruim nesse nível, mas você teve que trabalhar nisso, não foi?

A pergunta dele denotava muita percepção. Quando garoto, em certo ano cresci muito depressa, e como resultado fiquei com as costas curvadas. As costas sempre me doíam, e isso só melhorou quando comecei a praticar algumas posições básicas do ioga todas as manhãs.

— A energia ainda não flui muito bem pelo seu corpo — Hanh acrescentou.

— Dá para saber só olhando para mim? — perguntei.

— Olhando e sentindo. A quantidade e a força da sua energia são percebidas como o grau de presença que você tem no aposento. Certamente você deve ter presenciado quando alguém que tem presença ou carisma entra num ambiente.

— Sim, é claro — falei, pensando novamente no homem no bar da piscina do hotel em Katmandu.

— Quanto mais energia a pessoa tem, mais os outros sentem a presença dela. Muitas vezes essa energia acaba sendo demonstrada através do ego e no princípio é muito forte, mas se dissipa muito rapidamente. Mas em outras pessoas trata-se de uma energia genuína e constante que permanece confiável.

Assenti.

— Uma coisa a seu favor é que você é aberto — ele continuou. — Já experimentou uma abertura mística, um súbito influxo de energia divina, não foi?

— Foi, sim — concordei, lembrando minha experiência no topo da montanha no Peru.

Mesmo agora ela permanecia vívida na minha memória. Na ocasião eu estava no fim das minhas forças, certo de que estava prestes a ser assassinado pelos soldados peruanos, quando de repente senti-me imbuído de calma, euforia e leveza incomuns. Foi a primeira vez que eu tive a experiência daquilo que os místicos de várias religiões chamam de estado transformativo.

— Como foi que essa energia entrou em você? — Hanh quis saber. — Como, exatamente, isso aconteceu?

— Foi uma onda de paz de espírito, e todo o meu medo evaporou-se.

— Como ela se movia?

Essa era uma questão sobre a qual eu nunca tinha pensado, mas rapidamente comecei a me lembrar.

— Parecia subir pela minha espinha e sair pelo topo da minha cabeça, puxando o meu corpo para cima. Parecia que eu estava

flutuando. Como se do alto da minha cabeça saísse uma corda que me puxava para cima.

Hanh assentiu com aprovação, depois olhou-me nos olhos.

— E quanto tempo durou?

— Não muito. Mas aprendi a inalar a beleza em volta de mim, para reviver aquela sensação através da respiração.

— O que está faltando na sua prática é inalar a energia e então conscientemente mantê-la num nível mais alto. Esta é a primeira extensão que você tem que fazer. Tem que manter sua energia fluindo mais plenamente. Isto deve ser feito de maneira precisa, cuidando para que suas outras ações não diminuam seu campo de energia depois que você o tiver estendido.

Ele fez uma pausa, antes de continuar:

— Está entendendo? O resto da sua vida precisa sustentar a sua energia mais elevada. Você tem que ser congruente. — Lançou-me um olhar brincalhão. — Tem que viver sabiamente. Vamos comer.

Desapareceu na cozinha e voltou com um prato de legumes e um molho. Levou-nos para uma mesa e serviu os legumes em três terrinas pequenas. Logo ficou claro que o alimento fazia parte da informação que Hanh estava me passando. Enquanto comíamos, ele continuou:

— É impossível manter a energia alta dentro de si se a pessoa se alimentar de matéria morta.

Desviei o olhar e me desliguei. Se aquilo ia ser um sermão sobre dieta, eu preferia pular essa parte. Minha atitude pareceu enfurecer Hanh.

— Está maluco? — disse, quase aos gritos. — A sua sobrevivência pode depender desta informação e você não se esforça nem um pouco para aprender. Que é que está pensando? Que pode viver da maneira que desejar e mesmo assim fazer coisas importantes?

Ele silenciou e olhou-me de soslaio. Percebi que a sua raiva era genuína, mas também parte da sua estratégia. Fiquei com a impressão de que ele estava me dando informações em mais de um

nível. Quando olhei para ele, não pude deixar de sorrir. Hanh era muitíssimo simpático.

Ele deu um tapinha no meu ombro e retribuiu o meu sorriso ao prosseguir:

— A maioria das pessoas é cheia de energia e entusiasmo durante a juventude, mas, depois, na meia-idade, começa a escorregar lentamente ladeira abaixo e finge não perceber. Afinal, todos os amigos estão na mesma situação e seus filhos são ativos, então eles passam cada vez mais tempo sentados, comendo as coisas que têm gosto bom. Não demora até que comecem a ter queixas e problemas crônicos, tais como dificuldades digestivas, irritações na pele, que atribuem à idade, e então um dia contraem uma doença grave, de cura difícil. Geralmente procuram um médico que não ensina prevenção, e se põem a tomar remédios; às vezes o problema é resolvido, às vezes não é. E então, com o passar dos anos, eles pegam uma doença que piora progressivamente, e percebem que estão morrendo; seu único consolo é pensarem que o que está acontecendo com eles ocorre com todo mundo, que é inevitável. E o pior é que esse colapso da energia acontece, até certo ponto, até mesmo com quem pretende ser espiritualizado.

Inclinou-se na minha direção e fingiu que olhava em volta da sala para ver se alguém estava escutando.

— Isso inclui alguns dos nossos lamas mais respeitados.

Senti vontade de rir, mas não ousei. Ele continuou:

— Se procuramos ampliar nossa energia e ao mesmo tempo consumimos alimentos que nos roubam essa energia, não chegamos a lugar algum. Temos que avaliar todas as energias que rotineiramente permitimos que entrem em nosso campo de energia, especialmente os alimentos, e evitar tudo que não seja o melhor para que nosso campo continue forte.

Tornou a inclinar-se para mim.

— Isto é muito difícil para a maioria das pessoas, porque todos nós somos viciados nos alimentos que hoje comemos, e a maioria é puro veneno.

Desviei o olhar.

— Sei que por aqui existem muitas informações conflitantes a respeito dos alimentos — continuou ele. — Mas a verdade está aqui também. Cada um de nós precisa pesquisar, tentar ter uma visão mais ampla. Somos seres espirituais que viemos a este mundo para aumentar a nossa energia. No entanto, grande parte do que encontramos aqui destina-se simplesmente ao prazer sensual e à distração, e grande parte mina a nossa energia e nos empurra para a desintegração física. Se realmente acreditamos que somos seres energéticos, devemos seguir o caminho estreito por entre essas tentações. Estudando a evolução você verá que desde o início tivemos que escolher nosso alimento experimentando e errando, apenas para descobrir quais eram bons para nós e quais nos matariam. Se comer esta planta, você sobrevive; se comer aquela ali, morrerá. Hoje já sabemos o que nos mata, mas só agora estamos aprendendo quais são os alimentos que aumentam a nossa longevidade e mantêm alta a nossa energia, e quais nos prejudicam.

Ele se calou por um instante, como se para se certificar de que eu estava entendendo.

— Em Shambhala eles enxergam mais amplamente — prosseguiu. — Sabem quem somos como seres humanos. Parecemos ser de matéria, carne e sangue, mas somos átomos! Energia pura! A sua ciência já provou este fato. Quando nos aprofundamos no estudo dos átomos, vemos primeiro partículas e depois, em níveis mais profundos, as próprias partículas se transformam em padrões de energia pura vibrando em certo nível. E se olharmos desta perspectiva para aquilo que comemos, veremos que o que colocamos em nosso corpo como alimento afeta o nosso estado vibratório. Certos alimentos aumentam a nossa energia e vibração, ao passo que outros as diminuem. A verdade é simples. Todas as doenças resultam de uma queda na energia vibratória; quando a nossa energia cai até determinado ponto, existem forças naturais no mundo que se destinam a desintegrar o nosso corpo.

Ele olhou para mim como se tivesse acabado de enunciar algo muito profundo.

— Quer dizer, desintegrar fisicamente? — perguntei.

— Sim. Torne a olhar com visão ampla: quando alguma coisa morre, como por exemplo um cachorro atropelado por um carro ou uma pessoa depois de longa doença, as células do corpo imediatamente perdem a vibração e se tornam muito ácidas quimicamente. Esse estado ácido é o sinal para os micróbios do mundo, os vírus, as bactérias e os fungos, de que está na hora de decompor aquele tecido morto. Este é o trabalho deles no universo físico: devolver um corpo à terra.

Ele continuou:

— Já lhe disse que quando a energia em nosso corpo diminui por causa do tipo de alimento que comemos, isso nos torna suscetíveis às doenças. Eis como funciona: quando comemos, o alimento é metabolizado e deixa resíduos ou cinzas em nosso corpo. Esses resíduos são de natureza ácida ou alcalina, dependendo da comida; se ela for alcalina, então pode ser rapidamente extraída de nosso corpo com pouca energia. No entanto, se esses produtos residuais são ácidos, fica muito difícil para o sangue e o sistema linfático os eliminarem, e eles são depositados em nossos órgãos e tecidos como sólidos, formas cristalinas de baixa vibração que criam bloqueios ou rupturas nos níveis vibratórios das nossas células. Quanto mais desses subprodutos ácidos são depositados em nosso corpo, mais ácidos os tecidos se tornam, e adivinhe o que acontece.

Tornou a olhar para mim com expressão teatral.

— Um micróbio aparece, sente todo esse ácido e diz: “Ah, este corpo está pronto para ser decomposto.” Está entendendo? Quando um organismo morre, o corpo muda rapidamente para um ambiente altamente ácido e é consumido pelos micróbios bem depressa. Se começarmos a aparentar esse estado muito ácido, ou estado de morte, então começamos a sofrer o ataque de micróbios. Todas as doenças humanas resultam de um ataque desses.

O que Hanh dizia fazia sentido; muito tempo antes eu tinha encontrado na internet algumas informações sobre o PH do corpo. Mais ainda: parecia que eu sabia aquelas coisas intuitivamente.

— Está me dizendo que aquilo que comemos nos predispõe para a doença?

— Sim, os alimentos impróprios podem baixar nosso nível vibratório ao ponto em que as forças da natureza começam a devolver nosso corpo à terra.

— E as doenças que não são causadas por micróbios?

— Todas as doenças surgem através da ação microbiana. Vários micróbios foram associados às lesões arteriais da doença coronária, assim como à produção de tumores cancerígenos. Mas, lembre-se, os micróbios estão apenas fazendo a sua função; a verdadeira causa é a alimentação que provoca o ambiente ácido.

Ele fez uma pausa, depois continuou:

— Entenda bem isto: nós, humanos, estamos em um dos dois estados: ou no estado alcalino, de alta energia, ou no estado ácido, que avisa aos micróbios que habitam em nós, ou que surgem, que estamos prontos para sermos decompostos. A doença é literalmente uma decomposição de alguma parte do nosso corpo, porque os micróbios perto de nós receberam o sinal de que já estamos mortos.

Ele tornou a me lançar um olhar brincalhão.

— Desculpe-me por ser tão direto, mas é que não temos muito tempo — prosseguiu. — O alimento que ingerimos determina quase que inteiramente qual dos dois estados será o nosso. Geralmente os alimentos que deixam resíduos ácidos em nosso corpo são pesados, cozidos demais, industrializados demais e doces, como carnes, farinhas, balas, álcool, café e as frutas mais doces; os alimentos alcalinos são mais verdes, mais frescos, mais vivos, tais como legumes frescos e seu suco, verduras, brotos e frutas como abacate, tomate, pomelo e limão. É muito simples. Somos seres espirituais num mundo espiritual e energético. Vocês no Ocidente podem ter crescido achando que a carne cozida e os alimentos industrializados são bons; mas agora sabemos que eles criam um ambiente de lenta decomposição que ao longo do tempo cobra seu preço.

Acrescentou:

— Todas as doenças debilitantes que afligem a humanidade, como arteriosclerose, enfarte, artrite, aids e especialmente os vários tipos de câncer, existem porque poluímos nosso corpo, o que avisa aos micróbios dentro de nós que estamos prontos para nos

decompor, desenergizar, morrer. Sempre nos perguntamos por que certas pessoas expostas aos mesmos micróbios não sofrem o contágio de uma doença; a diferença é o ambiente do interior do organismo. A boa notícia é que, mesmo se tivermos excesso de acidez no corpo e começarmos a nos decompor, a situação pode ser revertida se melhorarmos nossa nutrição e passarmos para um estado alcalino, e de energia mais alta.

Ele agora movia ambos os braços e tinha os olhos arregalados, ainda com uma expressão brincalhona.

— Estamos vivendo na idade das trevas, no que se refere aos princípios de um corpo vibrante e altamente energético. Os seres humanos deveriam viver mais de 150 anos. Mas a nossa alimentação é tal que imediatamente começa a nos destruir. Em toda parte vemos pessoas que estão se decompondo diante dos nossos olhos. Mas não precisa ser assim.

Com outra pausa, ele respirou fundo.

— Em Shambhala não é assim — acrescentou.

Depois de um momento, começou a andar de um lado para outro, olhando mais uma vez para mim.

— É isto — concluiu. — As lendas dizem que os humanos primeiro aprenderão a verdadeira natureza dos alimentos e quais tipos consumir. Então, segundo as lendas, poderemos nos abrir totalmente para as fontes interiores de energia que aumentam ainda mais a nossa vibração.

Ele fez a cadeira deslizar para trás, afastando-a da mesa, e olhou para mim.

— Você está suportando muito bem a altitude aqui no Tibete, mas eu gostaria que descansasse.

— Seria ótimo, estou pregado — falei.

— Sim, tivemos um dia cheio — Yin concordou.

— Pode se preparar para um sonho — Hanh acrescentou, indicando-me a direção de um quarto.

— Um sonho? — estranhei.

Hanh voltou-se para mim.

— Sim. Você é mais poderoso do que pensa.

Eu ri.

Despertei de repente e olhei pela janela. O sol estava bem alto no céu. Nenhum sonho. Calcei os sapatos e fui para o outro aposento.

Hanh e Yin estavam sentados à mesa, conversando.

— Dormiu bem? — Hanh perguntou.

— Sim — respondi, deixando-me cair sentado numa das cadeiras. — Mas não me lembro de ter sonhado.

— Isto é porque você não tem energia suficiente — ele afirmou, meio distraído.

Estava outra vez olhando atentamente para o meu corpo. Percebi que ele observava o modo como eu estava sentado.

— Que é que está olhando? — perguntei.

— É assim que você acorda de manhã? — Hanh redargüiu.

— Qual é o problema? — perguntei, pondo-me de pé.

— Depois de dormir, deve-se despertar o corpo e começar a aceitar a energia antes de fazer qualquer outra coisa.

Ele ficou de pé, com as pernas afastadas e as mãos nos quadris. Enquanto eu observava, ele deslizou os pés até uni-los e levantou os braços, erguendo o corpo num só movimento até ficar nas pontas dos pés, com as palmas das mãos juntas diretamente acima da cabeça.

Pestanejei. Havia alguma coisa incomum no modo como o corpo dele se movia, e eu não conseguia enfocá-lo bem. Ele parecia ter flutuado para cima, em vez de usar os músculos. Quando consegui enxergar direito, Hanh tinha um sorriso largo. Com a mesma rapidez moveu-se num andar gracioso em minha direção. Tornei a pestanejar.

— A maioria das pessoas desperta lentamente — Hanh disse —, anda como sonâmbulo e toma uma xícara de chá ou café para acordar. Vão para o trabalho, onde continuam escarrapachados ou usam apenas um determinado conjunto de músculos. Então alguns padrões são estabelecidos, e, como eu disse, desenvolve-se um bloqueio no modo como a energia flui através do nosso corpo. Você tem que se certificar de que seu corpo está aberto em toda parte, para poder receber toda a energia disponível. Isso se consegue movimentando-se todos os músculos, todas as manhãs, a partir do

seu centro. — Ele apontou para um local logo abaixo do umbigo. — Se você se concentrar em movimentar-se a partir desta região, então os seus músculos estarão livres para operar em seu mais alto nível de coordenação. É o princípio central de todas as disciplinas das artes marciais e da dança. Você pode até inventar os seus próprios movimentos.

Com esse comentário, ele se pôs a fazer inúmeros movimentos que eu nunca tinha visto antes. Parecia ser algo como as mudanças de apoio do peso corporal e os volteios que vemos no *tai chi*. Ele definitivamente estava fazendo uma expansão daqueles movimentos clássicos. Acrescentou:

— O seu corpo saberá como mover-se para ajudar a soltar seus bloqueios pessoais.

Ficou de pé em uma só perna e girou o braço como se estivesse dando um saque numa partida de vôlei, só que sua mão quase tocou o chão durante o movimento. Depois fez meia-volta sobre a outra perna, sem sair do lugar. Não vi quando mudou o apoio do corpo, e mais uma vez ele pareceu estar flutuando.

Sacudi a cabeça e tentei focalizar o olhar, mas ele tinha parado no lugar, como se um fotógrafo tivesse congelado seus movimentos num instantâneo, o que parecia impossível. De repente ele estava caminhando novamente em minha direção.

— Como é que faz isto? — perguntei.

— Comecei devagar e me lembrei do princípio básico. Se você se movimenta a partir do seu centro e espera que a energia flua para dentro de você, irá movimentar-se de maneira cada vez mais leve. É claro que para aperfeiçoar isto você precisa ser capaz de se abrir para toda a energia divina que está disponível no interior.

Parou e olhou para mim.

— Até que ponto você se lembra bem da sua abertura mística?

Mais uma vez pensei no Peru e na minha experiência no topo da montanha.

— Bastante bem, eu acho.

— Isto é bom. Vamos lá para fora.

Yin sorriu ao levantar-se, e seguimos Hanh para um pequeno jardim; subimos uns degraus para uma área de mato ralo e grandes

pedras cheias de pontas. Aquelas pedras tinham lindas manchas vermelhas e marrons. Durante dez minutos Hanh me ensinou alguns dos movimentos que eu vira antes, depois indicou-me um lugar para me sentar no chão, sentando-se à minha direita. Yin sentou-se atrás de nós. O sol matinal banhava as montanhas distantes com uma cálida luz amarela. Fiquei impressionado com a beleza daquilo. Hanh começou:

— Dizem as lendas que se abrir para um estado energético mais alto é uma capacidade que todos os humanos um dia terão. Começará como um conhecimento geral de que tal coisa é possível. Depois passaremos para uma compreensão de todos os fatores necessários para cultivarmos e mantermos níveis de energia mais altos.

Fez uma pausa e olhou para mim.

— Você já conhece o procedimento básico, mas seus sentidos precisam expandir-se. As lendas dizem que primeiro você precisa se acalmar e olhar em volta de si. A maioria de nós raramente olha com atenção as coisas ao redor, como se fosse apenas um cenário para fazermos o que quer que esteja em nossa mente. Mas temos que nos lembrar que tudo no universo está vivo, cheio de energia espiritual, e é uma parte de Deus. Precisamos pedir conscientemente para sermos conectados com o divino dentro de nós. Como você sabe, a medida de estarmos ou não conectados a essa energia é o nosso senso de beleza. Sempre faça a si mesmo a seguinte pergunta: até que ponto tudo parece lindo? Não importa a aparência no princípio, sempre podemos ver mais beleza, se tentarmos. O grau de beleza que enxergamos mede a quantidade de energia divina que recebemos dentro de nós.

Em seguida Hanh me fez passar algum tempo olhando, realmente enxergando, tudo à minha volta.

— Depois que começamos a estabelecer a nossa ligação e experimentamos a energia divina interior, tudo começa a ter mais presença na nossa percepção. As coisas se destacam e percebemos sua forma e sua cor. Quando essa percepção ocorre, podemos inalar ainda mais energia. Entenda: na realidade, a energia não vem tanto das coisas ao redor de nós, embora

possamos absorver energia diretamente de certas plantas e de alguns lugares sagrados. A energia sagrada vem da nossa ligação com o divino dentro de nós. Tudo à nossa volta, tanto natural quanto feito pelo homem, como as flores, as pedras, a grama, as montanhas, a arte, tudo isso já é majestosamente belo e presente, além de qualquer coisa que a maioria dos humanos consegue perceber. Quando nos abrimos para o divino, tudo que fazemos é elevar nossa vibração energética e com ela a nossa capacidade perceptiva, para que possamos enxergar o mundo da maneira que ele realmente é. Está entendendo? Os seres humanos já vivem num mundo de imensa beleza, cores e formas. O próprio paraíso é aqui mesmo. Simplesmente não nos abrimos para a energia interior o suficiente para enxergarmos isso.

Eu escutava fascinado. Naquele momento isso estava mais claro do que nunca.

— Concentre-se na beleza e comece a inalar a energia para dentro de você — Hanh instruiu.

Inspirei profundamente.

— Agora procure uma intensificação na beleza, enquanto respira.

Tornei a contemplar as rochas e as montanhas, e para meu espanto percebi que a montanha mais alta era o monte Everest. Por um motivo qualquer eu não tinha reconhecido a sua forma.

— Sim, sim, olhe para o Everest — disse Hanh.

Enquanto contemplava a montanha, percebi que as saliências cobertas de neve em sua encosta pareciam formar pequenos degraus em direção ao pico em forma de coroa. Aquilo mudou o foco da minha percepção, e a montanha mais alta do mundo parecia mais perto de repente, de alguma forma parte de mim, como se eu pudesse estender o braço e tocar nela.

— Continue respirando — Hanh instruiu. — A sua vibração e a sua capacidade de perceber aumentarão mais ainda. Tudo ficará brilhante, como se fosse iluminado por dentro.

Tornei a inspirar profundamente e comecei a me sentir mais leve; aprumei as costas sem grande esforço. Inacreditavelmente,

sentia-me exatamente como durante a experiência na montanha no Peru.

Hanh assentia com a cabeça.

— A sua capacidade de perceber a beleza é a primeira indicação de que a energia divina está entrando em você. Mas existem outras indicações também. Você vai se sentir mais leve. A energia subirá através de você e o erguerá, como você mesmo disse, como um barbante preso ao topo da sua cabeça puxando-o para cima. E saberá com mais clareza quem você é e o que está fazendo. Irá receber intuições e sonhos a respeito do que vem a seguir no caminho da sua vida.

Ele se calou e olhou para o meu corpo. Eu agora me sentava ereto sem esforço.

— Vamos para a parte mais importante — ele disse. — Você tem que aprender a sustentar essa energia, mantê-la fluindo para dentro de você. Precisa usar a força das suas expectativas, o poder da sua energia-da-prece.

Ali estava novamente aquela palavra: *expectativas*. Eu nunca a ouvira nesse contexto.

— Como é que faço isto? — perguntei, sentindo-me confuso, sentindo a energia do meu corpo baixar, as formas e cores em volta de mim desbotando.

Hanh arregalou os olhos e soltou uma gargalhada. Várias vezes tentou parar, mas finalmente rolou no chão, num acesso de riso incontrolável. Chegou a recuperar o controle algumas vezes, mas recomeçava a rir cada vez que olhava para mim. Ouvi até Yin dando um risinho atrás de mim.

Finalmente Hanh conseguiu respirar fundo e olhar para mim.

— Sinto muitíssimo — disse. — É que a sua expressão estava muito engraçada. Na verdade você não acredita que tem qualquer poder, não é mesmo?

— Não é isso — protestei. — Simplesmente não sei o que você quer dizer com expectativa.

Hanh ainda sorria.

— Sabe que carrega consigo algumas expectativas sobre a vida, não sabe? A expectativa de que o sol nasça, de que seu

sangue circule.

— Claro que sim.

— Bem, só estou pedindo que tente tornar-se consciente dessas expectativas. É o único modo de manter e ampliar o nível elevado de energia que você acabou de sentir. Tem que aprender a ter a expectativa desse nível de energia em sua vida, e isso deve ser deliberado e consciente. É a única maneira de completar a primeira extensão da prece. Gostaria de tentar de novo?

Retribuí seu sorriso, e passamos vários minutos respirando e aumentando a energia. Quando eu consegui enxergar o nível de beleza que tinha experimentado antes, fiz um gesto de cabeça para ele.

— Agora precisa ter a expectativa de que esta energia que está entrando em você transborde e flua para fora de você em todas as direções. Visualize isso acontecendo.

Tentei manter meu nível de energia enquanto perguntava:

— Esse fluxo para fora, como é que eu sei que ele está mesmo acontecendo?

— Vai conseguir sentir. Por enquanto apenas visualize.

Tornei a inspirar profundamente e visualizei a energia entrando em mim e fluindo para o mundo em todas as direções.

— Ainda não sei se está mesmo acontecendo — comentei.

Hanh olhou diretamente para mim, parecendo um pouco impaciente.

— Sabe que a energia está fluindo para fora de você porque o nível é mantido, as cores e formas continuam ressaltadas e você sente a energia enchê-lo e depois refluindo para fora.

— Qual é a sensação? — eu quis saber.

Ele me encarou com incredulidade.

— Você sabe a resposta!

Tornei a contemplar as montanhas distantes, visualizando o fluxo de energia saindo de mim na direção delas. Elas continuaram lindas e começaram a parecer também imensamente atraentes. Então uma onda de profunda emoção me dominou e lembrei-me da minha experiência no Peru.

Hanh assentia com a cabeça.

— É claro! — exclamei. — A sensação provocada pela energia fluindo para fora é o sentimento de amor.

Hanh sorriu largamente.

— Sim, é um amor que se torna uma emoção de fundo, que permanece com você enquanto a sua energia-da-prece estiver fluindo para o mundo. Você tem que estar num estado de amor.

— Isto parece idealista demais para seres humanos comuns — comentei.

Hahn deu uma risadinha.

— Não estou ensinando você a ser um ser humano comum; estou lhe ensinando como ficar na vanguarda da evolução. Estou ensinando você a ser um herói. Lembre-se, tem que manter a expectativa de que a energia divina entre em você num nível mais alto e flua para fora como uma xícara transbordando; quando isso não estiver acontecendo, lembre-se desse sentimento de amor e tente conscientemente reavivar esse estado. — Seus olhos brilhavam novamente. — A sua expectativa é a chave para poder manter essa experiência; você precisa visualizar isso acontecendo, acreditar que poderá experimentar essa sensação em todas as situações. Essa expectativa tem que ser cultivada e reafirmada conscientemente todos os dias.

Assenti, e ele perguntou:

— Bem, compreendeu todo o procedimento que lhe ensinei?

Antes que eu pudesse responder, ele prosseguiu:

— A chave é como você desperta de manhã. Por isso lhe pedi que fosse dormir: para que eu pudesse ver como você acorda. Tem que fazer isso com disciplina. Desperte o seu corpo para o influxo de energia do modo como lhe mostrei. Movimente-se a partir do seu centro, sinta a energia imediatamente, tenha a expectativa de que ela virá imediatamente. Coma apenas os alimentos que ainda estão vivos, e depois de algum tempo ficará mais fácil inspirar a energia divina para dentro do seu ser. Todos os dias reserve algum tempo para encher-se de energia e movimente-se ao despertar. Lembre-se das indicações. Visualize essa energia entrando em você e sinta-a fluindo para o mundo. Se fizer isso, terá completado a Primeira

Extensão. Será capaz não só de sentir a energia ocasionalmente, mas também de cultivá-la e mantê-la num nível mais alto.

Hanh fez uma mesura profunda e, sem dizer mais, encaminhou-se para a casa. Yin e eu o seguimos. Quando lá chegamos, Hanh começou a escolher alguns alimentos, que colocava numa cesta grande.

— E o portal? — perguntei a ele.

Ele parou para me encarar.

— Existem muitos portais — disse.

— Quero saber se você sabe onde podemos encontrar o portal para Shambhala.

Ele me olhou com severidade.

— Você completou apenas uma extensão da sua energia-da-prece. Agora precisa aprender o que fazer com esta energia que está fluindo para fora de você. Além disso, é muito teimoso, e ainda sente medo e raiva; terá que superar essas tendências antes de chegar a qualquer lugar perto de Shambhala.

Com essa declaração, Hanh assentiu para Yin e entregou-lhe a cesta, depois se retirou para o outro aposento.

## A Atenção Consciente

Saí e me dirigi para o jipe, sentindo-me incrivelmente bem. O ar era fresco e em todas as direções as montanhas ainda pareciam luminosas. Entramos no veículo e Yin deu a partida.

— Sabe para onde vamos agora? — perguntei.

— Sei que temos que ir para o noroeste do Tibete. Segundo as lendas, é o portal mais perto de nós. Mas, como disse o Lama Rigden, terá que nos ser mostrado.

Yin silenciou e olhou para mim.

— Está na hora de lhe contar o meu sonho — declarou.

— O sonho que o Lama Rigden mencionou? Aquele que você teve comigo?

— É, no sonho nós dois estávamos viajando juntos através do Tibete, procurando o portal. E não conseguíamos encontrar. Viajamos muito e andamos em círculos, perdidos. Mas no momento de maior desespero encontramos alguém que sabia para onde devíamos ir.

— E depois, que foi que aconteceu?

— O sonho terminou.

— Quem era a pessoa? Era Wil?

— Acho que não.

— Que é que você acha que esse sonho significa?

— Significa que temos que ficar muito alertas.

Por algum tempo viajamos em silêncio. Então perguntei:

— Existem muitos soldados no noroeste do Tibete?

— Geralmente não. A não ser na fronteira ou nas bases militares. O problema vai ser atravessarmos os próximos 5 ou 6 quilômetros, passando pelo monte Kailash e o lago Manasarovar. Existem muitos postos militares por lá.

Durante quatro horas viajamos sem incidentes, por algum tempo em estradas de saibro bem cuidadas, e depois por vários caminhos de terra. Chegamos a Saga sem dificuldades, e pegamos a estrada que Yin disse ser a rota meridional para o Tibete ocidental. Passamos principalmente por grandes caminhões de carga ou tibetanos nativos em carros velhos ou em carroças. Alguns estrangeiros pediam carona em volta das paradas de caminhão.

Depois de mais uma hora de viagem, Yin levou o jipe para fora da estrada principal por um caminho que parecia uma trilha de animais. O jipe saltava nas valas fundas.

— Geralmente existe um posto militar chinês aí na frente na estrada principal. Vamos ter que fazer um desvio — explicou.

Estávamos subindo uma ladeira íngreme e, ao chegarmos à crista do monte, Yin parou o jipe e me levou até a beira de um rochedo. Abaixo de nós, a várias centenas de metros, avistamos dois grandes caminhões militares com insígnias chinesas. Cerca de uma dúzia de soldados estavam por ali.

— Isto não é bom — Yin declarou. — Geralmente apenas um par de soldados fica nesta encruzilhada. Podem ainda estar procurando por nós.

Tentei afastar uma onda de ansiedade e manter alta a minha energia. Pensei ter visto vários soldados olhando em nossa direção, então me agachei depressa.

— Está acontecendo alguma coisa — Yin cochichou.

Quando tornei a olhar para a encruzilhada, os soldados revistavam um caminhão que chegara ao bloqueio. Um homem louro de meia-idade estava parado na lateral da estrada, sendo interrogado. Havia mais alguém, ainda dentro do caminhão. Podíamos entreouvir mal e mal uma língua europeia, bastante parecida com o holandês.

— Por que estão sendo detidos? — perguntei a Yin.

— Não sei. Podem não ter os documentos necessários, ou então podem ter feito as perguntas erradas.

Fiquei parado ali, sentindo vontade de poder ajudar.

— Por favor, temos que ir — disse Yin.

Entramos no jipe e Yin dirigiu devagar, rodeando o morro e descendo a encosta no outro lado. No sopé chegamos a outro caminho estreito que virava para a direita, afastando-se da encruzilhada, ainda seguindo para o noroeste. Viajamos nessa estrada cerca de 8 quilômetros até encontrarmos novamente a estrada principal, e entramos em Zhongba, uma cidadezinha com vários hotéis e algumas lojas. Ali havia gente a pé puxando iaques e outros animais de criação, e várias caminhonetes passaram por nós.

— Agora somos só um desses peregrinos que vão para o monte Kailash — disse Yin. — Ficaremos mais seguros.

Eu não estava convencido disso. De fato, meio quilômetro depois um caminhão militar chinês entrou na estrada logo atrás de nós, e outra onda de medo me percorreu. Yin entrou numa rua lateral e o caminhão seguiu em frente e sumiu de vista.

— Você tem que permanecer energizado — Yin aconselhou. — Está na hora de aprender a Segunda Extensão.

Em seguida ele me orientou ao longo da Primeira Extensão até eu conseguir visualizar e sentir minha energia fluindo para fora à nossa frente e espalhando-se para longe.

— Agora que sua energia está fluindo para fora, precisa preparar esse campo de energia para ter determinado efeito.

Esse comentário me fascinou.

— Preparar meu campo? — repeti.

— É, sim. Podemos dirigir o nosso campo-da-prece para atuar no mundo de várias maneiras. Fazemos isso usando as nossas expectativas. Você já fez isso uma vez, lembra-se? Hanh o ensinou a ter a expectativa de que a energia continuaria fluindo através de você; agora precisa preparar o seu campo com outras expectativas, e fazer isso com verdadeira disciplina. Senão, toda a sua energia pode ruir rapidamente, por causa do medo e da raiva.

Ele olhou para mim com uma expressão de tristeza que eu nunca tinha visto nele.

— Que foi? — perguntei.

— Quando eu era rapaz, vi um soldado chinês matar meu pai. Eu os odeio e os temo intensamente. E preciso confessar uma coisa: eu próprio sou meio chinês. Esta é a pior parte. É essa

lembrança e essa culpa que corroem a minha energia, dando-me a tendência de esperar sempre o pior. Você vai aprender que nesses níveis mais altos de energia o nosso campo-da-prece age muito depressa para nos trazer exatamente o que esperamos. Se temos medo, ele nos traz o que tememos. Se odiamos, ele nos traz mais daquilo que odiamos. Ainda bem que quando entramos nessas expectativas negativas o nosso campo-da-prece desaba muito depressa, porque perdemos nossa ligação com o divino e não estamos mais deixando fluir amor. É por isso que você tem que vigiar cuidadosamente as suas expectativas e preparar conscientemente o seu campo.

Ele sorriu para mim e acrescentou:

— Como você não odeia os militares chineses como eu odeio, tem uma vantagem. Mas ainda tem muito medo, e parece capaz de muita raiva... Exatamente como eu. Talvez seja por isso que estamos juntos.

Eu olhava para a estrada à frente, pensando no que Yin estava dizendo, sem acreditar que nossos pensamentos podiam ser tão poderosos assim. Meu devaneio foi interrompido quando Yin diminuiu a velocidade do jipe e estacionou diante de uma fila de construções empoeiradas.

— Por que parou? — perguntei. — Assim não vamos chamar muita atenção?

— Vamos, sim, mas temos que arriscar. Os soldados têm espiões em toda parte, mas não temos escolha. Não é seguro entrar nas regiões ocidentais do Tibete com um veículo só. Não há oficinas de conserto por lá. Temos que encontrar alguém para ir conosco.

— E se nos denunciarem?

Yin encarou-me com terror.

— Isso não vai acontecer se escolhermos a pessoa certa. Vigie os seus pensamentos. Eu lhe disse que temos que preparar o campo correto em volta de nós. Isto é muito importante.

Fez menção de sair do carro, mas hesitou.

— Você tem que ser melhor do que eu nesse ponto, senão não teremos chance. Concentre-se em preparar o seu campo para a *rtén brel*.

Fiquei calado por um instante.

— *Rten brel*? Que é isso?

— É a palavra tibetana para “sincronicidade”. Você precisa preparar o seu campo para permanecer dentro do processo de sincronicidade e trazer as intuições, as coincidências, para nos ajudarem.

Yin olhou de relance para a edificação e saiu do jipe, indicando com um gesto que queria que eu ficasse onde estava.

Esperei durante quase uma hora, observando os tibetanos que passavam. Ocasionalmente avistava alguém que parecia indiano ou europeu. Em dado momento cheguei a pensar que via numa rua a distância o holandês que avistáramos no bloqueio da estrada. Esforcei-me para enxergar, mas não consegui ter certeza.

Perguntei-me onde estaria Yin. A última coisa de que eu precisava era nos separarmos outra vez. Imaginei-me dirigindo sozinho por aquela cidade, perdido, sem ter idéia de aonde ir. Que faria então?

Finalmente vi Yin sair do prédio. Ele hesitou por um instante, olhando cautelosamente para ambos os lados antes de se encaminhar para o jipe.

— Encontrei duas pessoas que conheço. Acho que vão servir — revelou, sentando-se atrás do volante. Estava tentando ser convincente, mas seu tom de voz revelava a sua dúvida.

Ligou o carro e partimos. Cinco minutos mais tarde, passamos por um pequeno restaurante feito inteiramente de aço corrugado. Yin estacionou o jipe a uns 50 metros do restaurante, escondido atrás de alguns barris de combustível. Estávamos agora num subúrbio da cidade e não havia quase gente na rua. Dentro do restaurante encontramos uma sala com seis mesas capengas. Um balcão estreito caiado de branco nos separava da cozinha, onde várias mulheres trabalhavam. Uma das mulheres nos viu sentar e veio até a nossa mesa.

Yin falou algo com ela em tibetano — entendi a palavra que significa “sopa”. A mulher assentiu e olhou para mim.

— Para mim também — pedi a Yin, tirando o casaco e dobrando-o sobre o encosto da minha cadeira. — E água.

Yin traduziu, e a mulher sorriu e afastou-se. Yin ficou sério.

— Entendeu o que eu disse antes? Você tem que preparar um campo que nos traga mais sincronicidade.

Assenti.

— Como é que preparo esse campo?

— A primeira coisa a fazer é não deixar de ampliar a Primeira Extensão. Certifique-se de que a energia esteja fluindo para dentro de você e de você para o mundo. Sinta as indicações. Mantenha sua expectativa de que essa energia será constante. Agora você precisa ter a expectativa de que o seu campo-da-prece irá agir para trazer exatamente os pensamentos e acontecimentos necessários para que se realize o seu melhor destino. Para formar esse campo em volta de você, é preciso manter-se num estado de alerta consciente.

— Alerta a quê?

— À sincronicidade. Você precisa manter-se num estado em que está constantemente procurando a próxima informação misteriosa que o ajudará na direção do seu destino. Não importa o que fizer, alguma sincronicidade virá ao seu encontro, mas você pode intensificar essa ocorrência se mantiver um campo constante, e isso se faz mantendo-se sempre essa expectativa.

Levei a mão ao bolso traseiro da calça para pegar meu bloquinho de anotações. Embora ainda não o tivesse usado, sentia a intuição de anotar o que Yin estava dizendo. Então lembrei-me de que tinha deixado o bloco no jipe.

— Está trancado — ele disse, estendendo-me as chaves com um gesto de assentimento. — Não vá a mais lugar nenhum.

Fui direto ao jipe, peguei o bloco e estava prestes a me encaminhar de volta quando o som de veículos parando junto ao restaurante me sobressaltou. Escondi-me atrás de um barril e fiquei observando a cena. Em frente ao restaurante havia dois caminhões cinzentos de fabricação chinesa. Cinco ou seis homens à paisana saltaram dos caminhões e entraram no restaurante. De onde eu estava, conseguia enxergar o interior através das janelas. Os

homens colocaram todos em fila contra as paredes e passaram a revistá-los. Tentei localizar Yin mas não consegui. Teria ele conseguido escapar?

Um novo veículo estacionou do lado de fora, e um oficial chinês alto e magricela, de uniforme militar, saiu e foi até a porta. Evidentemente era o chefe. Ele relanceou o olhar pelo interior do restaurante, depois voltou-se, observou os dois lados da rua, como se sentisse alguma coisa. Virou-se na minha direção e eu me abaixei novamente atrás do barril, com o coração disparado.

Depois de um momento arrisquei outra olhada para o restaurante. Os chineses estavam colocando todas as pessoas dentro dos caminhões. Yin não estava entre eles. Um dos caminhões partiu, enquanto o oficial comandante falava com os restantes. Parecia estar dando instruções para revistarem a rua.

Escondi-me atrás dos barris e respirei fundo. Sabia que se ficasse ali seria apenas uma questão de tempo até me encontrarem. Procurando uma opção, percebi um estreito beco sem calçamento que ia dos barris até a rua seguinte. Saltei para dentro do jipe, coloquei-o em ponto morto e deixei que a pequena inclinação da rua o levasse a deslizar pelo beco até a outra rua, onde virei para a direita. Liguei o carro sem a menor idéia de aonde ir; tudo que queria era colocar alguma distância entre mim e os soldados.

Depois de alguns quarteirões, virei à esquerda numa ruela estreita que me levou a uma área com poucas edificações. Cem metros depois, eu me encontrava fora da cidade. Viajei quase 2 quilômetros, então saí da pista e estacionei atrás de um grupo de saliências rochosas, cada uma do tamanho de uma casa.

Pensei: e agora? Estava completamente perdido, sem a menor idéia do caminho a seguir. Uma onda de raiva e frustração me invadiu. Yin devia ter me preparado para essa possibilidade. Provavelmente conhecia alguém na cidade que poderia me ajudar, mas agora eu não tinha como descobrir isso.

Um bando de corvos pousou na rocha à minha direita, depois voou acima do jipe e ficou fazendo círculos, gritando alto. Olhei pelas janelas em ambas as direções, certo de que alguém tinha perturbado os pássaros, mas não vi ninguém. Depois de alguns

minutos, a maioria dos corvos voou para o oeste, ainda grasnando. Mas um deles ficou no topo do monte, olhando silenciosamente em minha direção. Pensei: que ótimo, ele pode ser uma sentinela; posso ficar aqui até decidir o que fazer.

No banco traseiro encontrei algumas frutas secas e castanhas, juntamente com umas bolachas. Comi inconscientemente, bebendo uns goles nervosos e ocasionais da água do cantil. Sabia que tinha que imaginar um plano. Pensei em continuar pela estrada em direção ao oeste, mas desisti. Um grande medo estava agora me dominando, e eu só queria o que vinha desejando todo o tempo: esquecer aquela viagem, voltar para Lhasa e depois para o aeroporto. Sabia que conseguiria recordar parte do caminho, mas o resto teria que adivinhar. Não conseguia acreditar que não tinha tentado fazer contato com alguém no monastério do Lama Rigden e depois na casa de Hanh, para montar um plano de fuga.

Enquanto pensava no que fazer, meu coração congelou quando ouvi o ruído distante de um veículo vindo pela estrada em minha direção. Pensei em ligar o jipe e seguir em frente, mas o veículo estava se aproximando depressa demais. Então peguei o cantil e uma sacola de comida, corri para trás da saliência mais distante e me escondi num lugar onde eu ficava fora de vista mas conseguia ver o que acontecia.

O veículo diminuiu a velocidade. Quando parou bem à minha frente, percebi que era a caminhonete que tínhamos visto no bloqueio na estrada. O motorista era o homem louro que estava sendo interrogado, e ao lado dele havia uma mulher.

Enquanto eu observava, a caminhonete parou totalmente e eles puseram-se a conversar. Pensei em aparecer e falar com eles, mas imediatamente senti uma onda de medo. E se os soldados os tivessem colocado contra nós, insistindo para serem avisados se fôssemos vistos? Eles iriam me entregar?

A mulher abriu ligeiramente a porta, como se fosse saltar, ainda falando com o homem. Teriam visto o jipe? Meus pensamentos disparavam, descontrolados. Resolvi que se ela saltasse e se aproximasse, eu sairia correndo. Assim, eles só poderiam pegar o

jipe; e eu me afastaria desse lugar antes que os soldados chegassem.

Com esse pensamento tornei a olhar para a caminhonete. Os dois estavam contemplando as grandes rochas com expressão preocupada. Entreolharam-se mais uma vez; a mulher bateu a porta com força e a caminhonete disparou em direção ao oeste. Observei o veículo chegar ao topo da ladeira à minha esquerda e desaparecer.

Em algum lugar dentro de mim havia um sentimento de decepção. Talvez eles pudessem ter me ajudado, pensei. Estudei a idéia de correr ao jipe e alcançá-los, mas desisti. Melhor não tentar o destino, concluí. Seria mais prudente voltar ao plano original e tentar encontrar o caminho de volta para Lhasa e para casa.

Depois de cerca de meia hora, voltei para o jipe e liguei o motor. O corvo à minha esquerda grasnou e voou acima da estrada na direção que a caminhonete holandesa tinha tomado. Virei na direção oposta e dirigi de volta para Zhongba, através de uma série de caminhos vicinais, esperando evitar as ruas principais e o restaurante. Percorri muitos quilômetros até chegar ao topo de uma colina, onde diminuí a velocidade para poder estudar o longo trecho da rodovia que logo surgiria a distância.

Quando ela surgiu, levei um choque. Não apenas havia um novo bloqueio com dezenas de soldados, mas também quatro enormes caminhões e dois jipes cheios de soldados vinham em minha direção, aproximando-se rapidamente.

Manobrei depressa o jipe e disparei na direção oposta, esperando que não me avistassem. Sabia que seria uma questão de sorte evitar que me alcançassem. Raciocinei que deveria ir para o oeste com a maior rapidez possível, depois ir para o sul e o leste. Talvez houvesse estradas vicinais em número suficiente para eu chegar até Lhasa.

Cruzei em disparada a rua principal e peguei uma série de ruas laterais, em direção ao sul. Fiz uma curva e percebi que estava indo na direção errada; sem querer eu tinha voltado para a rua principal. Antes que conseguisse parar, estava a menos de 30 metros de

outro bloqueio chinês. Havia soldados por toda parte. Saí para o acostamento e estacionei, depois afundei-me no assento.

E agora? A prisão? Que coisas iriam fazer comigo? Será que me tomariam por um espião?

Depois de alguns momentos percebi que os chineses pareciam alheios à minha presença, mesmo estando estacionado bem à vista deles. Por mim passavam pessoas em carros, carroças e até mesmo bicicletas, e todas eram paradas pelos soldados, que lhes pediam identificação, verificavam seus documentos e às vezes as revistavam. No entanto, não me davam a menor atenção.

Olhei para a direita e percebi que estava estacionado quase em frente a uma alameda estreita que levava a uma pequena casa de pedra a certa distância. À esquerda da casa havia um pequeno gramado necessitando de ser aparado, e atrás dele, outra rua.

Justo nesse instante um grande caminhão parou bem na minha frente, escondendo-me do bloqueio. Momentos depois, um Toyota azul, dirigido por um homem louro, aproximou-se e parou perto do caminhão. Em seguida ouvi uma conversa em voz alta e gritos em chinês. O veículo parecia estar querendo manobrar para voltar, mas os soldados o cercaram. Embora minha linha de visão estivesse bloqueada, eu ouvia gritos irados em chinês, intercalados por frases desesperadas em inglês com sotaque holandês.

— Não, por favor — disse a voz. — Sinto muito. Sou um turista. Veja, tenho uma licença especial para dirigir aqui.

Outro carro estacionou. Meu coração deu um pulo no meu peito. Era o mesmo oficial chinês que eu tinha visto no restaurante. Afundei ainda mais dentro do carro, tentando esconder-me quando ele passou bem ao meu lado.

— Me dê seus papéis! — ele pediu em inglês perfeito.

Enquanto eu escutava, percebi que alguma coisa se movia à minha direita, e espiei pela janela do carona para ver o que era. A alameda que levava à casa parecia estar banhada num brilho quente e luminoso, exatamente como eu vira quando tinha fugido com Yin nos arredores de Lhasa. Os dakinis!

O jipe estava com o motor ligado, de modo que tudo o que precisei fazer foi sair lentamente para a direita e pegar a alameda.

Mal conseguia respirar quando passei pela casa e atravessei o gramado até a rua seguinte, onde virei à esquerda. Depois de pouco mais de um quilômetro tornei a virar à esquerda, saindo da cidade em direção ao norte pela rua lateral que eu tinha percorrido mais cedo. Dez minutos depois, estava de volta às saliências de pedra, tentando resolver o que fazer. Então ouvi outro corvo grasnar à esquerda, na direção da estrada. Instantaneamente resolvi seguir naquela direção, como já poderia ter feito antes.

A estrada subia um aclave, chegava ao topo e depois seguia numa longa reta ao longo de um planalto rochoso. Dirigi durante várias horas, com a luz da tarde começando a diminuir. Não avistei carros nem pessoas, e pouquíssimas casas. Logo ficou completamente escuro, e eu estava pensando em encontrar um lugar para estacionar e passar a noite quando percebi uma estreita trilha à minha direita. Diminuí a velocidade para examinar melhor. Havia alguma coisa na beira da trilha. Parecia uma peça de roupa.

Parei o jipe e acendi uma lanterna naquela direção. Era um casaco — o meu, que eu tinha deixado no restaurante antes da chegada dos chineses.

Sorrindo, apaguei a lanterna. Provavelmente Yin o deixara ali. Saí do jipe, peguei-o, voltei ao jipe e segui pela trilha com os faróis apagados.

Durante cerca de 1 quilômetro a trilha subia uma encosta até chegar a uma casa e um estábulo. Eu dirigia com cuidado. Do outro lado de uma cerca, várias cabras me observavam. Na varanda da casa havia um homem sentado num banquinho. Parei o jipe e ele se levantou. Eu conhecia aquela silhueta: era Yin.

Saí do jipe e corri para ele. Ele me deu um abraço formal, sorrindo, e exclamou:

— Que bom ver você! Está vendo, eu disse que você estava sendo ajudado.

— Quase me pegaram — respondi. — Como foi que você escapou?

Uma expressão nervosa surgiu no rosto dele.

— As mulheres no restaurante foram muito espertas. Viram os policiais chineses e me esconderam no forno. Ninguém procurou ali.

— Que acha que vai acontecer a elas? — perguntei.

Ele me encarou, mas nada respondeu por um longo momento.

— Não sei — disse afinal. — Muitas pessoas estão pagando um preço alto por nos ajudar. — Desviou o olhar e apontou para o jipe. — Ajude-me a trazer a comida, vamos fazer alguma coisa para comermos.

Enquanto Yin acendia o fogo, explicava que depois que a polícia partiu ele tinha voltado à casa dos amigos e eles lhe sugeriram ficar nessa casa velha enquanto tentavam conseguir outro veículo.

— Sabia que você poderia ficar dominado pelo medo e tentar voltar a Lhasa — acrescentou. — Mas sabia também que, se você resolvesse continuar a viagem, acabaria tentando seguir para o noroeste. Esta é a única estrada, de modo que coloquei o seu casaco ali na esperança de você encontrar, e não os soldados.

— Foi um grande risco — comentei.

Ele assentiu, enquanto colocava os legumes num caldeirão pesado com alguns centímetros de água e pendurava o caldeirão num gancho de metal acima do fogo, para criar vapor. As chamas produzidas pelo esterco de iaque lambiam o fundo da panela.

Ver Yin de novo pareceu ter acabado com grande parte do meu medo; quando nos acomodamos em cadeiras empoeiradas perto do fogo, declarei:

— Tenho que admitir que tentei mesmo fugir. Achei que era a minha única chance de sobreviver.

Então contei-lhe tudo o que acontecera — exceto a experiência da luz em volta da casa. Quando cheguei ao momento em que estava atrás das saliências rochosas e a caminhonete chegou, ele se endireitou na cadeira.

— Tem certeza de que era a mesma que vimos no bloqueio da estrada? — perguntou, em tom grave.

— Era, sim — confirmei.

Ele pareceu ficar totalmente exasperado.

— Você viu as pessoas que tínhamos avistado antes e não falou com elas? — Sua voz tinha uma ponta de irritação. — Não se

lembra de que lhe falei do meu sonho, de encontrarmos alguém que poderia nos ajudar a encontrar o portal?

— Eu não queria arriscar que me denunciassem — protestei.

— Quê?

Ele me encarou, depois inclinou-se e escondeu o rosto com as mãos por um momento.

— Fiquei petrificado — prossegui. — Não consigo acreditar que me meti nesta situação. Eu queria ir embora. Queria sobreviver.

— Escute com atenção — Yin disse. — Suas chances de sair do Tibete de avião são muito poucas, neste momento. Sua única chance de sobreviver é seguir em frente, e para isto terá que usar a sincronicidade.

Olhei para o outro lado, sabendo que ele provavelmente tinha razão.

— Conte-me tudo que aconteceu quando a caminhonete se aproximou — ele pediu. — Cada pensamento, cada detalhe.

Contei-lhe que a caminhonete tinha parado e naquele momento eu tinha ficado com medo. Descrevi as ações da mulher, que parecia querer saltar mas mudou de idéia e eles partiram.

Ele tornou a balançar a cabeça.

— Você destruiu a sincronicidade quando usou erradamente o seu campo-da-prece. Você preparou o seu campo com expectativas de medo, e isso parou tudo.

Baixei os olhos. Yin continuou:

— Pense no que estava acontecendo quando você ouviu a caminhonete se aproximar. Você tinha uma escolha: podia ter considerado aquilo uma ameaça ou uma ajuda em potencial. Certamente tem que pensar nas duas hipóteses. Mas depois que reconheceu a caminhonete, isso devia ter significado alguma coisa para você. O fato de ser a mesma caminhonete que vimos antes na encruzilhada tem um significado, especialmente porque essas mesmas pessoas forneceram a distração que permitiu que nós passássemos sem sermos vistos. Desse ponto de vista eles já tinham ajudado, e agora estavam ali possivelmente para ajudar novamente.

Assenti. Ele tinha razão, estava claro que eu tinha me enganado.

Distraído com seus próprios pensamentos, Yin olhava ao longe. Depois disse:

— Você perdeu completamente a sua energia e a sua expectativa positiva. Lembra-se do que eu lhe disse no restaurante? Preparar um campo para a sincronicidade é uma questão de colocar-se num determinado estado de espírito. É fácil pensar racionalmente na sincronicidade, mas se você não entrar num estado de espírito em que o seu campo-da-prece o ajude, tudo que fará será de vez em quando perceber vagamente as coincidências. Em algumas situações isto é suficiente e durante algum tempo você será guiado, mas depois vai se perder. A única maneira de estabelecer um fluxo de sincronicidade constante é permanecer num estado em que o seu campo-da-prece mantenha esse fluxo em movimento em sua direção: um estado de alerta consciente.

— Ainda não sei direito como entrar nesse estado de espírito.

— A pessoa tem que parar a cada momento e lembrar-se de assumir uma atitude de alerta. Tem que visualizar que a sua energia está fluindo para fora e trazendo os pressentimentos corretos, os acontecimentos adequados. Você tem que ter a expectativa de que eles ocorrerão a qualquer momento. Preparamos o nosso campo para nos trazer a sincronicidade através de uma vigilância constante, uma expectativa permanente do próximo encontro. Cada vez que você se esquece de se manter nesse estado de expectativa, tem que parar e se lembrar. Quanto mais tempo você permanecer nesse estado de espírito, mais a sincronicidade se intensificará. E se você mantiver elevada a sua energia, essa postura de alerta consciente acabará tornando-se a sua atitude prevalecente na vida. As lendas dizem que um dia as extensões da prece serão naturais em nós; que vamos prepará-las a cada manhã, tão rotineiramente quanto o ato de nos vestirmos. É este o ponto que você precisa alcançar, o estado de espírito em que mantém constantemente essa expectativa.

Yin ficou algum tempo em silêncio; depois olhou para mim e continuou:

— Quando você ouviu o veículo vindo em sua direção, imediatamente ficou com medo. Pelo que entendi, eles estavam intuindo que deviam parar ali, embora provavelmente não tivessem a menor idéia do motivo. Mas como você ficou com medo, pensando que eles poderiam ser inimigos, seu campo literalmente se apagou e isso se refletiu neles, entrando nos campos deles e provavelmente fazendo-os sentir que alguma coisa estava errada, que estavam fazendo algo errado, então foram embora.

O que ele me dizia era fantástico, mas eu sentia que era verdadeiro.

— Fale mais sobre o modo como o nosso campo afeta as pessoas — pedi.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você está colocando o carro na frente dos bois. O efeito do nosso campo nas outras pessoas é a Terceira Extensão. Por enquanto concentre-se somente em preparar um campo para a sincronicidade, e não dar guarida a pensamentos de medo. Você tem a tendência de esperar o pior. Lembre-se de quando estávamos a caminho do monastério do Lama Rigden e deixei você sozinho, você viu um grupo de refugiados que teriam guiado você diretamente para lá, se tivesse conversado com eles. Mas em vez disso imaginou que iam denunciá-lo, e perdeu a sincronicidade. Esse pensamento negativo é um padrão seu.

Limitei-me a olhar para ele, sentindo-me cansado. Ele sorriu e não tornou a mencionar meus erros. Conversamos casualmente sobre o Tibete, e em dado momento saímos para ver as estrelas. O céu estava limpo e a temperatura beirava zero grau. Acima de nós estavam as estrelas mais brilhantes que eu já vira na vida, e comentei isso com Yin.

— É claro que parecem grandes — ele respondeu. — Você está no teto do mundo!

Na manhã seguinte acordei tarde e fiz com Yin uma série de movimentos do tai chi. Ficamos esperando os amigos de Yin enquanto foi possível, mas eles não apareceram. Finalmente

percebemos que teríamos de arriscar a viagem com apenas um veículo; carregamos o jipe e partimos exatamente ao meio-dia.

— Deve ter acontecido alguma coisa — Yin comentou, olhando para mim.

Ele estava tentando ser forte, mas eu percebia que estava preocupado. Estávamos novamente na estrada principal, envoltos numa neblina espessa que encobria quase toda a paisagem e obscurecia a visão das montanhas.

— Assim vai ser difícil os chineses nos verem — ele finalizou.

— Isto é ótimo.

Eu estava imaginando como foi que os chineses souberam que estávamos naquele restaurante em Zhongba, e perguntei a Yin o que ele achava.

— Tenho certeza de que a culpa foi minha — ele respondeu. — Eu lhe falei de toda a raiva e todo o medo que sentia deles. Tenho certeza de que o meu campo-da-prece estava me trazendo aquilo que eu tinha pedido.

Olhei atentamente para ele. Aquilo era demais.

— Está me dizendo que, como você estava com medo, a sua energia saiu e sei lá como trouxe os chineses até nós?

— Não, não foi só o medo. Todos nós sentimos medo de maneira geral. Não foi o que eu quis dizer. Estou falando em deixar a minha mente imaginar coisas ruins que poderiam acontecer, coisas que os chineses poderiam fazer. Há muito tempo vejo como eles agem no Tibete. Conheço os métodos deles. Sei como eles oprimem os indivíduos pela intimidação. Sempre me permiti imaginar os chineses vindo atrás de nós, como uma imagem, e não fiz coisa alguma para combater essa imagem.

Diante da minha expressão interrogativa, ele esclareceu:

— Eu devia ter me dominado e criado na mente a idéia de que eles não seriam mais tão hostis a nós, e depois ter mantido essa expectativa. Não foi o meu medo geral que os trouxe; deixei de ficar consciente e mantive uma determinada imagem, uma expectativa de que eles nos pegariam. Foi esse o problema. Quando a gente mantém durante muito tempo uma imagem negativa, ela pode acabar se realizando.

Eu ainda estava confuso com toda aquela idéia. Seria assim mesmo? Durante muito tempo eu tinha observado que as pessoas que temem um determinado acontecimento — um roubo em casa, por exemplo, ou uma doença, ou perder o namorado — muitas vezes sofriam exatamente esse acontecimento. Seria esse o efeito que Yin tinha descrito?

Lembrei-me da imagem apavorante que eu tivera em Zhongba, quando Yin tinha saído para encontrar alguém para ir conosco. Eu tinha me imaginado sozinho no jipe, dirigindo a esmo, e foi exatamente o que acabou acontecendo. Um arrepio me percorreu; eu vinha cometendo o mesmo erro que Yin.

— Está querendo dizer que tudo que nos acontece de negativo é resultado dos nossos próprios pensamentos? — eu quis saber.

Ele franziu a testa ao responder:

— Claro que não. Muitas coisas acontecem simplesmente no curso natural de viver entre outros seres humanos. As expectativas e ações dos outros também têm seu papel. Mas temos de fato alguma influência criadora, queiramos ou não acreditar nisso. Temos que despertar e entender que, em termos de nossa energia-da-prece, uma expectativa é uma expectativa, quer seja baseada no medo ou na fé. No caso, eu não estava me vigiando com suficiente atenção. Já lhe contei que o meu ódio aos chineses é um problema.

Ele se virou, e nossos olhares se encontraram.

— E me lembro de ter-lhe dito também que nesses níveis mais elevados de energia o efeito do nosso campo-da-prece é muito rápido. No mundo normal, os indivíduos ainda têm uma mistura de imagens de medo e imagens de sucesso, então uma cancela a outra e o efeito é pequeno. Mas aqui podemos afetar muito depressa o que acontece, mesmo através de uma imagem de medo que acabará minando a força do nosso campo. A chave é não permitir que a mente deixe de focar o caminho positivo da sua vida e enfoque alguma expectativa assustadora. É por isso que a Segunda Extensão é tão importante. Se nos mantivermos num estado de alerta consciente à espera da próxima sincronicidade, a nossa mente fica ligada ao positivo e desligada de nossos medos e dúvidas. Entende o que eu estou querendo dizer?

Assenti, mas não disse coisa alguma. Yin tornou a concentrar-se na estrada.

— Temos que usar esse poder agora. Fique o mais atento possível. Nessa neblina seria muito fácil passar pela caminhonete sem percebermos. Tem certeza de que estavam vindo nesta direção?

— Tenho — afirmei.

— Então, se pararam para passar a noite como nós fizemos, não podem estar muito na nossa frente.

Viajamos durante toda a manhã, sempre em direção ao noroeste. Por mais que eu tentasse, não conseguia permanecer no estado de alerta consciente que Yin tinha descrito. Alguma coisa não estava correta. Yin percebeu, e a todo momento olhava de relance para mim. Finalmente virou-se e perguntou:

— Tem certeza de que está mantendo a expectativa de todo um processo de sincronicidade?

— É, acho que sim.

Ele franziu levemente a testa e continuou a me olhar.

Eu sabia aonde ele estava querendo chegar. Tanto no Peru quanto depois, nos Apalaches, com a Décima Visão, eu experimentara um processo de sincronicidade. Cada um de nós em determinado momento tem uma pergunta principal, algo que queremos saber em determinada situação da nossa vida. No nosso caso, a pergunta era como poderíamos encontrar a caminhonete, depois Wil e o portal.

Idealmente, uma vez que reconhecemos a pergunta central, temos um pensamento orientador, ou uma intuição de como responder a ela; encontramos-nos com uma imagem mental que sugeriria ir a algum lugar, agir de certa maneira, dizer algo a um desconhecido. Também idealmente, se seguirmos essa intuição, ocorrerão coincidências que nos darão informações a respeito da nossa pergunta. Essa sincronicidade nos leva adiante no caminho da nossa vida... até uma nova pergunta.

— Que é que as lendas dizem sobre isso? — perguntei.

— Dizem que os seres humanos vão acabar aprendendo que o poder da sua prece pode influenciar grandemente o fluxo da sua

vida. Usando a força das nossas expectativas, podemos provocar com mais freqüência o processo da sincronicidade. Mas temos que ficar atentos ao processo inteiro, começando com a próxima intuição. Está conscientemente mantendo a expectativa de uma intuição?

— Ainda não consegui nada — falei.

— Mas está na expectativa disso? — ele insistiu.

— Não sei. Na realidade, não estava pensando em intuições.

Ele assentiu.

— Você tem que se lembrar de que isto faz parte de preparar o seu campo-da-prece para a sincronicidade. Você tem que ficar alerta e na expectativa de que todo o processo aconteça: a pergunta, receber a intuição e segui-la, procurar as coincidências. Lembre-se de esperar tudo, estar atento a tudo, e se fizer isso a sua energia irá na sua frente e ajudará a trazer o fluxo.

Yin calou-se e me deu um sorriso para me encorajar.

Inspirei fundo algumas vezes, sentindo minha energia começando a voltar. O estado de espírito de Yin era contagiante. Minha atenção aguçou-se.

Sorri de volta. Pela primeira vez eu tinha consciência de quem ele era. Às vezes ele era tão medroso quanto eu, e muitas vezes era ríspido demais, mas seu coração estava nessa viagem e ele queria, mais do que qualquer coisa, que ela fosse bem-sucedida. Pensando nisso, entrei num devaneio de Yin e eu caminhando à noite por dunas de areia e pedras, em algum lugar perto de um rio. Havia um brilho a distância, a fogueira de um acampamento, que queríamos alcançar. Yin mostrava o caminho e eu me contentava em acompanhá-lo.

Tornei a olhar para ele; ele estava a encarar-me atentamente. Percebi o que tinha acontecido.

— Acho que senti alguma coisa — declarei. — Tive o pensamento de nós dois caminhando para um acampamento. Acha que significa alguma coisa?

— Só você pode saber — ele respondeu.

— Mas não sei. Como é que posso saber?

— Se o seu pensamento foi uma intuição orientadora, teria que ter alguma coisa a ver com a caminhonete que estamos procurando. Quem estava no acampamento? Qual era a sensação?

— Não sei quem eram. Mas nós queríamos muito chegar até lá. Existe algum lugar aqui perto que tenha areia?

Yin levou o jipe para o acostamento e parou. A neblina começava a se dissipar.

— Esta região tem uns 150 quilômetros de areia e pedras — informou.

— E um rio? Existe algum por aqui? — perguntei, encolhendo os ombros.

Os olhos de Yin brilharam.

— Existe, sim, logo depois da próxima cidade, Paryang, a uns 300 quilômetros. — Fez uma pausa, sorrindo largamente. — Temos que ficar muito atentos — disse. — É a nossa única pista.

Viajamos sem incidentes e chegamos a Paryang ao anoitecer. Atravessamos a cidade e seguimos durante outros 25 quilômetros; então Yin virou à esquerda num caminho de terra. Estava quase completamente escuro, mas podíamos ver o rio menos de um quilômetro à frente.

— Existe um bloqueio na estrada, temos que rodeá-lo — ele explicou.

Quando nos aproximamos do rio, o caminho ficou mais estreito e extremamente acidentado.

— Que é aquilo? — Yin perguntou, parando o jipe e dando marcha a ré.

Numa clareira à nossa direita, quase escondido, havia um veículo. Baixei o vidro da janela para poder enxergar melhor.

— Não é a caminhonete, é um Toyota azul.

Esforcei-me para enxergar.

— Espere um minuto, este foi o veículo que eu vi no bloqueio quando nos separamos.

Yin apagou os faróis e a escuridão pareceu nos engolir.

— Vamos avançar mais um pouco — disse ele, guiando o jipe por algumas centenas de metros.

— Veja! — aponte.

À nossa esquerda estava a caminhonete, estacionada entre grandes rochas. Não havia ninguém à vista. Fiz menção de sair do jipe, mas Yin o levou mais adiante e estacionou fora de vista, a certa distância para o leste.

— É melhor esconder o nosso jipe — comentou, trancando-o depois que saímos.

Voltamos para a caminhonete e olhamos em volta.

— As pegadas seguem naquela direção — disse Yin, indicando o sul. — Vamos.

Caminhei atrás dele enquanto atravessávamos o terreno de areias e rochas. A lua crescente iluminava nosso caminho. Depois de uns dez minutos ele olhou para mim, farejando o ar. Senti também: fumaça de lenha.

Caminhamos mais uns 50 metros na escuridão até avistarmos uma fogueira. Um homem e uma mulher estavam abraçados perto dela. Era o casal holandês que eu vira na caminhonete. O rio ficava logo atrás deles.

— Que é que vamos fazer? — cochichei.

— Teremos que nos anunciar. É melhor você fazer isso, para que não fiquem com medo.

— Mas não sabemos quem eles são — objetei.

— Vá e diga a eles que estamos aqui.

Observei-os com mais atenção. Usavam calças de brim grosso e pesadas camisas de algodão. Pareciam simples turistas viajando pelo Tibete.

— Olá — falei em voz alta. — Que bom que encontramos vocês.

Yin olhou-me de soslaio. As duas pessoas ficaram em pé num salto quando emergi da escuridão. Sorrindo amplamente, acrescentei:

— Precisamos de ajuda.

Yin veio atrás de mim, fazendo uma leve mesura, e disse:

— Sentimos muito perturbá-los, mas estamos procurando nosso amigo Wilson James e tínhamos a esperança de que vocês pudessem nos auxiliar.

Ambos estavam em choque, sem acreditar que tínhamos aparecido daquela maneira em seu acampamento. Mas aos poucos a mulher pareceu entender que não éramos uma ameaça e nos ofereceu um lugar perto da fogueira.

— Não conhecemos Wilson James, mas estamos aqui esta noite para um encontro com um homem que o conhece — disse a mulher. — Já o ouvi mencionar este nome.

O homem assentiu, parecendo muito nervoso.

— Espero que Jacob consiga nos encontrar. Ele está muitas horas atrasado.

Eu estava prestes a lhes contar que tínhamos visto o Toyota azul parado não muito longe, quando a expressão do rosto do homem mudou, e ele pareceu petrificado, os olhos grudados em algo atrás de mim. Virei-me depressa. Na direção dos veículos, o terreno estava apinhado de outros veículos, faróis e dezenas de vozes falando chinês, vindo em nossa direção.

O homem ficou de pé num salto e apagou o fogo. Pegou vários pacotes e correu para longe com a mulher.

— Venha — disse Yin, tentando alcançá-los.

Minutos depois eles tinham desaparecido na escuridão. Yin finalmente desistiu. Atrás de nós as luzes se aproximavam, e nos escondemos perto do rio.

— Acho que consigo chegar até o nosso jipe — Yin afirmou. — Se tivermos sorte, eles ainda não o encontraram. Você segue para o norte, rio acima, um quilômetro e meio, e tente distanciar-se deles o mais que puder. Vai encontrar outra trilha que vai da estrada até a beira do rio. Fique atento ao barulho do jipe, vou pegá-lo lá.

— Por que não posso ir com você? — perguntei.

— Porque é perigoso demais. Um homem sozinho talvez consiga passar, mas dois seriam vistos.

Concordei com relutância, e comecei a caminhar por entre as rochas e os montes de cascalho à luz da lua, usando minha lanterna apenas quando era absolutamente necessário. Sabia que o plano de Yin era loucura, mas parecia ser a nossa única chance. Perguntei-me o que teríamos ficado sabendo se tivéssemos conversado por mais tempo com o casal de holandeses, ou se

tivéssemos encontrado o outro homem. Depois de uns dez minutos parei para descansar; estava cansado e com frio.

Ouvi um ruído na vegetação à minha frente. Esforcei-me para escutar; alguém estava andando ali. Pensei: deve ser o casal. Segui adiante devagar, até conseguir alcançar o som. A uns 5 metros de mim havia a silhueta de uma só pessoa: um homem. Sabia que tinha que dizer alguma coisa, ou corria o risco de perdê-lo.

— Você é holandês? — gaguejei, achando que aquele poderia ser o homem que o casal estava esperando.

Ele estacou, mas nada disse, de modo que repeti a pergunta. Parecia loucura, mas achei que talvez conseguisse alguma reação.

— Quem é você? — foi a resposta.

— Um americano. Estive com os seus amigos.

Ele se virou e ficou me observando enquanto eu seguia por entre as pedras para chegar até ele. Era um jovem de talvez 25 anos, e parecia apavorado.

— Onde foi que viu os meus amigos? — perguntou com voz trêmula.

Enquanto ele olhava para mim, percebi seu temor. Uma onda de medo me percorreu também, e esforcei-me para manter elevada a minha energia.

— Rio abaixo — respondi. — Eles nos disseram que estavam esperando você.

— Os chineses foram lá? — ele perguntou.

— Foram, sim, mas acho que os seus amigos conseguiram escapar.

Ele pareceu ainda mais em pânico, e me apressei a continuar:

— Eles nos disseram que você conhece um homem que estou procurando, Wilson James.

— Tenho que sair daqui! — ele exclamou, recuando e virando-se para fugir.

— Eu já tinha visto você, detido num bloqueio em Zhongba.

— É. Você estava lá?

— Estava escondido por um caminhão. Você foi interrogado por um oficial chinês.

— Isto mesmo — ele respondeu, olhando nervosamente em todas as direções.

— E quanto ao Wil? Wilson James. Conhece? Ele lhe disse alguma coisa sobre um portal?

O rapaz não disse coisa alguma. Tinha os olhos vidrados de medo. Simplesmente virou-se e correu de volta por entre as rochas, rio acima. Persegui-o por algum tempo, mas ele logo desapareceu na escuridão. Finalmente parei e olhei na direção em que o nosso jipe e a caminhonete estavam estacionados. Ainda conseguia distinguir as luzes e ouvir vozes abafadas.

Voltei-me e tornei a seguir para o norte, percebendo muito bem que tinha estragado a minha chance. Não tinha conseguido qualquer informação dele. Tentei diminuir a importância daquele fracasso: mais importante era encontrar Yin e tentar escapar. Finalmente encontrei a velha estrada, e minutos depois ouvi o ruído distante de um jipe.

## O Contágio da Consciência

Estendi-me o melhor que pude no veículo apertado. Estava completamente exausto e me perguntava como Yin ainda tinha forças para dirigir. Sabia que tivéramos sorte. Como Yin tinha suposto, os militares chineses foram desorganizados e descuidados em sua busca. Tinham colocado um único guarda junto à caminhonete do casal de holandeses enquanto os outros procuravam desanimadamente em outra direção, deixando de ver o nosso jipe. Yin tinha conseguido ligá-lo sem fazer muito barulho e rodeá-los sem ser percebido para me pegar na beira do rio.

Ele agora dirigia com os faróis apagados, de olhos fixos atentamente no pára-brisa para enxergar a estrada escura. Depois de um momento olhou de relance para mim.

— O rapaz holandês que você viu não lhe contou nada?

— É. Estava assustado demais. Simplesmente saiu correndo.

— Foi culpa minha — Yin declarou, sacudindo a cabeça. — Se ao menos eu tivesse lhe falado sobre a próxima extensão da prece, a Terceira... Você estaria mais capacitado para conseguir informações.

Eu ia perguntar o que queria dizer com aquilo, mas ele me calou com um gesto.

— Simplesmente lembre-se de onde está — instruiu. — Você teve a experiência da Primeira Extensão: ligar-se à energia e deixar que ela flua através de você, visualizando que ela forme um campo de energia fluindo à sua frente aonde quer que você vá. A Segunda Extensão, como eu já lhe disse algumas vezes, é preparar o seu campo de energia para melhorar o fluxo da sua vida. Você consegue isso permanecendo alerta e na expectativa. A Terceira Extensão é preparar o seu campo-da-prece para sair e aumentar a energia e o campo vibratório de outras pessoas. Quando o seu campo-da-prece

atinge as outras pessoas dessa maneira, elas sentem uma onda de energia espiritual, clareza e intuição, e mais provavelmente lhe darão a informação certa.

Mais uma vez eu sabia exatamente o que ele estava querendo dizer; sob a tutela de Wil e Sanchez no Peru eu tinha aprendido a mandar energia para outras pessoas como uma nova postura ética diante do próximo. Agora Yin parecia estar esclarecendo o modo de fazer isso com mais eficácia.

— Sei o que está querendo dizer — revelei. — Aprendi que existe uma expressão do eu-superior que pode ser encontrada no rosto de todas as pessoas. Se nos dirigirmos a essa expressão, a nossa energia ajudará a elevar a pessoa a um nível mais alto de autoconsciência.

— Sim, mas podemos intensificar esse efeito se soubermos estender o nosso campo-da-prece como as lendas explicam. Temos que ter a expectativa de que o nosso campo-da-prece saia na nossa frente e aumente a vibração da outra pessoa a distância, mesmo estando longe dela a ponto de não ver o seu rosto.

Olhei para ele interrogativamente, e ele prosseguiu:

— Veja da seguinte maneira: se você está verdadeiramente praticando a Primeira Extensão, a energia está fluindo de você e você está enxergando o mundo mais como ele realmente é: colorido, brilhante, belo, como uma floresta mágica ou um deserto cheio de cores. Agora, para praticar a Terceira Extensão, você tem que visualizar conscientemente a sua energia transbordando para dentro do campo de cada pessoa à sua volta e elevando a vibração delas para que elas também possam começar a ver o mundo como ele realmente é. Depois que isso acontece, elas podem relaxar e sentir a sincronicidade. Se prepararmos nosso campo dessa maneira, ficará mais fácil observar a expressão do eu-superior no rosto de alguém.

Ele se calou e olhou para mim como se tivesse acabado de pensar em mais alguma coisa.

— Lembre-se também que existem armadilhas que devem ser evitadas quando você eleva outra pessoa. Cada rosto é um padrão de características, como um... hã... uma mancha de tinta, e você

pode ver muitas coisas nela. Pode ver a raiva do seu pai violento, o egoísmo de uma mãe descuidada ou o rosto de alguém que o ameaçou. Isto é uma projeção do seu passado, uma percepção criada por uma situação traumática que influenciou aquilo que você espera que os outros façam. Quando você vê alguém que se parece, mesmo de leve, com alguém que lhe fez mal, a tendência é esperar que essa pessoa aja do mesmo modo. É muito importante entender este problema e vigiar constantemente. Todos nós temos que ultrapassar as expectativas ditadas pelas nossas experiências passadas. Está entendendo?

Assenti, ansioso para que ele continuasse.

— Agora lembre-se do que aconteceu com você no hotel em Katmandu. Temos que examinar aquele episódio com mais atenção. Você não disse que o homem no bar da piscina mudou o estado de espírito de todo mundo, quando se sentou?

Tornei a assentir, recordando. Tinha sido isso mesmo: parecia que o homem tinha trazido um novo estado de espírito para o local, mesmo antes de dizer uma só palavra.

— Aquilo aconteceu porque a energia dele já estava preparada para penetrar nos campos de energia das outras pessoas e lhes dar um impulso positivo. Diga-me qual foi exatamente a sua sensação.

Afastei o olhar por um momento, tentando reviver o que tinha acontecido. Finalmente falei:

— Parecia que todo mundo ali passava de um estado de irritação e descontentamento para um estado de espírito mais aberto e extrovertido. É difícil explicar.

— A energia dele abriu vocês para explorarem uma coisa nova, em vez de ficar preso no medo, no desespero ou no que quer que vocês estavam sentindo.

Yin parou de falar por um instante, para olhar para mim.

— É claro que podia ter acontecido o contrário — continuou. — Se a energia daquele homem não estivesse suficientemente forte quando ele entrou no bar da piscina, ele poderia ter sido dominado pelo estado de baixa energia do resto de vocês, baixando então seu próprio nível. Foi o que aconteceu a você quando encontrou o rapaz holandês: ele estava apavorado, e o medo dele contagiou você.

Você deixou o estado de espírito dele prevalecer. Entenda: os campos de energia de nós todos misturam-se, e os mais fortes prevalecem. Esta é a dinâmica inconsciente que caracteriza o mundo humano. O estado da nossa energia, as nossas expectativas prevalecentes, não importa quais sejam, saem e influenciam o estado de espírito e a atitude de todos. O nível de consciência entre os seres humanos e todas as expectativas que ele traz são contagiantes.

“Isto explica os grandes mistérios do comportamento das multidões. A razão por que pessoas decentes, influenciadas por uns poucos que sentem muito medo ou raiva, acabam envolvidas em linchamentos, episódios de violência e outros atos condenáveis. E explica também por que a hipnose funciona, e por que o cinema e a televisão têm tanta influência sobre as pessoas de cabeça fraca. O campo-da-prece de cada pessoa na Terra mistura-se com todos os outros, criando todas as normas, os grupos, os conceitos nacionais e as hostilidades raciais que vemos por aí.”

Yin sorriu enquanto falava:

— A cultura é contagiosa. Basta viajar para outro país para ver como as pessoas não apenas pensam de diferentes maneiras, como também sentem de diferentes maneiras, no que se refere ao estado de espírito e à maneira de encarar a vida. É uma realidade que precisamos entender e dominar. Temos que nos lembrar de usar conscientemente a Terceira Extensão. Quando estivermos nos relacionando com as pessoas e percebermos que o estado de espírito delas está nos contagiando, que estamos sendo dominados pelas expectativas delas, temos que voltar, tornar a nos abastecer e transbordar, muito conscientemente, até que o estado de espírito se eleve. Se você tivesse feito isso com o rapaz holandês, poderia ter tido notícias de Wil.

Eu estava impressionado; Yin parecia conhecer todo o assunto.

— Yin, você é um sabichão — comentei.

O sorriso dele desapareceu.

— Existe uma diferença entre saber como tudo isso funciona e ser capaz de aplicá-lo — ele respondeu.

Devo ter dormido durante horas, porque quando acordei o sol tinha aparecido e o jipe estava estacionado numa área plana acima da estrada. Espreguicei-me, depois desabei de novo no assento. Por alguns minutos fiquei a contemplar as várias aglomerações de rochedos na estrada de cascalho abaixo de nós. Vinha passando um nômade levando um cavalo e uma pequena carroça coberta, mas fora isso a estrada estava deserta. O céu estava cristalino, e em algum lugar atrás de nós um pássaro cantava. Inspirei fundo; parte da tensão do dia anterior tinha se dissipado.

Yin começou a mover-se devagar, depois se endireitou e me olhou de relance com um sorriso. Saiu do jipe e espreguiçou-se, depois pegou um fogareiro na traseira do veículo e colocou água para esquentar, para fazer mingau de aveia e chá. Fui até ele e mais uma vez tentei acompanhá-lo numa seqüência de difíceis exercícios de tai chi.

Então ouvimos atrás de nós o ruído de um veículo vindo em disparada pela estrada. Esperamos atrás de uma rocha e o Toyota passou depressa; nós dois o reconhecemos ao mesmo tempo.

— É o rapaz holandês — Yin exclamou, correndo para o jipe.

Peguei o fogareiro e joguei-o dentro do jipe, saltando também para dentro quando Yin já estava manobrando.

— Teremos sorte se conseguirmos alcançar o carro dele naquela velocidade — Yin comentou.

A estrada subia uma encosta pequena e descia para um vale estreito. Finalmente avistamos de relance o Toyota na estrada, várias centenas de metros à nossa frente.

— Temos que chegar até ele com a nossa energia-da-prece — disse Yin.

Inspirei profundamente, visualizando a minha energia fluindo para fora de mim, ao longo da estrada e para dentro do Toyota, e agindo no rapaz. Imaginei-o diminuindo a velocidade e parando.

Enquanto mandava essa imagem, o Toyota na verdade aumentou a velocidade, afastando-se de nós. Fiquei confuso.

— Que é que está fazendo? — Yin berrou, olhando-me de soslaio.

— Estou usando o meu campo para fazer com que ele pare.

— Não use a sua energia dessa maneira, vai ter o efeito oposto — ele avisou.

Olhei para ele, sem saber o que dizer. Yin explicou:

— Que é que você faz quando alguém tenta manipular a sua vontade?

— Eu resisto — afirmei.

— É isso aí. Inconscientemente o holandês sente que você está tentando lhe dizer o que fazer. Ele se sente manipulado e isto lhe dá a sensação de que quem quer que esteja atrás dele não tem boa intenção, o que provoca mais medo e aumenta a sua determinação de fugir. A única coisa que podemos fazer é visualizar a nossa energia fluindo e aumentando o nível geral da vibração dele. Isso permite que ele domine o medo e entre em contato com as intuições do seu eu-superior, o que, esperamos, irá levá-lo a ter menos medo de nós e talvez arriscar uma conversa. É só o que podemos fazer com a nossa energia-da-prece. Qualquer outra coisa seria presumir que sabemos o que é melhor para a vida dele, mas só ele sabe disso. Pode acontecer que a intuição mais elevada, depois que lhe mandarmos bastante energia, seja fugir de nós e sair do país; temos que estar abertos para isso. Tudo o que podemos fazer é ajudá-lo a tomar a decisão dentro do nível de energia mais elevado possível.

Fizemos uma curva na estrada e o Toyota não estava à vista. Yin diminuiu a velocidade. À nossa direita havia uma estrada mais estreita, que parecia ressaltar na paisagem.

— Por ali! — exclamei, apontando.

Uns 100 metros à frente, no sopé de uma pequena colina, havia um riacho largo, porém raso. No meio dele estava o carro do holandês, com o motor acelerado, as rodas girando em falso e espalhando lama, sem sair do lugar. Ele estava atolado.

O rapaz olhou para nós por cima do ombro e abriu a porta, preparando-se para correr. Mas quando me reconheceu desligou o carro e saltou para o riacho, com a água até os joelhos.

Quando paramos o jipe ao lado dele, Yin olhou para mim com atenção, e pela sua expressão eu percebi que ele me lembrava de usar minha energia. Fiz um gesto de assentimento.

— Podemos ajudá-lo — eu disse ao rapaz.

Por um momento ele nos observou com suspeita, mas gradualmente acalmou-se; Yin e eu saímos do jipe e nos pusemos a empurrar o Toyota enquanto ele acelerava o motor. As rodas giraram em falso por um momento, jogando lama na perna da minha calça, depois o veículo saltou para a frente e atravessou para a outra margem do riacho. Entramos no jipe e o seguimos. O rapaz nos observou por um momento, como se ponderasse entre ficar ou fugir, mas saltou e caminhou até nós. Quando se aproximou, nós nos apresentamos, e ele disse que seu nome era Jacob.

Enquanto conversávamos, comecei a procurar no rosto dele a expressão mais sábia que pudesse encontrar.

Ainda apavorado, Jacob sacudia a cabeça, e passou vários minutos certificando-se de quem nós éramos e nos interrogando sobre seus amigos perdidos.

— Não sei por que vim para o Tibete — disse finalmente. — Sempre achei que seria perigoso demais. Mas meus amigos queriam que eu viesse com eles. Não tenho idéia do motivo de ter aceitado. Meu Deus, havia soldados chineses por toda parte. Como eles sabiam que estaríamos lá?

— Você pediu informações a alguém que não conhecia? — Yin perguntou.

— Pedi, sim. Acha que contaram aos soldados? — ele quis saber, olhando-nos intensamente.

Yin assentiu, e Jacob pareceu ficar ainda mais assustado, olhando nervosamente em todas as direções. Perguntei:

— Jacob, preciso saber, você esteve com Wilson James?

Jacob ainda parecia incapaz de se concentrar.

— Como é que vamos saber se os chineses não estão vindo atrás de nós?

Tentei interceptar o seu olhar, e finalmente consegui que ele olhasse para mim.

— Isto é importante, Jacob. Lembra-se de ter visto Wil? Ele parece um peruano, mas fala com sotaque americano.

Jacob ainda aparentava confusão.

— Importante por quê? Temos que achar um jeito de sair daqui.

Enquanto escutávamos, Jacob fez várias sugestões sobre um lugar para acamparmos até os chineses deixarem a área, ou, melhor ainda, como poderíamos encetar uma fuga louca através do Himalaia até a Índia.

Continuei a visualizar a minha energia entrando nele e me concentrei no rosto, procurando em suas feições — especialmente nos olhos — uma expressão de calma e sabedoria. Finalmente ele começou a olhar para mim.

— Por que quer encontrar esse homem? — quis saber.

— Acreditamos que ele precisa da nossa ajuda. É a pessoa que me pediu para vir ao Tibete.

Ele me encarou por um momento, aparentemente tentando se concentrar.

— É, conheci mesmo o seu amigo — disse finalmente. — Ele estava na portaria de um hotel em Lhasa. Estávamos sentados de frente um para o outro e começamos a conversar sobre a ocupação chinesa. Há muito tempo eu sou indignado com os chineses, e acho que o motivo de vir para cá foi querer fazer alguma coisa, qualquer coisa. Wil me disse que tinha me visto três vezes naquele dia em várias partes do hotel, e que isso queria dizer alguma coisa. Não entendi o que ele quis dizer com isso.

— Ele mencionou um lugar chamado Shambhala?

— Não exatamente — disse ele, aparentando interesse. — Ele mencionou de passagem alguma coisa sobre o Tibete não se libertar até Shambhala ser compreendida. Alguma coisa assim.

— Ele mencionou um portal?

— Acho que não. Não me lembro de muita coisa da conversa. Na verdade, foi uma conversa bem curta.

— E para onde ele ia? — Yin perguntou. — Ele lhe contou?

Jacob pensou um pouco, olhando para longe, depois disse:

— Acho que ele mencionou um lugar chamado... Dormar, eu acho... e alguma coisa sobre as ruínas de um antigo monastério.

Olhei para Yin.

— Conheço esse lugar — ele declarou. — Fica no extremo noroeste, a quatro ou cinco dias de viagem. Vai ser duro... e frio.

A idéia de ter que me enfurnar na vastidão desolada do Tibete acabou com a minha energia.

— Quer vir com a gente? — Yin perguntou a Jacob.

— Ah, não, eu tenho que sair daqui.

— Tem certeza? — Yin insistiu. — Os chineses parecem muito ativos por enquanto.

— Não posso — Jacob declarou, desviando os olhos. — Sou o único que sobrou para procurar o meu governo e resgatar os meus amigos, se encontrar um jeito de pedir ajuda.

Yin rabiscou alguma coisa num pedaço de papel e entregou-o a Jacob.

— Encontre um telefone e ligue para este número — instruiu. — Fale no meu nome e lhes dê um número para ligarem. Depois que checarem, vão ligar para você e lhe dizer o que fazer.

Em seguida Yin ensinou a Jacob o melhor trajeto de volta a Saga, e fomos caminhando com ele até o Toyota. Depois que entrou, ele disse:

— Boa sorte... Espero que encontre o seu amigo.

Assenti, e ele acrescentou:

— Se encontrar, então talvez seja por isso que eu vim ao Tibete, não é? Para poder ajudar.

Virou-se e ligou o motor, olhou para nós ainda uma vez e depois partiu. Yin e eu voltamos apressados para o nosso carro, e quando alcançamos a estrada principal percebi que ele estava sorrindo.

— Acha que agora compreende a Terceira Extensão? — perguntou. — Pense em tudo o que ela significa.

Observei-o por um momento, pensando na pergunta. Parecia que a chave para essa extensão era a idéia de que o nosso campo pode fortalecer outras pessoas, elevá-las para uma consciência mais alta, onde elas possam ter acesso às suas próprias intuições orientadoras. O que expandia essa idéia para mim, ultrapassando qualquer coisa que eu aprendi no Peru, foi o conceito de que o nosso campo-da-prece flui para fora na nossa frente, e que podemos prepará-lo para elevar todos ao nosso redor, mesmo sem conversar diretamente com as pessoas ou até mesmo ver seu rosto.

Podemos fazer isso visualizando perfeitamente que isso está acontecendo — isto é, tendo essa expectativa.

Naturalmente é preciso não ser nem um pouco controlador com essa energia, caso contrário o tiro sai pela culatra, como constatei quando tentei fazer Jacob parar o veículo. Mencionei essas coisas a Yin.

— O que você está compreendendo é o aspecto contagiante da mente humana — ele me explicou. — Em certo sentido, todos nós compartilhamos nossa mente. Certamente temos o controle de nós mesmos e podemos nos desvencilhar, cortar a ligação, pensar independentemente. Mas, como já disse, a visão do mundo prevalecente entre os seres humanos é sempre um gigantesco campo de fé e expectativa. A condição para o progresso humano é haver pessoas em número suficiente que possam enviar para esse campo humano uma expectativa mais elevada de amor. Esse esforço nos permite construir um nível de energia cada vez mais alto, e inspirar uns aos outros na direção do nosso maior potencial.

Yin pareceu relaxar por um momento e sorriu para mim.

— A civilização de Shambhala gira em torno de preparar esse campo — afirmou.

Não pude deixar de retribuir o sorriso. Aquela viagem estava começando a fazer sentido, de um modo que eu ainda não conseguia definir.

Os dois dias seguintes passaram sem incidentes, nem qualquer sinal dos militares chineses. Ainda na rota meridional em direção ao noroeste, atravessamos outro rio perto do topo do Mayun-La, um alto desfiladeiro nas montanhas. A paisagem era espetacular, com os picos gelados das montanhas a cada lado da estrada. Passamos a primeira noite em Hor Qu, numa hospedaria (sem nenhum indício de ser tal coisa) da qual Yin tinha ouvido falar, e na manhã seguinte partimos na direção do lago Manasarovar.

Quando nos aproximamos do lago, Yin avisou:

— Aqui vamos ter que agir com muito cuidado. O lago e o monte Kailash, logo adiante, são um destino importante para pessoas de toda a região, não só do Tibete, mas também da Índia,

do Nepal, da China. É um lugar sagrado como nenhum outro. Haverá muitos peregrinos, como também bloqueios chineses.

Vários quilômetros adiante, Yin tomou uma trilha antiga e fizemos um desvio em volta de um dos bloqueios, e então avistamos o lago. Olhei para Yin, que sorriu. A visão era inacreditavelmente bela: uma enorme pérola azul-turquesa contra o fundo pedregoso e marrom-oliva, tudo isso emoldurado pelas montanhas cobertas de neve. Yin disse que uma daquelas montanhas era o Kailash.

Quando passamos pelo lago, vimos numerosos grupos de peregrinos de pé em volta de grandes mastros ostentando bandeirolas.

— Que é aquilo? — perguntei.

— Bandeirolas de prece — Yin explicou. — Colocar bandeirolas simbolizando as nossas orações é uma tradição tibetana de séculos. As bandeirolas de prece são deixadas para sacudir-se ao vento, o que faz com que as orações que elas contêm sejam levadas continuamente a Deus. Também é comum dar de presente bandeirolas de prece.

— Que tipo de prece elas contêm?

— Orações para que o amor prevaleça em toda a humanidade.

Fiquei em silêncio, e ele continuou:

— Não é irônico? A civilização do Tibete é totalmente dedicada à vida espiritual. Talvez sejamos o povo mais religioso do planeta. E temos sido atacados pelo governo mais ateu da Terra: a China. É um contraste perfeito, que todo o mundo pode ver. Uma das duas visões irá prevalecer.

Sem mais conversa atravessamos outra cidadezinha e então entramos em Darchen, a cidade mais próxima do monte Kailash, onde Yin contratou dois mecânicos que conhecia para examinar o nosso jipe e prevenir problemas em potencial. Acampamos com os outros nativos, o mais perto da montanha que nos foi possível sem despertar suspeitas. Eu não conseguia tirar os olhos dos picos gelados.

— Daqui, o Kailash parece uma pirâmide — comentei, e Yin assentiu.

— Que é que isto lhe diz? Que ela tem poder.

Enquanto o sol mergulhava abaixo do horizonte, contemplamos uma visão extraordinária: um pôr do sol magnífico inundava o céu ocidental com várias camadas de nuvens cor de pêssego, e ao mesmo tempo o sol abaixo do horizonte ainda brilhava na encosta do monte Kailash, transformando suas faldas nevadas num deslumbrante espetáculo de amarelo e alaranjado.

— Ao longo da História, grandes imperadores viajaram milhares de quilômetros a cavalo ou de carruagem para testemunhar esta cena no Tibete. Pensava-se que a primeira luz da manhã e a última da tarde tinham grandes poderes rejuvenescedores e de vidência.

Eu assentia enquanto ele falava, incapaz de tirar os olhos da majestosa luz à minha volta. Sentia-me mesmo rejuvenescido, e quase tranqüilo. Na nossa frente, na direção do Kailash, os vales planos e os sopés baixos estavam banhados por camadas alternadas de sombra e luz com reflexos marrons, fazendo um contraste soturno com as cristas mais altas, iluminadas pelo sol, que pareciam ostentar um brilho interior. Aquela visão era surrealista, e pela primeira vez entendi por que os tibetanos eram tão espiritualizados. A luz daquela terra por si só levava-os inexoravelmente para uma consciência mais plena.

Na manhã seguinte bem cedo estávamos novamente a caminho, e em cinco horas chegamos aos arredores de Ali. O céu estava nublado e a temperatura caía rapidamente. Yin deu várias voltas por estradas quase intransitáveis para evitar o Centro da cidade.

— Agora estamos numa área principalmente chinesa, com bares e cabarés de striptease para os soldados. Temos que passar sem que ninguém nos perceba.

Quando tornamos a pegar uma estrada decente, já estávamos ao norte da cidade. Em certo momento avistei um prédio de escritórios de construção recente, com vários caminhões novos estacionados no lado de fora. Ninguém se movia por ali.

Yin viu a mesma coisa que eu; saiu da rua principal para um beco e parou.

— É um novo estabelecimento chinês — explicou. — Não sabia de sua existência aqui. Preste atenção se alguém lá nos observa

quando passarmos.

Nesse momento o vento soprou e começou a nevar pesadamente, ajudando a obscurecer a nossa identidade. Ao passarmos em frente ao prédio, prestei bastante atenção. A maioria das janelas estava fechada por cortinas.

— Que lugar é este? — perguntei.

— Um posto de exploração de petróleo, eu acho. Mas quem pode ter certeza?

— E este tempo?

— Parece que está chegando uma tempestade. Isto pode nos ajudar.

— Você acha que eles podem estar nos procurando por aqui, não é?

Ele olhou para mim com profunda tristeza, que se transformou em raiva furiosa.

— Foi nesta cidade que meu pai foi morto — disse.

— É horrível você ter testemunhado isso — comentei, sacudindo a cabeça.

— Aconteceu com milhares de tibetanos — ele respondeu, olhos fixos à frente.

Eu percebia o ódio dele. Yin sacudiu a cabeça.

— É importante não pensar sobre isso. Temos que evitar esse tipo de imagens. Especialmente você. Como já lhe falei, eu posso não ser capaz de controlar a minha raiva. Você precisa ser melhor que eu nessa questão, para que possa ir em frente sozinho se for necessário.

— Quê?

— Escute com atenção. Você precisa entender exatamente onde está. Já aprendeu as três primeiras extensões. Tem conseguido regularmente elevar sua energia e criar um campo forte, mas, como eu, ainda cai no medo e na raiva. Existem coisas que posso lhe contar sobre consolidar o fluxo de energia que você expele.

— Que quer dizer com consolidar?

— Você tem que estabilizar melhor o seu fluxo de energia, para que ela flua de você para o mundo com força, não importa a

situação. Quando fizer isto, todas as três extensões que aprendeu tornam-se um estado de espírito e um modo de vida constantes.

— Esta é a Quarta Extensão? — adivinhei.

— É o começo da Quarta. O que vou lhe dizer é a última informação que temos sobre as extensões. O resto da Quarta Extensão só é claramente conhecido pelas pessoas de Shambhala. Idealmente, as extensões devem trabalhar em conjunto, assim: a sua energia-da-prece deve sair da sua ligação divina interior e fluir para fora na sua frente, trazendo a expectativa da sincronicidade e elevando até o eu-superior todas as pessoas que toca. Assim, ela intensifica a misteriosa evolução da nossa vida; e também a consciência da nossa missão individual neste planeta e o cumprimento dessa missão. Infelizmente existem obstáculos na estrada, desafios que provocam o estado de medo que, por sua vez, como já conversamos, provoca a dúvida e assim derruba o nosso campo. Pior ainda, esse medo pode trazer imagens negativas, expectativas ruins, que podem ajudar a criar aquilo que tememos na vida. O que você precisa aprender agora é como consolidar a sua energia elevada para permanecer com mais freqüência no fluxo positivo.

“O problema do medo é que ele pode ser muito sutil e surgir de repente diante de nós. Sabe, uma imagem de medo é sempre sobre algum desfecho que não desejamos. Tememos o fracasso, a vergonha nossa ou da nossa família, perder a liberdade ou alguém que se ama, ou a própria vida. O problema é que quando começamos a sentir esse medo ele freqüentemente se transforma em raiva, e usamos essa raiva para reunir nossas forças e atacar quem quer que julgamos ser a ameaça. Tendo medo ou tendo raiva, precisamos tomar consciência de que essas emoções vêm de uma só fonte: aqueles aspectos da nossa vida aos quais queremos nos agarrar. As lendas dizem que, já que o medo e a raiva vêm da preocupação de perder alguma coisa, a maneira de evitar essas emoções é ser desapegado e indiferente a qualquer desfecho.”

Estávamos agora bem ao norte da cidade, e a neve caía com mais força. Yin esforçava-se para enxergar a estrada e mal me olhava de relance enquanto falava.

— Veja o nosso caso, por exemplo. Estamos procurando Wil e o portal para Shambhala. As lendas dizem que ao mesmo tempo em que preparamos nosso campo para a expectativa de termos justamente as intuições e os acontecimentos corretos para nos guiar, devemos ficar totalmente indiferentes a qualquer desfecho. É o que eu estava querendo dizer quando avisei a você para não ficar preso demais ao fato de Jacob parar ou não. A importância do desapego é a grande mensagem do Buda e o presente dado à humanidade por todas as religiões orientais.

Esse conceito me era familiar, mas no momento estava achando difícil enxergar o seu valor.

— Yin, como é que podemos ficar totalmente indiferentes? — protestei. — Essa idéia às vezes parece que significa encerrar-se numa torre de marfim. Pode ser uma questão de vida ou morte ajudarmos Wil; como é que podemos deixar de nos importar com isso?

Yin levou o jipe para fora da estrada e parou. A visibilidade agora era quase zero.

— Não disse para não nos importarmos; disse para não ficarmos presos a um desfecho determinado. Aquilo que a vida nos dá é sempre ligeiramente diferente daquilo que queremos. Ficar indiferente é estar cômico de que sempre existe um propósito mais elevado em qualquer acontecimento, em qualquer desfecho. É sempre possível encontrar um lado bom, um sentido positivo, que podemos valorizar.

Assenti. Já tinha encontrado aquele conceito no Peru.

— Compreendo o valor de enxergar desta maneira as coisas em geral, mas essa maneira de ver não tem limite? E se estivermos para ser mortos ou torturados? É difícil ficar indiferente a isso, ou ver um lado bom.

Yin me encarou intensamente.

— Mas e se a tortura for resultado de não ficarmos suficientemente indiferentes durante os acontecimentos que levaram a essa situação crítica? As nossas lendas dizem que quando aprendemos a ser indiferentes, a nossa energia pode permanecer suficientemente elevada para evitar todas essas ocorrências

extremamente negativas. Se pudermos permanecer fortes, sempre com uma expectativa positiva mesmo que o desfecho não seja exatamente o esperado, então os milagres começam a acontecer.

Eu não conseguia acreditar naquilo.

— Está querendo dizer que tudo que nos acontece é porque deixamos de aproveitar alguma oportunidade sincronística de evitar que acontecesse?

Ele me olhou com um sorriso.

— É, é exatamente o que estou dizendo.

— Mas isto é horrível. Então uma pessoa que, por exemplo, tem uma doença fatal é a única culpada disso, por ter perdido a oportunidade de encontrar a cura?

— Não, não existe culpa. Todos nós fazemos o melhor possível. Mas o que eu lhe disse é uma verdade que precisamos aceitar se quisermos alcançar os níveis mais elevados de energia-da-prece. Temos que manter nosso campo o mais forte possível, e para isso precisamos acreditar sempre, com uma fé poderosa, que seremos salvos de tais problemas.

“Às vezes perdemos alguma coisa. O conhecimento humano é incompleto, e podemos morrer ou ser torturados por falta de informação. Mas a verdade é que se tivéssemos todo o conhecimento que o ser humano um dia terá, seríamos sempre guiados para escapar de uma situação perigosa. Alcançamos o nosso maior poder quando partimos do princípio de que já o temos. É deste modo que podemos ficar indiferentes e flexíveis, e ao mesmo tempo construir um poderoso campo de expectativa.”

Estava tudo começando a fazer sentido. Yin estava dizendo que temos que partir do princípio de que o processo sincronístico sempre nos livrará do perigo, que saberemos antecipadamente o que fazer, porque essa capacidade é o nosso destino. Se acreditarmos nisso, mais cedo ou mais tarde isto será uma realidade para todos os seres humanos.

— Todos os grandes místicos dizem que é importante agir com base na fé total — Yin continuou. — O apóstolo João, na sua Bíblia ocidental, descreve o resultado desse tipo de fé. Ele foi colocado num barril de óleo fervente e saiu ileso. Outros foram jogados a

leões famintos e permaneceram intocados. Será que isso são apenas mitos?

— Mas até que ponto a nossa fé deve chegar para conseguirmos esse nível de invulnerabilidade? — perguntei.

— Temos que chegar a um nível perto do de Shambhala — Yin respondeu. — Não está vendo como tudo isso se encaixa? Se nossa constante expectativa/prece for suficientemente forte, nós podemos ter a expectativa da sincronicidade e mandar energia para os outros, para que eles também possam ter a expectativa da sincronicidade. O nível de energia sobe sem parar. E nesse meio tempo existem os dakinis...

Ele desviou depressa o olhar, aparentemente horrorizado por ter mencionado novamente aqueles seres.

— Que é que têm os dakinis? — perguntei.

Ele ficou em silêncio.

— Yin, você tem que me dizer — insisti. — Como é que os dakinis entram nisso?

Finalmente ele respirou fundo e disse:

— Vou lhe contar somente o que eu próprio compreendo. As lendas dizem que os dakinis só são compreendidos por aqueles de Shambhala, e que devemos tomar muito cuidado. Não posso lhe dizer mais nada.

Olhei para ele irritado.

— Bem, vamos ter que descobrir depois, não é, quando chegarmos a Shambhala?

Ele me encarou com grande tristeza.

— Já lhe disse que tive experiência demais com os militares chineses. Meu ódio e minha raiva erodem a minha energia. No momento em que eu perceber que estou atrasando você, terei que partir e você terá que continuar sozinho.

Eu o encarei, sem querer pensar nessa hipótese. Ele continuou:

— Lembre-se daquilo que eu falei sobre ficar indiferente e confiar que você sempre será guiado para escapar de qualquer perigo.

Calou-se por um momento enquanto ligava o jipe e arrancava através da neve que caía.

— Sua fé será testada, pode apostar — disse finalmente.

## A Passagem

---

Depois de dirigir para o norte durante quarenta minutos, Yin entrou numa estrada de caminhões bastante maltratada e seguiu em direção a uma alta cadeia de montanhas a uns 30 ou 40 quilômetros de distância. A nevasca continuava piorando. Primeiro baixinho, depois cada vez mais alto, um ronco surdo ergueu-se acima do vento e do barulho do motor.

Yin e eu nos entreolhamos, quando o som finalmente ficou reconhecível.

— Helicópteros! — gritou Yin, tirando o jipe da pista e enfiando-o numa abertura entre os rochedos. O jipe saltava loucamente. — Eu sabia! Eles devem ter um jeito de voar com este tempo.

— Como assim, você sabia?

Enquanto o som aumentava acima de nós, julguei distinguir duas aeronaves. Uma pairava diretamente acima de nós.

— A culpa é minha! — Yin gritou acima do barulho. — Você tem que fugir! Agora!

— Quê? — berrei. — Está maluco? Para onde vou?

Ele gritou no meu ouvido:

— Não se esqueça de ficar alerta. Está me ouvindo? Continue para o noroeste até Dormar! Tem que chegar às montanhas Kunlun!

Com um gesto ágil ele abriu a minha porta e empurrou-me para fora do jipe.

Caí de pé, depois rolei várias vezes até parar dentro de um banco de neve. Sentei-me e tentei enxergar o jipe, mas ele já estava se distanciando e a nevasca obscurecia a minha visão. Uma onda de puro pânico me invadiu.

Nesse momento, um movimento à minha direita chamou-me a atenção. Através da neve eu vi, a uns 3 metros de distância, o vulto de um homem alto usando uma calça preta de pele de iaque e

colete e chapéu de pele de carneiro. Ele estava de pé, imóvel, olhando para mim com intensidade, mas tinha o rosto parcialmente encoberto por um cachecol de lã. Eu já tinha visto aqueles olhos — onde? Depois de mais uns segundos ele ergueu os olhos para o helicóptero, que vinha passando outra vez, e sumiu correndo.

Sem qualquer aviso, três ou quatro explosões horríveis soaram na direção em que o jipe partira, jogando pedras e neve em cima de mim e enchendo o ar com uma fumaça sufocante. Levantei-me e cambaleei para longe, enquanto várias outras explosões mais fracas ecoavam ao meu redor. O ar estava agora completamente tomado por um gás nocivo qualquer. Senti a cabeça começar a girar.

Ouvi a música antes de estar completamente consciente. Era um compositor clássico da China que eu já tinha ouvido antes. Acordei de súbito e constatei que estava num quarto de dormir luxuoso, no estilo chinês. Sentei-me na cama ornamentada e empurrei as cobertas de seda. Estava vestindo apenas uma camisola de hospital, e tinha sido banhado. O quarto tinha pelo menos 6 metros por 6, e cada parede apainelada tinha um mural diferente. Uma mulher chinesa me espiava por uma fresta na porta.

A porta se abriu e entrou um oficial militar chinês, de porte ereto e farda completa. Um calafrio me percorreu. Era o mesmo oficial que eu tinha visto várias vezes. Senti o coração disparar; tentei elevar minha energia, mas a visão do oficial esvaziou-me completamente.

— Bom dia — disse o homem. — Como se sente?

— Considerando que fui intoxicado por gás, estou bem — respondi.

Ele sorriu.

— Posso lhe assegurar que o efeito não é duradouro.

— Onde estou?

— Está em Ali. Os médicos o examinaram e você está ótimo. Mas preciso lhe fazer algumas perguntas. Por que estava viajando com Yin Doloe e aonde estavam indo?

— Queríamos visitar alguns monastérios antigos.

— Por quê?

Resolvi não contar mais.

— Porque sou turista. Tenho o visto. Por que fui atacado? A embaixada americana sabe que estou sendo mantido aqui?

Ele sorriu e olhou-me nos olhos ameaçadoramente.

— Sou o coronel Chang. Ninguém sabe que está aqui, e, se desobedeceu às nossas leis, ninguém vai poder ajudá-lo. O sr. Doloe é um criminoso, um membro de uma organização religiosa ilegal que está perpetrando uma fraude no Tibete.

Parecia que meus piores temores estavam se realizando.

— Não sei nada sobre isso — declarei. — Quero dar um telefonema.

— Por que Yin Doloe e os outros estão procurando Shambhala?

— Não sei de que o senhor está falando.

Ele deu um passo em minha direção.

— Quem é Wilson James?

— Um amigo meu.

— Ele está no Tibete?

— Acho que sim, mas não estive com ele.

Chang me contemplou com uma pitada de desprezo e, sem dizer coisa alguma, virou-se e saiu.

Pensei: isto é ruim, muito ruim. Eu estava prestes a sair da cama quando a enfermeira voltou com meia dúzia de soldados, um deles empurrando o que parecia ser um enorme pulmão de aço, só que era maior e bem largo, e ficava sobre pernas altas, aparentemente para que pudesse ser empurrado por cima de uma pessoa deitada na cama.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, os soldados me seguraram e empurraram a máquina por cima do meu corpo. A enfermeira ligou-a, produzindo um leve ruído e uma luz brilhante diretamente acima do meu rosto. Mesmo com os olhos fechados eu via a luz mover-se da direita para a esquerda em cima da minha cabeça, como um leitor de máquina copidora.

Assim que o mecanismo parou, os soldados empurraram a caixa para longe e saíram. A enfermeira deixou-se ficar por um momento, olhando para mim.

— Que era aquilo? — gaguejei.

— Só um encefalograma — ela informou num inglês cuidadoso, enquanto pegava as minhas roupas num armário. Elas tinham sido lavadas e dobradas cuidadosamente.

— Para que foi aquilo? — persisti.

— Para checar tudo, ter certeza de que você está bem.

Nesse momento a porta tornou a abrir-se e o coronel Chang voltou. Ele pegou uma cadeira perto da parede e colocou-a ao lado da minha cama.

— Talvez seja melhor lhe contar o que enfrentamos aqui — disse, sentando-se na cadeira. Parecia cansado. — Existem muitas seitas religiosas no Tibete, e muitos de seus seguidores procuram dar a impressão ao resto do mundo de que são um povo religioso oprimido pelos chineses. Admito que a nossa política no princípio, na década de 1950 e durante a Revolução Cultural, foi severa. Mas nos últimos anos essa política mudou. Estamos tentando agir com a maior tolerância possível, levando-se em conta que a política oficial do governo chinês é o ateísmo. Essas seitas precisam lembrar-se que o Tibete também mudou. Muitos chineses vivem aqui hoje e sempre viveram, e muitos deles não são budistas. Temos que viver todos juntos. Não há como o Tibete voltar ao lamaísmo.

“Está entendendo o que estou dizendo? O mundo mudou. Mesmo se quiséssemos libertar o Tibete, isso não seria justo para com os chineses.”

Ele esperou que eu dissesse alguma coisa e cheguei a pensar em mencionar a política governamental de importar cidadãos chineses para diluir a cultura tibetana. Mas o que disse foi:

— Acho que eles só querem ser livres para seguir sua religião sem interferências.

— Nós permitimos isto em parte, mas eles estão sempre mudando o que fazem. Quando achamos que sabemos quem manda, a situação muda. Acho que estamos chegando a um bom relacionamento com parte da hierarquia oficial budista, mas existem os expatriados tibetanos na Índia, e esse outro grupo do qual o sr. Doloe faz parte, esse que segue um conhecimento oral misterioso e que está causando toda essa conversa sobre Shambhala. Isso perturba o povo. Existe um trabalho muito importante a ser feito aqui

no Tibete. O povo é muito pobre, a qualidade de vida tem que ser melhorada.

Ele olhou para mim e sorriu.

— Por que essa lenda de Shambhala é levada tão a sério? Parece infantil, coisa de criança.

— Os tibetanos acreditam que existe uma outra realidade, mais espiritual, por trás dos mundos materiais que conseguimos enxergar, e que Shambhala, embora seja nesta Terra, fica nesse plano espiritual — falei, sem conseguir acreditar que estava correndo o risco de debater com ele.

— Mas como podem achar que esse lugar existe? — ele prosseguiu. — Examinamos cada centímetro do Tibete por ar e por satélites, e não vimos nada.

Fiquei em silêncio.

— Sabe onde dizem que fica esse lugar? — ele insistiu. — É por isso que está aqui?

— Eu adoraria saber onde fica, ou mesmo de que se trata — falei. — Mas infelizmente não sei. E também não quero complicações com as autoridades chinesas.

Ele escutava atentamente, de modo que continuei:

— Aliás, tudo isso me deixa apavorado e eu preferiria ir embora.

— Ah, não, tudo o que queremos é que você nos conte o que sabe — ele protestou. — Se esse lugar existe, se é uma civilização oculta, queremos essa informação. Compartilhe o seu conhecimento conosco e deixe-nos ajudar. Talvez possamos chegar a um acordo.

Observei-o por um momento, depois disse:

— Eu gostaria de entrar em contato com a embaixada americana, se puder.

Ele tentou esconder sua impaciência, mas eu a via claramente em seus olhos. Ficou olhando para mim por mais um instante, depois foi até a porta e virou-se.

— Isto não será necessário — declarou. — Você pode ir.

Minutos depois eu estava andando pelas ruas de Ali, fechando bem o casaco. Não estava nevando, mas fazia muito frio. Eu tinha sido forçado a me vestir diante da enfermeira, que depois me

acompanhou até a porta da rua. Enquanto caminhava, eu examinava o conteúdo dos bolsos. Surpreendentemente, estava tudo ali: a faca, minha carteira, um saquinho de amêndoas.

Sentia-me cansado e zozzo. Seria pela ansiedade? O efeito do gás? A altitude? Tentei dominar aquela sensação.

Ali era uma cidade moderna, com numerosos chineses e tibetanos pelas ruas e veículos por toda parte. As edificações e as lojas bem cuidadas causavam certo espanto, por causa das péssimas estradas e das condições em que tínhamos viajado até ali. Olhando em volta, não consegui divisar alguém que aparentasse saber inglês, e depois de vários quarteirões comecei a me sentir ainda mais zozzo. Tive que me sentar num bloco de cimento à beira da rua. O medo crescente quase se transformou em pânico. Que faria agora? Que teria acontecido a Yin? Por que o coronel chinês tinha me liberado daquela maneira? Não fazia sentido.

A esse pensamento, surgiu-me na mente a imagem nítida de Yin, e senti um lembrete: estava deixando minha energia baixar. O medo estava me dominando e eu tinha esquecido de fazer alguma coisa contra isso. Inspirei profundamente e tentei elevar a minha energia.

Minutos depois comecei a me sentir melhor, e meu olhar recaiu sobre uma grande edificação a vários quarteirões de distância. Na parede lateral havia um cartaz em chinês que eu não soube ler, mas enquanto enfocava a forma do prédio tive a impressão nítida de que se tratava de uma hospedaria ou um pequeno hotel. Senti-me aliviado; talvez houvesse lá um telefone, talvez até outros turistas com quem eu pudesse me enturmar.

Levantei-me e me encaminhei para lá, cuidando de ficar de olho nas ruas ao meu redor. Minutos depois, estava a pequena distância da hospedaria Shing Shui, mas fiquei indeciso e olhei em volta cautelosamente. Ninguém parecia estar me seguindo. Quando estava quase na porta, ouvi um ruído: alguma coisa tinha caído na neve. Olhei em volta. Estava parado bem em frente a um beco estreito, e sozinho, a não ser por vários homens idosos caminhando na direção oposta a pouco mais de 5 metros de mim. Tornei a

escutar o ruído. Era bem perto. Estava olhando para os meus pés quando vi uma pedrinha vir voando do beco e afundar-se na neve.

Dando um passo à frente, tentei enxergar dentro da abertura escura. Avancei mais alguns passos, tentando adaptar os olhos.

— Sou eu — sussurrou uma voz, que imediatamente eu soube que era de Yin.

Corri para o beco e encontrei-o encostado a uma parede de tijolos.

— Como sabia onde eu estava? — perguntei.

— Não sabia, estava só tentando adivinhar — foi a resposta.

Ele deslizou para baixo, apoiado à parede, até sentar-se no chão, e percebi que seu casaco estava queimado nas costas. Quando ele moveu o braço, vi uma mancha de sangue no ombro.

— Você está ferido! Que foi que aconteceu?

— Não é tão ruim assim. Eles lançaram uma bomba e fui jogado do jipe contra as rochas. Consegui rastejar para longe antes de aterrissarem. Vi quando pegaram você e colocaram num caminhão, que veio nesta direção. Imaginei que se conseguisse escapar você procuraria a maior hospedaria. Que foi que lhe aconteceu?

Contei-lhe que acordei na casa chinesa e fui interrogado pelo coronel Chang, depois liberado.

— Por que me empurrou para fora do jipe? — quis saber por minha vez.

— Já lhe disse, não consigo controlar minhas expectativas de medo. Meu ódio pelos chineses é grande demais. Eles conseguem me seguir. Mas por que soltaram você?

— Não sei.

Yin mexeu-se de leve, e fez uma careta de dor.

— Provavelmente porque Chang sente que pode seguir você, também.

Sacudi a cabeça. Aquilo não parecia real. Yin prosseguiu:

— É claro que ele não sabe como isso funciona, mas quando você tem a expectativa da chegada dos soldados, essa expectativa coloca na mente deles a idéia de ir ao lugar onde você está. Ele com certeza pensa que tem esse poder.

Yin olhou para mim com intensidade.

— Você tem que aprender com o meu problema que você precisa dominar seus pensamentos.

Olhou para mim por mais um momento e depois, segurando o braço, levou-me para fora do beco através de uma fenda estreita entre duas edificações e para dentro do que parecia ser um prédio abandonado.

— Precisamos ir a um médico — declarei.

— Não! — ele protestou com veemência. — Escute. Vou ficar bem. Aqui existem pessoas que podem me ajudar. Mas não posso ir com você às ruínas do velho monastério; terá que ir sozinho.

Dei-lhe as costas, com o medo crescendo dentro de mim.

— Acho que não vou conseguir.

Yin pareceu alarmado.

— Tem que controlar o seu medo, retomar a indiferença. Você é necessário para ajudar a encontrar Shambhala. Tem que continuar.

Com o rosto contraído de dor, ele se esforçou para sentar-se e se aproximar de mim.

— Não compreende que o povo tibetano já sofreu demais? No entanto, eles esperam o dia em que Shambhala será revelada ao mundo inteiro. — Seus olhos encontram os meus. — Pense em quantas pessoas nos ajudaram até agora. Muitas delas arriscaram tudo. Algumas podem ter sido presas, e até executadas.

Ergui a mão trêmula e mostrei-a a ele.

— Veja, mal consigo andar.

O olhar de Yin era penetrante.

— Não acha que o seu pai estava apavorado quando saiu daquela embarcação e correu para a areia da praia na França na Segunda Guerra Mundial? Exatamente como todos os outros? Mas ele conseguiu! E se não tivesse conseguido? E se nenhum deles tivesse conseguido? A guerra teria sido perdida. A liberdade de todos poderia ter sido perdida. Nós, tibetanos, perdemos a nossa liberdade, mas o que está acontecendo agora envolve mais do que o Tibete, mais do que você ou eu. Envolve o que deve acontecer para que o sacrifício de muitas gerações seja honrado. Compreender Shambhala, aprender a usar os campos-da-prece

neste momento da História, é o próximo passo na evolução da humanidade. É a grande missão de toda a nossa geração. Se fracassarmos, iremos decepcionar a todos que vieram antes de nós.

Yin fez uma careta de dor, depois desviou o rosto. Seus olhos começavam a encher-se de lágrimas.

— Eu iria, se pudesse — acrescentou. — Mas agora acho que você é a nossa única chance.

Ouvimos o ruído de grandes caminhões e dois veículos militares passaram na rua.

— Não sei para onde ir — protestei.

— O antigo monastério não fica longe. Você chegará lá em um dia, viajando sem parar. Posso arranjar alguém para levá-lo.

— E o que vou fazer lá? Você tinha dito que eu seria testado; o que quis dizer com isso?

— Para conseguir atravessar o portal, você terá que se abrir completamente para que a energia divina flua através de você, e preparar o seu campo, como aprendeu a fazer. Lembre-se que esse campo sai de você e afeta o que vai acontecer. Mais importante: controle as suas imagens de medo e permaneça indiferente, pois você ainda teme alguns desfechos. Não quer perder a vida.

— Claro que não quero perder a vida — falei, quase aos gritos. — Tenho muitos motivos para viver!

— É, eu sei — ele respondeu em tom delicado. — Mas são pensamentos muito perigosos. Você tem que abandonar todos os pensamentos de fracasso. Não consigo fazer isso, mas acho que você conseguirá. Terá que ter a certeza, com toda a sua fé, de que será salvo, de que vai conseguir.

Ele silenciou, para ver se eu tinha entendido.

— Mais alguma coisa? — perguntei.

— Sim. Se todo o resto falhar, continue a pensar que Shambhala está ajudando você. Procure os...

Ele se calou, mas eu sabia o que queria dizer.

Na manhã seguinte eu estava na cabine de um velho caminhão com tração nas quatro rodas, espremido entre um pastor e seu filho de 4 anos. Yin sabia exatamente o que devia fazer; apesar da dor,

tinha caminhado comigo por vários quarteirões até uma casa de taipa, onde nos deram uma refeição quente e um lugar para passarmos a noite. Ele ficou acordado até tarde, conversando com vários homens. Eu só podia imaginar que eram membros da seita secreta de Yin, mas não fiz perguntas. Acordamos cedo, e minutos depois o caminhão chegou para me levar.

Agora viajávamos por uma estrada de terra coberta de neve, subindo em círculos pelas montanhas. Enquanto o caminhão avançava aos solavancos, viramos numa curva e chegamos a uma ponta rochosa de onde avistávamos o lugar onde Yin e eu tínhamos nos despedido. Pedi ao motorista para ir mais devagar para que eu pudesse ver a paisagem.

Para meu horror, toda a área estava ocupada por veículos militares e soldados.

— Espere um minuto — pedi. — Yin pode precisar de ajuda. Temos que parar.

O velho sacudiu a cabeça.

— Tem que ir! Tem que ir!

Ele e o filho falaram excitadamente em tibetano, olhando ocasionalmente para mim como se soubessem algo que eu não sabia. Ele imprimiu mais velocidade ao veículo, atravessamos uma garganta e começamos a descer do outro lado da montanha.

Uma onda de medo cresceu no meu estômago. Eu estava indeciso quanto ao que fazer. E se Yin tivesse escapado e precisasse de mim? Por outro lado, sabia qual teria sido a vontade dele: ele teria insistido para que eu seguisse adiante. Tentei manter minha energia elevada, mas parte de mim se perguntava se toda aquela conversa sobre portais e Shambhala poderia acabar sendo só um mito. E mesmo que fosse verdade, por que eu teria permissão para entrar e não outra pessoa, como Jampa ou o Lama Rigden? Nada fazia sentido.

Afastei esses pensamentos e tentei manter alta a minha energia, pondo-me a contemplar os picos cobertos de neve. Fiquei observando com atenção quando atravessávamos várias cidadezinhas, inclusive Dormar. Finalmente, depois de almoçar sopa fria e tomates secos, adormeci por longo tempo. Quando acordei, a

tarde estava no fim, e novamente caíam grandes flocos de neve, que logo pintaram a estrada com uma nova mão de cor branca. O terreno ficava cada vez mais montanhoso e eu sentia que o ar ficava mais rarefeito. À distância, cada vez mais próxima, havia outra cadeia de altas montanhas.

Devia ser a cordilheira Kunlun, pensei; aquela que Yin tinha mencionado. Por um lado eu me recusava a crer que tudo aquilo estivesse acontecendo, mas, por outro, sabia que estava, e que agora eu estava sozinho enfrentando a monolítica presença chinesa, com todos os seus soldados e o seu ceticismo ateu.

Ouvi o ruído baixo de um helicóptero atrás de nós. Meu coração acelerou-se, mas mantive-me alerta.

O pastor parecia alheio à ameaça e dirigiu por mais meia hora, então sorriu e apontou para a frente. Através da neve que caía eu avistei a silhueta escura de uma grande estrutura de pedra plantada no topo de uma das primeiras cristas. Várias paredes do lado esquerdo tinham ruído. Atrás do monastério erguiam-se imensas torres de rocha cobertas de neve. O monastério tinha a altura de um prédio de três ou quatro andares, mesmo sem o telhado, que havia desabado muito tempo antes. Procurei atentamente qualquer sinal de gente ou movimento, em vão. O lugar parecia ter ficado em total abandono por muito tempo.

Na base da montanha, 150 metros abaixo do monastério, o caminhão parou e o homem apontou para a estrutura em ruínas lá em cima. Hesitei, por causa da neve e do vento. Ele tornou a gesticular, insistindo, com expressão agitada.

Peguei na traseira do caminhão a mochila que Yin tinha preparado para mim e comecei a subir a montanha. A temperatura estava caindo, mas eu esperava que, com a barraca e o saco de dormir, não fosse morrer congelado. Mas e os soldados? Fiquei vendo o caminhão afastar-se até desaparecer de vista, e escutei atentamente, sem nada ouvir além do vento.

Olhei em volta e encontrei uma escada de pedra montanha acima. Comecei a subir; depois de uns 60 metros, parei e virei-me para olhar para o sul. Dali nada consegui enxergar além das montanhas brancas por muitos quilômetros.

Ao me aproximar do monastério constatei que ele na realidade não ficava sobre uma elevação e sim sobre um braço da montanha que se destacava, formando um precipício. A trilha levava diretamente à abertura que antes tinha sido uma grande porta, e entrei cautelosamente. Pedras grandes, de várias tonalidades, jaziam espalhadas pelo chão de terra, e à minha frente havia um longo corredor, que se estendia por todo o comprimento da estrutura.

Desci o corredor, passando por vários aposentos dos dois lados. Finalmente cheguei a um aposento maior, que tinha uma porta para os fundos do monastério. Na verdade, metade da parede traseira tinha ruído, e no exterior havia mais pedras pelo chão, algumas grandes como mesas.

Vi de soslaio um movimento perto da parede caída, e estaquei. Que seria aquilo? Cautelosamente fui até a abertura e olhei para fora em todas as direções. Do monastério até o paredão de rocha da montanha havia uns 30 metros. Ninguém estava à vista.

De repente entrevi outro movimento vago, também pelo canto do olho. Dessa vez era mais distante, perto da base da encosta da montanha. Um calafrio me percorreu. O que estava acontecendo? Que era aquilo que eu estava vendo? Pensei em pegar minha mochila e descer correndo a montanha, mas resolvi não fazer isso. Estava definitivamente assustado, mas minha energia permanecia forte.

Esforçando-me para me concentrar no caminho através da neve, dirigi-me para o paredão de rocha onde achava ter visto o movimento. Mas ao chegar lá nada consegui encontrar. A rocha tinha várias fendas verticais, inclusive uma de bom tamanho, que a princípio pensei ser uma caverna estreita; examinando de perto, constatei que se tratava de uma gruta rasa demais para esconder alguém, e cheia de neve. Procurei pegadas em volta; embora a neve ali tivesse mais de um palmo de altura, só consegui encontrar as minhas.

A nevasca agora estava muito mais forte, de modo que voltei para o monastério e encontrei um canto do aposento que ainda tinha um pedaço de teto de pedra para me proteger da neve e do

vento. Senti um espasmo de fome, e mastiguei umas cenouras enquanto montava o pequeno fogareiro a gás e aquecia uma sopa de legumes desidratados que Yin tinha colocado na mochila.

Enquanto ela fervia, eu meditava sobre o que estava acontecendo. Dali a meia hora estaria escuro e eu não tinha idéia do motivo de estar ali. Revistei a mochila mas não encontrei qualquer tipo de lanterna. Por que Yin não tinha colocado uma? O gás do fogareiro não duraria a noite inteira; eu precisava encontrar alguma lenha ou esterco de iaque.

Achei que minha mente já estava me pregando peças. Que mal poderia acontecer se eu passasse a noite inteira ali em total escuridão? E se aquelas paredes velhas desabassem com o vento?

Assim que tive esse pensamento, ouvi o som de algo caindo no outro extremo do monastério. Saí para o corredor e diante dos meus olhos uma enorme rocha tombou no chão.

— Meu Deus, tenho que sair daqui! — exclamei em voz alta.

Apaguei o fogareiro, recolhi as minhas coisas e saí correndo para o ar livre nos fundos do monastério. Logo vi que teria que encontrar um abrigo, de modo que corri para a parede da montanha, esperando encontrar um lugar protegido da neve que me tivesse passado despercebido antes.

Procurei em vão uma reentrância. Nenhuma das fendas era suficientemente profunda. O vento uivava. Em certo ponto, um enorme monte de neve desprende-se de um dos rochedos e caiu perto de mim. Ergui os olhos para as toneladas de neve acumulada que cobriam a encosta da montanha acima de mim. E se houvesse uma avalanche? Na imaginação vi a neve rolando montanha abaixo.

Novamente, assim que pensei nisso ouvi um ronco acima e à direita de mim. Agarrei minhas coisas e corri de volta em direção ao monastério, enquanto um ruído de trovão enchia o ar e a neve começava a rolar da montanha uns 15 metros à minha frente. Apavorado, corri o mais que pude, porém na metade do caminho até o monastério tombei dentro da neve. Por que aquilo tudo estava acontecendo?

A esse pensamento lembrei-me de Yin dizendo: “Nesses níveis de energia, o efeito das suas expectativas é imediato. Você será

testado.”

Levantei-me. Claro, aquele era o teste. Eu não estava controlando as minhas imagens de medo. Corri de volta para o monastério e me joguei para dentro dele. A temperatura caía rapidamente e eu sabia que teria que ficar lá dentro e me arriscar. Deixei minhas coisas no chão e passei vários minutos imaginando as pedras ficando em seus lugares.

Um arrepio de frio me percorreu. Pensei: agora tenho que fazer alguma coisa com este frio. Imaginei-me sentado junto a uma lareira acesa. Combustível, eu precisava arranjar combustível!

Saí para examinar o restante do monastério. Só tinha ido até o corredor quando estaquei de repente. Sentia o cheiro de fumaça, cheiro de madeira queimada. Mas como?

Desci devagar o corredor, olhando em cada aposento, sem nada encontrar. Quando faltava apenas um, espiei pela porta antes de entrar. No canto havia uma fogueira e uma pilha de lenha.

Entrei e olhei em volta. Ninguém. Aquele quarto tinha outra porta que levava para fora, e um pouco mais de telhado intacto. Estava muito mais quente ali. Mas quem tinha feito aquela fogueira? Fui até a porta externa e examinei a neve do solo: nenhuma pegada. Estava virando para voltar para a porta quando avistei à meia-luz um vulto alto parado ao lado dela. Tentei enfocá-lo diretamente, mas só conseguia vê-lo com o canto dos olhos. Percebi que era o mesmo homem que eu avistara na neve quanto Yin me empurrara do jipe. Novamente tentei mantê-lo em foco, mas ele desapareceu. Fiquei arrepiado e senti um calafrio. Não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

Cautelosamente espiei para dentro da porta, perscrutando o corredor em ambas as direções, mas nada enxerguei. Tornei a pensar em fugir do monastério e descer a montanha, mas sabia que a temperatura ainda estava caindo depressa, e eu poderia morrer congelado. Não tinha opção; teria que juntar minhas coisas e me acomodar perto do fogo. De modo que fiz isso e voltei para lá, olhando nervosamente para cada canto.

Quanto me sentei, uma lufada de vento açoitou o fogo e jogou cinzas para todos os lados, e por um momento contemplei as

labaredas voltando a erguer-se. Tinha imaginado um fogo aceso, e ele apareceu; mas seria demais acreditar que o meu campo pudesse ser tão forte assim. Só havia uma explicação: eu estava sendo ajudado. O vulto que avistara era um dakini.

Por mais estranho que fosse, aquela conclusão me tranqüilizou; joguei mais lenha no fogo e terminei minha sopa, depois abri o saco de dormir. Minutos depois, deitei-me e caí num sono profundo.

Quando acordei, olhei em volta, assustado. O fogo tinha morrido e a primeira luz da aurora surgia lá fora. A neve caía com a mesma intensidade da véspera. Alguma coisa tinha me despertado. Que teria sido?

Ouvi o ronco surdo de helicópteros, cada vez mais alto, vindo na minha direção. Pus-me de pé num salto e juntei minhas coisas. Segundos depois, os helicópteros estavam diretamente acima de mim, aumentando o turbilhão do vento.

Sem qualquer aviso, metade do monastério começou a desabar para o interior, criando uma tempestade de poeira cegante. Tateei o caminho até a porta dos fundos e corri para fora, abandonando as minhas coisas. Empurrada pelo vento, a neve vinha horizontalmente, e eu enxergava apenas alguns passos à frente, mas sabia que se continuasse correndo naquela direção logo iria chegar ao paredão da montanha que eu examinara na véspera.

Lutei para avançar até conseguir enxergar a rocha diretamente à minha frente a uns 15 metros, mas sabia que ela não deveria estar tão visível à luz fraca do amanhecer. Era como se a montanha estivesse banhada por uma luz suave, ligeiramente âmbar, especialmente perto de uma das fendas.

Fiquei olhando ainda por um instante, sabendo o que aquilo significava, depois corri em direção à luz, enquanto outras paredes do monastério tombavam atrás de mim. Quando cheguei à encosta de rocha, os helicópteros pareciam estar diretamente acima; o que restava do velho monastério ruiu completamente às minhas costas, estremecendo o solo e deslocando a neve na fenda mais perto de mim — revelando nela uma abertura estreita. Era uma caverna, afinal!

Cambaleei para o interior em total escuridão, tateando o meu caminho. Encontrei a parede dos fundos e depois outra abertura, com pouco mais de 1 metro de altura. Ela curvava-se para a direita, e a percorri de gatinhas, entrevendo um minúsculo raio de luz à frente, bem distante. Avancei com esforço.

Em certo ponto tropecei numa pedra grande e caí de cabeça no chão de terra e cascalho, arranhando o cotovelo e o braço, mas o som cada vez mais distante dos helicópteros me impulsionava para a frente. Esqueci a dor e continuei avançando na direção da luz. Depois de percorrer várias centenas de metros, ainda enxergava a minúscula abertura, mas ela não parecia mais perto que antes. Continuei por quase uma hora, tateando o caminho na direção da luz diminuta.

Finalmente a luz foi parecendo mais perto, e ao chegar a uns 3 metros dela senti uma lufada de ar mais quente e a fragrância que tinha sentido antes, no monastério. De algum lugar à distância ouvi um grito humano, alto e melodioso, que reverberou pelo meu corpo, aquecendo-me por dentro e me trazendo alegria. Seria o chamado que o Lama Rigden tinha mencionado? O chamado de Shambhala!

Trepeei pela rocha e assomei a cabeça pela abertura. Diante de mim havia uma visão inacreditável: um vale extenso e bucólico, e o céu claro e azul. Atrás do vale havia os picos nevados das enormes montanhas. Tudo era impressionantemente belo à luz brilhante do sol. A temperatura era baixa, mas confortável, e plantas cresciam por toda parte. A encosta a meus pés descia suavemente até o vale.

Ao atravessar a abertura e começar a descer a encosta, senti-me possuído pela energia do lugar e comecei a ter dificuldade para enxergar com nitidez. As luzes e as cores pareciam misturar-se e senti que caía de joelhos. Descontrolado, pus-me a rolar morro abaixo. Rolei e rolei, quase como se estivesse semi-adormecido, perdendo toda noção do tempo.

## Entrando em Shambhala

Senti alguém tocar em mim — mãos humanas cobrindo-me e me carregando. Comecei a me sentir seguro, até mesmo eufórico. Depois de algum tempo tornei a sentir o perfume doce, só que agora era intenso, enchendo a minha mente.

— Tente abrir os olhos — disse uma voz feminina.

Quando, com esforço, consegui enxergar, vi o vulto de uma mulher grande, com talvez uns 2 metros de altura. Ela segurava uma xícara perto do meu rosto.

— Beba isto — pediu.

Abri a boca e bebi a sopa quente e saborosa, feita de tomate, cebola e algum tipo de brócolis doce. Enquanto bebia, percebi que meu paladar ficava mais apurado. Conseguia distinguir precisamente cada sabor. Bebi quase tudo, e momentos depois meus pensamentos clarearam e eu consegui novamente enxergar à minha volta.

Estava numa casa, ou no que parecia ser uma casa. A temperatura era amena, e eu estava deitado numa espreguiçadeira feita de um tecido verde-azulado. O chão era de lajotas de pedra marrom, e por perto havia muitas plantas em vasos de barro. No entanto, acima de mim havia o céu azul e os galhos de muitas árvores altas; a casa parecia não ter paredes nem telhado.

— Deve estar se sentindo melhor agora. Mas precisa respirar — disse a mulher em inglês fluente.

Olhei para ela, pasmo. Tinha aparência oriental e usava uma veste cerimonial tibetana, bordada e colorida, e chinelos simples, de aparência macia. A julgar pela profundidade do seu olhar e a sabedoria em sua voz, tinha uns 40 anos, mas o corpo e os movimentos davam-lhe a aparência de uma pessoa muito mais

jovem. E embora seu corpo tivesse proporções perfeitas e belas formas, cada parte era excepcionalmente grande.

— Você precisa respirar — ela repetiu. — Sei que sabe fazer isto, senão não estaria aqui.

Finalmente entendi o que ela queria dizer, e comecei a respirar profundamente, inspirando a beleza daquele lugar e visualizando a energia entrando em mim.

— Onde estou? Aqui é Shambhala? — perguntei.

Ela deu um sorriso de aprovação e não pude acreditar na beleza do seu rosto. Era levemente luminoso.

— Uma parte dela — respondeu. — O que chamamos os anéis de Shambhala. Mais para o norte ficam os templos sagrados.

Em seguida contou-me que seu nome era Ani e eu me apresentei, enquanto ela olhava para mim.

— Diga-me como chegou aqui — pediu.

De maneira desordenada contei-lhe toda a história, começando com uma breve descrição da minha conversa com Natalie e Wil, as Visões e a viagem ao Tibete, inclusive o encontro com Yin e com o Lama Rigden e as lendas, e depois finalmente o portal. Falei até das ocasiões em que percebi a luz, aparentemente obra dos dakinis.

— Sabe por que está aqui? — ela perguntou.

Contemplei-a por um momento.

— Tudo que sei é que Wil me pediu para vir e que era importante eu encontrar Shambhala. Disseram que aqui há um conhecimento necessário.

Ela assentiu e desviou o olhar, imersa em pensamento.

— Como foi que aprendeu a falar inglês tão bem? — perguntei, sentindo-me fraco de novo.

— Aqui falamos muitas línguas — ela disse, sorrindo.

— Conheceu um homem chamado Wilson James?

— Não. Mas o portal pode chegar aos anéis em outros locais. Talvez ele esteja aqui em algum lugar. — Ela foi até os vasos de plantas e pôs-se a puxar um deles para mais perto de mim. — Acho que você deve descansar um pouco. Tente absorver energia destas plantas. Coloque no seu campo a intenção de que a energia delas entre em você, e depois vá dormir.

Fechei os olhos, seguindo as instruções, e instantes depois adormeci.

Em algum momento, mais tarde, um barulho arrastado me acordou. A mulher estava outra vez parada diante de mim. Ela se sentou na borda da espreguiçadeira.

— Que barulho foi esse? — perguntei.

— Veio de fora.

— Do outro lado do vidro?

— Na verdade, não se trata de vidro. É um campo de energia que parece vidro, mas não se consegue quebrá-lo. Ainda não foi inventado nas civilizações exteriores.

— Como é criado? É eletrônico?

— Parcialmente, mas temos que participar mentalmente para ativá-lo.

Olhei para a paisagem atrás da casa. Havia outras casas espalhadas pelas colinas e campinas, até o vale plano. Algumas tinham paredes transparentes, como a casa de Ani; outras pareciam ser feitas de madeira num estilo tibetano único. Todas se mesclavam harmoniosamente à paisagem.

— E estas casas de arquitetura diferente?

— São todas criadas por um campo de força. Não usamos mais madeira ou metal. Simplesmente criamos o que desejamos com os campos de força.

Eu estava fascinado.

— E a construção interna, a água, a eletricidade?

— Temos água, mas ela se materializa diretamente do vapor d'água no ar, e os campos fornecem energia para tudo que precisamos.

Incrédulo, tornei a olhar para fora.

— Fale-me sobre este lugar. Quantas pessoas vivem aqui?

— Milhares. Shambhala é um lugar muito grande.

Interessado, girei as pernas e coloquei os pés no chão, mas senti uma forte vertigem e minha visão ficou embaçada. Ela se levantou, pegou a xícara atrás da espreguiçadeira e me entregou.

— Beba isto e torne a inspirar a energia das plantas — instruiu.

Obedeci, e finalmente minha energia voltou. À medida que eu respirava mais profundamente, tudo ficava ainda mais brilhante e belo que antes, inclusive Ani. O rosto dela estava agora mais luminoso, com um brilho interior, exatamente como eu já vira em Wil às vezes no passado.

— Meu Deus! — exclamei, olhando em volta.

— É muito mais fácil elevar a sua energia aqui do que nas civilizações exteriores — ela comentou. — Porque todos aqui estão dando energia para todos, e formando um campo para um nível cultural mais elevado.

Ela enfatizou as palavras “nível cultural mais elevado”, como se elas tivessem um significado maior.

Eu não conseguia desgrudar os olhos do lugar. Cada forma, das plantas nos vasos perto de mim até as cores das lajotas do chão e as frondosas árvores verdes lá fora, parecia ter um brilho interior.

— Tudo isto parece inacreditável — gaguejei. — Sinto-me como se estivesse num filme de ficção científica.

Ela me olhou com gravidade.

— Muita coisa da ficção científica é profética. O que você está vendo é simplesmente o progresso. Somos humanos, assim como vocês, e estamos evoluindo do mesmo modo que vocês, nas civilizações exteriores, irão um dia evoluir, se não sabotarem a si mesmos.

Nesse momento um garoto de seus 14 anos chegou correndo, cumprimentou-me educadamente com um gesto de cabeça e disse:

— Pema chamou outra vez.

— É, eu ouvi — ela disse, voltando-se para ele. — Quer pegar nossos casacos e um para o nosso hóspede?

Eu não conseguia tirar os olhos do garoto. Tinha a postura de alguém muito mais velho do que aparentava ser, e sua figura me era familiar. Ele me lembrava alguém que eu não conseguia recordar.

— Pode vir conosco? — disse Ani. — Talvez seja importante para você.

— Aonde vocês vão? — eu quis saber.

— À casa de uma vizinha. Só para verificar uma coisa. Ela acha que concebeu um filho há poucos dias, e quer que eu verifique.

— Você é médica?

— Não temos médicos de verdade, porque já não temos as doenças que você conhece. Aprendemos a manter a nossa energia acima desse nível. Ajudo as pessoas a se observarem, a elevarem sua energia e mantê-la assim.

— Por que disse que será importante para mim?

— Porque você está aqui neste momento. — Ela olhou para mim como se eu fosse um ignorante. — Sem dúvida você compreende o processo sincrónico.

O garoto voltou, e fomos apresentados. O nome dele era Tashi. Ele me estendeu um casaco azul-claro. Parecia um casaco comum, a não ser pela costura. Na verdade, não havia costura — era como se os pedaços de pano fossem simplesmente pressionados um contra o outro. E, surpreendentemente, embora o pano tivesse a textura do algodão, seu peso era quase nenhum.

— Como são feitos? — perguntei.

— São campos de força — disse Ani.

Ela e Tashi atravessaram a parede com um som arrastado. Tentei segui-los e dei de cara no que parecia ser uma folha sólida de acrílico transparente. O garoto lá fora riu. Com outro ruído arrastado Ani voltou, rindo também.

— Eu devia ter lhe ensinado — disse. — Desculpe. Você tem que visualizar o campo de força abrindo-se para você. Basta ter a intenção de que isso aconteça.

Lancei-lhe um olhar cético.

— Apenas veja na sua mente a parede se abrindo, e então atravesse-a.

Fiz o que ela ensinou e avancei. Cheguei a ver realmente o campo abrir-se. Parecia uma distorção espacial, mais ou menos como as ondas de calor que a gente vê no asfalto ao sol. Com um ruído arrastado atravessei para o lado de fora. Ani seguiu-me.

Sacudi a cabeça. Onde estava afinal?

Acompanhando Tashi, seguimos por uma alameda serpenteante que gradualmente descia a encosta da colina. Olhando para trás, vi que a casa de Ani estava quase totalmente escondida pelas árvores — e então outra coisa me chamou a

atenção. Perto da casa havia uma caixa quadrada, negra, de aparência metálica e do tamanho de uma mala grande.

— Que é aquilo? — perguntei a ela.

— É a nossa unidade de força. Ela nos ajuda a aquecer e refrigerar a casa, e montar os campos de força.

— Que quer dizer com “nos ajuda”? — perguntei, totalmente confuso.

Ela estava caminhando na minha frente ladeira abaixo, mas parou e passou a caminhar ao meu lado.

— A unidade de força perto da casa não cria coisa alguma por si só; tudo o que faz é amplificar o campo-da-prece, que você conhece, a um nível mais alto, para que possamos então materializar diretamente o que precisamos.

Olhei para ela de soslaio.

— Por que isto parece tão fantástico? — Ani perguntou sorrindo. — Já lhe disse: é simplesmente o progresso.

— Não sei... Durante todo esse tempo tentando chegar a Shambhala, acho que nunca pensei direito em como isso aqui seria. Acho que pensava que ia ser só um grupo de lamas em meditação em algum lugar. Esta é uma civilização com tecnologia. Fantástico...

— Não é a tecnologia que importa. O que importa é como usamos a tecnologia para ajudar a aumentar nossos poderes mentais.

— Que está querendo dizer?

— Tudo isto não é tão absurdo quanto você pensa. Simplesmente descobrimos as lições da História. Se você estudar atentamente a História humana, verá que a tecnologia sempre foi precursora daquilo que um dia poderia ser feito usando-se apenas a mente humana. Pense nisto: em toda a História, as pessoas criaram a tecnologia para melhorar sua capacidade de funcionar e de ficar confortável no mundo. No início foram simples terrinas para guardar nossa comida e ferramentas para cavar a terra, depois casas e construções mais sofisticadas. Para criar essas coisas, nós extraímos minérios da terra e os transformamos nas coisas que a nossa mente criava. Queríamos viajar com mais eficiência, de modo que inventamos a roda e então os veículos de vários tipos.

Queríamos voar, então fizemos os aviões. Queríamos nos comunicar mais rapidamente, através de grandes distâncias, sempre que desejassemos, então inventamos o telégrafo, o telefone, a radiofonia e a televisão, para vermos o que acontecia em outro lugar.

Ela me olhou interrogativamente.

— Está acompanhando o raciocínio? — perguntou. — Os seres humanos inventaram a tecnologia porque queríamos atingir outros lugares e fazer contato com mais pessoas, e o nosso coração sabia que isso era possível. A tecnologia sempre foi um degrau para aquilo que podemos fazer nós mesmos, aquilo que sabíamos ser nosso direito de nascença. O verdadeiro papel da tecnologia tem sido ajudar-nos a construir a certeza de que podemos nós mesmos fazer todas essas coisas, com o nosso poder interior. Assim, no princípio da história de Shambhala começamos a desenvolver a tecnologia para que ela servisse conscientemente para a evolução da mente humana. Percebemos o verdadeiro potencial do nosso campo-da-prece e começamos a adaptar a nossa tecnologia para simplesmente amplificar o nosso campo. Aqui nos anéis ainda usamos mecanismos de amplificação, mas estamos à beira de conseguir desligá-los e usar apenas o nosso campo-da-prece para materializar tudo o que precisamos ou queremos fazer. As pessoas nos templos já conseguem fazer isso.

Eu tinha vontade de fazer mais perguntas, mas ao virarmos uma curva avistei um largo riacho descendo a colina à nossa direita. O barulho da água ecoava à frente.

— Que som é este? — perguntei.

— Existe uma cascata lá em cima. Está sentindo que precisa vê-la?

Fiquei sem saber o que ela queria dizer exatamente.

— Quer saber se eu estou sentindo intuitivamente? — perguntei.

— Claro que é intuitivamente — ela respondeu sorrindo. — Nós vivemos pela intuição.

Tashi tinha parado e olhava para trás. Ani voltou-se para ele.

— Não quer ir na frente e dizer a Pema que já estamos chegando?

Ele sorriu e seguiu em frente correndo.

Subimos o aclive pedregoso à nossa direita, aproximando-nos do regato, e atravessamos um bosque de árvores mais grossas e mais baixas até chegarmos à beira d'água. O regato tinha cerca de 8 metros de largura e fluía com força. Através da ramagem à nossa esquerda eu via a água tombando de uma plataforma. Ani indicou que a seguisse. Caminhamos ao longo do regato, descendo várias plataformas de pedra, até chegarmos ao alto da queda d'água. Dali víamos a cascata de mais de 15 metros de altura que caía num lago.

Um movimento atraiu o meu olhar. Cheguei até a borda da pedra e olhei para baixo. Para minha surpresa, através da névoa no final do lago vi duas pessoas encaminhando-se uma para a outra, ambas rodeadas por uma luz suave, branca e rosada. Mesmo não sendo muito forte, a luz era incrivelmente densa, principalmente em volta dos ombros e dos quadris deles. Esforcei-me para enxergar os contornos das duas pessoas e, quando consegui, constatei que estavam nuas.

— Então foi isso que você me trouxe aqui para ver? — Ani perguntou, achando graça.

Não consegui afastar os olhos do que estava acontecendo. Sabia que estava observando os campos de energia de um homem e uma mulher. Ao se aproximarem um do outro, seus campos se mesclaram até estarem abraçados. Finalmente, e muito devagar, vi outra luz formando-se perto do centro do corpo da mulher. Depois de alguns minutos eles se separaram e a mulher tateou o estômago. Então a luz ficou mais forte, os dois se abraçaram novamente e pareciam estar conversando, mas eu nada conseguia ouvir além do barulho da cascata. Sem qualquer aviso ambos simplesmente desapareceram.

Dei-me conta de que o casal tinha feito amor, e fiquei constrangido.

— Quem eram aquelas pessoas? — perguntei.

— Não consegui reconhecer. Mas são de algum lugar desta região.

— Parece que conceberam uma criança. Acha que pretendiam isso? — perguntei.

Ela deu uma risadinha.

— Isto aqui não é como as civilizações exteriores. Claro que eles pretendiam conceber. Nestes níveis de energia e intuição, trazer um espírito para a Terra é um processo muito deliberado.

— Como foi que desapareceram desse modo?

— Eles viajaram para cá projetando-se através de um campo de viagem. O mecanismo de amplificação lhes permite fazer isto. Descobrimos que o mesmo campo eletromagnético que envia imagens de televisão pode ser usado para ligar o espaço de um lugar distante ao espaço onde estamos. Quando fazemos isto, podemos simplesmente contemplar uma cena onde desejamos, ou então ir até esse outro lugar usando o nosso campo-da-prece amplificado. Os cientistas nas civilizações exteriores já estão trabalhando nessas teorias, só que não estão inteiramente cômicos de aonde elas os levarão.

Fiquei em silêncio, olhando para ela, tentando absorver essas novas informações.

— Você parece muito impressionado — ela comentou.

Assenti, com um sorriso forçado.

— Venha, vou demonstrar para você na casa de Pema.

Chegamos a uma casa igual à de Ani, só que era construída no sopé de um morro e tinha mobília diferente. Notei uma caixa preta idêntica do lado de fora, e entramos através do campo de força, como antes. Fomos recebidos por Tashi e outra mulher, que se apresentou como Pema.

Pema era mais alta do que Ani, e mais magra. Tinha os cabelos negros e compridos. Usava apenas um vestido branco longo e estava sorrindo, mas percebi que alguma coisa não estava muito bem. Ela pediu para conversar com Ani a sós, e as duas foram para outro aposento, deixando Tashi e a mim sentados na sala.

Eu estava prestes a perguntar o que estava errado quando senti uma eletricidade no ar atrás de mim. Vi a distorção abrir-se, exatamente como a que eu vira no campo de força em volta da casa de Ani, só que dessa vez ela apareceu no meio da sala. Pestanejei, tentando ver o que estava acontecendo. Através da distorção, como se ela fosse uma janela, vi um campo com pequenas plantas. Para minha surpresa, um homem veio pela abertura e entrou na sala.

Tashi levantou-se e nos apresentou. O nome dele era Dorjee. Ele assentiu educadamente para mim e perguntou por Pema. Tashi apontou para o quarto de dormir.

— Que foi que aconteceu agora? — perguntei a Tashi.

Ele me olhou com um sorriso.

— O marido de Pema veio da fazenda. Nas civilizações exteriores ninguém consegue fazer isso?

Contei-lhe resumidamente os rumores e mitos sobre iogues que conseguiam projetar-se a locais distantes.

— Mas nunca vi isso pessoalmente — acrescentei, tentando recuperar a calma. — Como é feito exatamente?

— Nós visualizamos o lugar aonde queremos ir e o amplificador nos ajuda a criar uma janela para o lugar, bem à nossa frente. Criase também uma abertura na outra direção. Foi como conseguimos ver onde ele estava antes que ele atravessasse.

— E o amplificador está na caixa preta lá fora?

— Exatamente.

— E todos vocês conseguem fazer isso?

— É, e o nosso destino é chegar a fazê-lo sem o amplificador.

Ele parou de falar e me encarou, depois perguntou:

— Pode me falar da sua civilização, no mundo exterior?

Antes que eu pudesse responder, ouvimos uma voz dizer no quarto:

— Aconteceu de novo.

Tashi e eu nos entreolhamos.

Depois de alguns minutos, Ani saiu do quarto com Pema e o marido, e todos se sentaram na sala conosco.

— Eu tinha tanta certeza de estar grávida... — disse Pema. — Por alguns instantes eu vi e senti a energia, e depois de alguns

minutos ela desapareceu. Deve ser a transição.

Tashi olhava fixamente para ela, totalmente fascinado.

— Que acha que aconteceu? — perguntei.

— Nós intuímos que é algum tipo de gravidez paralela e que a criança foi para outro lugar — Ani explicou.

Dorjee e Pema entreolharam-se por um longo momento.

— Vamos tentar de novo — ele disse. — Quase nunca acontece duas vezes na mesma família.

— Temos que ir — Ani declarou, levantando-se e abraçando o casal.

Tashi e eu a seguimos, saindo através do campo de força. Eu ainda estava impressionado. Em alguns aspectos, aquela civilização parecia comum; em outros, totalmente fantástica. Tentei digerir tudo aquilo enquanto Ani nos guiava para uma linda plataforma rochosa a uns 10 metros de distância, de onde se via o vale imenso e verde lá embaixo.

— Como pode haver um ambiente temperado tão extenso, no Tibete? — perguntei.

Ani sorriu.

— A temperatura é controlada com os nossos campos, e para as pessoas com menos energia nós somos invisíveis. Embora as lendas digam que isso vai começar a mudar à medida que a transição se aproxima.

Levei um susto.

— Você conhece as lendas? — perguntei.

— Claro que sim. Shambhala é a guardiã original das lendas e de muitas profecias ao longo da História. Ajudamos a trazer informações espirituais para as civilizações exteriores. Além disso, sabíamos que era apenas uma questão de tempo até você nos encontrar.

— Eu pessoalmente?

— Não, qualquer pessoa das civilizações exteriores. Sabíamos que à medida que vocês elevassem seu nível de energia e consciência, iriam começar a acreditar em Shambhala e que alguns de vocês conseguiriam vir até aqui. É o que dizem as lendas: na época da mudança, ou transição, de Shambhala, chegarão pessoas

das civilizações exteriores. E não apenas um ou outro adepto do Oriente, que até hoje periodicamente sempre nos encontraram, mas pessoas também do Ocidente, que serão ajudadas para chegarem até aqui.

— Você diz que as lendas predizem uma transição; qual será?

— As lendas dizem que à medida que as civilizações exteriores começarem a entender todos os passos para aumentar o campo-da-prece humano, ou seja, como ligar-se à energia divina e deixar que ela flua através do amor, como preparar seu campo para trazer o processo sincrónico e elevar as outras pessoas e como consolidar esse campo forte com a indiferença, então o resto do que fazemos aqui em Shambhala será conhecido.

— Você está falando do resto da Quarta Extensão?

— Sim. Afinal, foi isso que você veio ver aqui — ela respondeu, lançando-me um olhar compreensivo.

— Pode me contar o que é?

Ela sacudiu a cabeça.

— Você tem que dar um passo de cada vez. Primeiro precisa entender aonde a humanidade está indo. Não intelectualmente, mas com os olhos e os sentimentos. Shambhala é o modelo desse futuro.

Assenti enquanto olhava para ela.

— Chegou a hora de o mundo saber do que são capazes os seres humanos e aonde a evolução está nos levando. Uma vez entendendo isso perfeitamente, você será capaz de aumentar ainda mais o seu campo, ficar ainda mais forte. — Ela sacudiu a cabeça e acrescentou: — Mas entenda que não tenho todas as informações a respeito da Quarta Extensão. Poderei orientá-lo sobre alguns dos próximos passos, mas existe muito mais, que só é conhecido pelas pessoas nos templos.

— O que são os templos?

— São o coração de Shambhala. O lugar místico que você imaginou. É onde é feito o verdadeiro trabalho de Shambhala.

— E onde ficam?

Ela apontou para o norte, do outro lado do vale, onde havia um estranho círculo de montanhas a distância.

— Lá, depois daqueles picos — disse.

Durante a nossa conversa, Tashi ficou calado, escutando cada palavra. Ani olhou para o filho e passou a mão pelos cabelos dele.

— Tive a intuição de que Tashi a esta altura já teria sido chamado aos templos... Mas ele parece estar mais interessado na vida do seu mundo.

Acordei sobressaltado e suando. Tinha sonhado que passeava pelos templos com Tashi e mais alguém, e estava prestes a entender a Quarta Extensão. Estávamos num labirinto de estruturas de pedra, a maioria de cor areia-bronze, mas a distância havia um templo que parecia azulado. Do lado de fora havia uma pessoa com um impressionante traje tibetano. No sonho eu comecei a fugir correndo do oficial chinês que tinha visto várias vezes. Ele me perseguia por entre os templos, que estavam sendo destruídos. Eu estava cheio de ódio pelo que ele estava fazendo.

Sentei-me e tentei me concentrar, mal conseguindo recordar o caminho de volta à casa de Ani. Agora estava num dos quartos da casa dela e era de manhã. Tashi estava sentado numa poltrona grande em frente à cama, de olhos fixos em mim.

Respirei fundo e tentei me acalmar.

— Que foi? — ele quis saber.

— Só um sonho assustador — afirmei.

— Quer me falar das civilizações exteriores?

— Vocês não conseguem ir até lá por uma janela, ou sei lá como chamam?

— Isto não é possível — disse ele, sacudindo a cabeça. — Nem mesmo nos templos. Minha avó intuiu que isso podia ser feito, mas ninguém conseguiu, por causa da diferença dos níveis de energia dos dois lugares. As pessoas dos templos conseguem enxergar o que está acontecendo nas civilizações exteriores, mas é só.

— Parece que sua mãe sabe muita coisa sobre o mundo exterior.

— Somos informados por aqueles que moram nos templos. Eles voltam muitas vezes, especialmente quando sentem que alguém está pronto para ir se juntar a eles.

— Como assim?

— Quase todos aqui desejam conseguir um lugar nos templos. É a maior honra e uma oportunidade de influenciar as civilizações exteriores.

Enquanto ele falava, sua voz e o seu nível de maturidade me lembravam alguém 30 anos mais velho. Mesmo sendo grande, era desconcertante olhar para seu rosto de 14 anos.

— E você? Então quer ir para os templos?

Ele sorriu e olhou na direção dos outros aposentos, como se não quisesse que a mãe ouvisse.

— Não, eu fico pensando em ir para as civilizações exteriores. Quer me contar sobre elas?

Durante meia hora contei-lhe tudo o que pude sobre a situação atual do mundo: o modo como vivia a maioria das pessoas, a comida que a maioria comia, a luta para instituir a democracia em todo o globo, a influência corruptora do dinheiro sobre o governo, os problemas ambientais. Longe de ficar assustado ou decepcionado, ele absorvia tudo com entusiasmo.

Finalmente Ani entrou na sala, sentiu que a conversa era importante e estacou. Nenhum de nós falou, e eu me recostei no travesseiro. Ela me encarou.

— Temos que lhe dar mais energia — comentou. — Venha comigo.

Vesti-me e fui ao encontro dela na sala, depois segui-a para fora e rodeamos a casa. Ali as árvores eram muito grandes e espaçadas cerca de 10 metros uma da outra. Entre elas havia uma grama rústica, como salva, e dúzias de outras plantas que pareciam enormes samambaias. Ela me mandou movimentar o corpo, e eu tentei fazer os exercícios que Yin tinha me mostrado.

— Agora sente-se aqui e aumente a sua energia — ela disse, quando terminei.

Sentado ao lado dela, comecei a inspirar e me concentrar na beleza à minha volta, visualizando a energia entrando em mim. Como sempre, as cores e formas começaram a ressaltar. Olhei para Ani e vi em seu rosto uma expressão de sabedoria mais profunda.

— Assim é melhor — ela comentou. — Ontem, quando visitamos Pema, você ainda não estava inteiro. Lembra-se do que aconteceu?

— Sim, de quase tudo — respondi.

— Entendeu o que aconteceu quando ela pensou que tinha concebido?

— Sim.

— Parecia que num momento a criança estava lá, e no momento seguinte tinha ido embora.

— Que acha que aconteceu?

— Ninguém sabe. Esses desaparecimentos vêm acontecendo há bastante tempo. Aliás, começaram comigo, 14 anos atrás. Na época eu tinha certeza de estar grávida de gêmeos, um menino e uma menina, e de repente, num instante, um deles tinha desaparecido. Dei à luz Tashi, mas sempre senti que a irmã dele está viva em algum lugar. Desde então, muitos casais tiveram a mesma experiência: têm certeza de ter concebido e então de repente percebem que o ventre está vazio. Todos tiveram filhos depois, mas nunca esqueceram o que aconteceu. Este fenômeno tem acontecido com regularidade em toda Shambhala, nesses 14 anos.

Ela se calou por um instante, depois continuou:

— Tem alguma coisa a ver com a transição, talvez até com o fato de você estar aqui.

— Não sei — falei, desviando os olhos.

— Não tem nenhuma intuição?

Pensei por um instante, e me lembrei do sonho. Quase contei a ela, mas não conseguia definir o que ele significava, de modo que não contei.

— Intuições, realmente, não — respondi por fim. — Só um monte de perguntas.

Ela assentiu, esperando.

— Como é que a economia funciona aqui? Que é que as pessoas fazem com o seu tempo?

— Nós evoluímos e hoje não usamos dinheiro — Ani explicou.

— E não fabricamos ou construímos as coisas, como nas

civilizações exteriores. Há dezenas de milhares de anos viemos de civilizações que fabricavam as coisas de que precisavam, como vocês fazem. Mas, como lhe disse, gradualmente chegamos a entender que o verdadeiro destino da tecnologia é ser utilizada para desenvolver a nossa capacidade mental e espiritual.

Peguei entre os dedos o tecido macio do meu casaco.

— Está dizendo que tudo que vocês têm é um campo de energia criado?

— Isto mesmo.

— Que é que mantém esse campo unido?

— Uma vez criado, cada campo dura enquanto a energia não for destruída por qualquer espécie de negatividade.

— E a comida?

— A comida pode ser criada da mesma maneira, mas descobrimos que é melhor cultivá-la num processo natural. As plantas alimentícias reagem à nossa energia e a devolvem a nós. Naturalmente não precisamos comer muito para nos mantermos ativos. A maioria dos que moram nos templos não precisa comer coisa alguma.

— E a energia? Qual é a energia usada para os amplificadores?

— A energia é gratuita. Há muito tempo descobrimos um mecanismo que utiliza processos que você chamaria de fusão a frio. Ele produz energia virtualmente gratuita para a nossa civilização, o que nos possibilitou parar de prejudicar o meio ambiente e automatizar nossa produção em massa. Gradualmente o nosso tempo passou a ser dedicado aos caminhos espirituais, à percepção sincrónica e à descoberta de novas verdades sobre a nossa existência, e a transmitir aos outros toda essa informação.

Enquanto ela falava, reconheci a descrição de um futuro da humanidade que aprendi na Nona Visão e na Décima. Ela continuou:

— Ao nos desenvolvermos espiritualmente, aqui em Shambhala, começamos a compreender que o propósito humano neste planeta é formar uma civilização espiritual em todos os seus aspectos. E então nos demos conta de que tínhamos um poder maior dentro de nós para nos ajudar a fazer o que precisava ser

feito. Aprendemos as extensões da prece e as usamos para a evolução da nossa tecnologia, como já expliquei, para facilitar esse poder criador. No presente momento, vivemos simplesmente na natureza e a única tecnologia que permanece são essas unidades que nos ajudam a criar mentalmente tudo de que precisamos.

— Toda essa evolução aconteceu aqui mesmo? — perguntei.

— Não, de jeito nenhum. Shambhala mudou de lugar muitas vezes.

Por um motivo qualquer essa afirmação me chocou, e perguntei sobre o assunto.

— É isto mesmo. As nossas lendas são muito antigas e vêm de várias fontes. Todos os mitos de Atlântida e as lendas hindus de Meru tiveram origem em antigas civilizações, que existiram realmente no passado, nos primórdios da evolução de Shambhala. O passo mais difícil foi desenvolver a nossa tecnologia, porque para colocar a tecnologia inteiramente a serviço do nosso desenvolvimento espiritual individual, todos têm que atingir um ponto em que a compreensão espiritual é mais importante do que o dinheiro e o poder.

Ela prosseguiu:

— Isto leva tempo, porque as pessoas que são prisioneiras do medo e pensam que precisam manipular pessoalmente, com seu ego, o curso da evolução humana muitas vezes desejam usar os progressos da tecnologia de maneira negativa, para controlar os outros. Em muitas civilizações antigas, uns poucos controladores quiseram subverter o uso de máquinas de amplificação, tentando usá-las para vigiar e controlar os pensamentos das pessoas. Muitas vezes essas tentativas terminaram em guerra e destruição em massa, e a humanidade teve que começar tudo outra vez.

— As civilizações exteriores estão enfrentando este problema agora — ela acrescentou. — Existem pessoas que querem controlar todo mundo através de vigilância, implantes de chips e monitoramento das ondas cerebrais.

— E os artefatos dessas civilizações antigas que você mencionou? Por que nunca se encontrou alguma coisa?

— O deslocamento da placa continental e o gelo enterraram grande parte, e, além disso, uma vez que uma civilização chega a um ponto de evolução em que os bens materiais são criados mentalmente, se alguma coisa sai errada, e uma onda de negatividade diminui a energia, tudo simplesmente desaparece.

Respirei fundo e dei de ombros. Tudo que ela dizia fazia total sentido; no entanto, ao mesmo tempo era inteiramente desconcertante. Uma coisa era a hipótese da evolução da civilização na direção de um futuro espiritual; encontrar-se imerso numa civilização que já alcançou esse estágio era completamente diferente. Ani aproximou-se de mim.

— Lembre-se apenas que o que fizemos é o curso natural da evolução humana. Estamos à frente de vocês; porém, porque fizemos o que fizemos, o caminho pode ser mais fácil para vocês, das civilizações exteriores.

Ela se calou, e eu sorri.

— Sua energia parece bem melhor agora — ela disse.

— Acho que nunca me senti tão alerta.

Ela assentiu, dizendo:

— Como já disse, é o nível de energia que os indivíduos mantêm aqui em Shambhala. É contagiante. Existem aqui tantas pessoas que sabem trazer energia para dentro de si e projetá-la para fora, para as outras pessoas, que isso produz um efeito multiplicador, onde cada um recebe energia-da-prece dos outros e a envia de volta para eles. Percebe como isso se multiplica? Todas as suposições e expectativas de todas as pessoas numa civilização juntam-se num só fluxo e formam um grande campo-da-prece cultural.

Ela prosseguiu:

— O nível geral que qualquer civilização atinge é determinado quase inteiramente pelo grau de consciência de seus membros a respeito de, primeiro, a existência dos campos-da-prece em geral e, segundo, como ampliá-los conscientemente. Quando todas as extensões são finalmente praticadas, o nível de energia sobe disparado. Se todos nas civilizações exteriores soubessem como inalar a energia e deixá-la fluir para fora, fazendo das extensões da

prece uma prioridade, poderiam atingir o nível que temos aqui em Shambhala assim! — Ela estalou os dedos. Depois acrescentou: — É nisso que estão trabalhando nos templos. Usamos as nossas extensões da prece para ajudar a elevar a consciência nas civilizações exteriores. Fazemos isso há milhares de anos.

Meditei sobre as palavras dela, depois pedi:

— Conte-me tudo que sabe sobre a Quarta Extensão.

Ela ficou por um momento em silêncio, encarando-me com seriedade.

— Sabe que tem que dar um passo de cada vez — respondeu.

— Você foi ajudado, mas para chegar aqui tinha que saber as três primeiras extensões e uma parte da Quarta. Agora tem que parar para compreender exatamente como as extensões funcionam na realidade.

“Quando uma extensão é completada, a energia da pessoa alcança mais longe e se torna mais forte. Isto acontece porque quando mandamos a nossa energia para trazer experiências sincrônicas e elevar outras pessoas, e quando consolidamos essa energia com indiferença confiante e fé, estamos promovendo o plano divino, e quanto mais você age e pensa em harmonia com o divino, mais forte fica o seu poder. Entende? Existe um mecanismo de segurança embutido, como você sem dúvida já viu. Deus não vai aumentar o seu poder a não ser que você esteja de acordo com a intenção universal.”

Ela tocou no meu ombro.

— De modo que o que você tem que fazer agora é entender com mais clareza o destino que a humanidade deve tomar, como a civilização humana em geral deve evoluir. Já está na hora disso acontecer. É por isso que você e outros estão finalmente vendo e entendendo Shambhala. O próximo passo será entrar na Quarta Extensão. Você precisa apreender realmente o futuro tencionado para a humanidade. Já entendeu como dominamos a tecnologia e a colocamos a serviço da nossa evolução espiritual interior; essa vivência amplia a nossa energia ainda mais porque podemos então colocar essa expectativa no nosso campo-da-prece.

Depois de uma pausa ela continuou:

— É importante entender como funciona. Você já sabe enviar um campo na sua frente enquanto caminha por este mundo, e sabe prepará-lo para aumentar a energia e o fluxo sincrónico em você e nos outros. Você amplia mais um pouco o seu campo quando não apenas o visualiza elevando as pessoas à sua volta para que elas alcancem as suas intuições mais elevadas, mas faz isso com a certeza do futuro a que as intuições mais elevadas de todos, você e eles, estão conduzindo: na direção de uma civilização espiritual ideal, como a que você vê aqui em Shambhala. Fazendo isso, você ajuda os outros a encontrar o papel que devem desempenhar nessa evolução.

Assenti, ansioso por mais informação.

— Não vá depressa demais — ela me aconselhou. — Ainda não viu tudo sobre o nosso modo de vida aqui. Não apenas dominamos a tecnologia, mas também reestruturamos o nosso mundo para focar inteiramente a evolução espiritual... os mistérios da existência... o próprio processo da vida.

## O Processo da Vida

Peguei à esquerda na encruzilhada da trilha atrás da casa de Ani e Tashi e subi por entre pedras e árvores por mais de 1 quilômetro. Ani tinha interrompido abruptamente a nossa conversa dizendo que tinha que fazer alguns preparativos e depois me contaria mais. Eu então tinha decidido dar um passeio solitário.

Ao contemplar a folhagem verde, tinha a mente cheia de perguntas. Ani tinha dito que eu precisava ver como Shambhala era o modelo de uma civilização focada no processo da vida. Que queria dizer isso?

Enquanto pensava nessa pergunta, percebi um homem caminhando em minha direção na trilha. Era mais velho, aparentando uns 50 anos, e caminhava apressado. Quando me alcançou, olhou-me nos olhos por um momento e depois passou por mim e afastou-se. Pelo canto do olho vi quando se virou para olhar para mim.

Avancei um pouco mais, irritado por não ter parado e iniciado uma conversa. Fiz meia-volta e tomei a direção em que ele caminhava, esperando alcançá-lo. Ele acabara de fazer uma curva lá na frente, e desapareceu de vista. Quando cheguei a essa curva ele tinha desaparecido de vez. Fiquei decepcionado, mas regressei à casa de Ani sem pensar mais nisso.

Ela me recebeu com uma pilha de roupas — alguns jeans e uma camisa.

— Vai precisar disso.

— Já sei, você usou o seu campo para criar estas roupas.

Ela assentiu, dizendo:

— Você está começando a nos entender.

Sentei-me numa cadeira e olhei para ela. Não tinha a menor sensação de estar entendendo alguma coisa.

— O pai de Tashi chegou — ela comentou.

— E onde está?

— Lá dentro com ele. — Ela indicou um quarto.

— Onde é que ele estava?

— Ele passou algum tempo nos templos.

Fiquei curioso.

— E acabou de chegar?

— Foi, pouco antes de você.

— Acho que passei por ele no caminho.

Ani ficou calada um instante, depois disse:

— Acho que ele está aqui para nos preparar.

— Para quê?

— Para a transição. Ele acha que estamos chegando ao momento em que Shambhala vai se deslocar.

Eu ia perguntar mais, quando percebi que ela perdera o olhar na distância, aparentando estar imersa em seus pensamentos.

— Você disse que viu o pai de Tashi no caminho? — perguntou por fim.

Confirmei com um gesto de cabeça.

— Então a mensagem que ele está nos trazendo deve ser importante para você também. Nós aqui temos que ter muita consciência da sincronicidade.

Ela olhou para mim com expectativa.

— Você mencionou o processo da vida; pode me dizer exatamente o que as pessoas de Shambhala acham que ele é?

Ela assentiu com um gesto.

— Vamos estudar o quadro inteiro de como uma sociedade pode evoluir depois que começa a elevar seu nível de energia-da-prece. A primeira coisa que acontece é que aqueles que criam a tecnologia começam a torná-la mais eficiente e automatizada, de modo que os robôs produzem cada vez mais os bens materiais na sociedade. Isto já está acontecendo em todo o setor industrial nas civilizações exteriores e é uma coisa positiva, apesar de ser especialmente perigoso; existe o risco de colocar poder demais nas mãos de uns poucos indivíduos ou grupos, a não ser que seja

descentralizado. E cria também desemprego, e muitas pessoas têm que adaptar o meio de ganhar a vida.

Prosseguiu:

— A coisa que abranda esse problema, no entanto, é o fato de que, à medida que a produção material vai sendo automatizada, a economia de maneira geral começará a pender para uma economia de informação e serviço, fornecendo a informação correta na hora certa, o que vai exigir que todos se tornem mais intuitivos e alertas, concentrados na percepção sincronística como modo de vida. À medida que o conhecimento espiritual aumenta e as pessoas se tornam conscientes do poder criativo que podem adquirir com o seu campo-da-prece, a tecnologia evoluirá outro passo. É quando os amplificadores de ondas do pensamento serão descobertos, para que as pessoas possam criar mentalmente tudo de que precisam.

“Quando isto acontecer, a civilização poderá concentrar-se inteiramente nos assuntos espirituais. Ou seja, naquilo que chamamos de processo da vida. É onde estamos agora em Shambhala, e aonde o restante da civilização humana está destinado a chegar. Toda a nossa sociedade é educada para a realidade mais ampla do espírito. Em algum momento toda a civilização precisará entender realmente que somos seres espirituais e que o nosso corpo consiste apenas em átomos numa determinada vibração, uma vibração que pode ser elevada à medida que o nosso poder da prece aumenta. Aqui em Shambhala compreendemos isso, e também que descemos do plano puramente espiritual até aqui para atingirmos alguma coisa. Viemos para cá com a missão de trazer o mundo inteiro para a completa consciência espiritual, geração por geração, e fazemos isso da maneira mais consciente possível. É por isso que participamos inteiramente deste processo da vida, desde o início. Aliás, desde antes do próprio nascimento.”

Ela olhou para mim, para ver se eu estava entendendo, depois continuou:

— Existe sempre um relacionamento intuitivo entre a mãe e o pai e a criança que ainda não nasceu.

— Que tipo de relacionamento?

Ela sorriu.

— Todos aqui sabem que os espíritos começam a entrar em contato com os pais antes da concepção. Eles dão sinal da sua presença, especialmente para a mãe. Faz parte do processo de decidir se os pais em potencial são adequados.

Olhei para ela com espanto.

— Isso já acontece nas civilizações exteriores — Ani explicou. — É que só agora as pessoas estão começando a falar sobre isso e a desenvolver a sua percepção; pergunte a qualquer grupo de mães e veja o que elas dizem. Esse mesmo tipo de intuição age também no processo de casamento, se você pensar nisso. Quando um ser humano procura um companheiro conscientemente, a principal medida é a paixão, mas esse não é o único fator. Também recebemos intuições de como será viver com determinada pessoa. Estando ou não conscientes disso, nós avaliamos se o estilo de vida com essa pessoa irá representar um progresso em relação ao estilo de vida e às atitudes com as quais crescemos.

“Entende aonde estou querendo chegar? Escolher o companheiro certo é muito importante, do ponto de vista evolutivo. Ao evoluirmos espiritualmente, estamos destinados a escolher conscientemente o companheiro para formarmos um lar, ou uma atitude, que represente um modo de vida mais verdadeiro, comparado com o da geração anterior. Intuitivamente sabemos que devemos construir uma vida que aumente a sabedoria que encontramos no mundo quando chegamos. Entende o processo? Então, quando nos vêm intuições sobre uma criança que quer nascer de nós, essas intuições sempre provocam perguntas: por que essa criança quer nascer na nossa família? O que essa criança quer ser quando crescer? Como essa criança irá ampliar e estender o conhecimento que aprender de nós?”

— Espere um minuto — interrompi. — Não precisamos ter cuidado ao pensarmos que sabemos como nossos filhos serão? E se estivermos errados e tentarmos forçar nossos filhos a algo que não seja o melhor para eles? Minha mãe pensava que eu ia ser um vigário de aldeia, e estava enganada.

— Sim, é claro que são apenas intuições; a realidade será apenas próxima do que pensamos. Nunca será uma coisa exata. Durante vários séculos os casamentos foram arranjados e as crianças forçadas a adotar profissões escolhidas pelos pais. Mas não entende? Era o uso equivocado de uma intuição real. Podemos aprender com os erros deles. Não recebemos um conhecimento definitivo sobre nossos filhos, tampouco devemos exercer um controle total. Recebemos meramente intuições, imagens gerais do que eles vão fazer da sua vida, embora eu aposte que a sua mãe não estava inteiramente errada a seu respeito.

Eu ri. Ela estava com a razão, naturalmente.

— Portanto, você percebe aonde tudo isso está nos levando. Sabemos que, enquanto a mãe e o pai estão intuindo como a criança usará a sabedoria que encontrará com eles, e como a ampliará, o espírito por nascer está fazendo a mesma coisa numa visão pré-vida daquilo que ele quer conseguir. Em seguida vem o processo da concepção.

Ela me observou por um momento.

— Lembra-se do casal que vimos na cachoeira?

— Sim.

— Qual é a sua opinião sobre aquilo?

— Pareceu uma coisa bastante deliberada.

— Está certo, foi mesmo. Uma vez que um casal decide tentar a concepção para trazer um espírito que eles intuíram, o ato físico é uma espécie de fusão de campos de energia que de um modo muito real abre orgasticamente uma porta para o céu e permite que o espírito entre.

Pensei no que tinha visto na cachoeira: a energia do casal fundiu-se e uma nova energia começou a crescer. Ela continuou:

— Na mentalidade materialista das civilizações exteriores, a união sexual foi reduzida a mera biologia, apenas um ato físico. Mas aqui conhecemos a energia espiritual do que está realmente acontecendo. Os dois fundiram seus campos de energia num só, e a criança foi um produto da fusão. A ciência prefere pensar na concepção como uma combinação casual de genes, e certamente parece ser assim, quando ela é estudada superficialmente numa

proveta. Na verdade, os genes da mãe e do pai combinam-se para formar uma criança cujas características são sincronizadas com o melhor destino para as três pessoas. Está entendendo? A criança tem um destino tencionado que ela visualiza numa visão pré-vida, e os genes combinam-se de uma maneira precisa para dar a ela as tendências e os talentos necessários para realizar essa visão. Um dia os cientistas das civilizações exteriores irão encontrar um meio de confirmar esse processo.

“Por isso é tão perigosa a recombinação de genes que os cientistas e os médicos fazem. Ajudar a combater doenças é uma coisa, mas recombinar para aumentar a inteligência ou o talento, ou simplesmente por causa de uma preferência, é algo que vem do ego e pode ser desastroso. Esta prática por si só levou à destruição de algumas civilizações antigas.”

E concluiu:

— O que quero dizer é que aqui em Shambhala levamos muito a sério o processo de criar filhos. Em sua forma ideal, a intuição dos pais e a intuição da criança trabalham juntas para dar à criança a melhor preparação para que ela atinja seu propósito de vida.

O que ela dizia me fez pensar novamente nas concepções falhadas que estavam ocorrendo em Shambhala.

— Que acha que está acontecendo com os fetos que desapareceram? — eu quis saber.

Ela deu de ombros, olhando de relance para a porta fechada do quarto de Tashi.

— Não sei, mas talvez possamos descobrir com a ajuda do pai de Tashi.

Outra pergunta me veio à mente:

— Não compreendo quem é que vai para os templos e quem fica nos anéis.

— Imagino que seja mesmo confuso — disse ela, rindo. — A nossa civilização é dividida entre os que ensinam e os que foram chamados aos templos. Muitos daqueles que estão nos templos, porém, vão e voltam em intervalos de alguns dias, para manter seus relacionamentos, especialmente se têm filhos. A situação pode mudar a qualquer momento, conforme a intuição: aqueles que

trabalham nos templos podem voltar para ensinar, e aqueles que estão ensinando podem ir para os templos. É tudo muito fluido e sincrónico.

Ela se calou, e pedi com um gesto que continuasse.

— O passo seguinte no processo da vida é ajudar a criança a despertar. Lembre-se, cada um de nós esquece, até certo ponto, o que pretendia fazer com a sua vida, de modo que a criança precisa saber as circunstâncias históricas que cercam o seu nascimento. O importante é dar à criança um contexto para a vida, para que ela saiba o que aconteceu antes de ter chegado aqui e onde ela se encaixa. Isso inclui a história pessoal da família durante várias gerações. Nós guardamos isso num gravador parecido com uma filmadora de vídeo, só que é armazenado eletronicamente.

Ani fez uma pausa, antes de prosseguir:

— Tashi, por exemplo, pôde ver sete gerações dos seus antepassados falando da vida de cada um, dos seus sonhos, daquilo que deu certo e do que não deu, e, no final da vida, revelando o que teriam feito diferente. Ficar sabendo de tudo isso é imensamente importante para um jovem, pois o ajuda a planejar o curso de sua vida aprendendo com os erros e ampliando a sabedoria daqueles que vieram antes. Tashi aprendeu muita coisa com seus ancestrais, embora seu parente favorito ainda seja a avó.

Surpreso, comentei:

— Filmar os parentes é uma grande idéia. Não sei por que não pensamos nisto.

— Vocês não fazem isso porque ainda evitam falar de morte até o último instante, e então muitas vezes é tarde demais. A vida nas civilizações exteriores ainda é demasiado concentrada no material, não no processo da vida em si. Isto ficará mais fácil ao longo do tempo, à medida que as civilizações exteriores começarem a sustentar sua vibração e aprender as extensões da prece. No momento vocês reduzem a vida ao corriqueiro, ao mundano, quando na verdade ela é um processo constantemente misterioso e informativo.

Ani olhou para mim como se houvesse um significado mais profundo por trás da sua última afirmação.

— Você mesmo tem que superar essa tendência e manter-se focado no processo do que está lhe acontecendo. Chegou a Shambhala numa ocasião em que ela está entrando em transição; o pai de Tashi está aqui para conversar sobre o futuro dele e a situação nos templos. No entanto, Tashi não sente intuitivamente estar sendo guiado para os templos; em vez disso ele está interessado em ir para o seu mundo. E você aparece bem no meio disso. Isso tudo quer dizer alguma coisa.

Como se para enfatizar tudo o que Ani acabava de dizer, ambos ouvimos uma espécie de ronco baixo a distância, que logo silenciou.

— Nunca ouvi isso antes — Ani declarou, com expressão confusa.

Senti um calafrio percorrer o meu corpo.

— Acho que pode ser um helicóptero — comentei.

Mais uma vez pensei em lhe falar do meu sonho, mas antes que pudesse fazer isso ela recomeçou a falar.

— Temos que nos apressar. Você tem que saber quem somos, conhecer a civilização que criamos. Estamos falando da importância de os jovens entenderem a seqüência de gerações que veio antes dele. Esse processo histórico é uma coisa que todos os indivíduos nos anéis exteriores de Shambhala aprendem bem cedo na vida, ao despertarem para a sua própria espiritualidade e para o senso daquilo que vieram fazer aqui.

Ela ergueu o dedo.

— Todos aqui sabem que o mundo humano evolui através da sucessão de gerações. Cada geração estabelece um modo de vida e enfrenta certos desafios, e a geração seguinte amplia essa visão do mundo. Nas civilizações exteriores, infelizmente, essa evolução está apenas começando a ser levada a sério. Mais freqüentemente o que acontece é que os pais querem que os filhos sejam iguais a eles, tenham a mesma opinião acerca de tudo. Este desejo é natural, de certo modo, porque nós todos queremos que nossos filhos reforcem as escolhas que fizemos. Mas muitas vezes esse processo se torna antagônico; os pais criticam os interesses dos filhos e os filhos criticam o pensamento fora de moda dos pais.

E explicou:

— Até certo ponto, isso faz parte do processo; as crianças olham para a vida dos pais e pensam: gosto de quase tudo na vida deles, mas certas coisas eu teria feito diferente. Todas as crianças têm um senso do que está incompleto na vida dos pais. Afinal, o sistema é este: escolhemos nossos pais em parte para sermos despertados para o que está faltando, para o que precisa ser acrescentado à compreensão humana, e começamos esse processo através da insatisfação com aquilo que encontramos na nossa vida com eles. Mas isso não precisa ser feito com antagonismo. Uma vez conhecendo o processo da vida, podemos participar dele conscientemente. Os pais podem abrir-se para as críticas dos filhos e apoiar os sonhos deles. É claro que isso obriga os pais a questionar seu modo de pensar e a evoluir junto com os filhos, o que pode ser difícil.

Eu já tinha ouvido isso antes. Ela estava se esforçando para tornar o processo da evolução bem claro para mim. Fiz mais algumas perguntas e ela passou dez minutos dando-me detalhes da vida nos anéis exteriores de Shambhala. Explicou-me que uma vez que as crianças adquiriam uma compreensão da História e da família, o passo seguinte era aprenderem a ampliar seu campo-da-prece criador, como eu tinha feito. Em seguida encontravam um modo de fazer avançar a civilização, seja ensinando nos anéis exteriores, seja usando seu campo-da-prece nos templos.

— Isso acabará sendo o estilo de vida também das civilizações exteriores — ela acrescentou. — Algumas pessoas irão dedicar-se a ensinar às crianças, e outras irão entrar para as muitas instituições da civilização humana e ajudá-la a crescer na direção do ideal espiritual.

Eu ia perguntar-lhe mais coisas sobre o que faziam nos templos quando a porta do quarto de Tashi abriu-se e ele saiu, seguido pelo pai.

— Papai quer falar com você — disse o menino, olhando para mim.

O homem fez uma leve mesura e Tashi nos apresentou, depois nos sentamos à mesa. O pai de Tashi usava o traje de calça e colete de pele de carneiro típico dos pastores tibetanos, com a diferença

de que sua roupa estava imaculadamente limpa e era de cor bege-clara. Era baixo e robusto, e olhou para mim com olhar bondoso e uma expressão de entusiasmo juvenil.

— Sabe que Shambhala está prestes a entrar em transição? — perguntou.

Olhei para Ani e depois para ele.

— Sei apenas o que algumas lendas dizem.

— As lendas dizem que num determinado momento na evolução de Shambhala e das civilizações exteriores, ocorrerá uma grande modificação. Essa modificação só poderá acontecer quando o nível de consciência das civilizações exteriores tiver atingido um determinado ponto. Quando isso acontecer, Shambhala vai se deslocar.

— Para onde? Você sabe?

Ele sorriu à minha pergunta.

— Ninguém sabe ao certo.

Por um motivo qualquer, aquela declaração provocou uma onda de ansiedade que me dominou, e uma leve vertigem. Por um momento tive dificuldade em enxergar.

— Ele ainda não está tão forte assim — Ani interpôs.

O pai de Tashi olhou para mim e disse:

— Estou aqui por causa da minha intuição de que é importante que Tashi vá se juntar a nós nos templos durante a transição. As lendas dizem que será uma época de grandes oportunidades, mas também de muito perigo. Por algum tempo, o que temos feito nos templos será interrompido. Não conseguiremos ajudar tanto.

Ele olhou para o filho.

— Isto vai acontecer ao mesmo tempo em que a situação nas civilizações exteriores se torna crítica. Muitas vezes, durante a História oculta da humanidade, os seres humanos desenvolveram a espiritualidade até este ponto, e então extraviaram-se do caminho e recaíram na ignorância. Começaram a usar mal a tecnologia, perturbando o curso natural da evolução. Por exemplo, agora mesmo, nas civilizações exteriores, algumas pessoas estão distorcendo o processamento natural do alimento ao manipular geneticamente sementes para obter características antinaturais. Isto

é feito principalmente para que possam patentear essas sementes e controlar o seu mercado.

Continuou:

— A mesma coisa está acontecendo na indústria farmacêutica, onde um remédio herbal conhecido, de livre acesso a todos, é alterado geneticamente para ser vendido. No preciso sistema energético do corpo, essas interferências podem ter conseqüências terríveis na saúde. O mesmo em relação aos alimentos irradiados, ao cloro e outros aditivos à água, para não mencionar as chamadas drogas sintéticas. Ao mesmo tempo, a tecnologia da mídia chegou a um ponto em que exerce uma influência drástica. Se ela obedecer apenas às necessidades das empresas e dos políticos corruptos, pode criar realidades distorcidas e antinaturais para os seres humanos. À medida que as grandes empresas se unirem e passarem a controlar cada vez mais a tecnologia, e a usar cada vez mais a propaganda para criar falsas necessidades, esse problema crescerá.

“O mais imperativo é a situação do poder e da vigilância do governo. Mesmo nos países democráticos. Usando como pretexto a necessidade de combater os traficantes de drogas e os terroristas, o governo cada vez mais invade a privacidade do cidadão. As transações monetárias já estão sendo restritas e a internet é inteiramente fiscalizada. O próximo passo será forçar a mudança para uma sociedade sem dinheiro, controlada por uma autoridade central. Só pode levar ao desastre esse crescimento na direção de uma autoridade governamental central, desespiritualizada, num mundo virtual de alta tecnologia divorciado dos processos naturais onde o alimento, a água e as rotinas da vida são banalizados e distorcidos. Quando a saúde é subvertida para se tornar apenas mais um ciclo comercial de alimentos cada vez piores, novas doenças e mais drogas, o resultado é o Armageddon, e isso já aconteceu diversas vezes na pré-história. E poderia acontecer de novo, só que desta vez em escala muito maior.”

Ele sorriu para Ani, e prosseguiu:

— Mas não precisa acontecer assim. Aliás, para mudar de rumo nos falta apenas um pequeno passo, no que se refere à

consciência. Se pudéssemos simplesmente aceitar mais por inteiro a idéia de que somos seres espirituais num mundo espiritual, então o alimento, a saúde, a tecnologia, a mídia e o governo iriam assumir seus papéis apropriados na evolução e no aperfeiçoamento deste mundo. Mas para que isso aconteça é preciso que as extensões da prece sejam completamente compreendidas nas civilizações exteriores. Elas precisam entender o que fazemos nos templos. A transição de Shambhala é parte desse processo, mas a oportunidade tem que ser aproveitada.

O pai de Tashi olhou demoradamente para o filho e lhe disse:

— Para que isto aconteça, a sua geração precisa fundir-se às duas últimas para formar um campo-da-prece integrado, que inclua uma união definitiva de todas as religiões.

Tashi pareceu confuso, e o pai aproximou-se dele.

— Em todo o mundo, a geração nascida nas primeiras décadas do século XX, antes daquilo que o nosso amigo do Ocidente chamaria de geração da Segunda Grande Guerra, usou a coragem e a tecnologia para salvar a democracia e a liberdade da ameaça de ditadores que procuravam criar um império. Os ditadores foram derrotados, e os vencedores continuaram a expandir essa tecnologia para formar uma economia global. Então a geração seguinte, que os americanos chamam de *baby boomers*, chegou à Terra, e sua intuição lhes disse que o enfoque no materialismo, na tecnologia pura, não era correto, que havia poluição demais, demasiada influência de corporações sobre o governo, demasiado controle por parte dos serviços de informações.

“Essa crítica por parte dos *baby boomers* foi a maneira normal de uma nova geração evoluir e impulsionar intuitivamente a nossa evolução. Eles cresceram dentro do materialismo, ou, em alguns países, do desejo das coisas materiais, e começaram a reagir, a exprimir a idéia de que a vida era mais que isso, que por trás da História humana existe um propósito espiritual que pode ser conhecido em mais detalhes. Foi isso que esteve por trás de tudo que aconteceu no Ocidente nas décadas de 1960 e 1970: a rejeição ao sistema de status baseado nas coisas materiais, a busca de outras religiões, a popularidade da filosofia, a explosão do

pensamento do Movimento de Potencial Humano. Foi tudo resultado de uma série de insights de que a vida era feita de mais coisas do que a nossa visão do mundo material conhecia.”

Ele olhou para mim como se soubesse tudo sobre as minhas experiências com as Visões. Depois prosseguiu:

— As intuições dos *baby boomers* foram muito importantes, porque começaram a colocar em perspectiva a tecnologia e a abundância material, e a compreender a intuição profunda de que a tecnologia está sendo desenvolvida neste planeta para apoiar uma civilização onde possamos pensar não apenas em sobreviver, mas também na nossa evolução espiritual.

Ele fez uma pausa antes de continuar:

— E agora, desde o final dos anos 70 e nos anos 80, está chegando uma nova geração para impulsionar ainda mais a civilização humana. — Olhou para Tashi. — Você e os jovens da sua faixa etária são os últimos membros desta geração. Entende a perspectiva que estão trazendo ao mundo?

Enquanto Tashi pensava sobre aquela pergunta, eu fazia o mesmo. Os filhos e filhas dos *baby boomers* têm sido vistos reagindo ao idealismo dos pais, à sua ambivalência quanto à tecnologia, mostrando-se ainda mais práticos e, na verdade, desenvolvendo um amor pela tecnologia que supera qualquer coisa antes vista.

Todos olharam para mim, como se tivessem escutado os meus pensamentos. Tashi assentia em concordância.

— Sentimos que a tecnologia tem um propósito espiritual — disse.

O pai de Tashi continuou, olhando para todos nós:

— Agora, entendem como as três gerações fluem juntas? A geração da Segunda Guerra Mundial lutou contra a tirania e provou que a democracia pode não apenas florescer no mundo moderno mas também expandir-se tremendamente e unir a economia mundial. Então, no meio da abundância chegam os *baby boomers* para dizer que havia problemas nesse progresso, que estamos poluindo a natureza e perdendo contato com ela e com uma realidade espiritual que existe sob os caprichos da História. E agora

a geração seguinte chegou e concentrou-se novamente na economia, em refazer a tecnologia para que ela possa conscientemente apoiar nossa capacidade mental e espiritual, como acontece aqui em Shambhala, em vez de permitir que a tecnologia caia somente nas mãos daqueles que a usam para restringir a liberdade e ter poder sobre os outros.

— Mas esta nova geração não está inteiramente consciente do que está fazendo — comentei.

— Inteiramente, não — ele concordou. — Mas essa consciência e essa visão estão se expandindo dia-a-dia. Precisamos preparar um campo-da-prece que os eleve nessa direção. Tem que ser um campo amplo e forte. A nova geração precisa nos ajudar a unificar as religiões. Isto é muito importante, porque sempre haverá pessoas dispostas a manipular esta geração, levando-a a usar negativamente a tecnologia, e dispostas também a aproveitar-se da alienação desses jovens.

Enquanto estávamos ali sentados, ouvimos de novo o ronco baixo de helicópteros ainda bem distantes.

— A transição está começando — declarou o pai de Tashi, voltando-se para ele. — Há muitos preparativos a serem feitos. Eu desejava apenas dizer que a geração que você representa precisa agora ajudar a impulsionar todos nós para a frente. Você, pessoalmente, tem um papel a desempenhar na expansão para as civilizações exteriores daquilo que Shambhala tem feito. Mas só você pode decidir o que deve fazer.

O rapaz desviou o olhar. O pai aproximou-se e abraçou-o por um momento. Depois abraçou Ani e saiu de casa.

Tashi acompanhou com o olhar a figura que saía, depois voltou sozinho para seu quarto.

Cheio de perguntas, segui Ani para uns bancos no jardim.

— Para onde foi o pai de Tashi? — comecei.

— Ele está se preparando para a transição — ela respondeu, olhando-me de relance. — Isso pode ser difícil. Podemos todos ser deslocados por algum tempo. Existem muitos que estão voltando dos templos para ajudar.

Sacudi a cabeça.

— Que acha que vai acontecer?

— Ninguém sabe. As lendas não são específicas. Tudo o que sabemos é que haverá uma transição.

Mais uma vez a incerteza começou a diminuir o meu nível de energia; fui me sentar num banco próximo. Ani seguiu-me e sentou-se ao meu lado.

— Sei o que você deve fazer — afirmou. — Deve continuar a procurar o restante da Quarta Extensão. Nada mais lhe cabe fazer.

Assenti sem entusiasmo. Ela continuou:

— Concentre-se naquilo que aprendeu aqui. Você já sabe como é que a tecnologia deve evoluir, e agora começou a entender como a nossa civilização se concentra no processo da vida, no milagre do nascimento e da evolução consciente. Você sabe que este é o enfoque que dá mais inspiração e mais alegria. A vida materialista das civilizações exteriores é pobre, em comparação com isto. Somos seres espirituais e a nossa vida deve ser voltada para os mistérios da família e do talento, e para a busca da nossa missão individual. Além disso, você agora sabe como é uma civilização assim.

Ani fez uma pausa, depois prosseguiu:

— As lendas dizem que se conhecermos com certeza como as civilizações podem evoluir, isso vai ampliar o campo-da-prece de todos, e lhes dará mais poder. Agora, quando você se liga com o interior e enxerga o seu campo fluindo à sua frente, agindo para trazer a sincronicidade e elevando as outras pessoas para o processo sincronístico, você consegue fazer isso com uma expectativa maior, porque sabe com certeza aonde esse processo está nos levando a todos, se continuarmos fiéis a ele e evitarmos o medo e o ódio.

Ela estava com a razão; as extensões estavam se encaixando.

— Mas ainda não vi tudo — protestei.

Ela me olhou profundamente nos olhos.

— Não, você tem que continuar tentando compreender o resto da Quarta Extensão. Há mais coisas. O seu campo-da-prece ainda pode ficar mais poderoso.

Nesse momento tornamos a ouvir os helicópteros, e o som deles encheu-me de raiva. Eles pareciam estar chegando mais perto. Como isso seria possível? Como poderiam saber onde Shambhala ficava?

— Malditos! — exclamei, provocando um olhar horrorizado de Ani.

— Você tem raiva demais — comentou ela.

— Bom, é difícil não ficar com raiva quando se pensa no que os militares chineses estão fazendo.

— Esta raiva é um padrão em você. Tenho certeza de que já foi avisado do efeito disso.

Relembrei tudo o que Yin tinha tentado me explicar.

— Já, sim. Mas eu continuo estragando tudo.

Percebi que ela estava preocupada.

— Precisa dominar esse problema — declarou. — Mas não seja severo demais consigo mesmo; isso cria uma prece negativa que mantém você onde está. Por outro lado, não pode simplesmente ignorar sua raiva; tem que estar cômico desse problema, lembrar-se, e ao mesmo tempo preparar o seu campo-da-prece para que consiga ultrapassar e jogar fora o padrão velho.

Eu sabia que aquilo era uma proeza muito difícil e exigiria de mim um esforço consciente.

— Que é que devo fazer agora? — quis saber.

— Que acha?

— Tenho que ir aos templos?

— A sua intuição é esta?

Tornei a pensar no meu sonho, e finalmente contei-o a ela. Ani arregalou os olhos.

— Você sonhou que ia para os templos com Tashi? — perguntou.

— É.

— Bem! — disse ela, com expressão severa. — Não acha que devia contar isso a ele?

Fui até o quarto de Tashi e toquei na parede.

— Entre — disse ele.

Uma abertura surgiu. Tashi estava estendido na cama. Sentou-se de imediato e indicou com um gesto uma cadeira à sua frente. Sentei-me.

Ele ficou em silêncio por um instante, sentindo o peso do mundo nas costas. Finalmente disse:

— Ainda não sei o que fazer.

— Que é que está pensando? — perguntei.

— Não sei, estou todo confuso. Só consigo pensar em ir para as civilizações exteriores. Mamãe diz que tenho que encontrar meu próprio caminho. Queria que vovó estivesse aqui...

— Onde está a sua avó?

— Está nos templos, não sei bem onde.

Trocamos um longo olhar, e ele acrescentou:

— Se ao menos eu conseguisse compreender o sonho que tive...

— Que sonho? — perguntei, alerta.

— Eu estava com um grupo de pessoas. Não consegui ver o rosto delas, mas sei que uma delas é a minha irmã. — Ele silenciou por um momento. — Eu via também um lugar com água. Não sei como, eu tinha chegado às civilizações exteriores.

— Também tive um sonho — declarei. — Você estava comigo. Estávamos num dos templos... ele era azul... e encontramos alguém lá.

Um vestígio de sorriso cruzou o rosto de Tashi.

— Que é que está dizendo? — perguntou. — Que devo ir para os templos e não para as civilizações exteriores?

— Não é isto que estou dizendo. Você me contou que todos acham impossível sair para as civilizações exteriores através dos templos; e se não for?

O rosto dele iluminou-se.

— Está dizendo para eu ir para os templos e tentar chegar às civilizações exteriores por lá?

Limitei-me a ficar olhando para ele.

— Pode ser mesmo! — exclamou Tashi, pondo-se de pé. — Talvez eu tenha sido chamado, afinal.

## A Energia do Mal

---

Assim que saímos do quarto, o ruído dos helicópteros cresceu a distância.

Ani entrou em casa, foi até um armário e pegou três pesadas mochilas, que entregou a nós, juntamente com dois casacos. Percebi que os agasalhos pareciam ser feitos convencionalmente, com pano, linha e agulha. Ia perguntar-lhe sobre isso, mas ela nos levou depressa para fora e ao longo da trilha à nossa esquerda.

Enquanto caminhávamos, Ani acercou-se de Tashi, e o escutei contar a ela sua decisão de ir para os templos. O ronco dos helicópteros estava cada vez mais próximo, e o céu azul estava agora completamente nublado.

Perguntei a ela aonde estávamos indo.

— Para as cavernas — foi a resposta. — Vocês vão precisar de tempo para se preparar.

Descemos uma trilha rochosa que atravessava a encosta de um rochedo vertical, até um platô do outro lado. Ali Ani indicou que entrássemos numa pequena ravina, onde nos aninhamos, à escuta. Os helicópteros chegaram, por um momento voaram num círculo apertado acima dos rochedos, e seguiram nossos passos até estarem diretamente acima de nós.

Ani parecia horrorizada.

— Que é que está acontecendo? — berrei.

Sem me responder, ela subiu para fora da ravina e fez sinal para que a seguíssemos. Corremos durante quase 1 quilômetro através do platô até outra área de encosta, e aí paramos para esperar. Como antes, os helicópteros vieram parar exatamente acima de nós.

Uma lufada de ar gelado nos atingiu, quase me derrubando. Ao mesmo tempo todas as roupas desapareceram do nosso corpo, a

não ser os casacos pesados.

— Achei que isso podia acontecer — Ani declarou, tirando outras roupas das mochilas.

Eu ainda estava de botas, mas os calçados de Ani e Tashi tinham desaparecido. Ela deu a ele um par feito de couro, e calçou outro. Quando terminamos, subimos a encosta, trepando por entre as rochas até chegarmos a uma área mais plana. Os helicópteros pareciam ter perdido a nossa pista.

Estendi o olhar para o vale antes verde; a neve tinha coberto quase tudo, e as plantas já pareciam mirradas de frio.

— É o efeito da energia dos soldados — Ani explicou. — Está destruindo o nosso campo ambiental.

Olhando na direção do ruído dos helicópteros, senti uma nova onda de raiva; instantaneamente eles fizeram uma curva e vieram em nossa direção.

— Vamos! — Ani gritou.

Cheguei mais para perto da pequena fogueira, sentindo o frio da madrugada. Tínhamos caminhado durante uma hora, e passado a noite numa pequena caverna. Apesar de várias camadas de roupas próprias para o frio, eu ainda estava gelado. Tashi agora estava aninhado ao meu lado e Ani olhava pela abertura o mundo gelado lá fora. A nevasca durava horas.

— Tudo acabado — ela declarou. — Agora só há gelo lá fora.

Aproximei-me da abertura e olhei. O que antes era um vale arborizado, com centenas de lares, era agora apenas neve e montanhas pontiagudas. Aqui e ali havia os remanescentes retorcidos de uma árvore, mas não se via uma única mancha de cor. Todas as casas tinham simplesmente desaparecido, e o rio que corria ao longo do centro do vale estava congelado.

— A temperatura deve ter caído mais de 15 graus — ela acrescentou.

— Que foi que aconteceu? — perguntei.

— Quando os chineses nos descobriram, a força dos seus pensamentos e suas expectativas de neve e frio anularam o campo que tínhamos criado para manter a temperatura moderada.

Normalmente a força dos campos criados por aqueles que estão nos templos teria sido suficiente para manter os chineses longe, mas eles sabiam que era hora da transição.

— Como assim? Eles deixaram os chineses entrarem de propósito?

— Era o único jeito. Se você e os outros que nos encontraram tiveram permissão para entrar, não haveria jeito de manter os soldados de fora. Você não é suficientemente forte para manter a mente livre de todos os pensamentos negativos. E os chineses seguiram você até aqui.

— Quer dizer que a culpa disto tudo é minha?

— Tudo bem. É parte da dispersão.

Aquilo não me consolava. Voltei para junto do fogo, e Ani veio atrás. Tashi tinha preparado um cozido de legumes secos. Ani disse:

— Você precisa entender que está tudo bem com o povo de Shambhala. Tudo isto já era esperado. Todos que estavam aqui estão bem. Um número suficiente de pessoas tinha voltado dos templos para guiá-los através das janelas espaciais para um novo lugar de segurança. Nossas lendas nos prepararam bem.

Ela apontou para o vale.

— Você tem que se concentrar no que está fazendo. Você e Tashi precisam conseguir chegar aos templos sem serem capturados pelos militares. O resto do que Shambhala tem feito pela humanidade precisa ser conhecido.

Ela calou-se ao ouvirmos o ronco distante de um helicóptero. O ruído ficou mais fraco e finalmente desapareceu.

— E precisam ter muito cuidado — ela acrescentou. — Pensei que soubesse impedir que imagens negativas entrassem em sua mente, especialmente pensamentos de raiva ou hostilidade.

Sabia que ela tinha razão, mas ainda me sentia confuso em relação a todo aquele processo. Ela olhou para mim com intensidade.

— Mais cedo ou mais tarde você vai ter que lidar com o seu padrão de raiva.

Eu ia fazer-lhe uma pergunta quando pela abertura da porta vimos várias dezenas de pessoas descendo uma encosta gelada à

nossa direita. Ani levantou-se e olhou para Tashi.

— Não temos mais tempo. Tenho que ir. Preciso ajudar essas pessoas a encontrar uma saída. O seu pai vai me ajudar.

— Não pode vir conosco? — Tashi perguntou, aproximando-se dela. Vi lágrimas nos olhos dele.

Ani encarou-o, depois olhou para as pessoas lá fora, através da fresta gelada.

— Não posso, não — disse, abraçando-o com força. — O meu lugar é aqui, para ajudar na transição. Mas não se preocupe, vou encontrar você onde quer que esteja.

Ela chegou à abertura e virou-se para nós dois.

— Vocês ficarão bem. Mas precisam ter cuidado. Não conseguirão manter a energia se estiverem dominados pela raiva. Não podem ter inimigos.

Parou e olhou para mim, e então disse, sorrindo, algo que eu ouvira muitas vezes durante aquela viagem:

— E lembre-se, você está sendo ajudado.

Tashi olhou por cima do ombro e sorriu para mim, enquanto chapinhávamos através da neve alta. Ficava cada vez mais frio, e eu me esforçava para manter minha energia. Para chegarmos à cadeia de montanhas que guardava os templos, tínhamos que descer da crista onde nos encontrávamos, cruzar o vale congelado e subir quase na vertical para chegar ao topo de outra montanha, e então atravessar para o lado oposto. Tínhamos descido quase 400 metros sem dificuldades, mas agora parecia que tínhamos chegado à beira de um barranco alto: o solo ficava mais de 15 metros abaixo de nós.

Tashi voltou-se e olhou para mim.

— Vamos ter que descer escorregando. Não há outro caminho.

— Isto é perigoso demais — protestei. — Pode haver pedras logo abaixo da neve. Se começarmos a deslizar sem controle, podemos nos ferir.

Minha energia estava despencando. Tashi sorriu nervosamente.

— Tudo bem — disse. — Não está errado ter medo. Só não deixe de manter a sua visualização num desfecho positivo. Na

verdade, o medo vai aproximar os dakinis.

— Espere um minuto, ninguém tinha me dito isto. Como assim?

— Você não foi ajudado misteriosamente, inexplicavelmente?

— Yin disse que Shambhala estava me ajudando.

— E então?

— Não entendo a relação. Venho tentando descobrir o que é que determina o momento de os dakinis nos ajudarem.

— Isto, só os que vivem nos templos sabem. Eu só sei que o medo sempre faz esses guardiães se aproximarem, se conseguirmos manter nossa fé num certo nível. É o ódio que os afasta.

Tashi empurrou-me para fora da borda, e começamos a deslizar descontroladamente pela neve solta. Meu pé bateu numa pedra e me fez dar uma cambalhota, e daí em diante comecei a descer rolando. Sabia que se minha cabeça batesse numa pedra seria o meu fim. Mas apesar do medo consegui manter a visão de parar em segurança.

A esse pensamento, uma sensação específica começou a me dominar, e fiquei repleto de paz e bem-estar. O terror diminuiu. Momentos depois cheguei ao fundo do precipício e parei. Tashi colidiu em cheio com as minhas costas. Por um momento fiquei deitado, de olhos fechados. Abri-os devagar, lembrando-me de outras situações perigosas na minha vida em que uma paz inexplicável me dominara.

Tashi desvencilhava-se da neve, e sorri para ele.

— Que foi? — ele quis saber.

— Havia alguém aqui.

Ele se levantou, sacudiu a neve das roupas e se pôs a caminhar.

— Viu o que acontece quando ficamos positivos? Seja qual for a força temporária que a raiva nos traz, ela não se compara com este mistério.

Assenti, esperando não me esquecer disso.

Durante duas horas atravessamos o vale, cruzando o rio congelado e subindo a encosta até a base das montanhas

íngremes. A neve começava a cair com mais força.

De repente Tashi estacou.

— Alguma coisa se mexeu lá na frente — declarou.

Tentei enxergar.

— Que era?

— Parecia uma pessoa. Vamos.

Começamos a subir a encosta da montanha, cujo pico parecia estar uns 600 metros acima de nós.

— Tem que haver uma passagem em algum lugar. Não podemos ir até o pico — Tashi declarou.

À nossa frente ouvimos o ruído de pedras e neve deslizando. Tashi e eu nos entreolhamos e rodeamos devagar uma série de pedras altas. Ao passarmos atrás da última delas, vimos um homem sacudindo-se para tirar a neve das roupas. Parecia exausto. Tinha um joelho enrolado numa faixa suja de sangue. Não consegui acreditar nos meus olhos: era Wil.

— Está tudo bem, conheço aquele homem — disse a Tashi, levantando-me e rastejando por sobre as pedras.

Wil nos ouviu e mergulhou para o lado, pronto para descer uma trilha estreita e fugir de nós, apesar do ferimento.

— Sou eu! — gritei para ele.

Will soergueu-se por um momento, depois tornou a desabar na neve. Usava um espesso casaco branco e calça para frio.

— Já estava na hora — disse, sorrindo. — Pensei que chegaria mais cedo.

Tashi correu e examinou a perna de Wil. Apresentei os dois. Com a maior rapidez possível expliquei a Wil tudo o que tinha me acontecido: encontrar Yin, fugir dos chineses, aprender as extensões, atravessar o portal e finalmente chegar aos anéis de Shambhala.

— Não sabia onde encontrar você — acrescentei, apontando para o vale lá embaixo. — Está tudo destruído. É o efeito dos chineses.

— Sei disso. Eu também já me encontrei com eles — disse Wil.

Ele nos contou suas experiências. Como eu, tinha ampliado da melhor maneira possível o seu campo-da-prece e tivera permissão

para entrar em Shambhala. Estivera em outra parte dos anéis, onde tinha recebido de outra família informações sobre as lendas.

— Os templos são sempre difíceis de atingir — disse. — Especialmente agora, com a chegada dos soldados chineses. Temos que ter certeza de não estarmos fazendo preces negativas.

— Acho que não vou indo muito bem nesse assunto — respondi.

Ele me encarou com seriedade, preocupado.

— Mas por isso você estava com Yin. Ele não lhe mostrou o que pode acontecer?

— Acho que compreendo como evitar as imagens do medo em geral; é a minha raiva dos soldados chineses que me atrapalha.

Wil parecia ainda mais assustado, e ia dizer alguma coisa quando ouvimos o som dos helicópteros diminuindo a distância entre nós. Começamos a subir a montanha, serpenteando por entre as rochas e os bancos de neve profundos. Tudo parecia muito frágil e instável. Durante vinte minutos subimos em silêncio. O vento estava aumentando, e a neve fazia nosso rosto arder.

Wil parou e caiu sobre um joelho.

— Escutem, o que é isso? — perguntou.

— É o helicóptero outra vez — informei, tentando dominar minha irritação.

Enquanto escutávamos, o helicóptero atravessou as nuvens e veio voando diretamente para nós. Mancando um pouco, Wil avançou encosta acima, mas eu parei por um instante, pois ouvia algo mais acima do som do helicóptero. Parecia um trem de carga.

— Cuidado! — Wil gritou à minha frente. — É uma avalanche!

Tentei correr para fora do caminho, mas era tarde demais. Toda a força da neve que descia atingiu-me no rosto e derrubou-me de costas encosta abaixo. Eu deslizava e girava, às vezes completamente encoberto pelo peso da avalanche trovejante, às vezes deslizando sobre a superfície daquela massa em movimento.

Depois do que pareceu uma eternidade, senti que parava de cair. Estava totalmente coberto de neve, incapaz de me mexer, o corpo contorcido debaixo da neve. Tentei respirar, mas não havia ar. Senti que estava prestes a morrer.

Mas alguém agarrou meu braço estendido e começou a me libertar. Senti outras pessoas cavando ao meu redor, e finalmente minha cabeça ficou livre. Inspirei fundo, limpando a neve dos olhos, esperando ver Wil.

Em vez disso vi uma dúzia de soldados chineses, um deles ainda segurando meu braço. Atrás deles, vindo em minha direção, estava o coronel Chang. Sem palavras ele indicou a vários soldados que me agarrassem e me levassem para um helicóptero que pairava nas proximidades. Da aeronave desceu uma escada de corda e alguns soldados subiram a bordo, depois jogaram uma espécie de colete de tiras, que foi colocado e preso em mim. O coronel deu a ordem e fui puxado para cima, enquanto ele e os soldados restantes subiam pela corda. Minutos depois, voávamos para longe.

Fiquei olhando pela janela redonda da barraca de 10 metros quadrados, especial para o frio. Contei pelo menos sete barracas grandes e três pequenas, e alguns trailers que poderiam ser apropriados para serem transportados por via aérea. Um gerador à gasolina trabalhava num canto do acampamento, e vi vários helicópteros numa área à minha esquerda. A neve tinha parado de cair, mas formava uma camada de uns 30 centímetros no solo.

Esforcei-me para enxergar o espaço à minha direita. Pela cadeia de montanhas ao fundo, concluía que tínhamos voado de volta para o centro do vale. O vento uivava, sacudindo as paredes da barraca.

Quando chegara ali, tinha sido alimentado, forçado a tomar banho num chuveiro morno e a vestir roupas chinesas para o frio. Pelo menos, finalmente estava aquecido.

Virei-me e olhei para o guarda chinês armado sentado à entrada. Seus olhos seguiam todos os meus movimentos com uma expressão fria, gelada, que congelava a minha alma. Cansado, fui até um dos catres num canto e deitei-me. Tentei avaliar minha situação, mas não conseguia pensar. Estava paralisado, petrificado — tão apavorado que sabia que não estava muito alerta. Não conseguia entender por que me sentia tão incapaz. Foi o pânico mais intenso que já senti.

Tentei inspirar profundamente e aumentar minha energia, mas não consegui sequer começar. As lâmpadas nuas penduradas do teto da barraca enchiam o aposento de uma luz baça e trêmula, e de sombras assustadoras. Não conseguia encontrar beleza à minha volta.

O painel da barraca abriu-se e o soldado ficou em posição de sentido. O coronel Chang entrou e despiu o casaco pesado, assentindo para o guarda. Depois olhou para mim. Desviei os olhos.

— Temos que conversar — ele começou, puxando uma cadeira dobrável e sentando-se a pouco mais de 1 metro de mim. — Preciso de respostas para as minhas perguntas. Agora. — Encarou-me friamente por um instante. — Por que está aqui?

Resolvi responder com toda a sinceridade possível.

— Estou estudando as lendas tibetanas. Já lhe disse isto.

— Está procurando Shambhala.

Fiquei em silêncio.

— É isso? — perguntou. — É aqui neste vale?

O medo comprimia meu estômago. Que faria ele se eu me recusasse a responder?

— Não sabe? — perguntei.

Ele sorriu de leve.

— Eu diria que você e o resto da sua seita ilegal pensam que aqui é Shambhala. — Parecia confuso, como se recordasse mais alguma coisa. — Vimos de relance outras pessoas aqui. Mas conseguiram fugir de nós na neve. Onde estão? Para onde foram?

— Não sei. Nem sei onde estamos.

Ele se virou na minha direção.

— Encontramos também restos de plantas que há pouco tempo estavam vivas. Como é possível? Como poderiam crescer aqui?

Limitei-me a encará-lo, e ele sorriu friamente.

— Que é que você sabe, realmente, das lendas de Shambhala?

— Pouca coisa — gaguejei.

— Eu sei muita coisa. Acredita nisso? Já tive acesso a todos os escritos antigos, e devo dizer que são muito interessantes como mitologia. Pense nisso: uma comunidade ideal, feita de seres humanos iluminados que são muito mais adiantados mentalmente

do que qualquer outra civilização neste planeta. E sei o resto também, essa idéia de que os indivíduos de Shambhala têm um poder secreto para o bem que permeia o resto da humanidade e a empurra naquela direção. Fascinante, não acha? O folclore antigo poderia até ser apreciado, na verdade, se não fosse tão enganoso e perigoso para o povo do Tibete. Não acha que se uma coisa assim fosse real, nós já teríamos descoberto? Deus, a alma, tudo isso é um sonho de criança. Veja a mitologia tibetana sobre os dakinis, a idéia de que existem anjos que podem interagir conosco, nos ajudar.

— Em que você acredita? — perguntei, tentando aliviar a tensão.

Ele apontou para a própria cabeça.

— Acredito nos poderes da mente. Por isso você devia falar comigo, nos ajudar. Estamos interessadíssimos na idéia do poder psíquico, a maior amplidão das ondas cerebrais e o seu efeito nos aparelhos eletrônicos e nas pessoas à distância; mas não confunda isso com espiritualismo. Os poderes da mente são um fenômeno natural que pode ser pesquisado e descoberto cientificamente.

Ele finalizou essa declaração com um gesto irado com a mão, provocando um profundo espasmo de medo no meu estômago. Sabia que aquele homem era extremamente perigoso e absolutamente impiedoso.

Ele estava olhando para mim, mas alguma coisa atraiu a minha atenção na parede atrás dele, diretamente em frente à porta onde o guarda estava postado. A área de repente tinha ficado mais brilhante. A lâmpada acima tremeluzia levemente, e atribuí minha percepção a um pico de energia do gerador.

O coronel levantou-se e deu alguns passos em minha direção, parecendo mais zangado.

— Acha que gostei de viajar para este lugar perdido? Não consigo entender como alguém consegue sobreviver aqui. Mas não vamos embora; vamos aumentar este acampamento até termos soldados suficientes para cobrir toda esta região a pé. Quem quer que esteja aqui será encontrado e terá um tratamento muito severo. — Forçou um meio sorriso. — Mas os nossos amigos serão igualmente recompensados. Está entendendo?

Nesse momento, outra onda de medo me atingiu, mas era diferente; era um medo misturado a um grande desprezo. Estava começando a ter nojo da extensão da maldade daquele homem.

Olhei de relance para a área que antes parecia mais clara, bem atrás dele, mas agora ela não se destacava e estava cheia de sombras. A luz tinha desaparecido, e me senti inteiramente sozinho.

— Por que está fazendo isso? — quis saber. — O povo tibetano tem direito a suas próprias crenças religiosas. Você está tentando destruir a cultura deles. Como pode fazer isso?

Eu sentia a minha raiva me fazer mais forte. Meu desafio pareceu apenas deixá-lo com mais energia.

— Ah, então você tem opiniões — comentou em tom zombeteiro. — Pena que sejam tão ingênuas. Você acha que o que estamos fazendo é incomum? O seu próprio governo está desenvolvendo meios de controlar você também. Chips inseridos no corpo de soldados e de pessoas insubordinadas. E não é tudo! — Ele estava quase aos berros. — Sabemos agora que quando as pessoas pensam irradiam um determinado padrão de ondas cerebrais. Todos os governos estão tentando desenvolver máquinas que possam identificar essas ondas cerebrais, principalmente os sentimentos antigovernistas ou de raiva.

Aquela declaração me gelou. Ele estava falando do mesmo uso errado da amplificação das ondas cerebrais contra o qual Ani tinha me advertido — o erro que condenara à destruição algumas civilizações antigas.

— Sabe por que os seus governos supostamente democráticos estão fazendo isso? — ele continuou. — Porque têm muito mais medo do povo do que nós temos. Os nossos cidadãos sabem que o papel do governo é governar; sabem que certas liberdades precisam ser limitadas. O seu povo acha que o indivíduo pode se autogovernar; bem, se isso aconteceu no passado, agora já não funciona mais num mundo altamente técnico em que uma arma que cabe numa maleta pode destruir uma cidade. Com esse tipo de liberdade a humanidade não sobreviverá. A direção, os valores da sociedade precisam ser controlados e dirigidos para o bem comum.

É por isso que essa lenda de Shambhala é tão perigosa; ela se baseia na total independência individual.

Enquanto ele falava, ouvi a porta abrir-se atrás de mim, mas não me voltei. Estava totalmente concentrado na atitude daquele homem. Ali estava a pior expressão da tirania moderna, e quanto mais ele falava, mais aumentava o meu desprezo. Argumentei:

— O que você não entende é que os seres humanos conseguem encontrar uma motivação interior para criar o bem no mundo.

Ele riu cinicamente.

— Não me diga que você acredita mesmo nisto. Nada na História sugere que as pessoas não sejam totalmente egoístas e ambiciosas.

— Se você tivesse sua própria espiritualidade, enxergaria o bem.

Minha voz também se alteava de raiva.

— Não! — ele explodiu, quase gritando. — A espiritualidade é o problema! Enquanto houver religião não poderá haver união entre as pessoas. Será que não entende? Cada instituição religiosa é como um bloqueio irremovível no caminho do progresso. Uma guerreia contra a outra. Os cristãos gastam seu tempo e seu dinheiro querendo converter todo o mundo para a sua doutrina implacável; os judeus querem ficar isolados no sonho de serem os escolhidos; os muçulmanos pensam que religião é companheirismo, poder coletivo e ódio sagrado. E nós, do Oriente, somos os piores. Nós ignoramos o mundo real em favor de uma fantasiosa vida interior que ninguém consegue entender. Com todo esse caos da metafísica ninguém consegue se concentrar no progresso, em aliviar a carga dos pobres, em fornecer educação para todas as crianças tibetanas.

“Mas não se preocupe. Vamos providenciar para resolver esse problema. E você nos ajudou muito; desde que Wilson James foi visitá-lo, na América, vigiamos os seus movimentos e os movimentos do grupo holandês. Sabia que você viria, que você estaria envolvido.”

Devo ter mostrado minha surpresa.

— Ah, sim, sabemos tudo sobre você. Operamos com mais liberdade na América do que você imagina. A sua Agência de Segurança Nacional consegue monitorizar a internet; acha que nós não? Você e essa seita jamais conseguirão fugir de mim. Como acha que conseguimos seguir você nessas nevascas? Foi através do poder da mente. Da minha mente. Tive o conhecimento de onde você estava. Mesmo depois de nos perdermos, eu sabia. Conseguia sentir a sua presença. No princípio eu seguia o seu amigo Yin; depois passou a ser você. E não é tudo. Não preciso mais usar meus instintos para localizar você; agora tenho o gráfico das suas ondas cerebrais. — Ele indicou a porta. — Daqui a alguns minutos os nossos técnicos terão montado o nosso novo equipamento de vigilância. Então poderemos localizar qualquer pessoa que tenhamos passado pela nossa máquina.

A princípio não consegui entender ao que ele se referia, mas então lembrei-me da minha experiência na casa chinesa em Ali, depois de ter inalado o gás; os soldados tinham me colocado sob uma máquina. Uma nova onda de medo me percorreu, mas imediatamente transformou-se numa raiva ainda mais profunda.

— Você é louco! — gritei.

— Isto mesmo. Para você, sou louco. Mas sou o futuro. — Ele agora agigantava-se acima de mim, o rosto vermelho, virtualmente explodindo de raiva. — Que inocência mais idiota! Você vai me contar tudo. Está entendendo? Tudo!

Sabia que ele não teria me dado tanta informação se tencionasse me libertar, mas naquele momento isso não me importava. Eu estava falando com um monstro, e uma raiva avassaladora me dominava. Estava prestes a verbalizar mais uma vez a sua maldição quando uma voz do outro lado do aposento chamou:

— Não faça isso! Vai se enfraquecer!

O coronel virou-se, e acompanhei o olhar dele. Perto da porta postava-se outro guarda e, ao lado dele, caído sobre uma mesinha, estava Yin. O guarda empurrou-o para o chão.

Levantei-me de um salto e corri para ele, enquanto o coronel dizia algo em chinês aos guardas e saía da barraca. Yin tinha

hematomas e cortes no rosto.

— Yin, você está bem? — perguntei, ajudando-o a ir até um catre.

— Estou bem — ele disse, puxando-me para que eu me sentasse a seu lado no catre. — Vieram nos pegar assim que você partiu. — Seus olhos estavam cheios de excitação. — Conte-me o que aconteceu. Conseguiu chegar a Shambhala?

Olhei para ele e levei o dedo aos lábios.

— Provavelmente nos colocaram juntos para verem o que vamos dizer — cochichei. — Pode apostar que este lugar tem microfones escondidos. Não devemos conversar.

— Vamos ter que arriscar — ele contrapôs. — Venha até perto do aquecedor. Ele é barulhento. Conte o que aconteceu.

Durante a meia hora seguinte eu lhe contei tudo sobre o mundo que tinha encontrado em Shambhala, e depois, no mais leve dos sussurros, mencionei os templos. Ele arregalou os olhos.

— Então você não descobriu a Quarta Extensão inteira?

Falei, quase sem som:

— Está nos templos.

Em seguida contei-lhe de Tashi, Wil e o que Ani tinha dito sobre aprender o que estavam fazendo aqueles que viviam nos templos.

— E que mais ela disse? — Yin perguntou.

— Que não devemos ter inimigos — respondi.

Yin fez uma careta de dor. Depois disse:

— Mas você está fazendo exatamente isso com o coronel. Estava usando a sua raiva e o seu desprezo para sentir-se forte. São os mesmos erros que cometi. Você teve sorte por ele não o ter matado imediatamente.

Eu sabia que as minhas emoções estavam descontroladas.

— Não se lembra de quando a sua expectativa negativa mandou embora o casal holandês na caminhonete, e você perdeu uma sincronicidade importante? Naquele caso você estava tendo uma expectativa de medo de que talvez eles fossem lhe fazer mal. Eles sentiram essa sua expectativa e provavelmente começaram a sentir que se parassem estariam fazendo uma coisa errada, então seguiram.

— É, eu me lembro.

— Cada suposição ou expectativa negativos que temos sobre outro ser humano é uma prece que parte e atua para criar essa realidade na pessoa. Lembre-se que nossas mentes se ligam, nossos pensamentos e nossas expectativas vão influenciar outras pessoas a pensar como pensamos. É o que você tem feito com o coronel: tem a expectativa de que ele vai mostrar maldade.

— Espere um minuto, eu só estava vendo o coronel como ele é.

— Realmente? Qual parte dele? O seu ego ou o seu eu-superior, espiritual?

Yin tinha razão. Tudo aquilo era uma coisa que eu pensava que tinha aprendido com a Décima Visão, mas não estava agindo de acordo com o que aprendera.

— Quando estava fugindo dele, ele conseguiu me seguir. Disse que fazia isso com a mente e a intuição.

— Você pensou nele? Imaginava que ele o seguiria? — Yin quis saber.

— Devo ter feito isso.

— Não se lembra? É o que estava acontecendo comigo, antes. E agora você está fazendo a mesma coisa. Essa expectativa estava criando na mente de Chang os pensamentos de onde você estava. Era um pensamento do ego, mas ocorreu a ele porque você estava esperando, na verdade rezando para que ele o encontrasse.

— Não entende? — Yin prosseguiu. — Conversamos tantas vezes sobre isso! O nosso campo-da-prece está agindo constantemente no mundo, enviando as nossas expectativas, e no caso de outra pessoa o efeito é quase instantâneo. Felizmente, como falei antes, uma prece negativa como esta não é tão forte quanto uma prece positiva, porque você imediatamente se desliga das energias do seu eu-superior, mas ela ainda assim tem algum efeito. Este é o processo oculto na Regra de Ouro de vocês.

Olhei para ele sem entender; levei um instante para me lembrar da frase da Bíblia que nos manda fazer ao próximo o que queremos que ele nos faça. Mas não consegui ver a ligação, e pedi a ele que explicasse.

— Essa instrução parece útil para criar uma sociedade boa, certo? Como uma postura ética. Mas o fato é que existe uma razão verdadeira, espiritual e cármica que ultrapassa esse conceito de ser uma boa idéia. É importante segui-la porque somos pessoalmente afetados.

Ele fez uma pausa teatral, depois continuou:

— A forma mais completa dessa regra seria: “Faça ao próximo o que quer que ele faça a você porque o modo como você o trata ou o que pensa dele é exatamente como ele vai tratar você. A prece que você envia com o seu sentimento ou sua ação tende a ressaltar nele exatamente o que havia na sua expectativa.”

Assenti. Estava começando a absorver aquela idéia.

— No caso do coronel, quando você conclui que ele é mau, a sua energia da prece sai e entra no campo de energia dele, reforçando as tendências dele. Assim, ele começa a agir conforme a sua expectativa: com raiva e crueldade. Recapitule como as coisas geralmente funcionam na civilização humana; esse efeito está em toda parte. Lembre-se de que nós, seres humanos, compartilhamos atitudes e estados de espírito. Tudo isso é muito contagiante. Quando pensamos em alguém e o julgamos, considerando-o gordo, ou magro, ou fracassado ou feio ou mal vestido, realmente mandamos nossa energia para essa pessoa e muitas vezes ela começa a ter pensamentos negativos sobre si mesma. Nesse caso nós nos envolvemos no que só pode ser chamado de energia do mal. É o contágio da prece negativa.

— Mas que é que devemos fazer? — protestei. — Não devemos ver as coisas como elas são?

— Claro que devemos ver as coisas como são, mas depois disso temos que mudar imediatamente as nossas expectativas, passando daquilo que é para *aquilo que poderia ser*. No caso do coronel, você devia ter percebido que, mesmo agindo mal, totalmente afastado do espiritual, o eu-superior dele era capaz de ver a luz num instante. Essa é a expectativa que você tem que manter, porque então você estará realmente mandando o seu campo-da-prece para elevar a energia e a consciência dele nessa

direção. Você precisa sempre retornar a essa postura mental, em quaisquer circunstâncias.

Ele fez outra pausa teatral, sorrindo, o que achei estranho, devido à nossa situação e ao seu rosto machucado e cortado.

— Eles sorriram você? — perguntei.

— Nada que eu não tenha desejado a eles — Yin respondeu, mais uma vez provando ter razão. Ele perguntou: — Está entendendo a importância disso? Você não poderá avançar nas extensões enquanto não entender. A raiva sempre será uma tentação. É gostoso, faz nosso ego pensar que estamos ficando mais fortes. É preciso ser esperto e não se deixar enganar. Só se pode atingir os níveis mais fortes de energia criativa quando se evita qualquer tipo de prece negativa. Já existe mal suficiente por aí sem que ele seja aumentado inconscientemente. Esta é a grande verdade por trás do código de compaixão tibetano.

Afastei o olhar, sabendo que tudo que Yin estava dizendo era verdadeiro. Mais uma vez eu tinha recaído nesse padrão de raiva. Por que sempre fazia isso?

Yin encarou-me e disse:

— Eis o fecho desta teoria: ao corrigirmos um padrão contraproducente em nós mesmos, sendo, neste caso, a raiva e a condenação, é indispensável não enviarmos uma prece negativa a respeito das nossas próprias possibilidades. Entende o que quero dizer? Se fizermos comentários derrotistas, tais como “Não consigo superar este problema” ou “Não vou conseguir mudar”, na verdade estamos rezando para permanecer do jeito que somos. Temos que manter uma visão de que iremos encontrar uma energia mais elevada e superar nossos padrões. Temos que nos encorajar com a nossa própria energia da prece.

Ele recostou-se no catre.

— Esta é a lição que tive que aprender. Nunca consegui compreender a atitude de compaixão do Lama Ridgen para com o governo chinês. Eles estão destruindo o nosso país e eu quero que eles sejam derrotados; nunca estive suficientemente perto de um soldado deles para encará-lo nos olhos, constatar que são pessoas presas num sistema tirânico. Mas depois que enxerguei além do ego

deles e vi a socialização que eles tiveram, finalmente consegui aprender a não aumentar a energia do mal com os meus pressupostos negativos. Finalmente pude manter uma visão mais elevada deles e de mim mesmo. Talvez por ter aprendido isso, consigo também manter uma visão mais elevada segundo a qual você também vai aprender.

Despertei com o primeiro barulho no acampamento. Alguém estava juntando ruidosamente barris ou latas grandes. Levantei-me num salto, vesti-me e olhei para a porta. Os guardas tinham sido substituídos por outros dois, que me observaram sonolentemente. Fui até a janela e olhei para fora; o dia estava nublado e o vento uivava. Havia movimento numa das outras barracas; uma das portas estava se abrindo. Era o coronel, que veio andando em nossa direção.

Voltei para perto do catre de Yin e ele se virou, esforçando-se para acordar. Tinha o rosto inchado, e olhou-me com os olhos apertados.

— O coronel está voltando — informei.

— Vou ajudar o mais que puder. Mas você terá que manter um campo-da-prece diferente para ele. É a sua única chance.

A porta da barraca abriu-se e os soldados colocaram-se em posição de sentido. O coronel entrou e indicou com um gesto que eles esperassem do lado de fora. Olhou de relance para Yin antes de vir até mim.

Eu estava respirando fundo e tentando ampliar o máximo possível o meu campo. Visualizei a energia fluindo para fora de mim e concentrei-me em vê-lo como um espírito assustado, não como um torturador.

— Quero saber onde são esses templos — ele começou, em voz baixa e sinistra, tirando o casaco pesado.

— A única maneira de conseguir vê-los é manter a sua energia elevada — respondi, dizendo a primeira coisa que me veio à mente.

Ele pareceu ter levado um choque.

— De que está falando? — quis saber.

— O senhor me disse que acredita nos poderes da mente; e se um desses poderes for o de elevar o seu nível de energia?

— Qual energia?

— O senhor disse que as ondas cerebrais são reais e podem ser manipuladas por uma máquina; e se puderem ser manipuladas interiormente, pela nossa intenção, e reforçadas, elevando o seu nível de energia?

— Como isso é possível? — ele perguntou. — A ciência nunca demonstrou isso.

Eu não conseguia acreditar: ele estava se abrindo! Concentrei-me na expressão do rosto do coronel, que parecia estar sinceramente pensando sobre o que eu tinha dito.

— Mas é realmente possível — continuei. — As ondas cerebrais, ou talvez um conjunto diferente de ondas, de maior alcance, podem ser fortalecidas a um ponto em que podemos influenciar os acontecimentos.

Ele se endireitou.

— Está me dizendo que sabe como usar as ondas cerebrais para fazer certas coisas acontecerem?

Enquanto ele falava, tornei a ver um brilho atrás dele, contra a parede da barraca.

— Isso mesmo — confirmei. — Mas só as coisas que conduzam nossa vida na direção que ela deve tomar. Caso contrário, a energia acaba caindo.

— Deve tomar? — ele repetiu, apertando os olhos.

A área da barraca atrás dele continuava a parecer mais brilhante, e não consegui deixar de olhar de relance para lá. Ele se virou e olhou também naquela direção.

— Que é que está olhando? — quis saber. — Diga-me o que quer dizer com “deve tomar”. Eu me considero livre. Posso conduzir minha vida na direção que eu quiser.

— É, isto é verdade, naturalmente. Mas existe uma direção que nos parece melhor, mais inspirada, e nos dá mais satisfação do que todas as outras, não é verdade?

Eu não conseguia acreditar no brilho cada vez maior da parede de lona atrás dele, mas não ousava olhar diretamente para lá.

— Não sei do que você está falando — ele declarou.

Parecia confuso, mas permaneci concentrado na parte da sua expressão que estava escutando.

— Somos livres, mas também pertencemos a um intento que vem de uma parte maior de nós mesmos e com o qual podemos nos ligar. O nosso eu verdadeiro é muito maior do que pensamos.

Ele se limitou a olhar para mim. Em algum lugar no fundo da sua consciência, parecia estar entendendo.

Fomos interrompidos pelos guardas do lado de fora sacudindo a lona da entrada. Então percebi que o vento tinha se transformado num vendaval. Ouvíamos por todo o acampamento coisas sendo arrastadas e tombadas.

Um guarda abriu a lona da entrada e pôs-se a berrar em chinês. O coronel correu para ele, e vimos as barracas voando por toda parte. Ele se virou e olhou para mim e para Yin, e nesse momento uma tremenda lufada de vento ergueu do solo o lado esquerdo da nossa barraca e rasgou-a em dois, cobrindo o coronel e os guardas com a lona e jogando-os no chão.

Yin e eu fomos atingidos pelo vento e a neve que o vento jogava pela abertura.

— Yin, os dakinis! — gritei.

Ele ficou de pé com esforço.

— É a sua chance! Corra! — disse.

— Vamos, podemos ir juntos — retruquei, agarrando-lhe o braço.

Ele me empurrou.

— Não posso. Ia só atrasar você.

— Vamos conseguir! — insisti.

Ele gritou contra o ruído do vento:

— Já fiz o que eu tinha de fazer aqui. Agora você tem que fazer o mesmo. Ainda não conhecemos o resto da Quarta Extensão.

Assenti e abracei-o rapidamente, depois agarrei o casaco pesado do coronel e saí correndo pelo buraco em direção à tempestade.

## Reconhecendo a Existência da Luz

Corri cerca de 30 metros para o norte e parei para olhar para trás na direção do acampamento. Ainda escutava o barulho de coisas arrastadas pelo vento, e uma gritaria furiosa.

À minha frente havia um sólido lençol de neve branca, e eu caminhava com esforço na direção das montanhas quando ouvi o coronel berrar:

— Ainda vou pegar você! Não vai conseguir escapar!

Continuei andando o mais depressa possível na neve funda. Levei 15 minutos para vencer quase 100 metros. Felizmente o vento ainda era forte e eu sabia que ia demorar algum tempo até os chineses poderem levantar vôo com seus helicópteros.

Ouvi um ruído leve. A princípio achei que era o vento, mas ele foi ficando cada vez mais forte, e eu me agachei. Alguém chamava o meu nome. Finalmente consegui distinguir um vulto movimentando-se em meio à neve que caía: era Wil. Abracei-o.

— Meu Deus, que bom ver você! Como me encontrou?

— Fiquei vendo a direção de onde o helicóptero veio, e caminhei até ver o acampamento. Passei a noite ao relento. Se não tivesse meu fogareiro, teria morrido congelado. Estava tentando descobrir como tirar você de lá. Mas a tempestade resolveu esse problema. Vamos, temos que tentar novamente chegar aos templos.

Hesitei.

— Que foi? — ele quis saber.

— Yin está lá. Ele está ferido.

Wil pensou por um instante, enquanto olhávamos na direção do acampamento.

— Os chineses vão organizar um grupo de busca. Não podemos voltar — disse afinal. — Vamos ter que tentar ajudá-lo

mais tarde. Se não sairmos daqui e encontrarmos os templos antes do coronel, tudo estará perdido.

— Que foi que aconteceu com Tashi? — perguntei.

— Nós nos separamos quando a avalanche começou, mas depois vi Tashi tentando subir a montanha sozinho.

Caminhamos por mais de duas horas e, estranhamente, assim que saímos da área ao redor do acampamento chinês, o vento diminuiu, embora ainda nevasse com intensidade. Durante a jornada contei a Wil tudo o que Yin tinha dito na barraca, e o que acontecera com o coronel.

Finalmente chegamos ao lugar na montanha onde a avalanche ocorrera. Seguimos adiante para o oeste, subindo a encosta.

Sem mais conversa Wil seguiu na frente encosta acima durante duas horas. Finalmente parou e sentou-se para descansar atrás de um enorme banco de neve.

Nós nos entreolhamos por um longo momento, ambos ofegantes. Wil sorriu e perguntou:

— Agora entende o que Yin estava lhe dizendo?

Fiquei em silêncio. Mesmo tendo visto tudo acontecer com o coronel, ainda me parecia difícil de acreditar.

— Eu estava fazendo orações negativas — falei finalmente. — Foi assim que o coronel conseguiu me seguir.

— Não podemos ir mais longe até ambos conseguirmos evitar isso — Wil declarou. — A nossa energia tem que ficar permanentemente alta antes de progredirmos ao longo do resto da Quarta Extensão. Devemos ter muito cuidado para não visualizarmos a maldade daqueles que têm medo. Temos que olhar para eles realisticamente e tomar precauções, mas se nos detivermos no comportamento deles ou mantivermos imagens de que eles vão nos fazer mal, isso manda mais energia para a paranóia deles e na realidade lhes dá uma idéia do que é a nossa expectativa. É por isso que é tão importante não deixar nossa mente visualizar as coisas ruins que poderiam nos acontecer; é uma prece que age para criar exatamente essas coisas.

Sacudi a cabeça, sabendo que ainda resistia àquela idéia. Se era verdade, isso nos obrigava a vigiar cada pensamento — uma

carga pesada. Expressei minha preocupação, e Wil quase soltou uma risada.

— É claro que temos que vigiar cada pensamento. De qualquer maneira temos mesmo que fazer isso para não perdermos alguma intuição importante; além disso, é preciso apenas voltar para um estado de alerta consciente e sempre visualizar a consciência de todas as pessoas elevando-se. As lendas são muito claras: para manter o nosso campo de energia ampliado com mais poder, nunca podemos nos permitir usá-lo negativamente. Não avançaremos enquanto não conseguirmos evitar completamente esse problema.

— Quantas lendas você já conhece? — perguntei.

Respondendo à minha pergunta, Wil começou a falar sobre suas experiências durante essa aventura, contando mais detalhes do que antes.

— Quando fui à sua casa, estava confuso quanto ao motivo por que minha energia tinha decaído do ponto em que estava, quando estávamos estudando a Décima Visão. Então comecei a ter pensamentos sobre o Tibete e encontrei-me no monastério do Lama Rigden, onde conheci Yin e soube dos sonhos dele. Não entendi coisa alguma, mas eu mesmo tive sonhos semelhantes. Sabia que você estava envolvido de alguma forma, e tinha algo a fazer aqui. Foi quando comecei a estudar as lendas em detalhes e a aprender as extensões da prece. Estava preparado para encontrar você em Katmandu, mas descobri que os chineses estavam me seguindo, de modo que pedi a Yin para ir no meu lugar. Tive que confiar em que mais tarde nos encontraríamos.

Wil fez uma pausa, pegou uma camiseta branca e começou a fazer um novo curativo no joelho. Dirigi meu olhar para a amplidão infinita das montanhas brancas atrás de nós. As nuvens separaram-se por um instante e o sol matinal criou um efeito de luz ondulante de picos iluminados e vales escuros e sombreados. Essa visão encheu-me de admiração e respeito, e estranhamente comecei a me sentir em casa ali, como se alguma parte de mim tivesse finalmente compreendido aquela terra.

Quando tornei a olhar para Wil, ele tinha os olhos postos em mim.

— Talvez seja bom recordar tudo o que as lendas dizem sobre o campo-da-prece. Precisamos compreender como é que tudo isso se encaixa — ele disse.

Assenti, e ele continuou:

— Tudo começa com a percepção de que o nosso campo-da-prece é real, que ele flui para fora de nós e afeta o mundo. Depois que tivermos essa percepção, podemos entender que esse campo, esse efeito que temos sobre o mundo, pode ser estendido, mas temos que começar com a Primeira Extensão. Primeiro temos que melhorar a qualidade da energia que ingerimos fisicamente. Alimentos pesados e industrializados acumulam sólidos ácidos na nossa estrutura molecular, baixando nossa vibração e finalmente provocando a doença. Os alimentos vivos têm efeito alcalino e aumentam a nossa vibração.

Ele explicou:

— Quanto mais pura for a nossa vibração, mais fácil será a ligação com as energias mais sutis que existem à nossa volta. As lendas dizem que iremos aprender a respirar de maneira a inalar constantemente esse nível mais alto de energia, usando como medida a nossa percepção da beleza: quanto mais alto o nosso nível de energia, mais beleza enxergaremos. Podemos aprender a visualizar esse nível mais alto de energia fluindo de nós para o mundo, usando da mesma forma o estado emocional de amor como medida de que isso está ocorrendo. Assim ficamos ligados interiormente, como aprendemos no Peru. Só que agora aprendemos que visualizando essa energia como um campo que se estende à nossa frente aonde quer que vamos, podemos aumentar permanentemente a nossa força.

“A Segunda Extensão começa quando preparamos esse campo-da-prece ampliado para melhorar o fluxo sincronístico na nossa vida. Fazemos isso permanecendo num estado consciente de alerta e expectativa da próxima intuição ou coincidência que faça a nossa vida avançar. Essa expectativa envia a nossa energia para mais longe ainda e a torna mais forte, porque estamos agora adaptando as nossas intenções ao processo de crescimento e evolução tencionado, que é estruturado dentro do próprio universo.

“A Terceira Extensão envolve outra expectativa. É a de que o nosso campo-da-prece vá aumentar o nível de energia de outras pessoas, elevando-as para a sua própria ligação com o divino interior e para dentro da sua própria intuição do eu-superior. Isso, é claro, aumenta a probabilidade de que essas pessoas nos dêem informações intuitivas que possam intensificar ainda mais o nosso nível de sincronicidade. É a ética interpessoal que aprendemos no Peru, só que agora sabemos como usar o campo-da-prece para torná-la mais forte.

“A Quarta Extensão começa quando aprendemos a importância de consolidar e manter o fluxo da nossa energia, mesmo em situações de medo ou raiva. Fazemos isso guardando sempre uma certa postura de indiferença e desapego em relação aos acontecimentos que vão ocorrendo, mesmo com a expectativa de que o processo em si continue. Devemos procurar sempre um significado positivo, e sempre, sempre, ter a expectativa de que o processo nos salve, não importa o que esteja acontecendo. Tal postura mental nos ajuda a ficar concentrados no fluxo e nos impede de criar imagens negativas daquilo que pode acontecer se fracassarmos.”

Wil fez uma pausa, depois prosseguiu:

— Em geral, se percebermos que uma imagem negativa nos vem à mente, temos que avaliar se se trata de um aviso intuitivo e, caso seja, precisamos tomar as medidas apropriadas, mas devemos sempre voltar à expectativa de que uma sincronicidade mais elevada nos guiará para ultrapassarmos esse problema. Isto ancora o nosso campo, o nosso fluxo de energia, com uma expectativa poderosa, que sempre foi chamada de fé. Em resumo: a primeira parte da Quarta Extensão trata de mantermos a nossa energia forte todo o tempo. Depois que aprendermos isso, poderemos avançar e ampliar ainda mais a nossa energia.

Ele acrescentou:

— O próximo passo na Quarta Extensão começa quando temos a expectativa plena de que o mundo humano pode evoluir na direção do ideal expresso na Décima Visão e do qual Shambhala é um modelo. Para levar nossa energia cada vez mais longe e torná-la

cada vez mais forte dessa maneira, é preciso uma fé verdadeira. É por isso que é tão importante compreender Shambhala; o fato de sabermos que Shambhala conseguiu fazer isso aumenta a nossa expectativa de que o resto da civilização humana também consiga. Podemos facilmente ver como os seres humanos em toda parte podem dominar a tecnologia e usá-la a serviço de nosso desenvolvimento espiritual, e então começar a focar o próprio processo da vida, eis a verdadeira razão por que estamos aqui neste planeta: para criar na Terra uma civilização consciente do seu papel na evolução espiritual e para ensinar essa compreensão aos nossos filhos.

Ele silenciou e encarou-me por um momento.

— Agora vem a parte mais difícil — continuou. — Para avançarmos ainda mais, precisamos fazer mais do que simplesmente nos manter positivos e evitar imagens de acontecimentos negativos; devemos também manter fora da nossa mente todos os pensamentos negativos a respeito das outras pessoas. Como você acabou de ver, se o nosso medo se transformar em raiva e passarmos a pensar o pior dos outros, sai de nós uma prece negativa que tende a criar neles exatamente o comportamento que imaginamos. É por isso que quando um professor tem grandes expectativas sobre seus alunos, elas geralmente se realizam, e quando esperam algo negativo, também isso acontece. A maioria das pessoas acha que é ruim falar coisas negativas sobre os outros, mas que não faz mal pensar nelas; agora sabemos que faz mal, sim; os pensamentos são importantes.

Quando Wil disse isso, pensei na recente onda de tiroteios nas escolas dos Estados Unidos, e contei a Wil o que estava pensando. Ele disse:

— Em toda parte as crianças estão mais poderosas do que nunca, e as típicas turminhas e brigas que sempre aconteceram nas escolas não podem mais ser ignoradas. Quando certas crianças são submetidas a desprezo ou zombaria, ou quando são usadas como bode expiatório, elas são afetadas por essa prece negativa, mais do que antigamente. Agora, às vezes elas revidam de maneira explosiva. E isto não está acontecendo só com crianças; está

acontecendo com toda a civilização humana. Só compreendendo o efeito dos campos-da-prece é que podemos entender o que está acontecendo. Estamos todos ficando gradualmente mais poderosos, e se não ficarmos inteiramente cômicos das nossas expectativas, podemos causar grande mal aos outros sem querer.

Wil parou de falar e franziu a testa, finalizando:

— Isso nos traz até onde estamos agora, eu acho.

Assenti, tomando consciência de como sentira a falta dele.

— E aonde, segundo as lendas, devemos ir daqui? — perguntei.

— Ao assunto que mais tem me interessado — ele respondeu.

— As lendas dizem que não podemos ampliar mais o nosso campo até reconhecermos plenamente a existência dos dakinis.

Contei-lhe rapidamente sobre as minhas várias experiências com as estranhas figuras e as áreas iluminadas depois que cheguei ao Tibete.

— Você teve essas experiências antes do Tibete — Wil afirmou.

Ele tinha razão; várias vezes, quando estávamos procurando a Décima Visão, parecia que eu era ajudado por estranhos rabiscos de luz.

— É isso mesmo — confirmei. — Quando estávamos juntos nos Apalaches.

— E no Peru também — ele acrescentou.

Tentei me lembrar, mas nada me veio à mente.

— Você me contou que uma vez estava numa encruzilhada e não sabia o caminho a seguir — ele disse. — Um deles parecia mais aceso, mais luminoso, e você escolheu aquela direção.

— Foi mesmo! — exclamei, lembrando-me perfeitamente do acontecimento. — Acha que foi um dakini?

Wil ficou de pé e colocou a mochila às costas.

— Acho, sim. São as luminosidades que vemos e que orientam o nosso caminho.

Eu estava pasmo. Isso significava que toda vez que vemos um objeto luminoso ou um caminho que parece mais brilhante e mais atraente, ou um livro que atrai a nossa atenção, é por causa desses seres!

— Que mais as lendas dizem sobre os dakinis? — perguntei.

— Que eles são os mesmos para toda civilização, toda religião, não importa o nome que lhes damos.

Lancei-lhe um olhar interrogador.

— Nós os chamaríamos de anjos, mas não importa se são chamados de dakinis ou anjos, são os mesmos seres... e agem da mesma maneira.

Eu tinha outra pergunta a fazer, mas Wil já estava subindo apressadamente a encosta, evitando as áreas de neve pesada. Fui atrás dele, com dezenas de perguntas girando em minha mente. Não queria abandonar aquela conversa.

Em certo momento Wil virou-se e olhou para mim.

— As lendas dizem que esses seres vêm ajudando os seres humanos desde o início dos tempos, e são mencionados na literatura mística de todas as religiões. Segundo as lendas, cada um de nós começará a percebê-los com mais facilidade; se realmente reconhecermos a existência deles, os dakinis passarão a mostrar-se mais.

O modo como ele frisou as palavras “reconhecemos a existência” me fez pensar que aquilo tinha um significado especial.

— Mas como fazemos isso? — perguntei, trepando numa pedra que sobressaía sobre a trilha.

Wil parou acima de mim e esperou que eu o alcançasse. Então disse:

— Segundo as lendas, temos que reconhecer verdadeiramente que eles estão por aqui. Isto é muito difícil para a nossa mentalidade moderna. Uma coisa é pensar nos dakinis ou anjos como um assunto fascinante; outra coisa é ter a expectativa de que eles sejam perceptíveis na nossa vida.

— Que é que está dizendo que devemos fazer?

— Ficarmos atentos a cada tom de luminosidade.

— Então, se mantivermos nossa energia elevada e reconhecermos que os dakinis existem, começaremos a ver mais essas luminosidades?

— É isso mesmo. A parte difícil é nos treinarmos para procurar as mudanças sutis na luz ao nosso redor. Mas se fizermos isso

poderemos percebê-las mais.

Pensei no que ele estava dizendo e compreendi até ali, mas ainda tinha uma pergunta:

— E os casos de dakinis ou anjos intervindo diretamente na nossa vida quando não temos essa expectativa ou não reconhecemos a existência deles? Isto me aconteceu.

Então contei a Wil sobre o vulto alto que estava lá quando Yin me empurrou para fora do jipe ao norte de Ali, e que surgira novamente quando a fogueira apareceu nas ruínas do monastério, antes da minha entrada em Shambhala. Wil assentiu.

— Parece que o seu anjo da guarda apareceu para você. As lendas dizem que cada um de nós tem um.

Fiquei olhando para ele em silêncio.

— Então os mitos são verdadeiros! — falei finalmente. — Cada um de nós tem um...

Minha mente estava a 150 quilômetros por hora. A realidade desses seres nunca fora tão clara.

— Mas o que é que faz com que às vezes nos ajudem e outras vezes, não? — quis saber.

Wil ergueu uma sobrancelha.

— Este é o segredo que estamos aqui para descobrir — declarou.

Estávamos chegando ao topo da montanha. Atrás de nós o sol começava a atravessar as nuvens, e parecia que a temperatura estava subindo. Estacando logo antes do pico, Wil comentou:

— Disseram-me que os templos ficam do outro lado desta serra. — Olhou para mim e acrescentou: — Esta pode ser a parte mais difícil.

Aquelas palavras me soaram como um mau presságio.

— Por quê? — perguntei. — Que quer dizer?

— Temos que reunir todas as extensões e manter nossa energia o mais forte possível. As lendas dizem que só conseguiremos ver os templos se mantivermos a nossa energia suficientemente alta.

Exatamente nesse momento ouvimos helicópteros a distância.

— E não esqueça isso que acabou de aprender — ele insistiu.  
— Se começar a pensar sobre a maldade dos soldados chineses, se sentir raiva ou desprezo, precisa desviar imediatamente a sua atenção para a alma de cada soldado. Visualize a sua energia fluindo de você e entrando no campo deles, elevando-os para uma ligação com a luz interior, para que possam descobrir suas intuições mais elevadas. Fazer o contrário é enviar uma prece que lhes dará mais energia para fazer o mal.

Assenti e olhei para baixo. Estava decidido a manter esse campo positivo.

— Agora vá ainda mais longe, reconheça a existência dos dakinis e mantenha a expectativa de enxergar as luminosidades.

Olhei para o pico à nossa frente, e Wil assentiu e seguiu adiante. Quando chegamos à crista, nada vimos do outro lado exceto uma série de picos e vales nevados. Examinamos cuidadosamente a paisagem.

— Ali — disse Wil, apontando para a nossa esquerda.

Esforcei-me para ver. Alguma coisa na borda da crista parecia tremeluzir levemente. Quando tentei enfocá-la diretamente, tudo o que vi foi que a área parecia luminosa. Mas quando olhei pelo canto do olho, constatei que o próprio espaço estava tremeluzindo.

— Vamos — disse Wil.

Ele me puxou pelo braço enquanto atravessávamos a neve funda para chegarmos ao local. Ao nos aproximarmos de lá, a área pareceu brilhar ainda mais. Atrás dela havia uma série de imensas formações rochosas em forma de torre, que a distância pareciam estar lado a lado. Mais de perto, porém, constatamos que uma delas ficava um pouco atrás das outras, deixando uma passagem estreita que curvava-se mais à esquerda e descia a encosta da montanha. Quando chegamos a essa passagem, descobrimos que havia ali degraus de pedra escavados na rocha que levavam para baixo. Os degraus também pareciam luminosos, e estavam limpos de neve.

— Os dakinis estão nos mostrando o caminho — Wil declarou, ainda a me puxar.

Passamos curvados pela abertura e descemos os degraus. De ambos os lados erguia-se uma parede de rocha com uns 10 metros

de altura, que bloqueava quase toda a luz. Por mais de uma hora descemos os degraus, até que finalmente os rochedos abriram acima das nossas cabeças.

Vários metros adiante o solo ficou horizontal e os degraus terminaram. Encontramo-nos diante de um precipício que rodeava o rochedo para a esquerda.

— Ali — disse Wil, apontando.

Uns 200 metros à nossa frente parecia haver um antigo monastério totalmente em ruínas, como se tivesse milhares de anos de idade. Ao nos encaminharmos para ele, a temperatura subiu ainda mais, e uma neblina começou a erguer-se das pedras. Na frente do monastério o precipício alargava-se, formando um platô largo que cortava a encosta da montanha. Chegando às ruínas, passamos cautelosamente pelas paredes desabadas e pelas enormes pedras, até emergirmos do outro lado.

Ali estacamos. A superfície rochosa em que caminhávamos tinha se tornado um soalho de pedras lisas e planas, de cor âmbar, colocadas regularmente no solo a nossos pés. Olhei de relance para Wil, que olhava para a frente. Diante de nós havia um templo intacto, com cerca de 15 metros de altura e o dobro de largura. Era de um marrom enferrujado com manchas de cinzento ao longo das juntas das pedras que formavam as paredes. Na frente havia duas portas gigantescas, com 5 ou 6 metros de altura.

Alguma coisa moveu-se na névoa perto do templo. Olhei para Wil e ele assentiu, gesticulando para que eu o seguisse. Chegamos a uns 20 metros da edificação.

— Que movimento foi aquele? — perguntei a Wil.

Com um gesto da cabeça ele indicou a área à nossa frente. A menos de 3 metros havia um vulto de formas indistintas.

Esforcei-me para enxergar, e finalmente consegui distinguir mal e mal os contornos de uma figura humana.

— Deve ser um dos adeptos que moram nos templos — disse Wil. — Esta pessoa está vibrando mais alto que nós. É por isso que só conseguimos enxergar uma forma indistinta.

Enquanto olhávamos, o vulto foi na direção da porta do templo e desapareceu. Wil foi até lá. A porta parecia ser feita de algum tipo

de pedra, mas quando Wil puxou-a pela maçaneta de pedra entalhada, ela se abriu como se nada pesasse.

No interior havia um grande aposento circular que descia numa série de terraços em direção a uma área central, como um palco. Enquanto eu examinava a construção, avistei outra figura a meio caminho do palco; dessa vez conseguíamos enxergá-la nitidamente. Ela virou-se para que pudéssemos ver seu rosto. Era Tashi. Wil já estava descendo em sua direção.

Antes que alcançássemos Tashi, uma janela espacial apareceu no espaço logo acima do centro do aposento. A imagem entrou em foco aos poucos, prendendo a nossa atenção e chegando a ficar tão brilhante que não conseguíamos mais ver Tashi. Era uma visão da Terra vista do espaço.

A cena mudou em rápida sucessão para a vista de uma cidade de algum lugar da Europa e depois para uma área metropolitana nos Estados Unidos, e finalmente para uma cidade na Ásia. Em cada uma víamos gente andando em ruas cheias, assim como pessoas em escritórios e outros ambientes de trabalho. À medida que a cena mudava para diferentes cidades em diferentes regiões do planeta, víamos que os indivíduos, trabalhando ou interagindo, estavam lentamente aumentando seu nível de energia.

Começamos a ver e ouvir indivíduos empenhados em passar de um tipo de ocupação para outro, seguindo suas intuições e ficando cada vez mais inspirados e criativos, inventando técnicas novas e mais rápidas, e serviços mais eficientes. Ao mesmo tempo, começamos a ver também cenas de pessoas ainda com medo, resistindo às mudanças e tentando ganhar poder.

Em seguida enfocamos uma instituição de pesquisas, dentro de uma sala de reuniões. Um grupo de homens e mulheres mantinha um diálogo exaltado. Enquanto víamos e ouvíamos, o conteúdo da conversa foi ficando mais claro. A maioria das pessoas era favorável a uma nova coligação entre as maiores empresas de comunicação e informática e um grupo internacional de informações. Os representantes dos serviços de informações argumentavam que a luta contra o terrorismo exigia acesso a todas as linhas telefônicas, inclusive as comunicações pela internet, além de mecanismos

secretos de identificação em todos os computadores, para que as autoridades pudessem entrar e monitorar os arquivos de qualquer pessoa.

Mas não era tudo; queriam mais sistemas de vigilância. Muitas daquelas pessoas estavam até especulando que, se o problema de vírus nos computadores continuasse, a internet poderia ter que ser totalmente dominada, juntamente com todos os computadores ligados no comércio em toda parte. O acesso poderia ser controlado por um número especial de identificação que seria necessário para que se fizesse qualquer negócio por meios eletrônicos.

Uma pessoa colocou a hipótese de ser necessário implementar novos sistemas de identificação para esse uso, tais como a identificação da íris ou da palma da mão, ou talvez até alguma coisa baseada nos padrões das ondas cerebrais.

Duas pessoas — um homem e uma mulher — começaram a argumentar veementemente contra essas medidas. Uma delas mencionou o Livro das Revelações e a marca da Besta. Enquanto observávamos, percebi que podia ver através de uma janela na sala de reuniões. Numa rua do lado de fora do prédio passava um carro. No fundo eu avistava muitos cactos e quilômetros de deserto.

Olhei para Wil.

— Este debate está acontecendo neste instante em algum lugar. Parece o sudoeste dos Estados Unidos — ele comentou.

Diretamente atrás da mesa onde o grupo estava reunido, percebi outra coisa. O espaço em volta deles estava aumentando — não, estava ficando mais claro.

— Os dakinis! — disse a Wil.

Continuamos a observar, enquanto a conversa começou a modificar-se. As duas pessoas que argumentavam contra a vigilância total pareciam estar recebendo mais atenção do grupo. Os proponentes pareciam estar reconsiderando.

Sem aviso, a nossa atenção foi afastada da imagem à nossa frente por uma vibração aguda, que sacudiu o solo e as paredes do templo. Corremos para outra porta no final da edificação, lutando para enxergar através da poeira. Ouvíamos pedras tombando lá fora. Quando estávamos a uns 10 metros da porta, ela se abriu, e

um vulto que não conseguimos distinguir passou rapidamente por ela.

— Deve ser Tashi — disse Wil, correndo para a porta e abrindo-a.

Enquanto cruzávamos a porta correndo, outro estrondo encheu o ar atrás de nós. As velhas ruínas que tínhamos visto antes estavam desabando numa implosão de rochas e poeira. Em algum lugar atrás delas ouvia-se o ronco dos helicópteros.

— Parece que o coronel está nos seguindo outra vez — falei. — Mas se estou mantendo na mente só imagens positivas, então como é que ele está fazendo isso?

Wil olhou para mim interrogativamente, e lembrei-me do comentário do coronel Chang sobre a tecnologia que ele agora possuía e que me impediria de escapar. Ele tinha o gráfico das minhas ondas cerebrais.

Contei rapidamente a Wil o que tinha acontecido, depois disse:

— Talvez seja melhor eu ir em outra direção, levar os soldados para longe dos templos.

— Não. Você tem que estar aqui. Vai ser necessário. Vamos ter que fugir deles até encontrarmos Tashi — ele instruiu.

Seguimos um caminho de pedra, passando por vários outros templos, e percebi que meus olhos se fixavam numa porta à nossa esquerda. Wil percebeu e virou-se.

— Por que está olhando para aquela porta? — perguntou.

— Não sei. Ela chamou a minha atenção.

Ele me lançou um olhar incrédulo.

— Ah, está bem, vamos dar uma olhada — apressei-me em dizer.

Entramos correndo e encontrei outro aposento circular, esse muito maior que o outro. Quando entramos, vi Tashi à nossa direita, a poucos metros de nós, e cutuquei Wil.

— Estou vendo — ele disse, seguindo à minha frente na penumbra para nos juntarmos ao garoto.

Tashi virou-se e nos viu, e então deu um sorriso de alívio, antes de voltar a sua atenção para a cena visível através da janela. Dessa vez estávamos vendo um quarto cheio de coisas de jovens: fotos,

bolas, vários jogos, pilhas de roupas. A um canto havia uma cama desarrumada, e uma embalagem de pizza ocupava a ponta de uma mesa. Na outra ponta, um adolescente de uns 15 anos trabalhava em alguma coisa, um aparelho cheio de fios. Ele usava short sem camisa, e tinha uma expressão zangada e decidida.

Enquanto observávamos, a cena mudou para outro quarto, onde outro adolescente, usando jeans e camiseta, estava sentado na cama, de olhos fixos num telefone. Ele se levantou e pôs-se a andar de um lado para outro, depois tornou a sentar-se. Fiquei com a impressão de que estava lutando para chegar a uma decisão. Finalmente pegou o telefone e discou um número.

Nesse ponto a janela espacial alargou-se, de modo que conseguíamos ver ambas as cenas. O rapaz sem camisa atendeu. O outro parecia estar pedindo alguma coisa, enquanto o primeiro ficava cada vez mais zangado. Finalmente bateu o telefone, sentou-se e voltou ao trabalho.

O outro adolescente levantou-se, vestiu um casaco e saiu correndo porta afora. Em poucos minutos o rapaz sem camisa ouviu uma batida, levantou-se, foi até a porta do quarto e abriu-a. Era o jovem com quem ele falara pelo telefone. Tentou fechar a porta, mas o outro forçou a entrada, sem parar de falar e fazer gestos de súplica, apontando para o aparelho sobre a mesa.

O outro adolescente empurrou-o para trás, pegou uma arma numa gaveta e apontou-a para o visitante. Este recuou um passo, sem deixar de suplicar. O jovem com a pistola, num acesso de raiva, empurrou com força sua vítima contra a parede, colocando o cano da arma contra a sua cabeça.

Nesse momento começamos a perceber uma mudança na área atrás de ambos: estava ficando mais clara.

Olhei de relance para Tashi, que por um instante me devolveu o olhar, antes de voltar a se concentrar na cena. Ambos sabíamos que estávamos testemunhando o trabalho dos dakinis.

Enquanto observávamos, um adolescente continuava a suplicar e o outro o segurava com firmeza contra a parede. Mas gradualmente o rapaz com a arma começou a relaxar. Finalmente

soltou a arma no chão, foi até a cama e sentou-se. O outro sentou-se numa cadeira de frente para ele.

Agora conseguíamos ouvir os detalhes da conversa, e ficou claro que o rapaz que tinha a arma queria ser aceito pelos colegas na escola, mas isso não acontecia. Muitos dos outros saíam-se bem em atividades extracurriculares, expandindo seus talentos, e ele não tinha a autoconfiança para acompanhá-los. Zombavam dele, chamando-o de fracassado, e ele se sentia um João-ninguém, sentia-se desaparecer. A situação enchia-o de raiva e de uma falsa sensação de força, que o levava a decidir revidar. O mecanismo em que estava trabalhando era uma bomba caseira.

Exatamente como antes, sentimos o chão estremecer, e o prédio inteiro tremeu. Corremos todos para a porta, e mal tínhamos saído quando metade do templo desabou atrás de nós.

Tashi indicou que o seguíssemos, e corremos centenas de metros antes de pararmos junto a uma parede.

— Vocês conseguiram ver as pessoas no templo? — perguntou.  
— Aquelas que estavam mandando energia-da-prece para os rapazes?

Ambos admitimos que não.

— Eram centenas, trabalhando no problema da raiva dos jovens.

— Que é que estavam fazendo exatamente? — perguntei.

Tashi deu um passo na minha direção.

— Estavam estendendo seu campo de energia, visualizando os garotos naquela cena serem elevados para uma vibração mais alta, de modo que pudessem vencer o medo e a raiva deles, encontrar suas intuições mais elevadas e resolver a situação. A energia ajudou um deles a encontrar as palavras melhores e mais convincentes. No caso do outro, a energia da prece elevou-o para uma identidade acima e além do eu social que seus colegas rejeitaram. Isso diminuiu a sua raiva.

— E estavam fazendo isso no outro templo também? — perguntei. — Ajudando a derrotar aqueles que queriam controlar tudo?

Wil olhou para mim.

— As pessoas no templo estavam enviando um campo-da-prece que visava a ajudar a elevar o nível de energia de todos os envolvidos, o que teve o efeito de diminuir o medo daqueles que pediam cada vez mais vigilância e ajudando aqueles que se opunham para que eles encontrassem a coragem para falar, mesmo dentro daquele tipo de organização.

Tashi assentia.

— Era para vermos isso — declarou. — São algumas das situações que devem ser vencidas para que a evolução espiritual continue, para ultrapassarmos este ponto crítico da História.

— E os dakinis, que é que estavam fazendo?

— Estavam ajudando a elevar o nível de energia — Tashi respondeu.

— É, mas ainda não sabemos o que os levou a ir lá e agir — insisti. — As pessoas nos templos estavam fazendo alguma outra coisa que ainda não sabemos.

Nesse momento, outro ruído alto encheu o ar e a outra metade do templo atrás de nós desabou no chão.

Tashi deu um pulo involuntário, depois seguiu apressado pelo caminho.

— Vamos! — chamou. — Temos que encontrar minha avó.

## O Segredo de Shambhala

Durante horas vagamos pelos templos procurando a avó de Tashi, tentando manter a dianteira dos soldados chineses e observando o trabalho desenvolvido nos templos. Em cada templo encontramos pessoas observando uma situação nas civilizações exteriores que parecia crítica.

Um templo focava outros problemas relacionados à alienação da juventude: a proliferação de experiências violentas induzidas por filmes e jogos de videogame, que criavam a ilusão de que atos violentos podem ser cometidos por raiva e depois apagados de alguma maneira, sem serem definitivos — uma falsa realidade que estava no cerne dos tiroteios nas escolas.

Ficamos observando enquanto para cada um dos criadores desses jogos era enviada uma energia que, como antes, os elevava para uma perspectiva intuitiva mais alta, na qual eles podiam repensar os efeitos das suas criações nas crianças. Ao mesmo tempo, alguns pais e mães eram igualmente alçados para estados energéticos mais elevados, nos quais podiam examinar seus pressentimentos acerca do que seus filhos estavam fazendo e encontrar mais tempo para moldar uma realidade diferente.

Um templo enfocava o debate dentro do campo da medicina a respeito de abordagens alternativas, preventivas, que estavam mostrando ser benéficas na eliminação da doença e no aumento da longevidade. Os guardiães das portas da medicina — as organizações médicas de vários países, os chefes de instituições de pesquisa populares, as instituições governamentais de saúde que ofereciam grandes quantias para a pesquisa, as empresas farmacêuticas — operavam com base num paradigma do século XVIII que combatia os sintomas da doença sem levar em consideração a prevenção.

Seus alvos eram vários micróbios, genes defeituosos e células de tumores descontroladas — e a maioria achava que tais problemas eram o resultado inevitável do envelhecimento. Sob esse ponto de vista, a grande maioria dos financiamentos para pesquisas ia para as grandes instituições, à procura de remédios mágicos: fármacos que pudessem ser patenteados e vendidos para matar os micróbios, destruir as células malignas ou de algum modo reprogramar os genes. Quase nenhum dinheiro ia para pesquisar maneiras de fortalecer o sistema imunológico e prevenir essas doenças.

Numa das cenas a que assistimos, uma reunião de representantes de vários campos da medicina, alguns cientistas argumentavam que a medicina tinha que mudar seu ponto de vista se quisesse resolver o enigma da doença humana — inclusive as lesões arteriais da doença cardíaca, os tumores do câncer e as doenças degenerativas, tais como artrite, lúpus etc.

Esses cientistas argumentavam — como Hanh tinha feito — que a verdadeira causa de qualquer tipo de doença é a poluição do meio ambiente básico do corpo pelos alimentos e outras toxinas que ingerimos, levando o corpo de um estado saudável, vibrante e alcalino na juventude para um estado opaco, de baixa energia e ácido, que cria um ambiente no qual os micróbios florescem e começam a decompor sistematicamente o corpo. Aqueles homens afirmavam que toda doença é resultado dessa lenta decomposição das nossas células pelos micróbios, mas eles não nos atacam sem causa; são os alimentos que consumimos que nos deixam sujeitos a esses problemas.

Outros participantes da reunião tinham dificuldade em aceitar essas descobertas. Pensavam: alguma coisa deve estar errada; como as doenças humanas podem ser tão simples? Eles estavam envolvidos em indústrias de saúde e viam os consumidores gastando bilhões de dólares em drogas complexas e cirurgias caras. Os funcionários da saúde ali presentes tinham que acreditar que tudo isso era necessário. Alguns apoiavam a proposta, quase aceita em muitos países, de que chips deveriam ser colocados em todos os indivíduos, para armazenar informações a respeito de saúde e

drogas, um instrumento de controle e identificação que os serviços de informação também queriam. Eles estavam comprometidos com esse programa. Suas posições de poder dependiam dele. Seu ganha-pão estava em perigo.

Além disso, eles gostavam dos alimentos que ingeriam. Como poderiam recomendar que as pessoas modificassem sua dieta se eles próprios não admitiam fazê-lo? Não, isso eles não poderiam aceitar.

Ainda assim, os médicos que faziam essa nova pesquisa continuavam a defender seu ponto de vista, sabendo que o clima era perfeito para modificar aquele paradigma. Eles argumentavam: vejam como as florestas tropicais estão sendo destruídas para a criação de gado para os países do Ocidente, um problema do qual cada vez mais pessoas se conscientizavam.

Também útil era o fato de que os *baby boomers* de todos os países estavam começando a chegar à idade em que as doenças atacam, e já tinham visto o sistema da medicina fracassar com seus pais. Eles procuravam novas alternativas.

Aos poucos vimos o conflito começar a acalmar na conferência que presenciávamos. Aqueles que falavam a favor das abordagens alternativas estavam sendo escutados.

Em outro templo testemunhamos o mesmo tipo de debate em relação à advocacia. Um grupo de advogados insistia em que os profissionais do ramo deviam começar a se policiar. Durante anos, advogados sérios tinham visto muitos colegas adulterando processos, influenciando testemunhas para encobrir a verdade, inventando defesas imaginárias e hipnotizando jurados; agora havia um movimento para elevar os padrões da profissão. Certos advogados argumentavam que deveriam adquirir uma visão mais elevada daquilo que faziam, e compreender o verdadeiro papel de um advogado: reduzir os conflitos, e não promovê-los.

Do mesmo modo, vários templos que vimos estavam observando a situação de corrupção política em vários países. Vimos cenas de funcionários eleitos em Washington, D.C., debatendo a portas fechadas se deviam apoiar a reforma do financiamento das campanhas eleitorais — especialmente a

permissão para os partidos políticos receberem quantias ilimitadas de contribuição de interesses especiais e gastá-las em anúncios na TV que distorciam a verdade como quer que eles desejassem. Obviamente essa dependência financeira dos políticos para com as grandes corporações obrigava os políticos do partido a certos favores. E todos sabiam disso.

Esses políticos combatiam os argumentos dos reformistas de que a democracia só poderia atingir seu ideal quando deixasse de basear-se em propaganda distorcida na TV e passasse a basear-se em debates públicos, onde os cidadãos pudessem julgar com mais facilidade a postura, a expressão facial e a sinceridade dos candidatos, e assim pudessem usar sua intuição para escolher o melhor.

Continuando nossa passagem pelos templos, ficou claro para nós que todos eles estavam concentrados em alguma área da vida humana. Vimos muitos líderes mundiais temidos, inclusive aqueles do governo chinês, sendo ajudados a juntar-se à comunidade global e a implementar reformas econômicas e sociais.

E em todos os casos a área atrás das pessoas envolvidas iluminava-se, e então aqueles que mais tinham medo, que agiam para controlar ou manipular a fim de assegurar lucro ou poder pessoal, gradualmente começavam a renunciar ao radicalismo de sua posição.

Enquanto continuávamos a correr através do labirinto de templos, em busca da avó de Tashi, as mesmas perguntas me assaltavam sem cessar: o que estava acontecendo ali? Qual era a relação entre os dakinis ou anjos e as extensões da prece sendo levadas a cabo? O que aquelas pessoas nos templos sabiam, que nós não sabíamos?

Em certo momento nos encontramos diante de literalmente quilômetros de templos, que perdíamos de vista. Os caminhos iam em todas as direções. Ao fundo ainda ouvíamos os helicópteros. Vimos desabar um grande templo, cerca de 150 metros atrás de nós.

— Que é que está acontecendo às pessoas dentro desses templos? — perguntei a Tashi.

Ele fixou os olhos na nuvem de poeira que se erguia dos escombros.

— Não se preocupe, elas estão bem. Podem ir para outro local sem serem vistas. O problema é que seu trabalho de enviar energia está sendo interrompido. — Ele olhou para nós dois. — Se eles não conseguirem ajudar a resolver essas situações, quem vai fazer isto?

Wil aproximou-se dele.

— Temos que decidir aonde vamos. Não temos muito tempo.

— Minha avó está em algum lugar por aqui. Papai me disse que ela está num dos templos centrais — disse o rapaz.

Estudei o labirinto de estruturas de pedra.

— Não estou conseguindo identificar um centro físico — falei.

— Não foi isso que papai quis dizer, mas sim que vovó está num templo que se concentra nos assuntos centrais da evolução humana — Tashi esclareceu, enquanto observava os templos distantes.

— Você consegue ver as pessoas melhor do que nós; poderia conversar com elas e perguntar aonde devemos ir? — eu quis saber.

— Já tentei conversar com elas, mas a minha energia não é suficientemente forte. Possivelmente, se eu pudesse ficar aqui por algum tempo...

Antes que ele pudesse terminar a frase, outro templo desabou, dessa vez bem mais perto de nós.

— Não podemos deixar que a energia dos soldados nos alcance — disse Wil.

— Espere um pouco, acho que estou vendo alguma coisa — interpôs Tashi.

Ele estava olhando para o labirinto de templos. Fiz o mesmo, sem nada conseguir ver de diferente. Quando olhei para Wil, ele deu de ombros.

— Onde? — perguntei a Tashi.

Ele já estava seguindo um caminho à direita, e nos chamou com um gesto.

Depois de andarmos depressa durante vinte minutos, paramos diante de um templo cuja arquitetura era a mesma de vários outros, porém maior, e a pedra marrom-escura tinha tonalidades levemente azuladas.

Tashi ficou imóvel, de olhos postos na imensa porta de pedra.

— Que é, Tashi? — Wil perguntou.

Atrás de nós, à distância, ouvimos o estrondo de outro templo desabando. Tashi olhou para mim.

— O templo no seu sonho, aquele que você disse que foi onde encontramos alguém, ele não era azul?

Tornei a olhar para o templo.

— Era, sim — confirmei.

Wil encaminhou-se para a porta e virou-se para olhar para nós. Tashi assentiu, e Wil puxou a grande porta de pedra.

O templo estava repleto de gente. Como antes, eu só distinguia um tênue contorno de muitos corpos. Todos eles pareciam estar se movimentando, juntando-se em volta de nós, e senti-me invadido por um sentimento de alegria. Eles se moviam de um modo que me dava a impressão de estarem ficando de frente para o centro do templo. Virando naquela direção, vi uma janela espacial abrir-se. Começamos a ver várias cenas no Oriente Médio, seguidas por imagens do Vaticano e depois da Ásia, todas aparentemente indicando um diálogo crescente entre as maiores religiões institucionais.

Vimos cenas mostrando o desenvolvimento de uma tolerância crescente. No cristianismo, tanto na tradição católica quanto na protestante, estava surgindo a compreensão de que a verdadeira experiência de conversão dentro do cristianismo e as verdadeiras experiências místicas e de iluminação das religiões orientais, do judaísmo e do islamismo — as experiências em si — eram exatamente as mesmas. Apenas, cada religião enfatizava aspectos diferentes dessa interação mística com Deus.

As religiões orientais enfatizavam os efeitos na própria consciência, a experiência da iluminação, a sensação de unidade com o universo, a vitória sobre os desejos do ego, e uma certa indiferença, um desapego; o islamismo enfatizava a sensação de

unidade trazida pelo ato de compartilhar com outros essa experiência e o poder inerente à ação grupal; o judaísmo enfatizava a importância de uma tradição baseada nessa ligação, da experiência de se sentir escolhido, e que cada pessoa é responsável por impulsionar a evolução da espiritualidade humana.

O cristianismo estava enfatizando a idéia de que o espírito se manifesta nos seres humanos não apenas como uma consciência expandida de ser parte de Deus mas também como um eu-superior — como se nos tornássemos uma versão expandida de quem somos, mais completa e capaz, com uma orientação e uma sabedoria interiores que nos levam a agir como se a personalidade humana de Deus, o Cristo, agora olhasse através dos nossos olhos.

Na cena diante de nós podíamos ver os efeitos dessa nova tolerância e unidade. Cada vez mais o foco recaía sobre a experiência da ligação, e não em diferenças de ênfase. Parecia haver uma crescente disposição de resolver conflitos étnicos e religiosos, uma comunicação maior entre líderes religiosos e uma nova compreensão de como a prece poderia ser poderosa se todos estendessem seus campos numa unidade religiosa.

Enquanto eu observava, compreendi inteiramente aquilo que tanto o Lama Rigden quanto Ani tinham dito sobre a unificação da religião — que isso seria um sinal de que os segredos de Shambhala estavam se tornando conhecidos.

Nesse ponto a cena através da janela à nossa frente mudou. Vimos um grupo de pessoas conversando e comemorando alegremente o nascimento de um bebê. Todos riam e passavam o neném um para o outro. As pessoas pareciam diferentes entre si, representando várias nacionalidades. Enquanto eu observava, tive a impressão distinta de que representavam também diferentes religiões. Prestando atenção, consegui distinguir os pais do bebê. Eles pareciam conhecidos. Eu sabia que não eram eles, mas os traços faciais do casal eram muito semelhantes aos de Pema e seu marido.

Esforcei-me para enxergar, com a sensação de que agora estávamos vendo algo de imensa importância. Que poderia ser?

A cena mudou novamente, e agora víamos uma região tropical que parecia ser o Sudeste da Ásia ou, talvez, a China. Como antes, a cena mudou para uma casa com algumas pessoas de aparência diversa; uma de cada vez pegava no colo uma criança e brindava aos pais.

— Não entende o que estamos vendo? — Tashi perguntou. — É para onde estão indo as concepções interrompidas. Os fetos estão indo para diferentes famílias em todo o mundo. Deve ser um processo mediúnico; de alguma forma as crianças estavam ganhando a energia genética mais elevada de Shambhala, antes de seguirem em frente.

Então Wil, que estava de cabeça baixa, pensando, olhou para nós.

— É a mudança — disse. — É isso que as lendas vêm falando. Shambhala não vai se transferir de lugar; a sua energia é que está se transferindo para vários lugares em todo o planeta.

— Como assim? — perguntei.

Tashi olhou para mim e explicou:

— Você conhece a lenda que diz que os guerreiros de Shambhala irão sair do Oriente e derrotar as forças das trevas, e criar uma sociedade ideal. Isto não está acontecendo com cavalos e espadas; está acontecendo com o efeito dos nossos campos estendidos, à medida que o conhecimento de Shambhala passa para o mundo. Se todos aqueles de todas as religiões que acreditam firmemente numa ligação com o divino evitarem as orações negativas e trabalharem unidos, nós todos poderemos usar as extensões da prece para nos encarregarmos do trabalho de Shambhala.

— Mas não sabemos tudo o que estão fazendo — ponderei. — Ainda não conhecemos o resto do segredo!

Justamente quando falei isto, a cena através da janela espacial tornou a mudar. Agora víamos uma grande extensão de montanhas cobertas de neve e um grupo de helicópteros militares chineses vindo em nossa direção. Vimos mais templos começando a ruir à aproximação deles, tomando a aparência de ruínas antigas e em

seguida desaparecendo totalmente na poeira. A cena mudou para o exterior do próprio templo onde estávamos, e depois para o interior.

Vimos nós mesmos no templo, e todos à nossa volta não eram apenas vagos contornos de pessoas, mas imagens nítidas. Muitos usavam os trajes formais dos monges tibetanos, mas muitos usavam outros tipos de roupas: alguns ostentavam vestes das religiões orientais, outros usavam trajes tradicionais dos judeus hasidim,<sup>[2]</sup> e ainda outros usavam as batinas e os crucifixos do cristianismo. Grande parte vestia-se como os mulás<sup>[3]</sup> islâmicos.

Uma dessas pessoas lembrava-me uma mulher que morava perto da minha casa no vale, e meu olhar demorou-se nela. Entrei num devaneio sobre a minha casa. Na minha mente eu via tudo muito claramente: as montanhas vistas da janela da minha sala, e depois a mesma paisagem vista da fonte. Pensei no gosto da água lá; imaginei-me inclinando-me e bebendo.

Novamente ouvimos muito próximo o ronco dos helicópteros e o ruído do desabamento de um dos templos.

Tashi virou-se e saiu para a nossa direita. Na cena através da janela espacial víamos o que ele estava fazendo: Tashi estava diante de um dos monges tibetanos.

— Quem é? — perguntei a Wil.

— Deve ser a avó dele.

Era óbvio que estavam conversando, mas eu não conseguia entender as palavras. Finalmente os dois se abraçaram e Tashi voltou para perto de nós.

Eu ainda o observava pela janela, mas a cena se dissolveu quando ele se aproximou. A janela ainda estava ali, mas as imagens eram indistintas, como um aparelho de TV ligado num canal inexistente.

Tashi estava radiante.

— Não entendem? Este é o templo onde durante todo o tempo estiveram observando você e Wil tentando chegar a Shambhala. Estas pessoas são aquelas que usaram seus campos-da-prece para ajudar vocês. Sem elas, nenhum de nós estaria aqui.

Olhei em volta e percebi que já não conseguia enxergar os contornos das pessoas à nossa volta.

— Para onde foram todos? — gritei.

— Eles tinham que ir embora — Tashi respondeu, olhando para a janela vazia que pairava no centro do aposento. — Agora é conosco.

Nesse momento um enorme choque reverberou através do templo, e lá fora várias pedras tombaram no chão.

— São os soldados! — Tashi gritou, olhando na direção do barulho. — Eles estão aqui!

Sem qualquer aviso, a janela espacial esvaziou-se e vimos os chineses saltando dos helicópteros. O coronel Chang postou-se à frente deles, dando instruções à tropa. Víamos claramente o seu rosto.

— Temos que elevar o coronel com os nossos campos — Wil declarou.

Tashi assentiu em concordância e nos guiou através das extensões. Visualizamos os nossos campos de energia fluindo de nós para os campos dos soldados chineses, especialmente de Chang, elevando-os a uma nova consciência de suas intuições mais elevadas.

Enquanto eu observava seu rosto, Chang parou de falar e olhou para cima, como se sentisse a energia mais elevada.

Procurei atentamente em seu rosto alguma expressão do seu eu-superior, e percebi o que parecia ser uma leve mudança em seus olhos, talvez até um meio sorriso. Ele parecia estar olhando para os soldados em volta.

— Concentrem-se no rosto dele — falei. — No rosto!

Ao fazermos isso, ele pareceu sentir alguma coisa. Um dos soldados, aparentemente o subcomandante, foi até ele e pôs-se a fazer perguntas. Por um instante Chang ignorou o seu subordinado, mas aos poucos este ganhou sua atenção, apontando para o templo onde estávamos. Chang pareceu recuperar-se, e a expressão de raiva voltou ao seu rosto. Com um gesto ele ordenou que os soldados o seguissem, e encaminhou-se em nossa direção.

— Não está funcionando — falei.

Wil olhou para mim e disse:

— Os dakinis não estão aqui.

— Temos que ir embora — Tashi gritou.

— Como? — Wil quis saber.

Tashi virou-se para nós.

— Temos que passar pela janela. Vovó me disse que poderíamos sair pela janela e passar para as civilizações exteriores. Mas só se tivéssemos ajuda de lá, para elevar a energia do outro lado.

— Que é que ela quis dizer com ajuda? — perguntei. — Quem ajudaria?

Tashi balançou a cabeça.

— Não sei — admitiu.

— Bom, temos que tentar. E agora! — bradou Wil.

Tashi parecia confuso.

— Como foi que você passou pelas janelas, lá nos anéis exteriores? — perguntei a ele.

— Lá, nós tínhamos os amplificadores. Não sei se vou conseguir sem eles — respondeu o rapaz.

Toquei no ombro dele e afirmei:

— Ani disse que todas as pessoas nos anéis estavam prestes a conseguir prescindir da tecnologia. Pense: como é que vocês faziam isso?

Tashi fez um esforço.

— Não sei, na verdade. Era meio automático. — Calou-se por um instante. — Acho que simplesmente tínhamos a expectativa de que isso aconteceria, e então acontecia instantaneamente.

— Então faça isso, Tashi — pediu Wil, assentindo na direção da janela. — Faça agora.

Eu via que Tashi estava totalmente concentrado; ele então olhou para mim e disse:

— Tenho que saber aonde quero ir, para poder visualizar o lugar. Para onde temos que ir?

— Espere um minuto; e aquele sonho que você teve? Por acaso viu água?

Tashi pensou por um instante.

— Era um lugar de onde se via uma fonte de água. Um poço, talvez, ou um...

— Uma fonte? — gritei. — Uma fonte com uma piscina de pedra?

Ele me encarou por um momento.

— Acho que sim.

Olhei para Wil.

— Sei onde é. É uma fonte na encosta norte do vale onde moro. É aonde temos que ir.

Nesse momento o templo tornou a estremecer com violência. Imagens do templo desabando ou de uma explosão nos fazendo em pedaços encheram minha mente e eu as descartei, substituindo-as por imagens de que íamos escapar. Comecei a me sentir como meu pai, preso numa batalha na qual eu não tinha tencionado entrar mas que, por causa daquilo que estava em jogo, não podia evitar. Só que agora era uma guerra de mentes.

— Concentrem-se! — gritei. — Que é que devemos fazer?

— Primeiro temos que visualizar aonde estamos indo. Descreva o lugar para nós — Tashi pediu.

Apressadamente contei-lhes cada detalhe: a trilha na montanha, as árvores, o modo como a água fluía, a cor da folhagem nessa época do ano. Então todos tentamos ajudar enquanto Tashi se concentrava na imagem. Enquanto olhávamos, a janela mudou para o lugar exato. Víamos a fonte com nitidez.

— É ali! — gritei.

Wil voltou-se para Tashi.

— E agora? Sua avó disse que íamos precisar de ajuda.

Através da janela espacial avistamos uma pessoa ao longe, e nos concentramos naquela imagem. Esforcei-me para distinguir quem era, e percebi que a pessoa parecia jovem — aliás, aparentava a idade de Tashi.

Finalmente o quadro ficou mais claro, e reconheci a figura.

— É Natalie, a filha do meu vizinho! — exclamei, lembrando-me da minha primeira intuição sobre ela. Era daquela cena.

Tashi exibia um sorriso radiante.

— É a minha irmã!

Nesse momento outro pedaço do templo desabou no chão lá fora.

— Ela está nos ajudando! Vamos! — Wil gritou, empurrando-nos na direção da janela.

Com um ruído suave Tashi mergulhou para o outro lado, seguido por Wil. Quando eu me aproximava da janela espacial, a parede dos fundos do templo desabou; do outro lado postava-se o coronel Chang.

Virei-me e olhei de relance para ele, depois entrei na janela.

Ele tinha uma expressão decidida ao pegar no cinto um rádio de ondas curtas.

— Sei aonde estão indo! Sei muito bem! — ele gritou, enquanto o resto do templo começava a ruir.

Quando atravessei a janela, pisei em solo conhecido e senti o ar morno no rosto. Estava de volta ao lar!

Ao olhar em volta, vi que Tashi e Natalie estavam juntos, olhos nos olhos, falando rapidamente. Tinham a fisionomia maravilhada, como se acabassem de descobrir alguma coisa. Wil estava parado perto deles.

Atrás deles estava Bill, pai de Natalie, e vários outros vizinhos, inclusive o padre Brannigan e Sri Devo, além de Julie Carmichael, ministro protestante. Todos pareciam ligeiramente perplexos.

Bill veio até mim.

— Não sei de onde vocês vieram, mas graças a Deus por estarem aqui.

Apontei para os clérigos.

— Que é que todo mundo está fazendo aqui?

— Natalie pediu para virem. Ela anda falando em lendas e quer nos mostrar como criar campos-da-prece, coisas desse tipo. Aparentemente essas idéias têm-lhe surgido na cabeça. Ela disse que conseguia ver o que estava acontecendo com você, e andamos vendo alguém vigiando a sua casa.

Olhei morro acima e estava prestes a dizer alguma coisa quando Bill interpôs:

— Natalie disse também uma coisa estranha. Disse que tinha um irmão. Quem é esse rapaz que está falando com ela?

— Mais tarde eu explico. Quem andou vigiando a minha casa?

Bill não respondeu. Estava observando Wil e os outros se aproximarem de nós.

Nesse momento ouvimos o som de veículos se aproximando na ladeira acima de nós. Uma caminhonete azul parou em frente à minha casa. Dois homens saltaram, nos viram e caminharam até um local a uns 30 metros de nós.

— São do serviço secreto chinês — Wil esclareceu. — Chang com certeza os alertou. Temos que criar um campo.

Eu imaginava que os religiosos iriam perguntar o que era aquilo, mas eles apenas assentiram em concordância. Natalie começou a nos guiar pelas extensões, com Tashi ao seu lado.

— Comecem com a energia do criador. Deixem que ela entre em seu corpo e os encha. Deixem que ela saia pelo alto da cabeça e pelos olhos. Deixem que ela flua para o mundo, formando um campo-da-prece constante, até conseguirem enxergar apenas a beleza e sentir apenas amor. Num estado de alerta elevado, mantenham a expectativa de que esse campo vai crescer e erguer o campo espiritual dos homens lá em cima, elevando-os para as suas intuições.

No alto do morro os homens nos olhavam ameaçadoramente, e começavam a descer a ladeira em nossa direção.

Tashi olhou para Natalie e assentiu.

— Agora podemos autorizar os anjos — ela começou.

— Como assim? — perguntei, olhando para Wil.

Natalie continuou:

— Primeiro temos que ter certeza de que o nosso campo está totalmente preparado para entrar no campo daqueles homens. Visualizem isto acontecendo. Eles não são inimigos, são pessoas comuns, espíritos cheios de medo. Em seguida devemos reconhecer plenamente a existência dos anjos e deliberadamente visualizá-los indo até os homens. Então, com toda a sua expectativa, visualizem os anjos amplificando os nossos campos-da-prece. Dêem a eles total autorização para energizarem o eu-superior daqueles homens um pouco mais do que conseguimos fazer sozinhos, elevando os homens até um estado de consciência em que se é incapaz de fazer o mal.

Eu tinha os olhos fixos nos dois homens, procurando a área mais iluminada que indicaria a presença dos dakinis, esforçando-me para me concentrar, porém nada conseguia ver.

— Não está dando certo — comentei com Wil.

— Vejam! Ali em cima, à direita! — ele exclamou.

Ao olhar para lá, comecei a perceber uma luz que se aproximava, depois notei que a luz cercava uma pessoa que se encaminhava para os dois homens. O homem rodeado de luz vestia uma farda de policial.

— Quem é aquele policial? — perguntei a Bill. — Ele me parece conhecido.

— Espere, não é uma pessoa — disse Wil.

Tornei a olhar e vi o policial começar a falar com os dois homens. A luz os rodeou e finalmente eles caminharam de volta para a caminhonete. Embora o policial tenha permanecido onde estava, a luz estendeu-se até eles e cercou o veículo. Eles partiram depressa.

— A extensão funcionou — Wil declarou.

Mas eu não estava prestando atenção; tinha os olhos grudados no policial, que se voltara para nós. Era alto e moreno. Onde eu o tinha visto antes?

Lembrei-me no momento exato em que ele se virou e se afastou. Era o mesmo homem que eu tinha visto no bar da piscina em Katmandu, aquele que pela primeira vez me falou sobre a pesquisa da prece, aquele que eu tinha visto de relance em várias outras ocasiões, aquele que Wil tinha chamado de meu anjo da guarda.

— Eles sempre aparecem como seres humanos quando é necessário — Tashi comentou, aproximando-se com Natalie. — Acabamos de completar a última extensão — ele acrescentou. — Finalmente conhecemos o segredo de Shambhala. Agora podemos começar a atuar como as pessoas em Shambhala faziam. Elas olhavam para o mundo e encontravam situações importantes que estavam acontecendo, e então intercediam, não só com a força de seus próprios campos-da-prece, mas também com a força do plano angelical. O papel dos anjos é este: amplificar.

— Não compreendo — interrompi. — Por que não funcionou quando tentamos parar o coronel Chang, pouco antes de passarmos pela janela?

— Eu não conhecia o último passo — Tashi explicou. — Não entendia o que as pessoas nos templos estavam fazendo, até conversar com Natalie. O que fizemos foi elevar o coronel, o que era necessário, mas não sabíamos que precisávamos autorizar as forças angelicais a entrar em nossa energia e intervir. Temos que começar por aí: reconhecer a existência dos anjos; mas depois, nesse nível de energia, temos que lhes dar autorização. Temos que fazer isso intencionalmente. Temos que lhes pedir para vir.

Tashi parou e perdeu o olhar pensativo no horizonte, e um sorriso iluminou seu rosto.

— O que é, Tashi? — eu quis saber.

— É Ani e os outros em Shambhala — ele explicou. — Estão conectados conosco. Estou sentindo.

Ele pediu a atenção de todos.

— Há mais uma coisa que podemos fazer: podemos autorizar os anjos a proteger de um modo geral este vale.

Acompanhamos enquanto Natalie nos guiava através do processo de preparar um campo especial fluindo do topo das encostas arborizadas em todas as direções em volta do vale, e de autorizar os anjos a nos proteger.

— Visualizem um anjo postado em cada topo — ela disse. — Shambhala sempre foi protegida; podemos ser protegidos também.

Nós todos continuamos a focar as montanhas durante vários minutos; depois os dois jovens iniciaram uma conversa intensa, que os outros acompanharam.

Eles falavam dos outros jovens que tinham vindo através de Shambhala, e da necessidade de despertá-los onde quer que estivessem. Contaram-nos que as crianças que estão chegando agora são mais poderosas do que as outras: maiores, mais fortes, mais inteligentes, de um modo inteiramente novo. Estão envolvidas em mais atividades extracurriculares do que as outras. Elas cantam, dançam, praticam uma variedade maior de esportes, fazem música,

escrevem. Em maior número estão desenvolvendo seus talentos com menos idade do que acontecia nas gerações passadas.

— Existe um problema só: o poder da expectativa delas é muito maior, mas elas ainda não aprenderam a vigiar totalmente os efeitos de seus pensamentos. Podem aprender como os campos-da-prece funcionam. Podemos ajudá-las.

Ficamos vendo todos os religiosos se encaminharem para a casa de Bill com Natalie e Tashi, que ainda conversavam.

Um assomo de incredulidade me dominou. Mesmo depois de tudo o que eu tinha visto, ainda tinha minhas dúvidas quanto aos homens poderem mesmo autorizar os anjos.

— Acha mesmo que podemos convocar os anjos para nos ajudar e ajudar os outros? — perguntei a Wil. — Será que tamanho poder nos foi dado?

— Não é tão fácil assim. Aliás, é impossível para uma pessoa com intenções negativas. Nada disso funciona se não estivermos totalmente ligados à energia do criador, e enviando esta energia muito conscientemente para a nossa frente para que ela toque as outras pessoas. Se houver um pedacinho mínimo de ego ou raiva presente, toda a energia cai e os anjos não podem responder. Entende o que estou dizendo? Somos agentes de Deus neste planeta; podemos atestar e manter a visão da vontade divina, e se verdadeiramente nos alinharmos com esse futuro positivo teremos suficiente energia-da-prece para autorizar os anjos a agir.

Assenti, sabendo que ele tinha razão.

— Entende o que tudo isto é? — ele prosseguiu. — Toda esta informação é a Décima Primeira Visão. O conhecimento dos campos-da-prece leva a civilização humana um passo à frente. Quando compreendemos a Décima Visão, pela qual o propósito humano neste planeta é manter a visão para criar uma civilização espiritual ideal, ainda faltava alguma coisa: não sabíamos exatamente como mantê-la. Não conhecíamos os detalhes de como usar energeticamente nossa fé e nossas expectativas.

“Mas agora sabemos. A realidade de Shambhala, o segredo do campo-da-prece, nos possibilitou isso. Agora podemos manter a visão de um mundo espiritual e agir para que ele se realize através

do nosso poder criativo. A civilização humana só poderá avançar mais se usarmos esse poder conscientemente a serviço da evolução espiritual. Temos que fazer como as pessoas nos templos faziam; preparar metodicamente o nosso campo-da-prece em todas as situações importantes, que terão efeitos profundos. O verdadeiro papel da mídia, especialmente da televisão, é destacar essas áreas problemáticas. Temos que ficar atentos a toda discussão, todo debate científico, todo conflito de uma pessoa entre as trevas e a luz, e nos dispor a usar o nosso campo.”

Ele olhou em volta de si.

— Podemos fazer isso nas comunidades pequenas, nas igrejas, nos círculos de amizade em todo o mundo. Mas e se o poder de todas as religiões se juntasse num campo-da-prece unificado e gigantesco? No momento esse campo é fragmentado e até mesmo cancelado pela prece negativa e o ódio. Boas pessoas estão deixando que seus pensamentos aumentem o mal, pensando que não faz diferença. Mas e se isso mudasse? E se prepararmos um campo, o maior que o mundo já viu, que atravesse o planeta elevando as forças insidiosas que em todos os lugares querem centralizar o poder e controlar todas as pessoas? E se todos os grupos de ajuda em todas as profissões e ocupações soubessem fazer isto? E se a consciência desse campo se espalhasse tanto assim?

Wil calou-se por um instante.

— E se nós todos acreditássemos realmente no plano angelical e soubéssemos que é nosso direito de nascença autorizar os anjos? — ele prosseguiu. — Não existe situação que não pudéssemos influenciar imediatamente. O novo milênio poderia ser muito diferente de agora. Seríamos realmente os guerreiros de Shambhala vencendo a batalha de como o futuro será.

Ele parou de falar e olhou para mim com gravidade.

— É o verdadeiro desafio desta geração. Se não conseguirmos, todos os sacrifícios das gerações passadas terão sido em vão. Podemos não conseguir vencer os danos ambientais que estão ocorrendo... ou os atos insidiosos dos poderosos. O importante é começar a construir uma rede de pensamento consciente. Conectar

os guerreiros entre si... Todas as pessoas que sabem têm que se conectar a todas as outras em sua vida que desejariam saber.

Fiquei calado. O que Wil estava dizendo me fazia pensar em Yin e todos os outros submetidos à tirania chinesa. O que teria acontecido com ele? Eu não teria conseguido vencer sem a ajuda dele. Transmiti a Wil o que estava pensando.

— Ainda podemos encontrá-lo — ele afirmou. — Lembre-se, a televisão é apenas o precursor do aperfeiçoamento do nosso olho mental. Tente encontrar uma imagem de onde ele está.

Assenti e tentei deixar a mente vazia, pensando apenas em Yin. Em vez disso, apareceu o rosto do coronel Chang, causando-me um sobressalto. Conteí isso a Wil.

— Lembre-se da expressão dele quando parecia que ele estava despertando, e tente encontrar essa expressão na imagem.

Encontrei a expressão na minha mente, e então subitamente a imagem mudou para Yin numa cela de prisão, cercado por guardas.

— Eu vi Yin! — exclamei, ampliando a minha energia-da-prece e autorizando os reinos superiores até ver a cena ficar mais iluminada em volta dele. Então visualizei a luz estendendo-se sobre todos aqueles que o mantinham prisioneiro.

— Visualize um anjo perto de Yin — Wil instruiu. — E do coronel.

Assenti, pensando no código tibetano da compaixão.

Wil franziu a testa e sorriu, enquanto eu novamente me concentrava nas imagens. Yin estaria seguro. O Tibete um dia seria livre.

Dessa vez eu não tinha dúvidas.

[1] Lamaísmo é a religião dominante do Tibete, originada no século VII do budismo maaiana, associado aos cultos mágicos locais e ao tantrismo; seu chefe supremo é o Dalai Lama. (N. da T.)

[2] O judeu hasidim é membro de uma seita de judeus místicos que teve origem na Polônia no século XVIII. (N. da T.)

[3] Os mulás são mestres ou intérpretes da doutrina muçulmana. (N. da T.)



JAMES REDFIELD

# A PROFECIA CELESTINA

UMA AVENTURA DA NOVA ERA



Série que vendeu  
25 milhões de livros  
em todo o mundo

# A profecia celestina

Redfield, James

9788539002122

265 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um antigo manuscrito é encontrado nas florestas peruanas, contendo nove visões que a humanidade precisa conhecer. Este é o ponto de partida do best seller A Profecia Celestina, de James Redfield , um romance cheio de ação onde o leitor é convidado para participar de uma saga em busca da verdade espiritual. A Profecia Celestina se consagrou como uma referência em todo o mundo, ao narrar uma aventura de suspense e misticismo capaz de nos revelar os nove passos da evolução espiritual.

[Compre agora e leia](#)

MAIS DE 3 MILHÕES DE EXEMPLARES  
VENDIDOS EM TODO O MUNDO

# O MONGE QUE VENDEU SUA FERRARI



ROBIN SHARMA

  
FONTANAR

# O monge que vendeu sua Ferrari

Sharma, Robin

9788573029758

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição comemorativa do 10º aniversário do lançamento. Publicado em 42 idiomas, mais de 3 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo. Quando Julian Mantle, o maior advogado do país, resolve abandonar tudo para fazer uma peregrinação pela Índia, seu assistente John acha que ele não aguentou a pressão e enlouqueceu. Mas quando Julian volta três anos depois, mais jovem, esbelto e radiante, praticamente irreconhecível, John é tomado por muitos questionamentos. Típico profissional batalhador, John trabalha muito, volta tarde para casa, e persegue o sonho da liberdade financeira. Mas vive cansado, não tem tempo para nada e raramente se diverte. O reencontro com seu antigo mentor o faz querer descobrir como o advogado ganancioso e arrogante que ganhava todos os processos no tribunal se transformou em um monge sábio e sereno. A conversa entre o advogado que virou monge e o seu antigo assistente é o fio condutor de O monge que vendeu sua Ferrari, primeiro sucesso de Robin Sharma, autoridade mundial em desenvolvimento pessoal e autor de vários best-sellers do gênero. Por meio das revelações de Julian, Sharma ensina técnicas simples e sábias sobre como preencher a mente com

pensamentos positivos, cultivar os relacionamentos e viver plenamente no presente, um dia de cada vez.

[Compre agora e leia](#)

PAMELA DRUCKERMAN

# *Crianças francesas não fazem manha*

Os segredos  
parisienses  
para educar  
os filhos



FONTANAR

1º lugar na lista de mais vendidos do *Sunday Times*

# Crianças francesas não fazem manha

Druckerman, Pamela

9788539004355

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

A jornalista americana Pamela Druckerman se muda para Paris logo após se casar. Lá, além das diferenças culturais mais conhecidas, começa a observar que as crianças se comportam de forma muito mais educada do que jamais viu. Estarrecida, ela percebe que os jantares nas casas dos franceses não são eventos caóticos em que crianças interrompem os adultos, brigam com os irmãos ou reclamam dos legumes. Esse é apenas um dos exemplos que a fazem querer descobrir qual é a mistura de autoridade e relaxamento dos pais que faz com que as crianças francesas sejam tão comportadas, sem ficarem reprimidas ou sem personalidade. Afinal, qual é o segredo para que durmam a noite toda? Para que não tenham ataques de birra em público? Para que sejam educadas à mesa e experimentem muito mais do que nuggets e batatas? Para que desenvolvam a autoestima e se tornem articuladas? Os pais que ela observou em Paris parecem ter encontrado o equilíbrio perfeito entre ouvir os filhos e deixar claro que são os adultos que mandam. Pamela nota que os franceses conseguem balancear admiravelmente suas necessidades e as das crianças, não se acorrentam a um falso conceito de pais perfeitos e, ainda assim, são atentos, carinhosos e criam filhos educados e felizes. Crianças

francesas não fazem manha, resultado da observação de anos da autora, é um relato inteligente, bem-humorado e ao mesmo tempo bem-fundamentado dos segredos dos franceses para ter filhos criativos e educados — e também um manual para os pais não se tornarem escravos de pequenos tiranos.


[Compre agora e leia](#)

# O MÉTODO BULLET JOURNAL

REGISTRE O PASSADO  
ORGANIZE O PRESENTE  
PLANEJE O FUTURO

**RYDER CARROLL**

Criador do Bullet Journal \*

 FONTANAR

# O método Bullet Journal

Carroll, Ryder

9788554513085

328 páginas

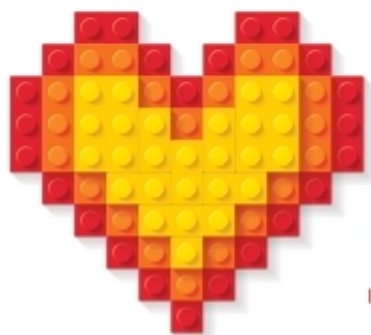
[Compre agora e leia](#)

O aguardado primeiro livro oficial do famoso método Bullet Journal®. O método Bullet Journal é muito mais do que uma forma de organizar tarefas através de anotações. É uma maneira de diminuir a ansiedade e "viver de forma intencional". Ao remover as distrações e focar seu tempo e energia nas atividades que realmente trazem resultado, você vai transformar sua vida profissional e pessoal. Aprenda neste livro a:- Registrar o passado;- Organizar o presente;- Planejar o futuro. Um guia certeiro para quem quer tomar as rédeas da própria vida e comemorar um aumento na produtividade.

[Compre agora e leia](#)

# CRIANÇAS DINAMARQUESAS

O que as pessoas mais felizes do mundo sabem  
sobre criar filhos confiantes e capazes



JESSICA  
JOELLE  
ALEXANDER

IBEN DISSING  
SANDAHL

  
FONTANAR

# Crianças dinamarquesas

Alexander, Jessica Joelle

9788543808215

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um guia passo a passo para auxiliar pais que estão para embarcar ou já embarcaram num dos trabalhos mais desafiadores e extraordinários do mundo. Por mais de quarenta anos, a população da Dinamarca tem sido eleita a mais feliz do mundo pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OECD). Os dinamarqueses também foram considerados o povo mais feliz do mundo por todas as edições do Relatório Mundial da Felicidade, publicado pelas Nações Unidas. Qual seria, então, a fórmula desse sucesso? Depois de muita pesquisa, as autoras deste livro acreditam ter desvendado o segredo. E a resposta é bastante simples: toda essa felicidade vem da forma como os dinamarqueses são criados. A filosofia dinamarquesa de como educar os filhos gera resultados poderosos: crianças felizes, emocionalmente seguras e resilientes, que se tornam também adultos felizes, emocionalmente seguros e resilientes, e que reproduzem esse estilo de criação quando têm seus próprios filhos. Que tal, então, conhecer melhor esses costumes, atitudes e posturas? O método exige prática, paciência, força de vontade e autoconsciência, mas o resultado faz o esforço valer a pena. Não se esqueça de que esse será seu legado.

[Compre agora e leia](#)